

CINTHIA LUCIA DE OLIVEIRA SIQUEIRA

**Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o
envelhecimento**

ASSIS

2019

CINTHIA LUCIA DE OLIVEIRA SIQUEIRA

Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS
2019

S618c Siqueira, Cinthia Lucia de Oliveira
Contribuições da teoria histórico cultural de
Vigotski para pensar o envelhecimento / Cinthia
Lucia de Oliveira Siqueira. – Assis, 2019
241 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: João Batista Martins

1. Idoso. 2. Universidade aberta da terceira idade.
3. Teoria histórico cultural. 4. Desenvolvimento
humano. 5. Envelhecimento. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento

AUTORA: CINTHIA LUCIA DE OLIVEIRA SIQUEIRA
ORIENTADOR: JOÃO BATISTA MARTINS



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOÃO BATISTA MARTINS
UNESP / Assis/SP

Prof. Dr. JOSÉ STERZA JUSTO
Depto. de Psicologia Social e Escolar / UNESP/Assis

Profa. Dra. ANA PAULA CORDEIRO
Depto. de Didática e Educação / UNESP/Marília

Profa. Dra. VERA MARIA ANTONIETA TORDINO BRANDÃO
PUC / São Paulo

Profa. Dra. MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO
UNIMEP / Piracicaba/SP

Assis, 22 de março de 2019

Dedico a meu pai.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Pública que resiste e insiste no conhecimento democrático.

Ao teatro, à literatura, às narrativas, às ciências humanas - que nos fazem gente.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento 001.

Às Profas. Ana Paula, Maria Inês, Vera e ao Prof. Justo, pela banca inesquecível.

Às (os) Colegas da pós-graduação que almoçaram comigo.

Às (os) Docentes do programa que me apresentaram novo mundo.

À Sueli, ao Marcos, ao João, e a todas (os) da secretaria, sempre alertas e gentis.

Ao Auro da biblioteca, pelo teimoso bom humor.

À Gerda, pelos carinhosos salgados secretos.

À Fundação Educacional Miguel Mofarrej por proporcionar o espaço da pesquisa.

Às estudantes da UATI, companheiras de páginas vividas.

Ao Caio, por saber o ponto exato da massagem.

Ao Lucas, que do caroço fez macieira crescer.

Ao Thiago, porque me enche de música.

Ao Nelsinho, pelo sagrado café das 6hs.

A Mamys, Quel, Rafa e Mary pela torcida “desorganizada”.

À Rúbia que nunca solta minha mão.

À Paula, pela alegria do tamanho do seu quintal.

À Angélica, sem ela não conseguiria.

À Odete, aquela mulher maravilha.

À Sylvia, que faz da amizade, obra de Arte.

À Joyce pela recarga quando minha luz vermelha acendeu.

Às árvores do campus de Assis.

À Angelita, pelo sorriso que devolveu ao João.

Ao João, por tanto... Por tudo!

SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2019. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia). - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

A pesquisa estudou um grupo de idosas participantes das disciplinas de literatura e teatro no contexto de uma universidade aberta da terceira idade. Por meio de uma pesquisa participante, cujo foco de observação e intervenção voltara-se ao potencial imaginativo, inventivo e criativo das estudantes nosso objetivo foi direcionar o olhar às idosas enquanto pessoas singulares em processo contínuo de desenvolvimento. Para tanto, refutamos o discurso que insiste em controlar e higienizar a velhice e propusemos um esgotar da vida, o qual implica em experimentar os dramas inerentes à existência - vivências fortes o bastante para propiciar a constituição humana enquanto obra de arte. Caminhamos sustentados pela teoria histórico cultural de Vigotski a qual aborda o processo de humanização a partir de uma visão prospectiva - resultante da imbricada e complexa relação entre o biológico de um lado e o social, o cultural e o histórico de outro. Após dois anos de acompanhamento do grupo foi possível compreender que a(o) idosa(o) nunca deixa de se reinventar, de construir novos modos de agir e pensar. Se na idade avançada há situações que dizem de um certo impedimento, ainda assim, é possível projetar-se para o futuro, submeter-se a conflitos e lançar-se a desafios. Tais considerações permitem uma ressignificação do processo de envelhecimento, deslocam a(o) idosa(o) da condição de sujeito do não, para sujeito do sim e sugerem novas perspectivas de atuação pedagógica na velhice, que ao invés de pautar-se na compensação do que falta e almejar o propagado envelhecimento ativo e saudável, pode atuar no fomento das potencialidades do envelhecer a partir da liberação da(o) idosa(o) para o acontecimento vital em sua plenitude.

Palavras chave: Envelhecimento. Universidade aberta da terceira idade. Teoria histórico cultural. Idoso. Desenvolvimento humano.

SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contributions of Vigotski's cultural historical theory to think about aging**. 2019. 241 p. Doctoral Dissertation (Doctoral in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

The research studied a group of elderly women participating in the subjects of literature and theater in the context of an open university of the third age. Through a participant research, whose focus of observation and intervention turned to the imaginative, inventive and creative potential of the students, our goal was to direct the eyes to the elderly as individuals in a continuous process of development. To that end, we refute the discourse that insists on controlling and sanitizing old age and proposing a depletion of life, which implies experiencing the dramas inherent in existence - experiences strong enough to propitiate the human constitution as a work of art. We are guided by the cultural historical theory of Vygotsky, which approaches the process of humanization from a prospective view - resulting from the imbricated and complex relationship between biological on one side and social, cultural and historical on the other. After two years of follow-up of the group, it was possible to understand that the elderly always reinvent themselves, to construct new ways of acting and thinking. If in the old age there are situations that say of a certain impediment, nevertheless, it is possible to be projected for the future, to submit to conflicts and to launch itself to challenges. Such considerations allow a re-signification of the aging process, move the elderly from the condition of subject of no, to subject of the yes and suggest new perspectives of pedagogical action in old age, which instead of being guided by the compensation of the which is missing and aimed at the propagation of active and healthy aging, can act in the promotion of the potentialities of aging from the release of the elderly to the vital event in its fullness.

Keywords: Aging. Open university of the third age. Cultural historical theory. Elderly. Human development

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 Metodologia - vestimenta do estudo	21
1.1 Aceite da implicação	21
1.2 Perspectiva histórico cultural de pesquisa.....	27
1.3 Perezhivanie - unidade de análise	32
1.4 Pesquisa participante	33
1.5 Diário de campo – registro	38
1.6 Análise dos dados – descrição densa.....	41
1.7 Afetos na/da pesquisadora	44
2 Paradoxos da longevidade	47
2.1 Velhice bate à porta	47
2.2 Envelhecimento e suas contradições	52
2.3 Dificuldade em se reconhecer velho	59
2.4 Viver o máximo e envelhecer o mínimo	63
2.5 Geração Cocoon	65
2.6 Quebra da ampulheta.....	69
3 Sentidos do envelhecer	74
3.1 Invenção da velhice.....	74
3.2 Representações do envelhecimento	79
3.3 Tempo interno	83
3.4 Idosos do espetáculo	86
3.5 Memória e ressignificação.....	95
3.6 Formas originais de envelhecer	100
4 Universidades abertas da terceira idade	105
4.1 Terceira idade pede para entrar	105
4.2 Desígnios das UATIs.....	106
4.3 Foco nos aspectos orgânico-funcionais	111
4.4 Ocupação do tempo livre.....	115
4.5 Potência de vida na velhice.....	122
4.6 Desdobramentos pedagógicos.....	127
4.7 Mulheres da/na UATI	137

5 Aproximações entre a teoria histórico cultural e o envelhecimento	151
5.1 A questão da idade	151
5.2 Mudanças e instabilidades	154
5.3 Situação Social de Desenvolvimento	157
5.4 Fenômeno da <i>perezhivanie</i>	159
5.5 Zona de Desenvolvimento Proximal.....	165
5.6 O grupo como propulsor de deslocamentos.....	172
5.7 Brincadeira de idoso.....	177
5.8 Imaginação e criação na velhice	183
6 Análise de uma situação em especial	193
6.1 Contexto institucional	193
6.2 UATI estudada	195
6.3 A situação.....	198
6.3.1 Início de 2017.....	199
6.3.2 O drama	202
6.3.3 O devir.....	207
6.3.4 A vivência de Antônia	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
REFERÊNCIAS	223

INTRODUÇÃO

Minha história com a velhice nasceu no tempo em que os filhos não falavam, em um lugar não muito distante daqui...

Vou começar do princípio, quando fiz chegada a Ourinhos, depois de viver por mais de 20 anos em Piracicaba... A tentativa era assentar na tal terra vermelha – cidade do coração de ouro. Aconteceu por motivo de matrimônio, arranjei marido ourinhense e vim casada de nova, bem moça ainda - aluviada de amor, vigor e espera de muito labor.

Sucedeu tudo do avesso, a contragosto mesmo. Trabalho não existia e não foi por descuido ou acomodação - carreguei currículo até em fazenda de coronel, cruzei estrada de terra, trilho de trem, atravessei porteira, passei boi, boiada...

E no meio dessas andanças, trombei a caminhonete do sogro em uma Brasília amarela, justamente no cruzamento principal da cidade de Ipaussu. A preferencial era da Brasília, mas não havia placa de PARE.

- Ô minha senhora, mas todo mundo da cidade sabe que precisa parar aqui...

A caminhonete ficou inteira, mas a tinta amarela da Brasília craquelou toda. Foi comoção plena na cidade. Porque o motorista da Brasília era o Compadre Paciência (nome dele mesmo), dono da mercearia da esquina. O povo da cidade zelava pelo compadre, e eu, (intro)metida estrangeira fiz a pressão do Sr. Paciência decolar.

Veio a rádio local, dei entrevista e prestei depoimento para muito amigo do compadre. Não precisou delegacia, porque a autoridade estava lá também, presenciou tudo ao vivo e deixei minha palavra de fé de que iria consertar a Brasília do dono da mercearia da esquina. Fiquei sem trabalho, sem tostão e com dívida na cidade.

Retornei a Ourinhos e lagrimei toda água guardada daqueles 8 meses de estiagem na nova cidade. Semanas mais tarde, São Pedro, generoso como ele só, rompeu a seca através de um telefonema-convite do diretor clínico de um hospital psiquiátrico que ficava em Piracicaba. É que antes de matrimoniar, deixei um projeto de trabalho por lá. Informei o marido:

- Eu vou!

E fui mesmo... Inundada de liberdade, ousadia e espera de muito sabor.

Eu e o marido ficamos sete anos morando em lugares distintos. Ele em Ourinhos e eu de volta à “Piracicaba que adorava tanto...” Na época, o esposo até tentou fazer carreira na cidade das pamonhas fresquinhas, mas não embalou e nos revimos na estrada... Trabalhei um bocado por lá - em hospital, prefeitura, associação. Concluí mestrado, dei aula na universidade e no meio do caminho, um filho, um pouco depois, mais um... Foi quando entendemos que era tempo de dividir o travesseiro novamente. Voltei a Ourinhos com filho recém-nato e outro pouca coisa graúdo.

Desta vez, conhecia o que me esperava e ainda assim cheguei... alagada de temor, resignação e espera de muito torpor.

Durante três anos vivi a maternidade, os encontros com mães na praça, na escola de natação, no futebol do clube, no supermercado. Fiz cortina para a cozinha, pintei os quartos e a sala, plantei jabuticabeira e limoeiro no quintal, desenhei enfeite de aniversário dos filhos, costurei boneca para vender, estudei flauta, entrei na aula de jazz. Passei roupa assistindo à sessão da tarde, comprei “juju” de uva no sacolão da rua, conquistei amizade do vizinho, tirei as rodinhas da bicicleta do meu primeiro filho, tirei a fralda do segundo, comecei a frequentar uma igreja batista, virei líder de jovens, realizei festa à fantasia sem álcool em casa, guardei Kombi do pastor na garagem, saí da igreja, entrei num grupo de teatro, improvisei piquenique no parque ecológico, construí armário com madeira de obra, terminei curso de corte e costura, ganhei camiseta em rifa de excursão, aprendi a fazer torta de frango, engravidei pela terceira vez, amamenteei na varanda, li “Cem anos de solidão”, também “Ensaio sobre a cegueira”, prestei vestibular para Direito, comecei faculdade de novo, viajei à Jacarezinho todo dia, tirei leite e congelei, prestei concurso para fiscal da receita, não passei, desisti de “endireitar”...

Foi quando abriu a livraria Nobel em Ourinhos e senti uma nostalgia danada! Lembrança dos tempos de Piracicaba, dos passeios à livraria para ouvir histórias com meu filho, de minha paixão pela palavra... Saudade da poesia (depois de um ano na dura letra da lei).

Entre na livraria e me anunciei como contadora de histórias. Disse que tinha experiência e que participava de um grupo de contadores em Piracicaba. Mentira! Verdade mesmo é que eu só desejava contar histórias... Eu até findara um curso de contadores no SESI em Piracicaba, mas no dia da apresentação final não fui, porque

meu grupo quis contar “A verdadeira história dos três porquinhos” e eu aspirava narrar “A Moça Tecelã”.

Nunca havia contado história para um público externo e a proprietária da livraria me contratou para participar do evento de inauguração da loja. Aceitei sem tremeluzir...

No dia de minha estreia a loja estava apinhada de gente. Eu, muito nervosa, levei a Rapunzel pro Alasca e fingi que ela tremia de frio. Depois disso, fui chamada outras vezes... Deu certo! Virei contadora de histórias.

Aquele trabalho me afoitara. Havia tempo que eu não abiscoitava ordenado por algo que realizava e era bem chato comprar “juju” de uva com as moedinhas do marido. Comecei a investigar emprego no jornal da cidade, sem muita seiva de encontrar algo na fonoaudiologia - meu curso de formação. Nessa caçada descobri um edital de fomento a produções culturais que a prefeitura promovia aquele ano. O prêmio na época me parecia uma abastança.

A fantasia de ser produtora cultural maravilhava a alma, mas eu me entendia inteiramente estranha a esse conjunto, ainda assim, escrevi um projeto de registro de narrativas orais com antigos moradores da cidade. É que eu estava envolvida com a contação de histórias e sentia o desejo de resgatar contos do povo.

Caprichei na redação, mergulhei em autores que conversavam com a tradição oral, com a velhice... Enviei meu projeto. Depois disso, o esqueci! Não tinha promessa alguma de que ele seria apreciado. E não é que foi?

O telefonema veio na segunda feira, durante um almoço apressado em família. A conversa do outro lado da linha partira da suposição de que eu havia lido meu nome no edital de contemplados. Fiquei perplexa e embaraçada com a fala do assessor da secretaria de cultura, mas disfarcei saber tudo. Euforia!

Foi agendada reunião com os 5 contemplados e eu estava lá, rodeada de pessoas que se conheciam e se comunicavam através de um forasteiro dialeto. Para alçar o ordenado havia léguas... Precisava formar o grupo de mulheres e iniciar a oficina, mas não qualquer oficina, a proposta previa que a mesma fosse de forma criativa, inusitada, contemporânea, que deslocasse as pessoas do lugar onde estavam, que sugerisse formas insólitas de ler o mundo, que agregasse as várias

linguagens artísticas. E eu nunca havia trabalhado com cultura e muito menos com idosos¹! E agora Cinthia Lucia?

É nesse ponto que a Universidade Aberta da Terceira Idade entra, pela primeira vez, em minha história... Na internet, pesquisei iniciativas de atividades culturais com a terceira idade² e encontrei o grupo de teatro da Universidade Aberta da Terceira Idade na UNESP em Marília. Enviei e-mail à professora-coordenadora Ana Paula Cordeiro explicando meu desejo de conhecer mais seu trabalho e me convidei a participar. Amável, ela abrigou meu anseio e, durante quatro semanas consecutivas, viajei à Marília para assistir aos ensaios do grupo. Aprendi um bocado ali e, admito, cobicei a professora, pois imaginei, naquele tempo, que devia ser a melhor coisa do universo lecionar teatro para a terceira idade – desejo remoto ainda.

Era hora de principiar minha própria oficina. Demorou até conseguir reunir o grupo de idosos com quem trabalharia... Visitei uma porção de instituições. Particpei de bailes da terceira idade e distribuí “folheto convite” nas mesas, conversei com a madre do asilo que só falava espanhol e eu não entendia lhufas, ajudei a fazer bolo para as reuniões de idosos nos centros de ressocialização da cidade a fim de expor meu projeto, ministrei palestra na UNIMED sobre preservação da memória como intuito de seduzir as alunas... Depois de tanto anúncio, no dia de iniciar a oficina – necas de idoso. Apareceu apenas uma participante, interessada também nas histórias, mas na faixa etária dos 30 anos.

Estava quase renunciando à quimera quando me falaram de um grupo de mulheres com mais de 60 anos que participava de um curso de alfabetização informal na Casinha da Esquina (centro cultural da cidade). Foi ali que encontrei terreno fecundo para as narrativas orais. Toda segunda e quarta eu aguardava a aula delas terminar e já emendava a oficina. No começo eu derramava insegurança,

¹ Vale destacar que utilização da palavra “idoso” está de acordo com a denominação oficial adotada pelos censos demográficos, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelas políticas sociais que focalizam o envelhecimento, como a Política Nacional do Idoso (PNI) e, sendo assim, refere-se a todos os indivíduos que tenham 60 anos de idade ou mais. Partindo deste critério formal e para evitar diferentes conotações, ao nos referirmos a esse grupo de sujeitos utilizaremos o termo proposto.

² O termo “terceira idade” será utilizado em determinados momentos quando nos referirmos aos programas sociais que contemplam os idosos, porque essa é a designação assumida pela maioria dessas iniciativas. Em outros momentos, utilizaremos o termo velhice para nos referirmos ao período da vida em que se encontram as pessoas com mais de sessenta anos, porque entendemos que tal termo acorda com a designação de outros períodos - infância, adolescência, vida adulta... Como não há primeira e nem segunda idade, preferimos não aderir à criação da terceira idade, porque a compreendemos como uma tentativa de camuflar o envelhecimento, o que contraria nosso intento nesse trabalho.

temor, tensão. Para “quebrar o gelo”, levava chá, pipoca e um amigo para videografar os encontros. Sentávamos numa mesa de madeira extensa e proseávamos biografias... Elas não compreendiam ao certo o intento daquele encontro, talvez nem eu tivesse a dimensão do que sucedia ali naquele momento, porque a ansiedade e a preocupação estacionavam no compromisso de cumprir o projeto que eu escrevera.

O fato é que, sem entendimento mesmo, fomos construindo narrativas, afetos, vínculos... Após cada reunião, ao chegar a casa, transcrevia as histórias e, no encontro seguinte, lia a elas o escrito. Curioso que, no momento da escuta, as histórias transtornavam o pensamento, liberavam a ressignificação e imortalizavam a experiência – E era nesse momento, de revisão dos relatos, que o sentido da narrativa rebentava e alcançava a estatura do perene.

Transcorridos seis meses, era tempo de prestar conta dos resultados do projeto. Montamos uma apresentação das histórias pelas próprias protagonistas acompanhadas por um grupo de seresteiros; inauguramos a Casinha da Memória na cidade (museu de fotos e documentos); publicamos o livro “Broa Prosa”; editamos um curta-metragem que participou de festival do “Ponto Mis” e comemoramos as conquistas com muito “juju” de uva.

Depois disso, além de contadora de histórias, “graduei-me” como “oficineira” cultural e “entendedora” de idosos.

Iniciei no forasteiro dialeto da cultura, participei de eventos literários com espetáculos de contação, ministrei oficinas para professores, bibliotecários, alunos de graduação, dei aula de Projetos Interdisciplinares na pós-graduação de administração, biologia, farmácia, contabilidade, virei professora na graduação de Pedagogia e Artes, reabri consultório, coordenei especialização em literatura infanto-juvenil, apresentei trabalho acadêmico em congresso de leitura e escrita, montei espetáculo sobre coleta seletiva direcionado às escolas municipais da cidade a fim de conseguir dinheiro para apresentar trabalho no exterior, coordenei oficina da memória para um grupo de idosos da UNIMED, virei membro da Associação Brasileira de Alzheimer, da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e da Associação de Leitura do Brasil, inaugurei o Atelier da Linguagem, participei de montagens de espetáculo teatral como atriz, ministrei oficina de vídeo, fotografia e literatura em um ponto de cultura do Estado de São Paulo, organizei a programação cultural da biblioteca municipal da cidade, viajei para o estrangeiro com projeto

cultural premiado, trabalhei como formadora de professores no programa Escola da Família, conheci Portugal em evento acadêmico...

Portugal! Que sonho! O dito evento lusitano foi o “I Congresso Internacional de Cuidadores de Idosos da Universidade de Aveiro”. Cheguei neste por indicação de uma antiga docente da especialização – a Profa. Ivone Panhoca, que descobrira minha implicação nas questões do envelhecimento e me convidou a apresentar trabalho. Estava hesitante com a proposta, afinal, havia anos que não me envolvia com a academia enquanto pesquisadora. Minha relação com a terceira idade era essencialmente empírica e minha afinidade com a Universidade restringia-se a aulas esparsas de assuntos sortidos. A professora me incentivou e eu, assegurada por quem estimava - ousei. Enviei dois trabalhos – um que versava sobre o resgate de histórias de vida e outro sobre memória, linguagem e envelhecimento. Surpreendentemente foram aceitos e lá fui eu - sobrevoar o Atlântico pela primeira vez.

Como deliciosa surpresa, descobri que minha orientadora do mestrado – a Profa. Maria Inês Monteiro – também participaria do evento. Era meu retorno à interlocução acadêmica, às apreciadas mestras, a gratas vivências.

Conheci muita gente interessante, fiquei bestificada com a cidade, vaguei pelas vielas de Lisboa, me diverti com o pensamento literal dos portugueses, perdi o fôlego na praia do paredão, experimentei os ovos moles de Aveiro, me decepcionei com o famoso lanche – “Francesinha” - do Porto, contei história na livraria Gatafunho durante Festival Internacional de Contadores de História em Lisboa, contemplei o pôr do sol no oceano... Senti-me profundamente comovida e lagrimei toda água acumulada nesses anos de toró.

E foi na margem do rio Tejo, um dia antes de apresentar meu trabalho - saboreando o legítimo pastelzinho da freguesia de Belém, com a alma povoada de exultação e a mente de preocupação – que ocorreu a ideia de fazer doutorado na área de gerontologia. Assim, durante o congresso, apanhei referência de estudiosos da área, conversei com alguns pesquisadores, pleiteei doutoramento em Aveiro e terminei o congresso contando uma história de amor entre dois velhinhos - no mesmo tablado onde subiram importantes referências da área de gerontologia... Fora a Profa. Inês quem me encorajou ao doutorado e a contar a história que ela gostava.

De volta à colônia, averigui linhas de pesquisa, troquei e-mails com a Profa. Vera Brandão (da PUC de São Paulo) a quem fui virtualmente apresentada por intermédio de Celina (que já comparecerei a vocês). A Profa. Vera mal me conhecia e, sem saber, me impulsionou ao retorno para a carreira acadêmica – através do aceite para publicar meus artigos na revista que coordena, das indicações de bibliografia que me fizera na época e da gentil acolhida.

Rascunhei acanhados projetos, mas como era caloura no tema, temi não convencer. Como o desejo de fazer doutorado era prioridade, arrisquei projeto seguindo a familiar temática do mestrado - desenvolvimento e aprendizagem de escolares.

Meu orientador, o Prof. João Batista (na época, avaliador da banca para ingresso no doutorado) confiou que ia dar certo, mas alertou, já na entrevista, que precisaríamos ajustar os planos.

Com gratidão ingressei no doutorado e o João, sensível que é, percebeu de pronto que meu conforto era a narrativa e que meu leito poderia ser o idoso.

Com o intuito de agregar idoso, escola e narrativa, pensamos de início em formar um grupo de professoras aposentadas para colher narrativas que nos revelariam a historicidade da educação escolar em Ourinhos, no entanto, ainda matutávamos como e onde conseguiríamos tal grupo. Foi quando recebi um telefonema da coordenadora da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI)³ para lecionar a disciplina de literatura. Providência! Aceitei de pronto, afinal, era tudo o que eu precisava. Após seis meses chegou o segundo convite - lecionar também a disciplina de teatro – Um prêmio a mim que parei de invejar professores de arte dramática em geral, e à pesquisa, que ganhou em riqueza de dados.

Iniciado o processo, fomos bosquejando melhor o trabalho. O contato com as estudantes⁴ e com aquele universo, ainda insólito a mim, ia, sem pressa, abrolhando outras curiosidades, novas perguntas.

Nem todas ali haviam sido professoras, mas assumiam agora o papel de estudantes e foi nesse encontro entre a estudante de doutorado e as estudantes da

³ Esta é a sigla utilizada pela faculdade onde realizamos o trabalho. Em outras instituições podemos encontrar designações diferentes para programas semelhantes, como UNTI, UNATI. A fim de padronizar a grafia, utilizamos neste trabalho da sigla UATI para nos referirmos a todas as iniciativas de trabalho semelhantes.

⁴ No início da pesquisa o grupo de estudantes da UATI contava com 20 mulheres e um homem – este faleceu no final de 2016 e não foi contemplado em nossas análises. Por este motivo, ao nos referirmos ao grupo pesquisado utilizamos apenas o gênero feminino.

UATI que o desígnio da pesquisa demudou. Não era mais a história da educação escolar de Ourinhos que avultava, mas a nossa própria história.

Ajuizava a todo instante a que estávamos (eu e elas) ali. Qual era meu papel? Quais eram seus papiros? Por vezes perguntei a elas o que as movia à UATI, ao que me respondiam – o desejo de não acomodar, de trabalhar a mente e o corpo, de aprender. Aprender – a ânsia pelo conhecimento é incessante ao ser humano. Foi justamente essa imagem do inacabado, ou dito de outra forma, essa possibilidade do refazer e do reinventar por toda a vida, que movimentou nosso estudo a partir de então.

O que observávamos no processo das aulas não era simplesmente uma reunião de senhoras que se encontravam para ocupar o tempo ocioso, tão pouco para se divertirem despretensiosamente. Ao saírem de casa, elas não apenas deslocavam-se externamente de um lugar a outro, mas deslocavam-se internamente de uma perspectiva a outra.

Ao contrário do senso comum, esparramado pela mídia, que preconiza o resgate e a manutenção de certas funções na velhice, o que as estudantes da UATI expunham era obra em construção e mais tantas outras plantas arquitetadas. Ao retocar o traçado de seus cursos de vida, elas podiam se localizar no tempo e no espaço, no devir⁵, no campo infindável de possibilidades.

Neste sentido, nosso trabalho partiu do pressuposto de que, ao entrarem no grupo e colocarem-se em situação de aprendizagem, as estudantes idosas eram lançadas a desafios e conflitos que as retiravam da orla de conforto e as reposicionavam em novas projeções. Isso porque, no contexto grupal, onde havia diversas experiências acontecendo e inúmeras histórias circulando, existia uma tensão entre: o individual e o social; o biológico e o cultural; o pensamento e a palavra; o intelectual e o emocional – embates geradores de tensões e propulsores de saltos criativos.

Diante destas reflexões, nosso trabalho pretendeu lançar vista na direção do potencial imaginativo e inventivo do idoso - um olhar que deslocasse o foco do

⁵ Devir aqui no sentido de movimento, transformação, mudança – prospecção de futuro. Conforme nos permite pensar a teoria histórico cultural de Vigotski.

sujeito dito velho⁶ para o sujeito aprendiz e, com isso, atribuísse novos sentidos ao processo de envelhecimento.

Para tanto, caminhamos sustentados pela teoria histórico cultural de Vigotski⁷ a qual nos ajuda a pensar o desenvolvimento⁸ e a aprendizagem a partir de uma visão prospectiva justamente porque não condiciona estes processos à categoria biológica-maturacional, mas porque entende que as novas formações psicológicas que constituímos ao longo da vida são resultantes da imbricada e complexa relação entre o biológico de um lado e o social, o cultural e o histórico de outro.

Acreditamos que tal perspectiva ofereça uma possibilidade nova de compreensão do processo de envelhecimento, uma vez que as teorias de desenvolvimento em geral não contemplam o idoso ou, quando o consideram, o fazem a partir de uma perspectiva orgânica cujo declínio, perda e limitação são inexoráveis.

Ao vislumbrarmos o devir a partir do vivido, das experiências ainda possíveis ao sujeito, dos embates que estes estabelecem com o grupo, dos movimentos de transformação interna e externa e de seus posicionamentos no papel de estudantes - pretendemos reposicioná-las enquanto idosas.

Para organizar este trabalho escolhemos um caminho didático pouco usual - iniciamos pela metodologia, porque precisávamos esclarecer, logo de início, que nosso texto buscou alcançar a complexidade da experiência no campo, já que a pesquisadora se fez implicada na pesquisa como participante e observadora.

Diante disto, ao invés de deixarmos nossas observações para o final do texto, fomos entremeando a experiência com a teoria ao longo de toda narrativa, porque tínhamos reduzido o teor de nossas observações se as deixássemos para o final e porque sabíamos que corríamos o risco de perder intuições valiosas caso não o fizéssemos no momento em que as situações nos afetavam.

⁶ Privilegiamos o termo idoso/idosa para nos referirmos aos sujeitos de nossa pesquisa e às pessoas com mais de 60 anos. No entanto, em alguns momentos do texto, nos utilizamos da palavra velho/velha, sem cunho pejorativo, mas com o intento de, em algumas situações, ressaltar e/ou amenizar o peso preconceituoso do termo e, em outras, de ser fiel à forma como alguns autores se referem à população de mais idade.

⁷ Utilizamos a grafia "Vigotski" no corpo do texto e, nas citações, a grafia apresentada no material utilizado para a realização desta pesquisa.

⁸ Vale ressaltar que para o autor o conceito de desenvolvimento é compreendido como movimento, transformação. Desta forma, ao utilizar este termo em nosso trabalho não nos referimos à ideia de etapas, níveis ou evolução linear, mas temos em vista a perspectiva de mudança, deslocamentos – avanços e retrocessos.

Outra escolha que nos permitimos foi a adoção de uma estética de texto mais narrativa, mais poética. Ao invés de direcionar nossas observações a uma dimensão lógica, cognitiva ou social, buscamos perseguir a complexidade simbólica experienciada no campo, porque compreendíamos o conhecimento como uma produção estética. Da afetação entre pesquisador e pesquisado constituímos uma vivência de trabalho e sentimos necessário acolhê-la a partir de uma narração que contemplasse as dimensões subjetivas implicadas em tal vivência.

Entretanto, essas implicações que vivenciamos ao longo do processo, muitas vezes não encontraram no significado literal da palavra o arcabouço para expressar a complexidade e a multiplicidade de sentidos que permearam a relação entre pesquisador e pesquisado. Para superar tal situação, utilizamos recursos metafóricos e metonímicos de escrita, os quais ambicionaram abrir um campo de possibilidades mais extenso e diverso e, por isso, mais coerente com o caminho que desejávamos.

Tais recursos, ora aproximaram-se mais da linguagem literária ora da acadêmica, na maior parte das vezes uma mescla de ambas, porque entendíamos que para expressar nossas percepções e envolvimento na pesquisa, ao invés de apenas utilizar a língua, mais valia encenar a linguagem – engrenar o saber no rolamento da reflexividade infinita. Tal como Roland Barthes (1978), sentíamos que através da escritura, o saber refletia incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não era mais epistemológico, mas dramático.

Para Barthes o que a escrita literária (ou escritura) coloca à frente não é o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade, o verdadeiro e o belo, mas tão somente lugares diferentes de fala. De acordo com o autor, “segundo o discurso da ciência — ou segundo certo discurso da ciência — o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação” (BARTHES, 1978, p. 19).

Explica ele que, na linguística, o enunciado está relacionado ao produto de uma ausência de enunciador, diferente da enunciação, que expõe o lugar e a energia do sujeito, muitas vezes a falta deste, que é diferente de sua ausência. Para Barthes (1978), a enunciação seria o próprio real da linguagem porque ela reconhece a língua enquanto um “imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de repentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e, no entanto, reconhecido” (p. 20).

O autor ressalta ainda que “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, mas lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa”. (idem, p. 20)

E era essa a sensação que sentíamos ao escrever – uma “festa de saber”, porque cozinhado ao sabor das experiências, o que demandava uma linguagem que nos acolhesse enquanto pesquisadores e escritores e cujo ingrediente indispensável fosse o sal das palavras – porque entendíamos, como Barthes, que é “esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo” (BARTHES, 1978, p. 21).

O autor nos aconselha a escrevermos segundo a verdade do desejo – tantas linguagens quantos desejos houver. Seguimos nossa vontade e, algumas vezes, transportamos nosso texto para o inesperado, instituindo certa anarquia languageira – colocando o texto numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas da segurança e do discurso acadêmico, distraidamente, rebentaram.

Após a metodologia, no terceiro capítulo, trouxemos alguns apontamentos sobre o ideário que temos acerca do processo de envelhecimento, especialmente no que diz respeito a paradoxos e conflitos contidos no aumento da longevidade.

No quarto capítulo apresentamos reflexões de diferentes autores em torno do envelhecer e os vários sentidos que permeiam tal processo na academia o que nos subsidiou a discussão do envelhecimento sob uma perspectiva que pretendeu refutar a estagnação e vislumbrar a transformação.

No quinto capítulo discorremos sobre as UATIs – Universidades Abertas da Terceira Idade e seus objetivos com o intuito de oferecer um panorama acerca dos pressupostos contidos nos programas voltados a idosos e fazer um contraponto com diferentes possibilidades e perspectivas.

O sexto capítulo é dedicado à teoria de Vigotski com especial ênfase aos conceitos que nos ajudaram a pensar o desenvolvimento dos idosos potencializado por deslocamentos e rupturas.

No capítulo sétimo, a fim de amarrar as reflexões que fomos realizando ao longo do texto, apresentamos uma análise mais sistematizada e aprofundada de um processo de construção criativa vivenciado nas aulas.

Finalmente, no oitavo capítulo, tecemos nossas últimas e, ao mesmo tempo, preliminares considerações, que pretenderam enlaçar compreensões e desatar questões.

Vale dizer que pelo fato de termos escolhido nos posicionar enquanto narradores no trabalho de escritura os leitores perceberão que o texto tem suas idas e vindas, repetições e retomadas – estratégias próprias de um contador de histórias.

Como sugere Walter Benjamin (1994), por se tratar de uma narrativa, os relatos da pesquisa não pretenderam transmitir o “puro em si” da coisa narrada - da vivência de campo, como uma informação ou um relatório, mas sim mergulhar os fatos observados na vida do narrador/pesquisador para em seguida retirá-los dele. Como a mão do oleiro na argila do vaso, buscamos imprimir em nossa narrativa a marca de nosso tato.

1 Metodologia - vestimenta do estudo

Neste capítulo discorreremos sobre as perspectivas teóricas que sustentaram nosso percurso metodológico – a pesquisa qualitativa e a abordagem histórico cultural - com ênfase nos estudos que contemplam a implicação enquanto condição inerente ao pesquisador e, por isso mesmo, como norteadora de nossa compreensão acerca do grupo de estudantes da UATI.

1.1 Aceite da implicação

Escrever metodologia não é tarefa fácil, uma vez que o método nunca calça o pé da pesquisa na devida medida e, vez ou outra, para evitar o incômodo do calo, se faz do método um segredo que os pesquisadores deixam guardado no armário. É que há dias mais claros, feitos para um chinelo de dedo mesmo e outros nebulosos, que pedem sapato fechado, meia e polaina. Não dá para amarrar o cadarço todas as vezes que saímos a campo, porque andar descalço, aqui ou ali, nos traz a despreensão e a leveza solicitadas à observação do pormenor mais pitoresco e extraordinário. É de shorts e regata que nos encantamos com a poesia da paisagem – dificilmente de salto ou gravata.

Porém, quando o convite demanda “traje a rigor”, não temos saída, se quisermos saborear o bolo do casamento, é preciso vestir longo. Até porque, já confirmamos presença e, neste momento, nos comprometemos com o ritual.

Escolhemos a pesquisa acadêmica e sabíamos de antemão que a vestimenta teria que sair do casual, do lugar comum, do trivial. Para adentrar no salão de festas sem constrangimento é conveniente estar a caráter e recomendável dominar alguns passos de valsa com antecedência a fim de não tropeçar, derrapar, ou pisar em pé alheio.

Entendemos que não se dança a pesquisa sem o ensaio de um ritmo metodológico consolidado, capaz de fornecer a coreografia adequada à apreensão da essência de um fenômeno. Por isso, escolhemos iniciar nosso texto pela metodologia – suporte essencial para situar o leitor em nosso bailado estético e epistemológico ao longo de todo o trabalho.

Importante salientar que a pesquisa de campo foi nos seduzindo de tal forma que ao construir a fundamentação teórica e os demais capítulos, percebemos o quanto nos afetávamos por aquilo que vivíamos e nos contaminávamos de

impressões, situações, emoções – as quais não aguentariam esperar até capítulo específico para comparecerem.

Justamente porque estávamos gostando de viver o campo, nos deixamos levar por sensações que de início eram mais fortes que intelecto, projeto e formatações. Tal percurso simbólico, por vezes, nos remetia à própria relação de pesquisa, à nossa relação com a temática, com os idosos de nossas vidas, que compareciam fulgurados conforme pensávamos a velhice e que não poderiam deixar de estar aqui, porque ajudaram a compor os sentidos sobre toda essa experiência.

Seguimos assim um caminho de escrituração que germinou de nosso encontro com o objeto e fomos já tecendo algumas análises, comentando certas percepções, revelando nossos afetos e implicações ao longo de todo texto, sem nos esquecer de que, para arrematar a narrativa, tal escolha clamava por sistematização, argumentação e fundamentação.

Admitíamos, de um lado, que o movimento das estudantes que pretendíamos conhecer certamente mostrava-se apenas em parte – o que acabava por confundir o entendimento do fenômeno a estudar, de outro, acreditávamos que era precisamente a entrada neste movimento que nos permitiria desvendar e acompanhar suas coreografias.

Como artesãos de culinária, afundamos a concha até o fundo da panela, e fomos trazendo o caldo de lá para a superfície e dela para o fundo. Procuramos mexer bem para não encruar, porque precisávamos nos formar aceitáveis cozinheiros.

Escolhemos retirar a tampa da panela conforme o molho apurava. Porque o cheiro da sopa já anunciava fome de conhecimento logo que os dados levantaram fervura e queríamos provar o tempero, sentir a textura, testar o ponto dos legumes, antes mesmo da mesa posta.

Fomos aprimorando o paladar do alimento ao mesmo tempo em que o alimento foi nos tornando melhores cozinheiros – uma relação de mútua afetação – enquanto observávamos, participávamos; enquanto cozinávamos, transformávamos o cru no cozido, o insosso no apetitoso e, na manipulação do alimento, de cozinheiro nos tornávamos degustadores (e vice-versa).

Como Jacques Ardoino (1998) salienta - na relação intersubjetiva, o nosso objeto fez-se ao mesmo tempo sujeito, isso porque, a construção do conhecimento não se faz sem a implicação e a transformação daquilo que se pretende conhecer.

Para entender da “culinária”, mais do que observar, era preciso “botar a mão na massa”.

Não se sabe o sabor do glacê antes de afundar-lhe o dedo, mas a depender do dedo e do próprio glacê, diferentes sabores podem ser experimentados. É da combinação do sujeito com o doce que o paladar se revela... Desconhecemos o glacê por si só, sabemos sim da nossa experiência com ele.

No caso de nossa pesquisa, tal afirmação ficava evidente a cada encontro. Não raro havia surpresa, contradição, desdito. Era apenas na interação que as situações se constituíam e se revelavam dentro da possibilidade e especificidade daquele dado momento, daquela dada situação, passíveis à atribuição de sentidos - mutantes e ao mesmo tempo perenes, justamente porque permeável a múltiplos olhares e entendimentos.

Importante ressaltar que o andar da pesquisadora - ora no claro, ora no escuro, encontrou chão no orientador. Quando a implicação era tamanha a ponto transformar solo em areia movediça, era o João que me resgatava à terra firme.

Vale aqui narrar um episódio de nossa aventura - aconteceu logo depois que enviei um dos primeiros textos a ele. Após a leitura, João marcou um encontro virtual para dizer de suas impressões. Passemos ao encontro...

Já fazia tempo que era noite, chovia um bom tanto e eu estava no mercado, com três filhos, dois amigos e um marido esperando no carro. Havia agendado às 20h com o João, mas precisava ao menos comprar uns pães para sustentar o final da sexta feira.

A chamada de vídeo chegou na hora marcada, porém, um bocadinho antes de terminar o corte da mortadela. Atendi ao João no caixa, me desculpei pelo mau jeito e a moça que registrava os preços ficou sabendo de tudo. Não deu para esconder do orientador as sacolinhas plásticas e adiamos uns minutos nossa conversa.

No carro, com vidro embaçado e odor empestado de suor de menino, ainda fizemos uma estada na casa de um dos amigos para carregar o violão e o microfone do ensaio da banda.

Chegada a casa, corri para o quarto com algumas sacolas esquecidas no antebraço - nada perecível – deixei-as sobre a cama e cuidadosa equilibrei o celular na gaveta entreaberta da cômoda, sentei em um ângulo que escondia a bagunça, fiz um rabo de cavalo e liguei apreensiva para o João – ansiosa estava pelo efeito do

texto no orientador. Talvez tivesse ousado demais, ou os anos longe da academia me tivessem retirado o rigor necessário à pesquisa, ou o contexto de trabalho, filhos, marido e mercado não acordassem mais com a carteira universitária. Havia tempos que eu contava histórias sem me preocupar com o rigor. Histórias...

Na época da graduação eu perdera um pedido de namoro porque, para disfarçar inibição, passei a noite contando lorota - logo no primeiro (e último) encontro. Eu e o pretendente tomamos dois chopes cada um e voltamos para o alojamento, sem um “selinho” sequer - nunca mais saímos juntos. No dia seguinte, amigas me contaram que o moço ficou frustrado e comentou que eu falara demais, que fiquei muito cheia de história – Poxa! Pensando agora, talvez eu sempre tenha sido contadora de histórias, o que retira um pouco o dolo pela mentirinha contada à dona da livraria Nobel, no entanto, a história desse dia me fez perder para sempre o paquera, porque não era hora de contar histórias... Estaria eu agora prestes a perder o orientador também? Seria tempo de parar com essa história?

João atendeu ao meu chamado!

Recostado na poltrona iniciou a conversa dizendo que lera o meu texto, mas demorou um tanto para sinalizar qualquer reação. Enquanto eu aguardava o sinal, fixei o olhar no vestido vermelho pendurado em um cabide enroscado na maçaneta da porta do guarda-roupa, atrás do João – Logo vermelho?

João iniciou a conversa do jeito que eu imaginara:

– O seu texto me deixou preocupado...

Senti naquele momento que o vestido balançara sozinho e fiquei assombrada.

Felizmente, antes que o vestido sacudisse novamente, entrou, pela fresta da porta do quarto, a sensível e prudente esposa do João (decerto dona do vestido) que lhe trouxera um fresco - vermelho!

Era o vermelho da paixão e faltava apenas o primeiro gole para juntos, eu e o João, vislumbrarmos a possibilidade de redigirmos o texto da pesquisa reconhecendo e acolhendo nossas implicações e afetações no processo de produção de conhecimento. João acatou minha história, mas aconselhou o embasamento da escolha.

Seguimos então pelo vermelho do fogo, da ação, do desejo – da revolução, pois como o próprio João indica (em um dos trabalhos que escreveu em parceria com Marília), “a análise desses fenômenos (psicológicos) se circunscreve a uma determinada relatividade, pois eles se subsidiam nas dimensões subjetivas e

intersubjetivas implícitas no processo de construção de conhecimento” (PALMIERI; MARTINS, 2008, p. 745). Os autores nos alertam para o fato de que o conhecimento é produzido a partir de elementos de nossa subjetividade – aqueles que emergem “nas múltiplas relações que se estabelecem nos espaços sociais em que pesquisador e pesquisado estão inseridos” (idem, p.745).

Neste texto, João Batista Martins e Marília Palmiéri salientam que os elementos da subjetividade, especialmente aqueles tangentes à pesquisa, representam os mecanismos através dos quais são constituídos os processos emocionais que emergem na/da relação entre o pesquisador e o pesquisado.

Tais processos indicam que nesta relação há implicação, uma vez que os sujeitos envolvidos carregam um contexto sócio-histórico-cultural que não se deixa em casa, nem se destaca no momento da pesquisa, mas que atuam na produção de conhecimento, sendo parte constituinte e instituinte dela.

Para os autores, há vários planos a partir dos quais o conhecimento se estabelece, a saber: “as motivações mais profundas do pesquisador (inconscientes?), seus desejos, suas projeções pessoais, suas identificações, sua trajetória pessoal, etc.” (PALMIÉRI; MARTINS, 2008, p. 747). Desta forma, a implicação nos faz assumir que o conhecimento que se produz é intersubjetivo, em outras palavras, “o conhecimento que se produz vai se estruturando na heterogeneidade implícita, no dinamismo das relações que se estabelecem entre pesquisador e pesquisado no curso da pesquisa” (PALMIÉRI; MARTINS, 2008, p. 747). Ao que compreendemos que há uma natureza pessoal e emocional que faz com que os pesquisadores, necessariamente, tornem-se também instrumentos da pesquisa.

Nesse encontro intersubjetivo, há dimensões não diretamente relacionadas aos aspectos teóricos ou metodológicos, mas “circunscritas pela ordem do psíquico, do desejo, da vontade, que implicam afetos nem sempre dizíveis em nosso cotidiano acadêmico, mas que emergem durante a construção do conhecimento” (MARTINS, 2017, p. 496). Tal citação do João, em especial, me fizera descobrir a razão da generosidade que ele tivera com o meu texto - carente de formalidades – justamente porque fora trabalhoso encontrar meios de dizer o quase inexprimível.

O que o autor/orientador sugere/permite é a consideração de uma dimensão que está para além do que os procedimentos metodológicos podem abarcar, porque

inefável - há momentos em que precisamos retirar inclusive o chinelo de dedo, para sentir o frescor da areia úmida que esvai pelos dedos e provoca cócega ao mesmo tempo em que afunda o pé até cobrir-lhe por inteiro quando então temos um não pé e um não chão – apenas a areia deformada pela pisada – experiência que nos leva para “os caminhos das incertezas e do inacabamento, condições impensáveis na ótica de uma epistemologia tradicional” (MARTINS, 2017, p. 496).

Como aponta René Lourau (1993) “o vivido não é um mundo à parte, mas a trama da pesquisa como da formação e de todas as nossas atividades, diurnas ou noturnas” (p. 18). Desta maneira, podemos pensar que o rompimento com a lógica cartesiana de pesquisa amplia a grandeza da mesma para a unidade do vivido porque “circunscreve o discurso de um sujeito falante, tanto para aquele que se diz pesquisador como para aquele que é olhado como objeto, libertando o homem da sua condição de objeto” (MARTINS, 2017, p. 496).

No entanto, ainda que compreendamos a necessidade de uma metodologia que aceite as vicissitudes da subjetividade, como tratar a situação de pesquisa? Como referenciar e analisar os dados? Como não cair na tentação da mecanizada tradição da pesquisa – recortando, decompondo, dividindo e reduzindo nossos dados, nossas situações e observações em elementos mais simples?

Ardoino (1995) propõe que cheguemos a unidades de compreensão e que acompanhem os fenômenos vivos e dinâmicos, tratando-os em sua complexidade e Palmiéri e Martins (2008) esclarecem que essa complexidade não está no objeto que se observa, mas na maneira de se olhar para esse objeto, na maneira como abordamos o fenômeno. Em complementaridade a esta ideia, Martins (2004) alerta para a necessidade de reconhecer que “a produção de conhecimento implica um processo de ‘negociação’ entre as múltiplas referências que compõem o conjunto das representações de cada indivíduo envolvido no processo” (p. 92).

Nosso receio e talvez herança de pensamento e formação cartesiana, era derraparmos em conversa sem valor científico, pois como bem lembra Kathleen Gilbert (2001), “ao se buscar uma pesquisa de cunho mais qualitativo, nosso processo de coleta e análise de dados pode ser visto como questionável, despojado do rigor necessário à pesquisa científica” (p. 3). Diante disso, a fim de evitar o descompromisso, elegemos alguns caminhos metodológicos instituídos que pudessem nos amparar e nos assegurar de que poderíamos seguir pelo chão de areia, cuidando para não desconsiderar as distorções flexíveis do solo.

1.2 Perspectiva histórico cultural de pesquisa

Considerando que nosso estudo tem como foco o processo de envelhecimento, optamos por recorrer à abordagem histórico cultural de pesquisa de Lev S. Vigotski, a qual sugere uma perspectiva metodológica comprometida com a constituição humana.

Em um de seus textos, Vigotski (VYGOTSKI, 1931/1995b)⁹ discute o problema do desenvolvimento das funções psicológicas superiores e abre o primeiro parágrafo afirmando que a história destas funções constituía-se um campo ainda totalmente inexplorado na psicologia. Para ele, era imprescindível modificar o ponto de vista tradicional que confundia os aspectos: natural e cultural; natural e histórico; biológico e social; e reduzia a complexidade das funções psicológicas superiores a processos naturais, mais elementares.

Vigotski (VYGOTSKI, 1931/1995b) afirmava que a psicologia da época estava preocupada em descrever (estaticamente) as manifestações externas do desenvolvimento, sem relacioná-las. O que ele sugeria era a busca por explicar as formas superiores do comportamento humano, a fim de revelar as relações dinâmicas dos processos observados.

Para o autor, os processos psicológicos superiores deveriam ser estudados historicamente, em movimento, abarcando todas as suas fases de mudança, com vistas a descobrir sua natureza, sua essência, pois entendia que no movimento - e não em sua aparência externa – o processo revelava o que era.

Em seus textos comenta que numerosas pesquisas dedicadas ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores infantis estavam sendo observadas pelo prisma dos processos naturais, assim, as complexas formas culturais de conduta com todas as singularidades de funcionamento e estrutura que lhes são próprias, com todas as leis específicas a que estão subordinadas, permaneciam habitualmente à margem da visão do pesquisador.

Para ele, ao estudar estas formações e processos complexos de forma segmentada, perdia-se seu caráter estrutural unitário e suas qualidades fundamentais, ou seja, tais formações deixavam de ser elas mesmas quando reduzidas a processos mais elementares.

⁹ Nesta notação bibliográfica o ano inicial se refere à escrita do texto original e o segundo à publicação do texto em espanhol que consultamos para essa pesquisa.

O autor nunca negou a importância de estudar o desenvolvimento biológico da criança, mas ressaltava que, ao lado disso, era necessário estudar a história do seu desenvolvimento enraizada historicamente, uma vez que entendia como bastante clara e radical a diferença entre o princípio do desenvolvimento histórico da humanidade e o da evolução biológica das espécies animais.

Vigotski (VYGOTSKI, 1931/1995b) advertia que no homem, cuja adaptação ao meio se modifica por completo, não se altera, por exemplo, a estrutura do seu corpo biológico e explicava que se não há diferença biológica essencial no homem primitivo que justifique as diferenças existentes em seu comportamento, não é possível condicionar as diferenças entre as condutas do homem primitivo e a do homem culto à existência de diferenças em seus respectivos tipos biológicos. Assim, as funções psíquicas superiores precisavam ser compreendidas a partir de um estudo sociológico e não da biologia.

Para ele, da cultura originam-se formas especiais de conduta, as quais modificam a atividade das funções psíquicas e edificam novos níveis no sistema do comportamento humano em desenvolvimento. O homem social, em seu processo de desenvolvimento histórico, modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento cultural.

Acreditamos que seja esta a maior contribuição de Vigotski para a nossa pesquisa – ao deslocar a compreensão do desenvolvimento humano do estritamente natural/biológico, para o especialmente social, histórico e cultural, ele sinaliza as possibilidades de desenvolvimento humano também condicionadas ao vivido, às experiências, que são por toda a vida. Desta maneira, apesar de seus estudos não abarcarem o processo de envelhecimento, trazem considerações importantes concernentes a nossa temática e conceitos essenciais para pensarmos o processo de pesquisa.

Para o autor, o biológico e o vivido devem ser considerados concomitantemente, numa espécie de imbricamento, de forma que em determinados momentos da vida a dimensão biológica pode influenciar mais o estar no mundo do homem, como é o momento da adolescência, da menopausa, do processo de envelhecimento, ainda assim, tal influência não acontece naturalmente e igual a todos, mas emaranhada aos significados singulares que as experiências vividas assumem para cada sujeito.

Ressalta Vigotski, que o desenvolvimento cultural se sobrepõe aos processos de crescimento, maturação e desenvolvimento orgânico das crianças, formando um todo. Ambos os planos de desenvolvimento, natural e cultural, coincidem e se amalgamam. As mudanças que ocorrem em um e no outro se intercomunicam e se constituem num processo único de formação biológico-social da personalidade¹⁰ da criança.

À medida que o desenvolvimento orgânico se produz em um meio cultural, passa a ser um processo biológico historicamente condicionado. Desta maneira, é a sociedade e não a natureza que deve figurar como fator determinante da conduta do homem.

Para Vigotski (VYGOTSKI,1931/1995b) o homem é um ser social, que fora da interação com a sociedade nunca desenvolverá suas qualidades tipicamente humanas, resultado da história de toda humanidade, o que faz com que o processo de humanização passe necessariamente pelo outro.

Ainda que na filogênese o natural e o histórico sejam linhas distintas e desenvolvam-se em separado, independentes uma da outra, na ontogênese, os planos animal e humano se unificam e se desenvolvem simultaneamente e o ponto fundamental do estudo de Vigotski é a compreensão de como ocorre o desenvolvimento em ambas as linhas e como elas se entrelaçam em cada idade. Há de se estudar as duas linhas dialeticamente, formando uma unidade indivisível, uma vez que ao se entrelaçarem não se apresentam mais como biológica, ou cultural, mas humana.

Este é o salto qualitativo entre o comportamento humano e o animal que Vigotski (VYGOTSKI,1931/1995b) ressalta - no primeiro, há uma relação direta entre estímulo e resposta, entre meio externo e biológico, no segundo, esta relação é perpassada pelo signo, apreendido na cultura, que por sua vez é produzida e modificada no curso do desenvolvimento histórico do homem.

De acordo com o autor, o processo psíquico do homem é circunscrito pelo processo histórico geral da humanidade, fato que demanda uma forma específica de

¹⁰ Vigotski utiliza o termo “personalidade” em seus escritos, e acreditamos que tal termo esteja associado ao conjunto de características singulares de cada pessoa que se constituem na relação - nas vivências do sujeito, e que conferem a ele aquilo que chamamos, na linguagem leiga, de “jeito” da pessoa, ou, a expressão de si mesma. No entanto, considerando a dimensão dialética da proposta do autor, compreendemos a personalidade não como algo consumado, consolidado ou estático, mas em constante constituição e reestruturação – nas interações, aquisições que temos ao longo da vida, na possibilidade de atribuição de novos sentidos, incorporando novas dimensões da personalidade. Para um estudo mais aprofundado desta noção no âmbito da teoria vigotskiana, ver Bissoli (2005).

estudá-lo e, para tanto, ao mesmo tempo em que o autor nos apresenta uma nova maneira compreender o desenvolvimento humano, nos alerta para a necessidade de um método inovador que se adeque a esse novo olhar estabelecendo outra perspectiva ao objeto de estudo.

Isso porque ele compreende que o sujeito de pesquisa não é passivo, mas constituído no e constituinte do processo de pesquisa, o que invalida situações artificiais em que se intenta programar estímulos (situações) e controlar respostas (comportamentos) que não oferecem contribuição à compreensão do humano.

Em sua proposta metodológica, ao invés de separar, controlar e suspender o objeto para estudá-lo, privilegia “os movimentos, transições, aquilo que propicia uma compreensão integral dos fenômenos, por contemplar as relações de constituição recíproca desses e da totalidade que os mesmos compõem” (ZANELLA, 2007, p. 28).

Tal perspectiva leva o autor a apresentar três princípios que ele considera a base de sua perspectiva de análise.

O primeiro princípio seria a necessidade de analisar processos no lugar de objetos, ou seja, ao invés de olhar apenas para os elementos em separado, indica a necessidade de observá-los a partir da dinâmica de suas relações, onde o que está em análise é a síntese dessas relações e não a somatória de elementos isolados.

Outro princípio proposto por Vigotski (VYGOTSKI, 1931/1995b) é a substituição da mera descrição pela explicação das relações dinâmico-causais subjacentes ao fenômeno observado, dito de outra forma, seria perseguir a essência do fenômeno percebido e não se enganar com as aparências, o que não quer dizer rejeitar as características perceptíveis do fenômeno, mas subordiná-las à compreensão de sua gênese.

O terceiro princípio da abordagem de análise de Vigotski propõe a substituição do estudo fossilizado/estático, pelo estudo histórico, em seu constante processo de mudança – a fim de descobrir a natureza dos processos psicológicos e dos comportamentos humanos.

Disso compreendemos que, especialmente quando a pesquisa é na área das humanidades, não existe uma relação sujeito/objeto, mas uma relação entre sujeitos que é promotora de desenvolvimento. Para Vigotski o conhecimento não está dado a priori, mas se constitui no momento da investigação, sendo ao mesmo tempo

“premissa e produto, instrumento e resultado da pesquisa” (VYGOTSKI, 1931/1995a, p. 47).

Freitas (2002) ressalta que essa postura do autor tem importantes consequências para a pesquisa, uma vez que o pesquisador, durante o processo de pesquisa é alguém que está em “processo de aprendizagem, de transformações. Ele se ressignifica no campo. O mesmo acontece com o pesquisado que, não sendo um mero objeto, também tem oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa” (FREITAS, 2002, p. 25).

Disso decorre a impossibilidade da neutralidade do pesquisador, ele faz parte da pesquisa e suas ações produzem efeitos que precisam também ser analisados, uma vez que no pesquisar, há mudanças tanto do pesquisador como do pesquisado.

Neste sentido, situar não somente o sujeito pesquisado, mas o próprio observador faz-se de extrema relevância na pesquisa qualitativa, uma vez que o pesquisador é um instrumento essencial na construção de sentidos. O lugar de onde ele observa, suas orientações teóricas, sua história, suas motivações e pretensões, tudo isto impregna sua análise e por isso deve ser parte considerada.

Finalmente, Vigotski (VYGOTSKI, 1931/1995b) sugere que na pesquisa não seja criada uma situação artificial, mas uma apreensão da situação no seu acontecer. Assim, buscamos compreender as situações em sala de aula, tal qual elas se apresentavam, sem a necessidade de criar instrumentos artificiais, nem de gerar situações específicas de análise. O que buscamos compreender foi o movimento do grupo, de que forma ele se constituía e se destituía nas interações.

Ao fazer opção por essa abordagem, entendemos que não poderíamos nos limitar a descrever os movimentos das aprendizes e analisá-las de forma estática e imparcial, mas precisaríamos captar o movimento e o contexto em que eram produzidas, buscando evidenciar as relações sociais e a história que elas carregavam em seu interior, bem como as relações de pesquisa a partir das quais emergiam, sem perder de vista as transformações e afetações que nós pesquisadores sofremos ao longo de todo o processo e que buscamos contemplar em nossa escrituração.

1.3 Perezhivanie¹¹ - unidade de análise

Para que aguçassemos nosso olhar ao que nos era essencial, buscando considerar os movimentos das aprendizas e suas relações com o contexto social em que eles aconteciam, utilizamos como unidade de análise o que Vigotski denominou *Perezhivanie* - termo que comparece em seus escritos e depois é retomado por outros autores, constituindo-se elemento essencial para a teoria histórico cultural e para a compreensão de nosso objeto de pesquisa.

De acordo com Nickolai Veresov (2017) *perezhivanie* pode ser compreendida a partir de duas vertentes – enquanto um fenômeno ou processo psicológico e enquanto um conceito teórico, ou unidade de análise. A respeito do primeiro discorreremos mais adiante (no quarto capítulo), quando nos aprofundaremos na teoria. Por hora, buscaremos apresentar o termo enquanto unidade de análise, a partir da qual nos empenhamos em compreender o fenômeno de nosso estudo.

Cabe ressaltar que o conceito de *unidade* no entendimento de Vigotski (2010) e reafirmado por Veresov (2017) não se refere a um elemento do todo, mas ao todo sintetizado em uma unidade. Assim, não é a decomposição da situação que nos fornece a unidade, mas as características básicas do todo – sua parte vital, indivisível. Vigotski (2010) complementa esclarecendo que *perezhivanie* é uma parte indivisível das características pessoais e situacionais que retém todas as suas características e qualidades básicas. Uma categoria que nos permite estudar as relações entre as aprendizas (enquanto personalidades) e o meio social na qual elas estão inseridas.

Tomando a *perezhivanie* como unidade de análise em nosso trabalho, pretendemos compreender as características pessoais de cada estudante entrelaçada à situação social que as propicia, dito de outra maneira, consideraremos o social como fonte de desenvolvimento e transformação dos idosos. Nesse sentido, estaremos atentos às situações refratadas pela *perezhivanie* das estudantes – aquelas relevantes ao desenvolvimento das mesmas.

Outra ideia interessante apontada por Veresov (2017) é a de que o desenvolvimento é compreendido como um processo dialético, complexo e

¹¹ O termo *perezhivanie* vem sendo traduzido na língua portuguesa como vivência. Optamos por utilizar o termo *perezhivanie* para nos referirmos à vivência permeada pela emoção e o termo *vivência* para dizermos das experiências do sujeito de um modo geral.

contraditório e salienta que a experiência do drama, tem papel fundamental no desenvolvimento de novas formas de vivenciar o mundo.

De acordo com o autor, *perezhivanie* é uma maneira singular de experimentar um evento dramático - é a forma com a qual tal evento é refratado e experimentado por um indivíduo.

Ao ressaltar o lugar do drama no desenvolvimento, Veresov (2017) nos chama atenção para o fato de que o desenvolvimento singular de cada sujeito resulta das colisões dramáticas únicas que acontecem na vida destes e que ao superar essas colisões o sujeito cria e recria incessantemente a arquitetura de sua personalidade, ao que ele conclui que “não há desenvolvimento sem drama, nem drama sem *perezhivanie*” (VERESOV, 2017, p. 67). Para o autor, os eventos dramáticos sociais - as colisões refratadas através da *perezhivanie* - produzem mudanças qualitativas na trajetória de constituição do sujeito.

A ideia de drama nos pareceu especialmente significativa à compreensão de que o movimento das estudantes não deveria acontecer no contexto da cooperação – aqui compreendida como complementação - mas nas situações organizadas em torno de conflitos. Desta forma, por se tratar de uma pesquisa participante, ao lado da observação, buscamos propor desafios que as incitassem ao deslocamento e a novas perspectivas.

1.4 Pesquisa participante

Foi no adiantado da pesquisa que me debrucei na dissertação de mestrado do João. Tive notícia dela logo no início, mas na enxurrada de textos em leitura, acabei me demorando a esta missão. Meses após a qualificação, não sei se mais tranquila ou afobada, li o texto e pasmei com o parentesco entre aquele e este. A escritura do João esclarecia uma aproximação muito semelhante à minha e fiquei pensando em que momento ele havia-me “contaminado”!

Na pesquisa em que estudou as identidades em mudança de um grupo de surfistas, João, ao dissertar sobre a metodologia percorrida, mencionou os mesmos pés na areia que compareceram à metáfora metodológica que descrevi logo de início. Nossos pés se (re)encontraram por aqui:

Certa vez, num de meus passeios, ao entrar na praia encontrei várias pegadas na areia, as quais formavam várias trilhas. Escolhida uma, passei a segui-la, colocando meus pés exatamente sobre as marcas que ali se

encontravam [...] Após caminhar alguns metros - pé ante pé sobre as marcas - olhei para trás e vi que as pegadas iniciais - aquelas que escolhera para seguir - já não existiam mais, elas desapareceram; e o que ficou inscrito na areia não era nem as minhas pegadas, nem as pegadas do indivíduo que ali passou anteriormente, mas o produto de nossa relação. (MARTINS, 1995, p.113)

João, há décadas, nos falava da interação entre pesquisador e pesquisado – que não se apresenta enquanto um nem outro, também não é a soma deles, tão pouco a anulação de ambos, mas a síntese do encontro. Diante desta perspectiva, na pesquisa participante, seria negligente desconsiderar as pegadas inauguradas - o encontro e as particularidades que o entrelaçar de sujeitos proporciona são inevitáveis, inegáveis.

Para o autor, é na interação com o contexto social do campo de pesquisa que se constrói a identidade do pesquisador e tal encontro “implica o reconhecimento dos aspectos psicológicos envolvidos nesta relação - tendo em vista que ela é um encontro intersubjetivo” (p. 114) - o que faz de toda investigação um movimento de “vira a ser” do investigador.

Desde o princípio tínhamos claro que seria uma pesquisa de caráter participante, inclusive porque, como refere Pedro Demo¹² (BRANDÃO; CAMPOS; DEMO, 1984) – ela envolve dois aspectos – pesquisa e participação. Demo (1995) também anuncia que “o movimento da pesquisa participante tem como um de seus pontos de partida a decepção diante da pesquisa tradicional – que seleciona da realidade o que cabe no método” (p. 230) e o que procurávamos era precisamente um traje que aceitasse os movimentos dos gestos da pesquisa e não aquele que restringisse suas oscilações.

À primeira vista a ideia soa tranquila, uma vez que, pesquisa e participação deveriam caminhar lado a lado e, neste sentido, toda pesquisa se enquadraria em tal descrição. No entanto, como o próprio autor salienta, a compreensão não é tão simples assim. Isso porque, acatar a participação como inerente à pesquisa nos leva ao pensamento de que a construção do conhecimento envolve uma prática, uma ação sobre o objeto/fenômeno a ser conhecido – nas palavras de Demo (1984), quando se pensa em ciências sociais – “a própria realidade social é um produto da práxis histórica e, como tal, a dimensão da prática lhe é constituinte” (BRANDÃO; CAMPOS; DEMO, 1984, p. 13).

¹² Apesar do texto em referência ser um diálogo coletivo, escolhemos falar dos autores em separado porque no próprio texto faz-se a subdivisão entre as ideias de cada um.

Para Demo, prática e teoria são indissociáveis uma vez que “uma teoria sem prática nunca foi teoria, porque não fala das coisas deste mundo e uma prática sem teoria não sabe o que pratica, e já não lhe importa a postura de crítica e autocrítica, que é importante para o conhecimento científico” (BRANDÃO; CAMPOS; DEMO, 1984, p. 13).

De maneira semelhante, Maria Ozamira da Silva e Silva (1986) assinala que “a prática tem primazia sobre a teoria, o que não significa uma contraposição nem anulação, mas uma unidade, uma dependência recíproca e complementar” (SILVA, 1986, p. 48).

Ao lado desta relação entre teoria e prática, Demo apresenta outra questão – prática não necessariamente implica participação. O que ele ressalta é que mesmo que haja uma ação prática na pesquisa, isso não significa que o pesquisador participa, uma vez que esta não preexiste, não está outorgada e nunca é suficiente, porque na participação o pesquisador deveria entrar como assessor, motivador e não como condutor, como frequentemente acontece.

Desta forma, desejávamos nos avaliar implicados e transformados pelas relações, apesar de ponderarmos, conforme adverte Demo, que tal participação e/ou implicação nunca seria suficiente, pelo vício da epistemologia tradicional e pela dificuldade de autorreflexão inerente ao pesquisador – o que sabíamos, nos levaria a deslizes.

Sobre esse aspecto, Carlos Rodrigues Brandão (BRANDÃO; CAMPOS; DEMO, 1984) defende que são mesmo as relações que constroem as teorias e não o inverso, melhor dizendo, é a relação que determina como a pesquisa será feita, não há como controlar os descuidos nem os deslizes, mas há que admiti-los e cuidar para não cair na presunção do domínio sobre o objeto.

Outro aspecto interessante que Brandão apresenta é que a partir do momento em que eu vou lá (a campo), o outro não me aparece mais como dado, mas como vida – “ele aparece para mim como relação concreta, afetiva e social” (BRANDÃO; CAMPOS; DEMO, 1984, p. 17).

Foi exatamente o que sentimos ao longo das aulas – raras vezes me percebi pesquisadora. Era a relação de troca que estava posta, a preocupação com as estudantes, com as mediações que poderiam ser feitas para que elas refletissem e se deslocassem de suas convicções e comportamentos. Era o movimento delas que me retornava às suposições e reflexões que estabelecemos na pesquisa - algumas

vezes como indício do deslocamento das idosas, outras, como sinais de minhas próprias ações e transformações na qualidade de professora, pesquisadora, humana...

Tais situações e sensações me remetem ao pensamento de Martins (1996) para quem, um dos pressupostos da observação participante é o de que “a convivência do investigador com a pessoa ou grupo estudado cria condições privilegiadas para que o processo de observação seja conduzido e dê acesso a uma compreensão que de outro modo não seria alcançável” (p.270).

Acreditamos que estarmos envolvidos com as estudantes em uma relação que foi para além da observação, proporcionou a nós uma vivência singular cujas reflexões teóricas embaralharam-se às emoções e aos afetos próprios de nosso íntimo encontro, possibilitando sentidos e significados mais profundos – de construção de identidades mútuas - relações interpessoais que conduziram nossos pensamentos.

Brandão aponta que é a “convivência que determina a pesquisa participante, e não o contrário; não uma teoria predeterminada” (BRANDÃO; CAMPOS; DEMO, 1984, p. 17). Ou seja, neste tipo de pesquisa o outro não pode ser visto como um dado sobre o qual eu possa exercer controle, mas um outro com o qual eu estabeleça uma convivência. O autor finaliza sua reflexão questionando o estatuto da pesquisa participante enquanto método, para ele, tal pesquisa seria nada mais do que uma atitude da relação pesquisador-pesquisado – a disposição de estabelecer uma nova relação com o outro – e nós nos esforçamos para tentar não perder de vista esta perspectiva durante nossa pesquisa.

Recorrendo a um modelo mais didático que sirva à apropriação e realização da pesquisa participante, Demo (1995) estabelece que para se lançar a esse tipo de pesquisa é interessante seguir o que ele denomina planejamento participante, o qual inclui 1) o autodiagnóstico; 2) a estratégia de enfrentamento prático e 3) a necessidade de organização política.

O primeiro seria a confluência entre o saber científico e o saber popular, ou o saber do grupo a ser pesquisado. Entendemos aqui que se trata do levantamento sobre a realidade do problema a ser estudado, não enquanto algo apartado da realidade, mas como questionamento que emerge da própria realidade. Sobre isso, pensamos que as perguntas e os percursos que foram se configurando em nossa pesquisa surgiram conforme o processo foi sendo constituído. De início,

pesquisadas e pesquisadores não tinham claros os objetivos da pesquisa, porque antes era necessário compreender os clamores daquela realidade, dos sujeitos envolvidos.

A fase do autodiagnóstico, segundo o autor, possui sua face formal que compreende o conhecimento, acumulação e sistematização de dados. Aqui, a técnica do diário de campo foi quem nos amparou (sobre ela falaremos adiante). Foram os dados coletados e registrados que nos ajudaram a tomar consciência do nosso objeto de estudo, de nossa posição enquanto agentes da pesquisa.

No caso de nosso trabalho, os registros das aulas e seus meandros foi revelador do ambiente colaborativo que se instituiu entre pesquisadas e pesquisadores o que nos ajudou a entender que era preciso revolucionar tal relação, porque o que acreditávamos e buscávamos - como disparador do desenvolvimento - eram justamente os embates e as contradições.

Lembro-me do dia em que me sentei animada com o João (orientador) em uma das mesas no *hall* superior da biblioteca da faculdade. As aulas da UATI haviam começado há uns seis meses e eu estava ansiosa por contar a ele as experiências vivenciadas. João ouviu complacente até o final, quando interpretou que ainda estávamos muito no nível da cooperação. Abriu meu caderno de campo em uma folha em branco, pegou a caneta emprestada e rabiscou um esquema repleto de setas, círculos, quadros - constituintes de um enigmático diagrama, sobre o qual me debrucei algumas vezes ao longo da escritura, tentando decifrar e refletir os seguintes registros de punho do orientador - crise, vivência, situação social de desenvolvimento (SSD), significados, deslocamento, continuidade, futuro, não lugar...

Naquele dia, admito ter saído bastante perturbada da prosa, afinal, estabelecer crise numa aula para as idosas parecia contrariar meus “bons costumes”. Como poderia eu instituir uma situação incômoda e dramática àquelas “senhoras”? Não estávamos lá todas ao bel-prazer? Essa perturbação me rendeu dias de angústia permeados por raras luminosidades.

Estava posto o autodiagnóstico que nos alimentava a consciência da pesquisa, consciência essa que passou a fazer parte de meus encontros com as estudantes, que modificou meu discurso, minha ação, meu pensamento e, por conseguinte, passou a integrar a realidade da sala de aula e a desintegrar certas crenças e posturas até então instituídas. Da realidade para o pensamento, do

pensamento para a realidade - a espiral dialética da transformação acenava seus primeiros abalos – os quais não teriam acontecido não fosse a interação pesquisadora/orientador/estudantes e todos os entremeios envolvidos na mesma.

O segundo momento da pesquisa participante, segundo Demo (1995) seria a estratégia de enfrentamento prático que está ligada ao estudo, discussão, pesquisa teórica – que respaldem e fundamentem as ações práticas. É quando o grupo sai da condição de objeto de manipulação para o fazer acontecer. Talvez o autor aqui estivesse se referindo especificamente ao grupo estudado, compreendemos, no entanto, que o fazer acontecer estende-se ao pesquisador, uma vez que as transformações fizeram-se intrínsecas a todos os envolvidos na relação.

Em meu caso, é evidente que junto ao esquema, o João me sugeriu leituras e mais leituras que foram devagar suavizando minhas angústias e intensificando a clareza.

O terceiro momento coloca a necessidade de organização política da comunidade em direção à sociedade que se deseja. Apesar de Demo estar se referindo às comunidades de diferentes classes sociais e à sociedade democrática, compreendemos que poderíamos derivar seu pensamento para o grupo de idosos da UATI enquanto uma comunidade circunscrita em determinados padrões e estereótipos.

Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa passa pelo momento da organização política, pois, ao incitar transformações na forma do idoso significar a si e ao mundo, busca ao mesmo tempo reposicioná-los politicamente na sociedade e promover sua emancipação social. Não se trata de ativismo, mas da construção de conhecimento mútuo.

1.5 Diário de campo – registro

O diário de campo foi o instrumento eleito para registrar e sistematizar nossas observações e reflexões, especialmente porque, como concordam alguns autores, ele “tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las” (ARAÚJO et al., 2013, p. 54).

Desde os primeiros encontros com as estudantes realizamos anotações em caderno as quais, vale destacar, não seguiram uma lógica cronológica, ou seja, não foram realizadas sistematicamente após cada encontro e tampouco registrou-se

todos os encontros. É que alguns não suscitaram reflexões impactantes, outros, fartavam de episódios significativos. Havia situações que pululavam à mente em momento posterior - chegavam de imprevisto, quando o sentido vinha à tona - sabe lá por qual razão. Deixamos nos levar pela presença (ou não) dos sentidos, porque acreditávamos que o que ficava era o que significava.

Adjacente às anotações descritivas das situações vivenciadas eu registrava no diário as reflexões provenientes de encontros com o orientador, com outros autores, comigo mesma, o que nortearam a condução da pesquisa e dos próprios encontros. Desta forma, o diário constituiu-se enquanto dois tipos de materiais, conforme sugerem Robert Bogdan e Sari Biklen (1994) – “o primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações”. (p.152)

Assim, ele se revelou instrumento privilegiado para apreender o caráter subjetivo da pesquisa, justamente porque impregnado de impressões e sensações, o que lhe conferia caráter intimista. Sobre isso Roberto Macedo (2010) comenta que além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, “utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida” (MACEDO, 2010, p. 134).

Como o diário de cabeceira que guarda (e ao mesmo tempo desguarda) os segredos da menina, o diário de campo nos foi revelador. Lembro-me, na infância, quando encontrei a chave do diário cor-de-rosa de minha irmã e, escondida embaixo da cama, descobri que ela um dia soubera que eu surrupiava suas calças jeans para sair com minhas amigas e que depois as guardava, cuidadosamente “dobradas”, na gaveta outra vez – ela sabia de tudo, mas nunca me confessara isso, no entanto, o registro à caneta que fizera no diário, “fichou meu crime para sempre”. Nas entrelinhas da folha rosada, ela descrevera, em minúcias, o furto e a raiva que sentira de mim. Fico aqui pensando como seria se hoje ela lesse aquela anotação... Melhor imaginar que o diário se perdeu em alguma dessas mudanças – afinal, os relatos do diário (da menina ou da pesquisadora) quando recheados de significados, perpetuam sentidos, ainda que possam adquirir novos contornos.

Nessa perspectiva, também assumida por Rita de Cássia Oliveira, o diário de campo “constitui-se um lugar de informação da pesquisa e de formação para o sujeito pesquisador” (OLIVEIRA, 2014, p. 84) o que para nós foi uma regalia.

Vale ressaltar, no entanto, que as situações relatadas e interpretadas neste trabalho, não se restringiram às anotações do diário e, devo declarar, tais registros compareceram em menor parte no nosso texto. O que regeu de fato nossa escrita foram as reminiscências que se tornavam vivas no momento presente em que redigíamos.

É porque muito do que se vivia em dias atrás, vestia na escrita novo sentido, mais ou menos significativo. Situações que talvez tivessem sido menos relevantes lá longe, depois adquiriram aparência expressiva e outras, tão simbólicas em outrora, empós careciam de afetação – porque não foi apenas a experiência do outro que contraiu novo significado com o passar do tempo, mas minha própria experiência - ressignificada a todo instante, porque localizada entre um antes, um agora e um depois e, por isso mesmo, representante da síntese dos planos passado, presente e futuro.

Compreendemos que o tempo consiste em sucessão, continuidade, mudança, memória e criação. E, ao relembrar as experiências vividas com as estudantes, permitimo-nos refazê-las, reconstruí-las e repensá-las com a consciência que no presente tinha delas. Afinal, “o simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista” (BOSI, 1994, p.55). Sobre isso, Adriana Gurgel compreende que “a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente” (GURGEL, 2012, p. 78). Ao refazer, localizamos as estudantes, a pesquisa e nós mesmos no fluxo do devir.

Vale dizer que este refazer, quando materializado através do processo de escritura, consolidou também o processo de reflexão, pois foi preciso transformar o pensamento e a linguagem em uma forma de expressão específica - uma atividade discursiva complexa, que diferia da linguagem oral, justamente por prescindir de entonação expressiva, mímica e/ou gesto.

Para Vigotski “o momento da reflexão no discurso escrito é muito forte; muito amiúde, falamos primeiro para nós mesmos e depois escrevemos: aqui estamos diante de um rascunho mental” (VIGOTSKI, 2001, p. 457). Isso porque, de acordo

com o autor, nosso pensamento não corresponde à organização das palavras que utilizamos para expressá-lo. O pensamento é um ato único e para expressá-lo, necessito de palavras separadas. Quando a expressão é escrita, os recursos expressivos precisam ser bem elaborados, porque não conheço o leitor, nem seus pressupostos de leitura.

Assim, ao selecionar e combinar palavras, acentos, sinais de pontuação, necessitamos revisitar nossos pensamentos, num ir e vir constante de formulação e reformulação, do que resultou que não somente a expressão do pensamento aconteceu durante o ato de escrever, mas a própria (re)elaboração do pensamento passava a existir por meio da escrita. E neste vai-e-vem do texto para o pensamento e do pensamento para o texto, onde passado, presente e futuro fundiam-se, novos e diferentes sentidos e significados foram sendo atribuídos ao longo do tempo no processo de nosso trabalho.

1.6 Análise dos dados – descrição densa

Finalizamos o percurso metodológico de nosso estudo esclarecendo a forma como elegemos analisar as percepções e os sentidos que nos afetaram no decurso do trabalho, de estabelecer uma compreensão melhor situada, de confirmar ou não nossos pressupostos, responder a algumas questões formuladas e ampliar o conhecimento sobre o tema.

Chegamos assim (conforme descreve Clifford Geertz quando se refere ao trabalho de registro do antropólogo) a duas decisões dilacerantes: “o que incluir e como tratar respeitosamente aquilo que é incluído?” (GEERTZ, 2008, p. 7).

Para este fim não seguimos uma técnica específica, até porque, como aponta Stella Taquette (2016) em qualquer técnica de análise, “a interpretação é a principal ação da pesquisa, está presente em todo o seu processo e constitui a parte essencial da análise” (p. 525). Refere a autora que “durante a coleta de dados a análise já está ocorrendo, diferente dos estudos quantitativos que só a iniciam após a finalização da pesquisa de campo” (idem, p.525).

Foi o que aconteceu conosco e, por esse motivo, como comentamos anteriormente, não reservamos nossas impressões apenas para momento propício, mas fomos relacionando a exposição teórica com sensações que a prática trazia. Apesar disso, entendemos que uma análise mais sistematizada era necessária em

determinado momento para substanciar a pesquisa e precisávamos decidir como realizaríamos esse intento.

Mais do que realçar a singularidade das aprendizes, nosso intuito era evidenciar os movimentos do grupo, as relações estabelecidas entre elas, entre elas e a pesquisadora (e vice versa) e entre a pesquisadora e a pesquisa (idem), tendo sempre em vista as possibilidades de ressignificação propiciadas por essas interações.

Entendíamos ser necessária uma forma de seleção e análise que não isolasse, mas congregasse. Não seria possível falar do todo de forma indiferenciada, porque perderíamos referências temporais importantes para a contextualização das vivências, mas também não poderíamos seguir ordem cronológica, porque deixaríamos escapar a dimensão subjetiva da pesquisa.

Escolhemos então separar por unidades de trabalho, ou unidades de compreensão (conforme sugere Ardoino 1995) - as quais nos remetem a unidades de sentido – isso porque, as atividades da UATI, por força de organização da própria instituição, seguem temáticas anuais, que se estendem a todas as disciplinas e encerram com uma apresentação de final de ano (no caso do teatro) e com a publicação de um livro no dia internacional do idoso (no caso da literatura).

Desta forma, durante o empenho desta pesquisa, tivemos o processo de construção e publicação de dois livros e a construção e a apresentação de dois espetáculos teatrais – ambos nos anos de 2016 e 2017 respectivamente.

Os livros receberam o título – 1) *Raízes* (2016) que versou sobre a trajetória histórica das famílias das estudantes e 2) *Mulher* (2017) que abordou a condição feminina a partir da história delas próprias.

As montagens teatrais foram – 1) *Os anos dourados de Amélia* (2016), que questionou o comportamento das mulheres dos anos 50 e 2) *UATI Company* (2017), que “brincou” com as imperfeições e limitações do humano.

Dentro deste processo que durou um ano, pinçamos situações que nos foram significativas e que entendemos relevantes para os objetivos da pesquisa, até porque, “lembança puxa lembrança e seria preciso um escutador [*em nosso caso um leitor*] infinito” (BOSI, 1995, p. 39, inserção nossa). Diante da necessidade de marcar aqui um ponto final e pela impossibilidade humana da reconstituição completa e/ou fiel do passado, a realidade expressa é um recorte/leitura possível, dentre tantos outros, dado o contexto de sua constituição.

Para a descrição das vivências que queríamos destacar, apoiamo-nos na sugestão de descrição densa, referenciada por Geertz (2008), segundo a qual é necessário escolher entre diversas estruturas de significação para então determinar sua importância.

Para o autor, o que o etnógrafo (pesquisador) enfrenta é uma “multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2008, p.8).

Assim fomos conduzindo nossas observações, tentando ler o manuscrito de nossas idosas, inicialmente estranho, “desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 2008, p.8).

Cientes de que nossas interpretações eram de segunda ou terceira mão, porque não somos ainda idosos e porque falamos por alguém (e de alguém) que reside em um tempo e espaço diverso do nosso, construímos uma ficção em torno do processo de envelhecer, “que não se trata de falácia, mas de uma interpretação possível, por meio de descrições minuciosas, que ao invés de generalizar através dos casos observados, intenta generalizar dentro deles” (GEERTZ, 2008, p.18).

Afinal, como o próprio autor conclui “a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa”. Isso porque o autor a considera uma ciência estranha, “cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta” (idem, p. 20).

Trazendo tais reflexões para nosso campo de pesquisa, pensamos que estudar o processo de envelhecimento das idosas, nos permitiu um aprofundamento nos meandros deste processo, um destrinchar dos movimentos do envelhecer, mas somente daqueles que nos fizeram sentido, que nos comoveram e construíram o enredo de nosso encontro – único.

1.7 Afetos na/da pesquisadora

No abotoar da última casa de nossa veste metodológica, gostaria de retornar ao encontro que tivera com João no dia em que me atrasei no mercado porque precisava comprar pão com mortadela para os meninos...

Após ele me contar o quanto e o como o texto de nosso trabalho o afetara, concluiu a conversa (que fora longa) dizendo que eu pouco havia me colocado e que ele sentira falta de certa subjetividade no tal escrito. Fiquei confusa e não entendi bem o sentido do que ele me dizia naquele dia, até porque, pensava eu - havia redigido tantos fatos de minha história, feito tantas elucubrações e reflexões sobre meu percurso que não compreendi ao certo o que carecia.

Foi na leitura de Gilbert (2001), indicada pelo próprio João, que pude “sentir” o que ele me proferira – “espera-se que cada vez mais pesquisadores sejam afetados emocionalmente pelo processo de pesquisa” (GILBERT, 2001, p. 4, tradução nossa).

Era da emoção que ele falava. Sentimento que preferimos reservar para prefácio, apêndice ou nem citar – tamanho é o medo que se tem de tornar o trabalho inadequado, afinal, no percurso histórico da construção do fazer científico, “foi dada muita ênfase aos perigos das emoções e à cautela necessária ao longo do processo de pesquisa” (GILBERT, 2001, p. 7, tradução nossa).

Ao contrário deste pensamento, a autora acredita e defende que as emoções contribuem positivamente para o trabalho de pesquisa qualitativa e que o objetivo final desta deveria ser entrar no mundo do outro e enxergar a vida por meio dos olhos desse outro. Tal exercício, de acordo ela, não pode ser apenas intelectual, “mas como um processo de exploração e descoberta que são sentidos profundamente – ou seja, a pesquisa é experimentada intelectualmente e emocionalmente” (GILBERT, 2001, p. 9, tradução nossa).

A que nos referimos quando falamos em emoções? É a pergunta que a própria autora formula, uma vez que, segundo seu entendimento, há uma falta de clareza a respeito do termo que aceita diversos sentidos como – sentimentos, sensações, movimentos, o que é íntimo ou pessoalmente significativo, que afeta profundamente. Ou ainda, algo que vem de algum lugar dentro de nós mesmos e que nos torna verdadeiramente humanos.

Para Gilbert (2001), diante dos vários sentidos que assume, a emoção poderia ser referenciada como algo variado e complexo, não intencional e

intencional, socialmente construído, algo em que nos envolvemos ativamente e que se encontra entrelaçado com nosso sistema de valores – extrapolam nossas sensações fisiológicas, apesar de muitas vezes serem experimentadas fisiologicamente.

De acordo com ela, são as emoções (moldadas por nossa experiência de vida) que orientam nossas interpretações sobre o que experimentamos do que depreendemos que as emoções são derivadas daquilo que nos afetam, porque nos fazem sentido ou não.

Talvez o primeiro texto que entreguei ao João, estivesse ainda essencialmente no plano do intelecto, do afastamento - é porque na epistemologia ocidental a emoção é vista com desconfiança e até hostilidade, que de acordo com Gilbert “é evidenciado na forma como é (e não é) incorporada na pesquisa e a falta geral de interesse na discussão pública de nossas reações emocionais” (GILBERT, 2001, p. 10, tradução nossa). Diante disso, somos encorajados a controlar ou mesmo suprimir tais reações, “mas essa ‘remoção’ das emoções do processo de pesquisa não significa que as emoções não estão presentes nem garante que as emoções ocultas não afetam o processo de pesquisa” (GILBERT, 2001, p. 10). Segundo a autora, se não quisermos ser desonestos a respeito de como os fenômenos foram interpretados, precisamos ser honestos a respeito de nossas emoções e torná-las conhecidas em nosso relato.

Para Gilbert (2001), ao invés de evitar as emoções, devemos fazer o uso consciente e inteligente das mesmas em prol de nosso processo de pesquisa - precisamos ser auto reflexivos a fim de evitar que os significados íntimos e afetivos do pesquisador encubram a compreensão do fenômeno.

Eis nosso receio - encontrar o equilíbrio do engajamento emocional na pesquisa, pois ao mesmo tempo em que a autora lembra que o afastamento das emoções pode por a perder elementos importantes ao nosso estudo, adverte que “é preciso abandonar as emoções consideradas inapropriadas para a tarefa em questão” (GILBERT, 2001, p. 12, tradução nossa).

Para terminar este pensamento, arrisco um engajamento emocional com a presente pesquisa, na pretensão, ainda receosa, de certo equilíbrio entre objetividade e subjetividade e de responder a mim mesma a pergunta que fiz às alunas no início da pesquisa – A que estavam ali? A que estou aqui? A que estamos todas?

O que é importante dizer...

Papai falecera em abril de 2016 – aproximadamente um ano após o início de meu trabalho na UATI. A data de sua partida coincidiu com o dia da semana que eu lecionava literatura na universidade e o enterro fora em Piracicaba – cidade onde morava meu pai. Avisei a coordenadora sobre o acontecido e justifiquei minha falta naquele dia.

Dos irmãos, sou a que moro mais longe... Mamãe e o irmão residem em São Paulo, a irmã, em Piracicaba. Foram difíceis os últimos dias de hospitalização de papai, especialmente porque não pude estar perto e foi justo na quinta-feira, um dia antes da data do ônibus até ele, que seu coração decidiu serenar.

Passado o luto do enterro, retornei à Ourinhos e, na quinta feira seguinte, fui à UATI lecionar. Ao chegar, a coordenadora postava-se em pé à frente da sala e proferiu às estudantes, em respeito cerimonial, a notícia do falecimento de papai. A emoção veio depois, quando as alunas – por volta de quarenta - uma a uma, levantaram-se para me abraçar, me acalantar. Foi meu velório da alma. E naquele dia, distante que sou dos irmãos, mãe, primos e tias, entendi a que eu estava ali. Misturada à professora e à pesquisadora, há também a “menina”, como elas insistem em me chamar e esses afetos, aparentemente díspares, convivem uns com os outros, complexificando a minha compreensão a respeito do que foi vivenciado ao longo desses dois anos.

Convivi pouco com meus avós, havia distância física e afetiva entre nós e talvez conviver com os idosos seja uma forma de aprender o afeto dos mais velhos, de saber da avó que posso ser um dia, de conhecer a velhice com a qual não tive intimidade, de abrandar a saudade do pai. Talvez... Porque os motivos inconscientes que me arrojam a essa pesquisa, aqueles mais profundos – esses eu não sei bem.

Espero que ao longo das próximas linhas eu consiga trazer o equilíbrio emocional sugerido por Gilbert (2001) e seja leal a meu comprometimento íntimo e afetivo com os idosos de minha vida, comigo mesma, sem, no entanto, deixar que eles confundam a compressão de nossa pesquisa. Será esse nosso empenho.

2 Paradoxos da longevidade

Neste capítulo faremos algumas reflexões sobre os paradoxos da longevidade discorrendo a respeito de duas ideias antagônicas que convivem par a par – de um lado, o desejo de muito viver e, de outro, a repulsa ao envelhecer.

2.1 Velhice bate à porta

“Os quarenta” chegaram. É certo que não foi assim, de uma vez. Anunciou a vinda há uns cinco anos quando enviara um buquê de rugas com ramos grisalhos, acompanhado de um cartão que narrava um conto vivido até ali. Seria a consciência da idade que me ajuda a decifrar o corpo ou é o corpo e seus sinais que me ajudam a contar a idade? Não sei bem...

Se aos 15 anos eu tivesse me deparado com o retrato de 40, talvez sentisse medo desta figura, mas as mudanças são generosas e ocorrem sutilmente, sem que possamos compreendê-las. O tempo não é visível a olho nu. Quanta providência!

As mesmas pernas, braços, face. Os mesmos? Sim, troquei de pele, perdi cabelo, mas pouco cresci em centímetros dos 14 até aqui. Daquela época, há três jeans no armário que ainda me servem na medida, mas não me vestem mais na identidade. Recordo-me do vestido curto com flores miúdas de todo dia, certa vez – faz tempo - sem dar explicação, destooou da minha “nova” tendência. Tirei o vestido, pendurei no cabide por anos. Depois, numa dessas limpezas, coloquei na sacola e entreguei a alguém. Hoje, lembrança...

Confesso que me assustei quando “Os quarenta” chegaram, não foi de repente, mas devo dizer... aconteceu de um dia para o outro. Antes, era um registro na agenda e, justo no dia do meu aniversário, ele simplesmente veio. Enquanto estava anotado, era apenas projeção do futuro, até a data em que se concretiza e... Sem mais nem menos, tornei-me uma outra, mas ao mesmo tempo, permaneci eu mesma. Nada mudou, ou talvez já estivesse diferente. Como Manoel Berlinck (2000) comenta, há um descompasso entre o que a pessoa mais velha sente dentro dela e o que de fato acontece com seu corpo, pois “quando menos espera percebe que sua vista não mais alcança, o ouvido não mais ouve, a pele enruga, os cabelos caem, o peso torna-se um problema e só a alma permanece jovem” (p.193-194).

Passada a cerimônia de apagar velas, “Os quarenta” estava formalizado. Fazer o quê? A pergunta foi colocada com a devida seriedade. O que uma pessoa de 40 anos deve fazer, pensar? Como devo agir daqui em diante? Preciso começar a projetar meus 50, 60, 70?

A vida é um eterno devir... E falo de devir aqui no sentido do inacabamento humano, como sugere Newton Aquiles Von Zuben – “com o fim das certezas e a irrupção das incertezas, penso que se deva recuperar a ideia do devia, do sendo, do tornar-se, da inconclusão, do inacabamento essencial” (ZUBEN, 2003. p. 169).

O paradoxo assustador é que ao lado da ideia de inacabamento, do movimento, do devir, há a certeza do arremate da linha vital – enredo para as cartomantes e ciganas.

Norbert Elias em seu livro “*A solidão dos moribundos*” (2001) refere que a visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas que as pessoas constroem contra a ideia da própria morte. Não queremos morrer, apesar da convicção de que a morte está a caminho. Para ele, há várias maneiras de lidar com o fato de que todas as vidas têm um fim. A forma mais comum é a crença de que há vida após a morte, seja no mundo subterrâneo dominado por Hades, seja no mundo superior de Zeus.

Outra forma de lidarmos com o fim da vida seria afastá-lo de nós tanto quanto possível, como se os outros fossem morrer, menos “eu”. Finalmente, para Elias, podemos considerar a morte como um fato de nossa existência e ajustar nossa vida para seu limite inerente, tornando o seu fim fácil e agradável a nós e aos outros.

Para o autor, muitas pessoas morrem gradualmente, envelhecem, adoecem - a partida começa muito antes da morte e a fragilidade dos mais velhos é suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Esse isolamento precoce é uma das tristezas da atual sociedade: os vivos, por não se identificarem com a morte iminente, distanciam-se daqueles que a coloca a descoberto. Em suas palavras, “o problema da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos” (ELIAS, 2001, p. 9).

A esse respeito, peço licença para narrar um acontecido - há alguns meses estive em um velório do único estudante homem da UATI.

Diferente de velório de pessoa jovem, onde os amigos e familiares ressentem as perdas e a incompletude de planos e projetos; na despedida de pessoa idosa o clima é delicadamente festivo, ali se celebra os grandes feitos, a missão cumprida,

os projetos conclusos e a herança de vida. Há saudosismo em ambos, mas inconformismo em um e certo conforto no outro.

O que gostaria de narrar, em especial, é o movimento dos idosos que participam do grupo da UATI. Na ocasião, sentavam-se em grupo e preenchiam grande parte de bancos e cadeiras do local – marcavam presença. Falavam alto, gesticulavam, brincavam, se abraçavam e... celebravam a vida! Ao lado da morte, fazia-se ali a consciência da vida e o desejo de afastar-se daquela realidade que não se almeja e da qual queremos nos afastar. Felícia¹³, a veterana da turma, ao abraçar-me na despedida do enterro sussurrou-me ao ouvido: “- Posso ser a mais velha, mas garanto professora, não sou a próxima da fila”. E sorriu - um riso discreto, satisfeito, vivo!

No gracejo de Felícia se revela a consciência da chegada da morte – ou seria o contrário - a morte trouxera a consciência da vida? Podemos supor que ela sabe que a finitude é inevitável e a sente cada dia mais próxima, mas sente-se viva e celebra a existência. Como refere Maria Letícia Barreto “na velhice, o problema mortalidade/imortalidade deixa de ser filosófico, religioso, cultural: é existencial. Assumir a velhice exige um posicionamento diante dessa que deixa de ser *uma questão* para ser *a questão*” (BARRETO, 1992, p. 34-35).

Conjeturar a próxima da fila gera angústia, receio, preocupação, mas também a consciência de que existe a fila e que enquanto não chegar nossa vez, resta-nos viver. Porque “mortalidade/imortalidade é o grande tema existencial da velhice” (BARRETO, 1992, p.36). Penso que Elias (2001) tem razão, vivemos um conflito existencial - nossa única certeza é também nossa maior negação.

Negação? Para alguns, para outros – resiliência. Como no caso de Maria¹⁴, uma senhora de 85 anos de idade, com quem tenho encontro marcado

¹³ Todos os nomes das participantes utilizados na pesquisa são fictícios, a fim de manter o resguardo da identidade. No entanto, não foram selecionados ao acaso, porque pessoas tão importantes não poderiam ficar com nome qualquer. Assim, foram escolhidos ora pelos sentidos atribuídos a tais nomes (e que eu achei combinarem com o que cada uma a mim representa) ora pela minha relação com o próprio nome, ora pela relação delas mesmas com seus nomes. Os significados foram todos retirados do site <www.dicionariodenomesproprios.com.br>.

- Felícia: significa feliz, venturosa, sortuda, bem-sucedida – porque é a mais velha da turma e também a mais bem disposta. Sempre rodeada de amigos e família.

¹⁴ Maria: porque o nome real dessa querida senhora, ela nunca apreciara. Todas as outras que ela conhecera de nome igual ao dela eram altas e ela nasceu baixinha - é a justificativa que me dá para justificar o desgosto do nome. Seu sonho sempre fora ser Maria, como sua irmã. Pronto! Porque sempre quis, aqui ela será Maria.

semanalmente¹⁵. Dia desses fez a seguinte reflexão: *Eu tinha muito medo da morte. Hoje, penso que vivemos um grande sonho e que acordaremos quando morrermos.* Maria construiu, simbolicamente, o conforto para sua partida.

Mike Featherstone (1995) ao comentar sobre o significado da vida/morte, refere que, em decorrência da dimensão simbólica do ser humano, há possibilidade de atribuirmos significados diversos ao curso de vida – evolução, progresso, desenvolvimento, conhecimento, bondade... Como fez Maria, para quem a morte, antes temida, é agora representada como um despertar. A mim foi triste o enterro do “único homem” – tão querido, tão “presente”! Nada fácil retornar à sala sem ele.

Featherstone também comenta que enquanto os românticos dos séculos XVII ou XIX entendiam que o curso de vida se inicia com a vitalidade infantil e termina com o declínio e a languidez da velhice, para as civilizações religiosas do passado o curso da vida não se restringia à dualidade vida e morte, céu e inferno, mas a algo que se reiniciava através de um novo ciclo – a reencarnação. Portanto, conclui ele, “para certas pessoas o curso de vida é parte de um processo maior” (FEATHERSTONE, 1995, p. 7).

Processo maior... Seria a vida o sonho de Maria e a morte o despertar? Confortante a ideia, mas confesso que aos 40 ainda sinto “sono” de viver e não pretendo “acordar” tão cedo. Melhor desligar o despertador!

Elias (2001) comenta que não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para o ser humano. A cada ano, meu futuro fica mais limitado, finito. Quarenta anos - cronologicamente distante do fim da vida, porém, nos arredores da metade. Olho para trás e avisto o tempo equivalente ao que ainda viverei. A “quarentena” provoca pensamentos sobre o que já foi e o que está por vir. Olho adiante e vejo minha própria velhice ilustrada em meus pais, tios, tias - ainda não me reconheço neles, mas devagar tomo consciência do que pode chegar.

Papai fora diagnosticado com Parkinson aos 60 anos de idade, viveu por mais 14, inventando artimanhas para trapacear a teimosia do corpo. Dizia ele que o Parkinson trouxera a consciência da complexidade contida em ações simples como o caminhar, por exemplo. Aquilo que antes ele executava sem pensar - no automático, devagar foi solicitando estratégia. Por vezes encontrei meu pai

¹⁵ Maria fora diagnosticada com Alzheimer, mas creio que ela repete o que quer que permaneça, o que é importante, o que ainda a aflige - o que precisa ressignificar. Eu a atendo em consultório há 4 anos e a “escuto” todas as vezes com surpresa, porque cada vez é diferente!

estacionado no corredor a ponderar os comandos que precisava enviar ao cérebro para mover suas pernas. Paciente, ele decompunha cada passo em um conjunto de micro oscilações atenciosamente calculadas e depois, resiliente, as executava - uma a uma, pé ante pé.

O devir assusta quando, junto a ele, vem a identificação com o sofrimento, com a doença. Como salienta Elias: “não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado” (ELIAS, 2001, p. 80).

Meus “quarenta” somados à experiência com meu pai trouxeram-me, nos últimos anos, uma preocupação maior em relação ao envelhecimento, especialmente porque na fase da vida em que me encontro - quando já não se tem todo o tempo do mundo pela frente, aceitamos com mais sensatez a noção de nossa mortalidade e experimentamos com mais frequência a perda de pessoas queridas, aquelas que nos pareciam eternas - como Celina, que precisava viver para sempre, porém, como se devia esperar, faleceu aos 90 anos, durante a escritura desta pesquisa. Terminei essa reflexão com um texto dela. Antes, porém, apresento Celina...

Professora de história aposentada que enquanto viveu manteve a agenda preenchida por palestras e cursos a ministrar. Era integrante do grupo de memória autobiográfica da PUC/SP e costumeiramente publicava seus pensamentos, contos e crônicas em periódicos. A última vez em que nos vimos foi em 2013 no “I Congresso de Cuidadores de Idosos” em Aveiro/Portugal.

Mãe da “amada mestra” Inês (orientadora de mestrado), detinha carisma e sensibilidade espantosos. No congresso, ao final da primeira palestra, pediu o microfone para realizar suas preciosas observações e diante da simpatia e espontaneidade arrebatou risos, suspiros e encantamentos da plateia. Nos intervalos do evento, distribuiu poemas a outros congressistas, tomou vinho, comeu ovos moles e “falou pelos cotovelos”. Sua comunicação oral versava sobre as relações transgeracionais e o artigo que publicou fora construído em conjunto com seu neto Fernando e sua filha Inês.

Lembrança divertida aconteceu neste encontro... No amplo anfiteatro em que assistíamos às palestras, em dado momento, alguém, por descuido, deixou uma borracha verde e redonda rolar escada abaixo e Celina, assombrada, exclamou: - De onde surgiu essa azeitona? Quanto riso!

Recebi a notícia do falecimento pela Inês, que conhecendo a admiração que eu tinha pela mãe, enviou-me uma de suas reflexões. Dias depois, pelo encanto do texto, pedi autorização para publicá-lo aqui.

Ao telefone, Inês autorizou e referiu que o tal texto fora flagrado em um dia em que Celina, depois de levantar-se do computador, esqueceu a “tela” aberta. Descuido? Previsão?

Abaixo, um trecho do registro deixado no monitor - compassivo, profundo e com a legitimidade de quem já trazia, em pensamento, certa intimidade com a finitude.

Temos certeza de que vamos morrer, mas quando refletimos sobre a morte, é sempre com base na experiência que temos da morte dos outros porque, da nossa própria, não teremos como nos expressar.

Quando morre alguém que amamos, a dor que nos invade é pela certeza de uma ausência que, sabemos, é para sempre. Num primeiro momento a dor, a saudade, nos impedem de perceber uma outra forma de presença. A nossa dor nos cega.

Mas então, em nosso íntimo ou em conversas com pessoas próximas, começamos a lembrar gestos, palavras, expressões, comportamentos da pessoa querida. Se prestarmos atenção, veremos que eles adquirem um significado que não tinham em vida. E a partir daí, viva em nossa memória, reconhecemos um outro tipo de presença, diferente da corporal, que não elimina a saudade, mas a suaviza.

Presença diferente, mas real, tão real que é capaz de atuar em nossa vida, em nosso modo de pensar e de ser.

É como uma espécie de ressurreição!

(Celina Monteiro, 2011)

Os “velhos queridos” que partiram, deixaram fumaças de lembrança que, como poeticamente escrevera Celina, adquirem outros significados, ressurgem em mim sob a forma de novos pensamentos e afetos os quais me comoveram durante a pesquisa. Sinto falta de Celina, de meu pai, de meus avós... De tanta gente!

2.2 Envelhecimento e suas contradições

Na atualidade, fala-se muito em velhice, envelhecimento, terceira idade... Isso porque, de acordo com diversos autores¹⁶, o aumento da expectativa de vida nos últimos tempos vem alertando profissionais e estudiosos de todas as áreas. Há uma

¹⁶ Cordeiro (2015); Gonçalves (2015); Teixeira (2015); Debert (2010); Justo (2010); Silva (2008); Neri (2006); Veras (2001); Carlos (1999); Veloz (1999).

previsão de que a população idosa deve atingir o patamar de 1,2 bilhão de idosos no ano de 2020 (TEIXEIRA et al., 2015).

De acordo com o Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde (2015)¹⁷, devido ao fato de que a cada ano há um maior número de pessoas nascendo em comparação ao de pessoas morrendo, em 2015 já se registrava 810 milhões de pessoas acima dos 60 anos. Estima-se que no final de 2011, a população mundial havia ultrapassado os sete bilhões de pessoas e, até 2100, se prevê que aumente para 10,9 bilhões e que mais de 50% desse aumento (por volta de 4 bilhões) será de pessoas acima dos 60 anos.

O mesmo relatório afirma que 2050 será um divisor de águas demográfico, uma vez que 20% da população mundial estará acima dos 60 anos, comparado com somente 8% em 1950 e 12% em 2013. Haverá mais de dois bilhões de pessoas acima de 60 anos e o número destas irá ultrapassar o número de crianças abaixo dos 15 anos.

A maioria dos países desenvolvidos estará nessa lista, mas também estarão nela incluídos a maior parte da América Latina e grande parte da Ásia, inclusive a China. Atualmente, o Japão é o único país com tal proporção de idosos.

O relatório também chama a atenção para o fato de que as taxas de fecundidade estão caindo rapidamente. Em 2010, 75 países, incluindo 30 países de baixa renda como o Sri Lanka, já apresentavam taxas de fecundidade abaixo no nível de reposição e esse menor número de crianças nascidas viverá mais do que seus pais e avós.

Ainda de acordo com o relatório, no âmbito mundial, a expectativa de vida ao nascer alcançou 69 anos entre 2005–2010; vinte e dois anos a mais do que entre 1950–1955. A expectativa realista é de que ultrapasse a marca dos 70 anos nos próximos anos e de que em meados deste século chegue a 77 anos.

Durante as últimas três décadas no Brasil, por exemplo, os bebês nascidos ganharam, a cada ano, quatro meses e 17 dias de expectativa de vida, o que totaliza um bônus de 12 anos de vida em uma única geração. A expectativa de vida para uma pessoa de 80 anos em nosso país aumentou de 6,1 anos em 1980 para 8,6 anos em 2010.

¹⁷ Dados retirados do seguinte documento: CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL. Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Rio de Janeiro: ILC, 2015. Disponível em: http://ilcbrazil.org/wp-content/uploads/2016/02/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf, consultado em: 24/06/2018.

Os grupos populacionais mais velhos, e aqueles acima dos 80 anos em especial, estão crescendo proporcionalmente mais rápido do que qualquer outra faixa etária. Esse processo está ocorrendo mais rapidamente em países de baixa e média renda do que nos países de alta renda, onde a transição demográfica já está mais estabelecida.

Estes e vários outros dados, constituem o que o relatório mundial sobre envelhecimento e saúde denominou enquanto uma revolução da longevidade, ao que, o próprio relatório avalia, nenhum país pode se declarar completamente preparado. O documento alerta que o desafio maior de tal revolução é dos países menos desenvolvidos - onde se encontra a maioria dos idosos do mundo, onde essa população vem aumentando mais rápido e onde os determinantes sociais de doença são ainda mais evidentes.

Diante deste cenário, Maria Cecília Minayo e Carlos Coimbra Jr., já no ano de 2002, salientavam que a longevidade da população era um fenômeno mundial que determinaria importantes repercussões no campo social e econômico os quais necessitavam ser estudados e cuidados a fim de garantir qualidade à longa vida.

Basta observar ao redor e encontraremos hoje idosos de 80, 90 anos caminhando pelas ruas, participando de atividades diversas, frequentando espaços públicos, fazendo exercícios físicos, exercendo um ofício, participando de Universidades Abertas da Terceira Idade (UATIs)... Como a aluna mais velha da UATI - Felícia, que com 89 anos ainda trabalha no restaurante da família na qualidade de caixa – ali ela passa o dia somando dinheiro, calculando troco, distribuindo balinhas e sorriso.

No entanto, não são todos que, na idade avançada, têm essa disposição física e, apesar do debate sobre o envelhecimento ser atual, a preocupação com a velhice sempre existiu. Vivemos mais anos hoje e talvez isso só adie sentimentos que são inerentes àquele que está nas décadas finais da vida.

Elias comenta que no século atual as pessoas vivem mais seguras se comparado com as sociedades medievais, época em que se matava e se morria mais em combate. A medicina, aliada aos mecanismos que asseguram a vida, tornaram-na mais longa. Nas nações mais desenvolvidas, a proteção das pessoas contra os golpes brutais de morte repentina e doença é muito maior que anteriormente. “A expectativa de vida relativamente alta dos indivíduos é um reflexo do aumento de segurança” (ELIAS, 2001, p.14).

O autor ressalta que entre os cavaleiros do século XIII, um homem de quarenta anos era visto como quase velho. Quarenta anos? Retorno a minhas inquietações com a idade, mas logo me tranquilizo, pois nas sociedades industriais do século XX, como prossegue o pensamento de Elias, uma pessoa com quarenta anos é considerada ainda jovem: jovem com quarenta, mas “velha” com oitenta, a preocupação com a idade foi adiada, mas chegará a seu tempo.

Apesar das reflexões sobre a velhice serem contemporâneas, nunca esteve “fora de moda” e há textos de longa data que apresentam ideias bem condizentes com as discussões que encontramos atualmente. A exemplo da obra de Marco Túlio Cícero (1998), expressivo político, poeta e homem das letras do século I a.c. que viveu 63 anos (106 a.c. – 43 a.c.) e no ano de 44ac escreveu *Cato Maior De Senectude*, livro em que apresenta um diálogo entre Marco Pórcio Catão, Caio Lúlio e Cipião Emiliano.

O tema da obra é a velhice. O texto é dedicado ao grande amigo de Cícero – Tito Pomponio Ático e o autor justifica: “afigurou-se-me, porém, agora escrever algo para ti sobre a velhice, na verdade, devido a este fardo de uma velhice, que nos é comum e certamente se avizinha e já fustiga” (CÍCERO, 1998, p.11). Naquela época, Cícero considerava-se um homem velho, perto da morte, que veio a ocorrer de fato, no ano seguinte.

No diálogo, Catão, personagem da obra, estabelece que a velhice não deve ser um mal para o homem sábio e refuta quatro objeções feitas a este período da vida: a de que a pessoa velha se afasta do mundo dos negócios, que tem seu corpo enfraquecido, que perde os prazeres da vida e que se encontra perto da morte.

Catão inicia sua fala afirmando que a senectude é penosa somente àqueles que não têm recursos para viver bem suas vidas, para os quais nenhuma idade é suficientemente boa. Segundo ele, os insensatos atribuem à velhice defeitos e culpas que são deles próprios.

Contra a primeira objeção, a de que a velhice nos afasta dos negócios, Catão diz que talvez os negócios que são realizados com o vigor da juventude não caibam a velhas/velhos, mas há outras atividades que pode executar, com muito mais exigência e qualidade do que seriam capazes os mais jovens. Catão compara a pessoa velha ao timoneiro que segura o leme sentado à popa tranquilamente, não tem a destreza física do jovem, mas guarda o conselho, a autoridade e o prestígio.

A segunda objeção, a de que a pessoa velha tem seu corpo enfraquecido, também é refutada por Catão o qual diz que há diferença entre velhice e falta de saúde, uma vez que a segunda limita a força do corpo, mas nenhuma das duas impede a força intelectual. De acordo com Catão, assim como há jovens que não gozam de boa saúde, há também velhas e velhos. Para ele, ter ou não ter saúde não é uma característica inerente à idade.

À terceira acusação - o fato da velhice estar privada de prazeres, Catão refuta apoiado na ideia de que a velhice nos livra dos erros da juventude. Em sua opinião, quando o prazer é demasiado longo e intenso não há o discernimento do espírito, desta forma, a velhice viria eliminar a ânsia de fazer o que não deveria ser feito. Afirma que o estímulo provocado pelos prazeres é menos intenso na velhice, o que não considera ruim, pois se aquele que não deseja não sente falta, então se é mais feliz quando não se deseja.

Finalmente Catão termina o diálogo refutando a quarta acusação - de que a velhice se encontra perto da morte, que não seria exclusividade da(o) velha/velho, uma vez que a morte é comum a todas as idades, o que muda é a expectativa de vida. Se por um lado, o jovem espera viver vários anos, mas não tem a certeza de que chegará à velhice, por outro, o velho não tem expectativa de muitos anos de vida, mas encontra-se em vantagem com relação ao jovem, porque alcançou aquilo que esperava – vida longa.

Respeitados época e contexto em que Cícero escreveu seu diálogo, é curioso notar que suas reflexões ressoam em nosso mundo contemporâneo. Ao fazer uma breve exposição do diálogo, a intenção foi mostrar como os sentimentos que envolvem a velhice são sentimentos humanos que atravessam gerações, cultura, tempo e espaço.

Sentimentos por vezes ambíguos e diversos, a depender do contexto histórico, social e cultural em que o sujeito se encontra. É o que demonstra o trabalho de Silvana S. C. Santos (2001) que nos apresenta a visão de filósofos na antiguidade oriental e ocidental e nos mostra que a forma como a velhice é percebida sofreu modificações ao longo do tempo e do espaço.

A autora destaca a China enquanto uma civilização que desde a antiguidade até os dias atuais coloca a pessoa idosa em condição privilegiada, o que se deve especialmente aos filósofos Lao-Tsé (604-531a.C.) e Confúcio (551-479 a.C.).

O primeiro entendia a velhice como um momento supremo de máximo alcance espiritual e os 60 anos como a idade em que o ser humano se liberta do corpo e atinge a santificação.

Confúcio, por sua vez, cujo pensamento estava baseado no modelo de família patriarcal, entendia que todos deviam obediência ao ser humano masculino mais velho. De acordo com o filósofo, a mulher idosa, apesar de subordinada ao homem, passava a ter mais poderes do que o jovem masculino e exercia influência preponderante na educação dos netos.

Para Confúcio, na velhice se adquire a máxima sabedoria, o que confere aos mais velhos autoridade sobre os demais e impõe aos filhos a piedade filial e o compromisso de garantir a felicidade e o bem-estar dos velhos pais em vida.

No ocidente, Santos (2001) refere que o primeiro texto sobre a velhice escrito foi no Egito, por Ptah-Hotep o qual a descreve como uma fase penosa, sem sentido – a pior desgraça. Da mesma forma, na Grécia antiga, o corpo jovem e saudável era cultuado e preservado enquanto a velhice era desdenhada e temida.

Simone de Beauvoir (1990) também apresenta a visão negativa de alguns personagens da Grécia antiga, como Minermo que rejeitava a velhice, Anacreonte para quem a velhice era a perda dos prazeres da vida e Titon que declarava preferir morrer a envelhecer. Da mesma forma Homero, apesar de associar a velhice à sabedoria, afirmava que os deuses rejeitavam o envelhecer.

Philippe Ariès (1986), em sua obra *História social da criança e da família*, embora não estivesse debruçado sobre o tema da velhice, fez algumas considerações sobre esta fase da vida compreendendo-a enquanto identidade cultural de uma sociedade – “antes do século XVIII, a velhice era considerada ridícula; no século XIX, sábia; no século XX, a velhice como conceito biológico e moral desaparece” (ARIÈS, 1986, p. 23).

O autor refere ainda que na modernidade há uma pressão social exercida no sentido de negar a velhice enquanto tal e uma valorização à pessoa que consegue disfarçá-la fisicamente e/ou psicologicamente. Ariès (1986) conclui afirmando que já não há valorização alguma da velhice.

Assim, ainda que procuremos localizar a pessoa idosa no contexto histórico atual e compreendê-la a partir do mesmo (o que se faz de suma importância), vale lembrar que em nossa cultura ocidental, a ideia de certa desvantagem da velhice,

em relação a outros períodos da vida, é preponderante e encontra raízes em tempos longínquos.

A esse pensamento, Silvana Tótorá (2015) acrescenta que a forma de conceituar a velhice no ocidente considerou-a como um problema não apenas teórico, mas cujas intervenções e soluções estiveram ancoradas no conceito negativo do envelhecer. Para a autora, a velhice, ao se relacionar com a doença, perda de força e vitalidade, nos coloca em contato com a finitude. E, “em uma sociedade em que o regime de verdade pretende exorcizar a morte e, dessa forma, poder governar os vivos, a velhice constitui-se em ameaça” (TÓTORA, 2015, p. 43). Para ela, exorcizar a morte é desgastar-se na tentativa de estancar o tempo.

Talvez a debilidade física somada à proximidade da morte sejam fatores tão temidos pelo humano que ao serem escancarados pelo corpo idoso geram em nós a necessidade de certo afastamento e desmerecimento – uma espécie de autodefesa contra aquilo que não aceito em minha existência. É como se a pessoa idosa fosse um ser estranho, com o qual não me identifico nem me reconheço, como nos dizeres de Beauvoir “para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme [...] a atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiura, pela doença” (BEAUVOIR, 1990, p.51). Assim, tratar o envelhecer como um mal constitui a declaração de aversão à velhice.

O valor aos excessos de prazeres e o culto da felicidade como ausência de sofrimentos, doença e dor colocam o sujeito idoso no lugar da privação. “O corpo suscetível às doenças transforma-se em um fardo difícil de carregar. O desejo, na perspectiva de algo que se quer alcançar, traduz-se como carência” (TÓTORA, 2015, p.23). Isso porque se atribui à juventude o florescer da alegria e da vitalidade. Cristalizações desmerecedoras tanto para um como para outro, afinal, “vida sem sofrimento é quase não vida e querer uma vida sem doença, dor e morte é o mesmo que dizer não à própria vida” (TÓTORA, 2015, p.24).

Para Tótorá (2015) “as rugas expõem as dobras de uma subjetividade resistente [...] encontrar a juventude de cada idade não é imitar o jovem, mas renovar-se, abrir-se aos afetos”. (p.76).

Lembro-me de meus avós, faleceram quando eu ainda era menina, época em que brincava de ser mãe, mas nunca avó. Não sonhamos em ser velhos quando ainda somos novos. Hoje, já mãe, vez ou outra, no faz de conta de meus devaneios, protagonizo a velhice. Tal deslocamento é possível porque, apesar de

envelhecendo, estou ainda em outro trecho do rio e como insinua Featherstone (1998) “a avaliação de nossas vidas depende da parte do rio em que estamos. Não sabemos ao certo o que teremos pela frente. Não dá para saber o que é ter 50 anos de idade. Podemos ler livros e pensar a respeito, mas é diferente quando chegamos lá”. (p.11).

Escrevo sobre a velhice sem estar nela e falo da morte no tempo de minha existência em que o fim da vida, por hora, me parece distante. Talvez daqui a alguns anos perceba esses acontecimentos de maneira diferente... Quando estiver na chamada velhice, quem sabe a perceba com um contorno mais legítimo, quiçá... Será?

Beauvoir (1990) refere que o idoso na verdade são os outros, ou seja, aquele que somos para os outros. É o olhar do outro que me define como velha, não eu mesma, isso porque não nos vemos enquanto velhos - evitamos ver em nós as características que são atribuídas aos velhos. Para a autora, a velhice é uma experiência irrealizável.

Novamente tais reflexões me remetem a meu idoso pai, que se irritava quando encontrava um similar vagaroso à sua frente, ainda que seus passos, também demorados, nunca alcançassem o “andar” da frente, aos 70 anos papai referia-se aos idosos como se pertencesse a categoria diversa.

Como sugere Beauvoir e à semelhança de meu pai, talvez eu também nunca me reconheça na velhice, pelo menos não nas características negativas a ela atribuídas. Assim, caminharemos minhas reflexões sobre a velhice entendendo-me fora dela e compreendendo que as cogitações aqui traçadas são uma possibilidade de olhar, circunscrito em um determinado tempo e espaço, em meio a vários outros possíveis.

2.3 Dificuldade em se reconhecer velho

Todos queremos viver muito, mas rejeitamos a ideia de envelhecermos. Até bem recentemente a questão da eterna juventude vem se representando em nosso imaginário, como no caso do filme “*Piratas do Caribe: navegando em águas misteriosas*¹⁸” em que o pirata Jack Sparrow embarca em busca da fonte da

¹⁸ Lançado em 2011.

juventude, cabe lembrar ainda o filme “*Coccon*”¹⁹ em que um grupo de idosos encontra a tal fonte num contato extraterrestre. Parece que estamos sempre à procura das águas que conservem a pele jovem, o corpo vigoroso e que garantam a imortalidade.

Há relatos²⁰ de que a fonte da juventude é originária de uma lenda greco-romana. O mito conta que as águas da juventude estavam em um rio originário do Olimpo e que cruzava a Terra. Sendo águas que vinham dos Deuses, proporcionavam imortalidade a quem delas bebesse.

Em 700a.c. registros iondus mencionavam o poço da juventude. Alexandre – “O Grande”, impulsionado por um conto hebraico buscou o rio que o tornaria imortal. Cortes reais da Idade Média patrocinaram viagens de exploração a fontes da juventude, exemplo conhecido é o caso do famoso Ponce de Lèon, que ralata inclusive ter encontrado a fonte na Flórida.

Hoje sabemos que a fonte não existe e nunca existiu, no entanto, o homem continua tentando construir uma forma de não envelhecer. Há outros tantos mitos e lendas²¹ de diferentes povos que tematizaram a busca da juventude eterna e/ou da imortalidade, o que mostra o conflito humano entre a certeza da finitude e a rejeição à morte, ao envelhecer.

Não queremos ser chamados de velho, nem almejamos a velhice, apesar do desejo de viver por muitos anos. De acordo com Barreto (1992), tal ideia fica evidente em enunciados que elogiam o velho por características avessas à velhice como: “velha muito conservada” ou “velho com espírito jovem”, o que demonstra a existência de uma necessidade social de negar a velhice tal como ela é e de valorizar aquilo que ela disfarça.

Para Mariele Rodrigues Correa (2009) “atualmente, a regra é não envelhecer. Não somente a velhice por si só é indesejável, mas a finitude humana também o é” (CORREA, 2009, p. 27). A autora ressalta que as pessoas buscam um corpo em que o tempo não atravesse, mas permaneça cristalizado na considerada fase áurea da

¹⁹ Lançado em 1985.

²⁰ Revista *Mundo Estranho*, disponível em <<http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/a-fonte-da-juventude-existiu-mesmo>>. Baseada em relatos de Claudio Carlan, professor de história antiga da Universidade Federal de Alfenas, MG. Acessado em 25 jul. 2017.

²¹ Só para citar alguns – O mito de Sísifo (lenda grega), a lenda de Yao Bikuni (lenda japonesa), a epopeia de Gilgamesh (lenda suméria), a lenda de Sun Wukong (lenda chinesa), o mito dos pomos de ouro (nórdico), o mito de Rahu (hindu).

vida - a juventude. Rugas e cabelos brancos tornam-se humanidades destituídas de valor.

Sabemos das transformações biológicas inerentes ao envelhecimento e do significado sociocultural que o envelhecer representa – existem marcas no corpo que denunciam a velhice, além disso, foi instituída uma idade cronológica socialmente estabelecida para o idoso - 60 anos. Ainda que o discurso poético sobre o envelhecer propale a sabedoria e a experiência, em uma sociedade como a nossa que “privilegia a juventude e circunscreve-se à beleza jovem, o corpo velho remete à antevisão da senilidade, perdas e proximidade da morte. E todos exorcizam o fantasma do seu futuro, afastando-se dele ou até ensaiando destruí-lo” (MOTTA, 2002, p.78), como se o idoso não estivesse nem lá (vida), nem cá (morte), mas no meio, no espaço de transição.

Para trajar o figurino do novo velho, é conveniente camuflar os apelos do corpo que não consegue frear o tempo. Há um processo natural inegável que, mais cedo ou mais tarde, atinge a todos nós - cabelo branco, pele flácida, dorso curvo, visão e audição diminuídas, andar lentificado. Processo que, para quem muito vive, pode tardar, mas não costuma falhar. O fato é que, neste caso, a maioria de nós prefere “antes nunca do que tarde” - por vezes pronunciamos que preferimos a morte à redenção a cama, dependência, dores. Não queremos as marcas que o espelho pode refletir, nem as limitações físicas que as acompanham.

Devido à negação social da velhice ou do processo de envelhecimento, alguns preconceitos circunscrevem nossa experiência de envelhecer. Para Molly Andrews (1999) essa atitude para com a velhice continua florescendo e, enquanto todos os outros estágios da vida são planejados e construídos social e culturalmente, a velhice é colocada à margem, de maneira que não existem conflitos para eliminar a infância, a adolescência e a idade adulta do panorama do desenvolvimento humano, mas da velhice todos tentam escapar. Ao mesmo tempo em que as pessoas querem viver muito, não almejam ficar velhas nem se parecer com velhos.

Como destaca Renato Maia Guimarães, “nos dicionários emocionais da população, velhice é sinônimo de decadência, de decrepitude e de perda de dignidade” (GUIMARÃES, 1997, p.7) o que nos conduz à busca pela juventude eterna ao invés da aceitação de aspectos inerentes ao ser velho - mais do que acolher a velhice, tentamos substituí-la pela possibilidade de não envelhecer.

Desta maneira, como comenta Ariès (1986) “passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo” (p.47). Para o autor, o inverso aconteceu com a velhice, cujo ancião desapareceu e foi substituído pelo homem de certa idade - houve um apagamento do “velho” que precisa fingir-se “novo”.

Há outros autores²² que chamam atenção ao fato de a velhice ainda estar associada, de forma preponderante, a uma fase da vida decadente, desagradável e sofrida. Anita Liberalesso Neri e Sueli Aparecida Freire (2000), por exemplo, salientam que no ideário da população (jovem e/ou idosa), a velhice é sinônimo de morte, doença e afastamento. De maneira semelhante, Vera Maria Antonieta Tordino Brandão e Elizabeth Frohlich Mercadante salientam que, “apesar dos inúmeros ganhos e novas perspectivas de um envelhecimento digno, ainda hoje observamos essa abordagem pessimista, aliada a uma coisificação ou infantilização no trato com o idoso” (BRANDÃO; MERCADANTE, 2009, p. 25)

Essas observações me fizeram lembrar os dizeres de uma estudante que, certa vez, de dentro da coxia, enquanto se arrumava para uma apresentação teatral, procurou acalmar as colegas com a seguinte colocação: “não precisam ficar nervosas nem se preocupar muito com a aparência, porque qualquer coisa que ‘velhinho’ faça, ainda que feio, os outros acham graça”. Há embutido um desvalio nessas palavras que retiram do idoso a possibilidade de impressionar o público pela qualidade do espetáculo e o localizam na condição de incapaz, desajeitado, passível de riso e/ou complacência por sua condição.

Outras tantas colocações semelhantes a esta são realizadas comumente pelas aprendizes – não raro me agradecem por aguentar a tal “velharada”, como se na minha idade, duas a três décadas mais jovem, trabalhar com idosos fosse sinônimo de generosidade, tolerância e compaixão.

Tal dificuldade dos idosos em aceitarem a condição da velhice é observada também por Virgínia Moreira e Fernanda Nícia N. Nogueira (2008) que realizaram uma pesquisa fenomenológica com idosos a fim de verificar a compreensão que eles próprios tinham do envelhecimento. Os resultados apontaram para uma visão do envelhecimento enquanto experiência ambígua e estigmatizada, traduzida por um

²² Valdès (2012); Jones (2006); Papalia, Feldman e Martorell (2006); Zuben (2003); Gusmão (2001); Debbert (1999).

estereótipo negativo e recusa de ser portador de uma marca que inferioriza ou exclui: ser velho. As autoras concluem que a experiência de envelhecer constitui-se, então, em uma busca por se impedir ou adiar a inevitável velhice e se apresenta como “uma vivência estigmatizada, reveladora de sentidos diversos em um contexto perpassado por valores segundo os quais ser velho é ser desvalorizado, diminuído e excluído” (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008, p. 16).

Neste sentido, o envelhecer passa a “representar uma batalha contínua quanto à aceitação de si mesmo e do curso natural da existência humana, um fluxo em que o inevitável é experienciado como indesejável” (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008, p. 16).

Intrigante que, ao lado do indesejável envelhecer, há o desejável prolongamento da vida. Hoje, graças ao avanço da ciência, assistimos a um crescimento rápido da expectativa de vida o que, segundo Moreira e Nogueira (2008) produz um grande paradoxo. Para elas a contemporaneidade alcançou êxito nos esforços da ciência para aumentar a expectativa de vida, por outro lado, não se preparou para acolher e definir o lugar e o papel dos que envelhecem - como se envelhecer fosse a morte em vida.

Eis aí uma ideia curiosa - viver o máximo e envelhecer o mínimo – grande contradição para quem, como Pedro Paulo Monteiro acredita que “viver é envelhecer e envelhecer é viver [...] quanto mais vivermos mais velhos estaremos” (MONTEIRO, 2005, p. 57).

2.4 Viver o máximo e envelhecer o mínimo

Sabemos que não há como parar o tempo nem tampouco escapar do processo natural do envelhecimento, sempre haverá alguém mais novo que nós, assim, somos “mais velhos” desde que nascemos e envelhecer poderia ser também sinônimo de viver.

Na contramão da negação, Tótora (2015) aconselha encararmos a velhice enquanto meta positiva da existência e, ao invés de nos resignarmos a ter que um dia enfrentá-la, deveríamos tender a ela, afinal, “só não envelhece quem não está vivo” (p. 47). A mesma autora sugere que deixemos de lado a ideia de velhice como castigo ou prêmio – “é preciso pensar fora desta lógica de punição e recompensa por um tipo de existência” (p.101).

De maneira semelhante, Mírian Goldenberg (2015) indica que "cada um de nós, mesmo os muito jovens, deveria se reconhecer no velho que é hoje ou no velho que será amanhã: velho não é o outro, velho sou eu" (p. 28).

Acontece que na atual sociedade parece haver uma exaltação à juventude a qual se ampara no culto da boa aparência propagado pelos meios midiáticos. Como bem aponta Featherstone (1995), há uma estetização da vida cotidiana, onde a imagem se faz soberana. Para o autor, em nossa sociedade capitalista e de consumo, apesar de não termos acesso à fonte da juventude disponível e gratuita, àqueles que dispõem de recurso financeiro para tal, é dada a possibilidade de comprar a beleza, o corpo perfeito e até o sucesso e realização pessoal. Aos que não dispõem de tal privilégio, resta a insatisfação e frustração por essa impossibilidade. De qualquer forma, dentro da realidade de cada sujeito que envelhece, há um nítido anseio pela contenção do curso de vida. Assim como há os idosos das academias se exercitando em sofisticados aparelhos, há também os idosos frequentadores dos centros de socialização, participando de atividades gratuitas que pregam o mesmo discurso – a "autodefesa" contra o envelhecer.

Diante deste cenário, em meio às transformações da pós-modernidade, "existe também um movimento para desconstruir a identidade de velhos de outras gerações e reconstruí-la sob a forma de uma velhice autônoma, ativa e bem-sucedida" (MOREIRA e NOGUEIRA, 2008, p. 6). Ou seja, além de prolongar a vida, os idosos podem adotar valores e comportamentos identificados com as gerações mais novas.

Os autores referem a existência de uma pressão social que atua na negação da velhice tradicional e incentiva o idoso a combater o envelhecimento físico, psíquico e social o que torna o processo de envelhecer no século XXI uma experiência profundamente diferente da que foi até aqui.

De fato, se observarmos as gerações não muito distantes, como a de nossos avós, entenderemos que sim, a velhice de hoje é diferente daquela de 30 anos atrás – o que nos parece independe de condição socioeconômica.

Apesar de não negligenciarmos que o idoso de baixa renda sofre desvantagens no que se refere à qualidade do acesso a cuidados de sua saúde e bem estar, compreendemos que o desejo pelo postergar do envelhecimento e a insatisfação com a condição de ser velho é um fenômeno da história ocidental que não seleciona e/ou discrimina sujeitos.

2.5 Geração Cocoon

Com a perspectiva da manutenção da juventude, o filme americano *Cocoon*, dirigido por Ron Howard e estreado em 1985, conta a história de um grupo de idosos que viviam em sua pacata vida num asilo, até o dia em que se banham em uma piscina energizada por extraterrestres e passam a sentirem-se rejuvenescidos, com grande disposição e livres de doenças. Para a época, esta narrativa foi uma tentativa de romper com os estereótipos ligados ao determinismo biológico e social associado à velhice e difundir uma perspectiva mais otimista e subversiva sobre a mesma.

Lançado numa década em que a instituição de direitos e serviços direcionados aos mais velhos ganha força, seu caráter ficcional coaduna com uma das características marcantes da sociedade contemporânea ocidental - o empenho em flexibilizar as faixas etárias ou, dito de outra forma, descronologizar a vida.

Nesse contexto, juventude e velhice passam a significar valores que podem estar presentes em qualquer idade e, enquanto a primeira deve ser conquistada e mantida, a segunda precisa ser evitada - ser jovem enquanto sinônimo de vitalidade, alto astral e cuidados com o corpo e ser idoso associado a desânimo, depressão, desleixo com o corpo.

Em concordância a este contexto, percebemos hoje uma crescente infantilização dos adolescentes e adolescentização dos adultos/idosos como se infância e adolescência fossem produtos que garantissem uma fase de vida mais feliz e inocente.

Segundo Debert (2010) expressões como “kidults”, “geração bumerangue”, “peterpandemônio”, “solteiros parasitas”, “adultos corresidentes”, entre outras, têm sido utilizadas por estudiosos para chamar a atenção à categoria de homens e mulheres que continuam vivendo ou voltam a viver na casa dos pais. Tal fenômeno não pode ser explicado exclusivamente pela insegurança econômica, mas principalmente pela dificuldade em aceitar a vida adulta como uma experiência de independência.

A autora refere que há um esgarçamento das fronteiras entre as idades confesso em enredos em que mãe e filha partilham das mesmas experiências como namoro, casamento, gravidez, “baladas”, roupas da moda o que não deixa de ser nova ditadura, uma vez que, “subir um pouco mais nas faixas etárias é ver que a

criação da terceira idade foi também acompanhada de um interesse crescente pela imposição da adolescência em outros momentos da vida” (DEBERT, 2010, p. 55).

Ainda que comportamentos antigamente associados especificamente a jovens, adultos ou idosos se desliguem da idade cronológica, permanecem prescrições destinadas àqueles que em determinado momento da vida percebem que precisam adiar, frear ou evitar a velhice. Negligente aquele que transgredir tais regras - estará fadado ao declínio inevitável do corpo e terá que arcar com as consequências e culpas por sua atitude, ou falta dela.

Assim, “na pretensão de dirigir a vida, controlando o seu processo, com o intuito de melhorá-la (entendendo-se governá-la), multiplicam-se as prescrições a serem seguidas como modelos gerais” (TÓTORA, 2015, p. 33). Diante desta realidade, faz-se importante o cuidado para que não saltemos de uma universalidade periodizada para uma universalidade sem idade – presas fáceis e ingênuas à disposição do faminto mercado.

Conforme adverte a autora, a promessa de eterna juventude pode ser antes um mecanismo de constituição de consumidores, uma vez que, “na sociedade de controle, o próprio termo envelhecimento sugere um processo contínuo de estilo de vida saudável e um investimento no corpo desde muito cedo [...] jovens e velhos estão igualmente sob controle” (TÓTORA, 2015, p. 87-88). Idosos ditos bem sucedidos e que gozam da propagada qualidade de vida, servem de anúncio e pressão sobre como devemos ser nas demais faixas etárias, ao passo que os longevos que escapam a tais modelos permanecem ignorados.

Para Tótorá (2015), o cotidiano midiático, geralmente avalizado por especialistas e apoiado por certas pesquisas científicas torna-se uma afronta às formas originais de existência. “As singularidades são freadas e as diferenças niveladas e reproduzidas em escalas numéricas e em índices estatísticos” (p. 33).

Diante do exposto nos colocamos a mesma questão da autora - afinal, “de que valem experiências e pensamentos se eles servem como caução à sociedade e cultura”? (TÓTORA, 2015, p.18). Será possível, como no filme *Cocoon* encontrar a energia extraterrestre que garantirá o viver sem envelhecer ou trata-se apenas de uma ficção criada pela mídia para encobrir problemas próprios do avanço da idade? Há um limite que a sociedade impõe à nossa capacidade de inscrever a cultura na natureza?

Lembrei-me de Patrícia²³ - mulher de gestos e palavras discretas. Apoia-se em bengala para se locomover porque utiliza prótese em uma das pernas. Patrícia participa do grupo de teatro da UATI e procura realizar todas as vivências sugeridas, inclusive aquelas em que seu próprio corpo teima em contrariar.

O que me veio à lembrança aconteceu em outro contexto (diferente da UATI) - numa oficina que ministrei em cidade próxima, num centro cultural do qual ela faz parte também²⁴. Trabalhávamos com técnicas de mímica teatral e a finalização do projeto previa uma apresentação pública. Dos quatro esquetes construídos, Patrícia escolheu compor a mímica cujo movimento principal era atravessar o palco, abrir uma gaveta e vestir-se para um evento. Optou fazê-lo sem a bengala. Participou dos ensaios com empenho e no último dia me questionou em segredo: - Não fica feio eu atravessar o palco mancando?

Respondi não, sem pensar. E a resposta bem pensada seria – “Evidente” que não. Porque o que se admirou no palco foi formosura – havia um estilo único gravado na caminhada e na mímica de Patrícia que a singularizava, desafiando o pensamento e a ação do caminhar “de passarela”.

Ora, diria Tótorá (2015), “não seria a velhice o momento privilegiado para simplesmente ‘ser’ livre dos códigos e modelos que aprisionam os viventes na sociedade?” (p. 64). Creio que sim. Patrícia foi – inteira – no palco. Gastou vida como vontade de potência! “Podemos situar, nesse sentido, o poder da velhice, não no âmbito de sua própria condição de velho [...] mas como estética da existência que imprime às suas ações estilo e beleza” (p. 54),

O novo velho, nesta perspectiva, seria aquele que não se acomoda nos encaixes do idoso tradicional (engessado) e muito menos do idoso moderno (ultrapassado) transita de caixa em caixa, ou simplesmente as amassa, em pisadas fragmentárias, caóticas e efêmeras. Novo e velho, numa lógica cartesiana, seriam considerados termos antagônicos, o que impediria a disposição de ambos lado a lado. No entanto, os desencaixes próprios da contemporaneidade nos autorizam a irreverência de considerá-los partes de um mesmo todo, ou o todo contido em cada uma de suas partes.

Desencaixe - descrito por Anthony Giddens (1991) como o “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de

²³ Patrícia: significa aquela que tem atitudes nobres, distintas, elegantes. É assim que a vejo.

²⁴ Mais adiante específico melhor esta oficina.

extensões indefinidas de tempo-espaço” (p. 29) - com o advento da globalização assistimos a uma compressão da relação entre espaço e tempo, tornando o primeiro cada vez menor e o segundo cada vez mais imediato.

Na atualidade podemos ocupar espaços geograficamente distantes de nós. Dentro do metro quadrado de nossas casas, conversamos com pessoas de outros continentes, visitamos bibliotecas, nos deslocamos virtualmente por ruas de outros países. Esta aproximação espacial, contudo, proporciona um imediatismo, porque não precisamos mais dispendir tempo para estarmos nos lugares e é possível que diversas pessoas estejam conosco ao mesmo tempo e a todo tempo.

Para Giddens (1991) a recombinação da relação entre tempo e espaço propicia o desenvolvimento de mecanismos de desencaixe, os quais retiram a atividade social dos contextos localizados reorganizando-as através de grandes distâncias tempo-espaciais. Atualizando a velhice, poderíamos inferir que o tempo da mesma não corresponde a uma forma de viver localizada, mas a várias formas possíveis desarticuladas e articuladas ao mesmo tempo, numa rede de relações tempo/espaço inesperadas e imprevisíveis.

Hoje, falar do idoso no Brasil, ou em qualquer outro país, é falar de vivências diferentes, mas ao mesmo tempo interligados pelas redes virtuais. Fotos, vídeos, narrativas circulam em intensa velocidade articulando-nos a diferentes possibilidades de existência a cada instante. Porém, essa sensação de desarticulação, desestabilidade e perpétua mudança atribuída não só à velhice, mas a todas as faixas etárias, incide no risco de se intensificar as aparências, o espetáculo, como se a vida fosse um acúmulo de presentes puros, não relacionados no tempo e o homem vai se deslocando de sua própria história, perdendo as referências de sua identidade e se confundindo com imagens desprovidas de biografia.

E assim, “rejeitando a ideia de progresso, o pós-modernismo abandona todo sentido de continuidade e memória histórica, enquanto desenvolve uma incrível capacidade de pilhar a história e absorver tudo o que nela classifica como aspecto do presente” (HARVEY, 2001, p. 58).

O que observamos no cotidiano de nossas virtuais relações é justamente o cultivo à apreciação do impacto instantâneo o que faz com que a produção cultural da atualidade busque sustentação na aparência e se desvencilhe da profundidade. Nas tentativas incansáveis do “selfie” perfeito a avalanche de imagens pasteurizadas

satura nosso campo de visão, plastificando fisionomias e produzindo faces “descaradas”.

Faz-se imperativo posar jovem, feliz, realizado, com paisagem exuberante de plano de fundo. Quanto mais imagens, mais curtidas. Acontece que tais imagens não têm continuidade e tampouco perenidade. Deslocadas de uma história que as sustente, porque são produzidas intermitentemente e às dúzias, também são descartadas, para que não sature a memória dos dispositivos. É como aquela mistura de cores que depois de tanto embaralhar vira branco ou preto - uma confusão causada pela diversidade de matizes sobrepostas. Na correria, não distinguimos a tonalidade da vida, dos sujeitos.

Parece-nos que no movimento de deslocar o idoso para a juventude aniquilamos nuances e peculiaridades inegáveis à velhice - pigmentos essenciais para conservar as obras humanas. O quadro pregado na parede arenosa não tem sustentação, a imagem publicada na “rede social” é transitória, será apagada em instantes ou acabará nas “nuvens”. Somente as inserções profundas permanecerão. Assim, ainda que o devir na velhice seja bem-vindo, ele há de ser consonante com a história de quem já viveu muitos anos.

2.6 Quebra da ampulheta

Há valores próprios da velhice que não se ancoram na juventude, que não se encontra em nenhuma outra idade, simplesmente porque ainda não se viveu o suficiente para colecionar histórias. Por que então não se deixar envelhecer? Afinal, “é um tédio repetir hábitos dos jovens. Permanecer nesse período da vida com uma aparência que não muda, enjoa” (TÓTORA, 2015, p. 207).

Talvez resida aí a necessidade do idoso. Inserido na fugacidade do tempo e na provisoriedade do espaço, seu andar desacelera e aprofunda na terra, por um lado porque os pés já não são tão ligeiros, por outro, porque não lhes interessa apressar o tempo e muito menos mudar o lugar. Para Justo, Rozendo e Correa (2010) “os idosos não assimilam com facilidade a lógica da aceleração do tempo, da efemeridade e do fugidio [...] que tornam os personagens passageiros no palco, não lhes dando qualquer possibilidade de duração e permanência” (p. 4).

Incrível o sentido que a afirmação dos autores me faz agora. Passado quase um ano desta citação, retorno a ela e lembro-me da experiência que tive com outro grupo de idosos no primeiro semestre de 2018...

Aconteceu-me, no final do percurso desta pesquisa, o convite para ministrar uma oficina de curta duração aos participantes²⁵ de um centro cultural mantido por uma empresa privada local – a oficina de teatro compunha a programação anual de atividades voltadas à melhor idade²⁶. Aceitei e, como não poderia deixar de ser, tal vivência acrescentou reflexões valiosas a nosso trabalho; por este motivo, merece compor essa história.

A demanda era que eu trabalhasse com os idosos ao longo de oito encontros de duas horas cada um e que ao final do processo tivéssemos uma montagem teatral a ser apresentada a um público externo. Preocupada com o curto espaço de tempo que teria para construir algo com idosos (os quais eu ainda não havia tido contato), estruturei uma proposta com base nos princípios fundamentais da mímica teatral, o que evitaria ocupação com texto e voz.

A cada encontro, apresentava uma técnica e um conceito a eles e a partir daí, propunha a criação de narrativas dramáticas que utilizassem os preceitos trabalhados. Ao findar do processo, elegemos quatro esquetes construídos nos encontros e deixamos livre para cada um se inserir naquele com o qual melhor se identificasse.

Corrompida pelo discurso cotidiano e pela fugacidade contemporânea, não me cansava de solicitar aos idosos: - Ritmo, ritmo, ritmo. Muito lento pessoal, teatro precisa ter ritmo! Lembro-me com vivacidade que esta inclusive fora a última instrução dada (já na concentração da apresentação).

De que ritmo eu falava? Certamente daquele cujo compasso não compareceu na apresentação e que, diferente de minhas expectativas e cobranças, não comprometeu a beleza do espetáculo, pelo contrário, fez dele verdade e liberdade. Brandos, os idosos compuseram mímicas mansas e pararam o público na cadência própria de quem envelhece e permanece, porque dura. Não foram passageiros no palco e fizeram de suas performances, dobras no tempo.

Explica Tótorá (2015) que “a dobra é uma invaginação num dentro que não deixa de ser o próprio fora. E a vida se faz nas dobras. Viver é dobrar a cada momento essa linha da vida e torna-la vivível” (p. 76). Para a autora, o tempo da

²⁵ Ao todo foram 32 participantes – três homens e 29 mulheres, com idades que variavam entre 65 e 89 anos. Os encontros duravam 1h30min e aconteceram durante os meses de maio e junho de 2018 com periodicidade semanal.

²⁶ Denominação utilizada pelo próprio centro cultural e acatada pelo grupo de idosos.

dobra não é o Kronos (como a professora de teatro esperava que fosse), mas o Kairós – no sentido de momento oportuno.

Em suas palavras – “a vida nas dobras é imprimir um ritmo próprio a sua existência, isto é, tornar-se senhor de suas próprias velocidades” (TÓTORA, 2015, p. 76). Para isso, conclui a autora - é preciso aprender a envelhecer, o que ela reconhece não ser nada fácil, afinal – “precisa-se de muita arte e prática todos os dias” (idem, p. 76).

Felizmente os idosos não se renderam à minha afobação, certamente não por pretensão, mas despreensão. Afinal, assumir a lentidão da velhice é, para a autora, uma resistência à época atual que persevera na empreitada de nos furtar a experiência com o tempo. A aceleração contemporânea é inalcançável pelo idoso o que faz dele protagonista de novos modos de existência e cuja relação com o tempo é outra – tempo como potência do acontecimento da vida.

Depois que comecei a trabalhar com idosos tenho me esforçado em compreender/aceitar a preciosidade da desaceleração – tarefa nada fácil, talvez eu ainda tenha muito a “aprender com as aprendizes”. Não raro me espanto e me angustio por não “cumprir” a proposta previamente preparada para nosso encontro, como se ficasse em dívida comigo e com as idosas.

A aula é lenta porque cada assunto é degustado sem pressa, sem necessidade de cumprir um cronograma ou de atingir algum outro estágio. Já estamos no estágio final e se há projeção de vida, esta é mais interna do que externa. Não há mais promoção para a série escolar seguinte, mas para um momento seguinte, com uma nova configuração subjetiva. Há uma preocupação com o crescimento próprio e não profissional e/ou social.

Ainda que haja a disseminação de comportamentos juvenis prescritos para a velhice, entendemos que há também os chás caseiros cujas receitas somente os mais velhos detém, bebidas a serem solvidas sem lufa-lufa - com os pés descansados na cadeira.

Entendemos que essa preferência pelo tempo cadenciado e pelo espaço enraizado constitui o protagonismo essencial do idoso a fim de se criarem territórios identitários, sem os quais ainda não aprendemos a viver. Acontece que ao lado do compasso arrastado há o descompasso apressado, pois, como sugere Correa (2009), a velhice tem um ritmo de estar no mundo que lhe é peculiar – “parada no tempo, debruçada sobre ele ou não, é preciso ter algo importante em mente: a

velhice pode ser a possibilidade de quebra da ampulheta do tempo tal como o vivemos na atualidade” (p. 94).

A autora afirma que o ritmo próprio do idoso pode ser uma das maiores estratégias de enfrentamento das condições da velocidade do mundo contemporâneo – “ele tem seu próprio tempo: seu caminhar às vezes é lento, assim como seus movimentos e suas ações. O idoso nos obriga a reduzir a velocidade” (CORREA, 2009, p. 94). Para ela, a outra face da velhice – a terceira idade, “já se posiciona de maneira um pouco diferente, com seu ritmo mais conjugado com o contemporâneo, um pouco mais acelerado, com mais atividades, exercícios etc”. (idem, p. 94).

As faces da velhice podem ser percebidas a partir de uma dinâmica identitária e, de acordo com Stuart Hall (1992), a identidade do sujeito que vive a modernidade tardia está em crise e as identidades consolidadas na modernidade têm sido descentradas, deslocadas ou fragmentadas.

Para o autor, tal crise é caracterizada pelo abalo à ideia de que o sujeito é integrado, estável e possui uma identidade unificada, completa, segura e coerente, o que não passaria de uma fantasia. Segundo ele, o argumento que sustenta essa posição é o de que “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 1992, p. 2).

A confortável narrativa do eu se dissolve em representações identitárias múltiplas, desconcertantes, ilógicas e provisórias. Ela desarticula identidades estáveis anteriores no mesmo tempo em que se articula novamente de forma frouxa, a fim de permitir outras próximas ou concomitantes desarticulações, novas identidades, novos sujeitos - ideia um tanto perturbadora.

Como sugere Jean François Lyotard (2002) na contemporaneidade devemos entender o mundo como um jogo de linguagem que cria regras próprias e dentro do qual as grandes narrativas sobre o sujeito e sua identidade estão em declínio. Para o autor, os grandes relatos produzem discursos universais que servem para tudo e para nada ao mesmo tempo, neste sentido, “considera-se pós-moderna a incredulidade em relação aos metarrelatos” (LYOTARD, 2002, p. 11).

Existem muitos jogos de linguagem possíveis, pois os elementos que os constituem são heterogêneos e infundáveis. Para o autor, nunca houve uma verdade

universal, as grandes teorias usaram a linguagem a fim de legitimar suas supostas verdades, entretanto, é prudente prever as encruzilhadas existentes em nossos próprios discursos, quando jogamos com descuido e tornamos aquilo que dizemos instável, confuso e incoerente.

Para finalizar nosso jogo de linguagem sobre o “novo velho”, sabendo não ter sido um jogo estável ou coeso, defendemos que a contemporaneidade e suas ideias transgressoras encorajam a ousadia de envelhecer de uma maneira diferente a cada dia. Atentando para os riscos que a ditadura do “eternamente jovem” tenta emplacar, estamos convencidos, pelo menos provisoriamente, de que os dias atuais são propícios a curiosas e originais experiências em qualquer idade, sem grandes constrangimentos. No entanto, aceitamos que a velhice tem sua especificidade, que deve ser compreendida e valorizada justamente por ser particular, por possuir uma defasagem de tempo que lhe confere seu maior charme, porque nos desloca para um lugar que ainda não vivemos, nos projeta para o futuro e nos faz pensar na construção de nossas próprias histórias.

Para Tótorá (2015) há de se “resistir aos discursos produzidos na atualidade sobre a velhice e o envelhecimento e se nortear pelo problema da potência da velhice como obra de arte” (p. 17). Em consonância com as ideias de Nietzsche a autora sugere que nos tornemos o que somos, o que não quer dizer seguir um modelo dado a priori, mas aceitar e adentrar no contínuo processo de transformação e de superação de nós mesmos e do mundo em que vivemos.

“Tornar-se velho é uma questão de devir. E sob essa perspectiva, que vai além da crítica ao que está posto, o devir velho trata-se de uma experimentação em consonância com a potência de vida” (TÓTORA, 2015, p. 59). Todo tempo é passível de imposições e transgressões, assim, acreditamos que não se trata de pensar a velhice, mas de encontrar a nós mesmos e, ao longo de toda a vida, poder experimentar nosso tempo interno.

3 Sentidos do envelhecer

Neste capítulo trazemos diversos autores para dialogarem com nossas questões e contribuírem com a compreensão acerca dos sentidos e perspectivas atribuídos à velhice na contemporaneidade.

3.1 Invenção da velhice

Apesar de pensarmos que o idoso, seja ele como for, sempre existiu, estudos antropológicos demonstram que, assim como a infância, a adolescência e a vida adulta, a velhice também foi “inventada”.

Não há uma única criança, um único jovem, um único idoso, somos singulares e, ao mesmo tempo, a mistura de todos os outros. Sabemos que há diversas formas de envelhecer - basta observarmos à nossa volta que apreciaremos as múltiplas possibilidades de viver a vida em qualquer idade. Não há como caracterizar ou definir “O idoso” ou “A velhice”, mas idosos e velhices possíveis.

Segundo Featherstone (1995) há uma crença na existência de fases da vida universais pelas quais todos passam, para o autor, no entanto, não é possível pensar nas fases da vida humana como infância, adolescência e maturidade, isso porque, “além de vivermos nas três dimensões do espaço e na quarta dimensão, a do tempo, vivemos também numa quinta dimensão: a simbólica” (FEATHERSTONE, 1995, p. 6) o que torna complicado o conhecimento do mundo, do nosso corpo e de nosso ser. Compreendemos, a partir das palavras do autor, que a definição de nosso ser acompanha a atribuição de sentidos construídos por nós e sobre nós ao longo de nossa existência.

Não há como definir um tempo cronológico específico para que um sujeito seja considerado idoso, nem tampouco um conjunto de características que definam a pessoa velha, porque os sentidos se modificam. Ou seja, diferente da vida dos animais que pode ser dividida em ciclos biológicos e maturacionais, o curso de vida do homem insere-se na dimensão simbólica a qual o emancipa do mundo natural e o mergulha no mundo cultural, em inacabável construção e mutação.

Featherstone (1995) ressalta também que a partir de um estudo histórico mais apurado, é possível perceber que as fases da vida como infância, adolescência, juventude, vida adulta madura, vida adulta avançada e velhice, foram inventadas em determinados lugares e momentos específicos e, portanto, não podem ser

consideradas universais. Para o autor, “podemos falar a respeito de experiências comuns como nascer, envelhecer, morrer, mas não muito mais do que isso” (FEATHERSTONE, 1995, p.10); uma vez que as experiências humanas são particulares e, portanto, não generalizáveis.

Tecendo uma crítica às generalizações etárias, o que o autor sugere não é a desconsideração das idades, mas a compreensão de que elas podem assumir diferentes sentidos e significados a depender do tempo e do espaço. Nesse sentido, falar da velhice, não é falar de uma categoria encapsulada em determinados padrões inerentes às pessoas que ultrapassam os 60 anos de idade, mas compreender que é uma categoria historicamente, socialmente e culturalmente constituída.

Da mesma forma, Debert (1999) comenta que é necessário rever as concepções de desenvolvimento ancoradas na periodização do curso de vida, como se ele fosse uma sequência evolutiva linear, com etapas universais.

A autora, ao falar sobre as mudanças ocorridas no curso de vida, menciona que as sociedades ocidentais contemporâneas assistiram a três etapas sucessivas no que diz respeito à sensibilidade investida na cronologia – na pré-modernidade, a maturidade e gestão de recursos de poder era determinado pela família sendo a idade cronológica de pouca relevância, já na modernidade, a cronologização²⁷ da vida tornou-se imperativa para garantir o funcionamento e legitimidade de certas instituições e agora, na pós-modernidade, há um movimento de desconstrução do curso de vida.

Segundo a autora, a padronização das diferentes etapas da vida ocorrida na modernidade respondeu especialmente à transição de uma economia de base doméstica para outra com base no mercado de trabalho onde os estágios foram claramente definidos e separados e a fronteira entre eles passou a ser dada pela idade cronológica, diz ela que a institucionalização crescente do curso de vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e “está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas, que cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos” (DEBERT, 1999, p. 73).

²⁷ Debert (1999) atribui o sentido dessa expressão à mesma utilizada por Kohli e Meyer (1996) a qual caracteriza as transformações na maneira como a vida é periodizada.

Featherstone (1998) também comenta que na sociedade moderna houve mais tentativas de dividir a vida em estágios; “portanto, a partir do desenvolvimento da modernidade, possuímos uma formação cronológica do curso da vida, embutida de modo muito forte em nossa percepção” (FEATHERSTONE, 1998, p. 12).

O empenho para demarcar a vida e dividi-la em estágios dentro de uma ordem cronológica que respondesse às necessidades do mercado de trabalho acarretou em nós uma forte percepção de curso de vida a ponto de sabermos a idade que temos e o que devemos fazer dentro de cada uma delas. Criou-se a época certa para brincar, estudar, trabalhar, casar, ter filhos, ter netos, aposentar-se... Tudo muito previsível e organizado. Assim, o caráter do curso da vida assumiu o caráter de instituição social presente na organização do sistema produtivo, educacional, mercado de consumo e políticas públicas.

De maneira semelhante Mauro Gaglietti e Márcia Helena Saldanha Barbosa (2007) comentam que os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades “não porque disponham de um aparato cultural que domine a reflexão sobre as fases de maturidade, mas por exigência das leis que determinam os deveres e direitos do cidadão” (GAGLIETTI E BARBOSA, 2007, p. 136).

Na mesma linha de pensamento Luna Rodrigues de Freitas Silva (2008) refere que a separação nítida e as especializações funcionais para cada idade são um acontecimento pós-industrial. Antes, em virtude da grande diferença entre as idades das crianças de uma mesma família, da coabitação de famílias extensas e da ausência de um tempo específico para o trabalho, não havia necessidade de se fragmentar a vida em etapas determinadas.

Foi a partir da industrialização, com a especialização das funções laborais e a necessidade de se determinar um tempo para o trabalho, é que surgiram, de forma gradativa, hábitos e espaços específicos para cada grupo etário. O advento do trabalho nas indústrias impulsionou uma crescente institucionalização das etapas da vida, divididas em tempo de escola, tempo de trabalho e tempo de aposentadoria.

Para Silva (2008), o surgimento da noção de velhice se sustenta em dois fatores fundamentais e determinantes: o saber médico e a institucionalização das aposentadorias.

Quanto ao primeiro, a partir de certezas biológicas sobre processos invariáveis, o saber médico foi responsável por caracterizar a velhice como um estado fisiológico específico – etapa necessária da vida na qual o corpo está em

processo de degeneração - decadência física. Baseado em uma avaliação clínica tornou-se possível identificar e distinguir a velhice de outras etapas da vida. Assim, “a definição médica da velhice disseminou-se para outros campos de saber e determinou amplamente o seu espectro no imaginário cultural” (SILVA, 2008, p. 159).

De acordo com a autora, o segundo fator determinante no surgimento da categoria – a institucionalização das aposentadorias - foi uma resposta às modificações e problemas surgidos ao longo dos séculos XIX e XX, quando os primeiros operários começaram a envelhecer e a tornarem-se improdutivo, inválidos. Fazia-se necessário criar um sistema de proteção da indústria, que pudesse afastar os menos produtivos sem recair em um problema social. Estava criada a aposentadoria e agregada a ela a consolidação da velhice como categoria etária. O trabalho passou a constituir a identidade do sujeito e a velhice passou a ser sinônimo de aposentado ou não produtivo.

Para Beauvoir (1990), a pessoa idosa muitas vezes optava por parar de trabalhar porque sentia-se fatigada, o que não decorria apenas do quanto havia vivido, mas do como vivera, dito de outra forma, a sociedade industrial exigia tanto esforço do trabalhador que quando ele atingia determinada idade preferia o descanso ao trabalho. A seu entender, se esse esforço demasiado fosse poupado, a pessoa com 65 anos estaria disposta a continuar seu labor.

De outro lado, comenta a autora, aos meios de produção não interessava mais a mão de obra defasada, lenta, desatualizada, sendo mais lucrativo confiá-la à manutenção do Estado e contratar novo operário.

De acordo com Featherstone (1998) e Debert (1999), a pós-modernidade, por sua vez, vem rompendo com certas padronizações e a vida está ficando mais “desorganizada”. Parece haver maior embaçamento das faixas etárias e aumento da multiplicidade no comportamento das pessoas. Essa variedade é o que possibilita que pessoas de 70 anos de idade convivam com as de 15 e persigam modelos de comportamento semelhantes.

Featherstone (1995) ao referir-se à desnaturalização dos processos padronizados estabelecidos para cada faixa etária nos indica que desde os anos 60 a concepção de família foi ampliada ou modificada, pessoas optaram por viverem sozinhas, não terem filhos ou os terem sem estarem casadas, casarem-se e descasarem-se, terem mais de uma família. Para ele, o curso de vida foi remapeado

porque a condução de nossas vidas, de uma fase a outra, tornou-se passível de ser dirigida por cada um de nós. Em suas palavras: “atualmente há muito mais flexibilidade no comportamento que as pessoas adotam; maior possibilidade de variação e estruturas de identidade mais flexíveis” (p. 13).

E essa flexibilidade se aplica à velhice, uma vez que não é possível identificar apenas um único padrão ou modelo de envelhecimento. De acordo com Debert (1999), “o próprio da cultura pós-moderna é a promessa de que é possível escapar dos constrangimentos, dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades” (p. 71).

Assim, as novas categorias etárias, como terceira idade, por exemplo, parecem apontar para uma descronologização da vida e, de acordo com Debert (2010), “tais categorias atuam na sugestão de que a ideia de papéis sequenciados, extremamente divididos por idades, não captaria a realidade de uma sociedade que atinge o nível de desenvolvimento tecnológico contemporâneo” (p. 59). As fronteiras estão perdendo suas marcas, há um trânsito mais livre entre elas e o curso da vida não pode ser linear, porque ao homem é dada a possibilidade de criação e de flexibilização de seus ciclos.

Mas a que ou a quem atribuímos a característica de idoso?

Talvez a resposta não resida em algo simples, nem suficiente ou a nenhum conceito chave, mas na aceitação dos vários sentidos que atravessam o envelhecer e que se cruzam em esparsos pontos comuns que ora se acoplam, ora se esparramam, formando uma variedade de outros galhos que por sua vez, em algum ponto do emaranhado de significados, se encontrarão.

Será possível definir a velhice? Talvez pelo viés cronológico ou biológico conseguiríamos amenizar nosso esforço ao associá-la a uma idade ou a características físicas específicas. De forma simples e ingênua - uma pessoa com mais de 60 anos, de cabelos brancos, pele flácida, declínio da visão, audição, fraqueza muscular... No entanto, qualquer sujeito sexagenário me questionaria com propriedade sobre tamanha redução e equívoco de tal definição na qual nem todos se reconhecem. Emoldurar a velhice seria o mesmo que torná-la figura de natureza morta, apartada do artista que a figura e da aquarela que a materializa.

3.2 Representações do envelhecimento

Meu avô materno faleceu com 75 anos de idade e minha avó materna, dois anos depois, aos 73.

Na recordação infantil guardo deles a imagem de ossos frágeis, pele fina e franzida, cabelos inteiramente quarados, passos arrastados e indecisos. Vovô exibia semblante risonho, mas estacado. Para levantar-se da cadeira de balanço carecia amparar-se no braço firme da neta de um lado e na maçaneta redonda da porta da cozinha de outro.

Vovó, sempre sisuda, compunha-se de costas arqueadas, cabelos em coque e voz fraca, trêmula, quase sussurro.

Lembro-me, com espanto, do dia em que minha prima ligeira ou faceira, por pressa e jeito menina, puxou a cadeira da vó antes da vó se sentar. A intenção era sentar-se ela, minha prima, e não derrubar a vó... O fato é que a vó sentou - no vazio e se esborrachou de uma vez só. Foi um alvoroço geral. Minha prima correu para o quarto. Eu achei que a vó tinha morrido e que minha prima morreria em breve, de tanto apanhar. Ninguém morreu aquele dia, mas a vó, porcelana que era, causou comoção extrema. Só se falou no ocorrido por meses, anos... Encostar na vó não podia, porque ela era bem velhinha, bem fraquinha, bem, bem... Derrubar a vó nem pensar! E minha prima derrocou.

Hoje meu sogro que já beira os 80 anos, senta-se com a neta no chão. Mamãe com 70 experimenta montanha russa.

Os idosos mudaram? Ou as representações sociais que deles fazemos é que foi modificada? Cremos que ambas as respostas são positivas. As estudantes da UATI pulam, dançam, fazem folia. Para se ter uma ideia, uma amiga de trabalho, quando foi dar sua primeira aula na turma, “inventou” uma dança com troca de par. Quando a música parava, tinham que correr e trocar de parceira, a mais vagarosa, sobrava. E não é que na primeira corrida as alunas caíram no chão? Uma, depois a outra e assim sucessivamente, lá se foram todas.

Ah, se fosse no tempo da vó... Minha amiga podia não apanhar, mas seria despedida de certo, por justíssima causa. Ao contrário de uma catástrofe, as alunas acharam o ocorrido divertidíssimo. Talvez percebam no corpo as mesmas dores e incômodos dos quais vovó se queixava, porém, o sentido que se atribui ao fato é diferente de outrora. O que era significado como falta de respeito e indelicadeza,

agora assume o sentido de diversão, descontração. Evidente que são situações bem diversas, as protagonistas de tais acontecimentos eram neta e vó de um lado e professora e estudantes de outro, os espaços eram familiar versus educacional, entre outras tantas diferenças que não terminaríamos de elencar.

Entendemos que distantes contextos tornam distintas as produções de sentido e seria legítimo analisar cada uma das variáveis na situação da vó e das alunas para compreender suas desiguais repercussões. No entanto, o que gostaríamos de ressaltar aqui é um aspecto em especial – o tempo em que aconteceram. Parece que há uma flexibilidade no zelo que se atribuía ao idoso de ontem e ao que se atribui ao de hoje. Aquele de antes - frágil e poupado, e o de agora - forte e incitado, o que nos leva a pensar que velhice é um termo impreciso, condicionado a um complexo de relações e circunstâncias.

Como concordam diversos autores²⁸, a velhice não pode ser aprisionada em padrões biológicos e sociais estereotipados e/ou estagnados, uma vez que os símbolos a ela associados se modificam a depender do contexto temporal/espacial e das experiências vivenciadas por cada sujeito.

No entanto, encontramos trabalhos do início do século que a enquadram em sentidos um tanto rígidos, como é o caso de Papaléo Netto (2002) que define o envelhecimento como processo, a velhice como fase da vida e o idoso como o resultado final.

Para este estudioso o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam “perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte” (p.10).

Adiante ressalta que as manifestações somáticas da velhice “são caracterizadas por redução da capacidade funcional, calvície e redução da capacidade de trabalho, entre outras, associam-se a perda dos papéis sociais, a solidão e as perdas psicológicas, motoras e afetivas”. (idem, p. 10)

Para ele e outros autores como Emilio Antonio Jeckel-Neto e Gilson Luis da Cunha (2002), a velhice é sinônimo de perda a qual está associada à deterioração

²⁸ Tótora (2015); Moreira e Nogueira (2008); Schneider e Irigay (2008); Silva (2008); Soares e Rodrigues (2006); Barros e Castro (2002); Minayo e Coimbra Jr. (2002); Veloz, Schulze e Camargo (1999); Debert (1998); Peixoto (1998); Mercadante (1996); Veras (1995).

do organismo - visão biológica que coloca o sujeito como portador de um corpo frágil que limita e reduz sobremaneira sua capacidade de ser e estar no mundo. O idoso aqui estaria submetido a um determinismo natural que o fadaria necessariamente ao declínio.

Em complementaridade a esta ideia, Geraldo Antonio Soares e Lizete de Souza Rodrigues entendem o envelhecimento enquanto um fato biológico de um lado e cultural de outro que “deve ser observado sob uma perspectiva histórica e socialmente contextualizada” (p. 3).

Para eles, há uma distinção entre o significado social de ser velho e o estar na terceira idade. Ser velho estaria associado a uma incapacidade física e cognitiva - dependência, incompetência, doenças crônicas, ao passo que, estar na terceira idade sinalizaria um envelhecimento ativo e independente, voltado para a integração e autogestão estando excluídos dessa categoria indivíduos com sinais de decrepitude e senilidade.

Os autores concluem que a forma de conceber e viver o envelhecimento “depende do contexto histórico, dos valores e do lugar que o idoso ocupa na escala classificatória dessa sociedade que, ao final, serão responsáveis pela construção social de envelhecer e da velhice” (SOARES, RODRIGUES, 2006, p. 5).

Diante destas colocações pensamos que o idoso - seja ele compreendido sob a ótica do organismo, do trabalho ou do papel social que desempenha, é enquadrado enquanto um sujeito com especificidades reconhecíveis apenas naquele que envelhece.

Como se houvesse uma transição entre o comportamento de adultos e dos idosos, estes facilmente identificados por características peculiares. Como diz Alda Britto da Motta “o idoso é sempre referido ou analisado em suas ações, sobretudo pela sua condição de velho, antes que pela condição de sexo/gênero, profissão ou mesmo classe, que definem todos os adultos jovens” (2002, p.78).

Diferente dessa posição, Brandão et al. (2019), referem que “a questão do envelhecimento coloca em discussão a necessidade de se reconhecer que tal processo põe em cena dimensões vitais que não podem ser reduzidas à sua dimensão biológica”, isso porque, no entendimento dos autores, nesse período da vida, há potencialidade “de invenção de múltiplos modos de existência” (p. 117).

Conforme Minayo e Coimbra Jr. (2002) “há a necessidade de desnaturalizar o fenômeno da velhice e considerá-la como uma categoria socialmente e

culturalmente construída” (2002, p.15). Até porque, como aponta Veras (1995) “nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social” (1995, p.26).

É o que pensa também Elizabeth Mercadante (2005) para quem a definição de velhice fundamentada nas variações orgânicas do corpo pode ser uma primeira aproximação para seu entendimento – parcial, simplificada e, portanto, insuficiente para abarcar de forma ampla e profunda um fenômeno que ao lado de fatores biológicos envolve situações socioculturais e históricas constitutivas desse mesmo fenômeno. Segundo ela, a “diversidade sociocultural indica a pluralidade de formas de viver a vida pelos assim denominados velhos” (MERCADANTE, 2005, p. 25).

O que os autores acima salientam, e nós acedemos, é que a velhice não é homogênea, mas vivenciada de maneira singular por cada pessoa que envelhece, a depender de sua história particular e do contexto sociocultural mais amplo em que se insere. Assim, “se por um lado, o ciclo biológico próprio do ser humano assemelha-se ao dos demais seres vivos – todos nascem, crescem e morrem –, por outro, as várias etapas da vida são social e culturalmente construídas” (MINAYO; COIMBRA JR. 2002, p.14) o que refuta qualquer espécie de universalização.

Featherstone (1995) ao comentar sobre a universalização acadêmica de certos conceitos adverte que devemos ser cautelosos e cuidadosos ao relacionar nossa experiência pessoal com a da humanidade. Ele defende que não há um curso de vida singular, mas cursos de vida possíveis sobre o qual vamos pedalando “nosso barquinho, sem poder desviá-lo, porque seu curso é muito rápido e forte e, às vezes, a corredeira fica muito intensa em determinados momentos, como cachoeiras²⁹ que podem simbolizar fases de tempestade e de tensões na vida” (p.7).

O autor nos incita a pensar na vida enquanto um processo contínuo, cuja correnteza nos “puxa” para um lado ou para o outro, mas não retorna, não recua, segue adiante. Há caminhos diversos, há rios distintos e para cada um deles um mapa específico. Não podemos usar mapas de um rio em outro, porque nos perderíamos. E o rio não cessa seu percurso e não faz paradas até desembocar no mar. Independente de nossa idade simbólica, todos navegamos em águas corredeiras e as divisões desse percurso em etapas são apenas abstrações e criações humanas.

²⁹O autor refere em outro momento desse seu mesmo texto, que a cachoeira simboliza um momento de transição, como a passagem da infância para a adolescência.

Ao tentar definir melhor as fases da vida fazemos associações e conceituações particulares que dizem respeito às condições sociais, políticas e econômicas em que vivemos, que são pertinentes apenas ao nosso rio, à nossa localização geográfica e temporal.

Afinal, como apontam Vera Brandão et al., envelhecer – do ponto de vista biológico – é um fenômeno que “afeta todos os viventes mas a vida é um fluxo mutável e heterogêneo, o que implica admitir que os termos ‘envelhecimento’ e ‘velhice’ encobrem diversidade e singularidade que são a marca desse processo e/ou dessa etapa vital” (BRANDÃO et al., 2009, p.118).

Na década de 80, minha mãe pintava quadros. Tenho alguns em casa, porém, o mais cobiçado pendura-se na parede de mamãe – a ilustração pincelada a óleo retrata uma senhora de coque grisalho e saia longa - tricotando sobre uma cadeira de balanço. Assim que terminara o quadro mamãe dissera que havia se inspirado em vovó, que na época devia ter por volta de 65 anos de idade. Hoje mamãe está com 70 anos e, se eu nela me inspirasse, desenharia uma mulher de rabo de cavalo e calça jeans tomando um chope com as amigas.

É certo que há limites para o corpo, mas estes não estão à deriva da natureza biológica e o curso de vida não responde a um fluxo universal, pré-programado, mas segue caminhos singulares, coerentes com a época, o lugar e a história de vida de cada sujeito. Assim, ao dizer da velhice, é necessário aceitar que ela não aprisiona sentido imóvel, mas fluido, corrente. Não é a idade que determina o sujeito idoso, mas a qualidade das experiências que ele vive.

3.3 Tempo interno

A passagem do tempo deixa marcas no rosto, no corpo, no gesto e no pensamento que não se fixam em nós quando temos menos idade e, como ressalta Goldenberg (2015), o tempo para os idosos “é extremamente valioso e não pode ser desperdiçado. Não querem aposentar-se de si mesmos” (p.17).

No entanto, esse tempo de que falamos, ou essa percepção dos sinais que ele deixa em nós não é apenas externa, cronológica, datada; mas interna, subjetiva, de calendário abstrato.

Mercadante (1998) salienta que para se pensar em caminhos flexíveis para a vida, é necessário incorporar uma nova concepção de tempo. Um tempo que além de externo/cronológico (Kronos) é também interno/existencial (Kairós). Para ela,

“pensar o sujeito, a partir de uma concepção “kairós”, implica em promover a quebra de uma incongruência que se dá entre dois tempos: externo e interno, vividos pelos sujeitos velhos” (p. 29).

Monteiro (2005) também faz a distinção entre estas duas instâncias temporais salientando que o tempo Kronos rejeita a escolha do sujeito porque é objetivo, contável, numérico. Um sujeito com mais anos vividos é objetivamente mais velho do que aquele de menor idade. Ao considerá-lo com exclusividade, as idiossincrasias da humanidade são apagadas, os dias tornam-se repetitivos e a liberdade do sujeito é cerceada.

Como possibilidade de vivermos menos a coisa e mais a ação, há o tempo Kairós que é o tempo do movimento espiralado, não linear. É o tempo do agora, do vivido, do oportuno, despreocupado com o passado e com o presente, entregue ao fluxo, à mudança. É o tempo singular de cada um, regido pelo sujeito.

Não nos acostumamos a viver o Kairós, pouca atenção dedicamos a ele, pois vivemos ocupados com prazos, pontualidade, metas, e deixamos-nos à deriva de planos e projetos futuros. Ficamos presos a convenções e seguimos vivendo sem experimentar da vida e sem viver nosso próprio tempo.

Impossível definir o idoso pela simples passagem do tempo, pois, de acordo com Monteiro (2005), se vivemos no tempo, ele está em nós, ser velho ou ser novo depende de como vivemos nosso próprio tempo, de nossas experiências subjetivas e não consensuais.

Tótorá (2015) ao referenciar os autores Deleuze e Guattari em suas reflexões, nos incita a pensar a velhice independentemente de marco cronológico, em assumi-la como um acontecimento³⁰, uma existência, “atualizando, a cada momento vivido (kairós), a vida como (d)obra de arte” (p. 15). Tal entendimento faz a autora conceber a velhice como invenção e resistência, no sentido de renovação constante. Para ela, “o tempo passa com as idades, mas nada passa e tudo muda com o tempo da velhice como acontecimento” (p.15).

Sob essa perspectiva, Tótorá (2015) nos fala da potência de vida, que é impensável ao pensamento – singularidades constituídas por meio de discretos acontecimentos que compõem o envelhecer – um esgotamento da vida em todas as

³⁰ Para os autores citados, a ideia de *acontecimento* está relacionada à “parte do que escapa à própria atualização em tudo o que acontece [...] é o que escapa ao estado das coisas, ao vivido, ao corpo, [...] o que não para de subtrair-lhe ou de acrescentar à sua atualização (Deleuze e Guattari, 1993, apud Tótorá, 2015, p. 14).

suas dimensões, a qualquer tempo, destituídas de qualquer fórmula ou modelo. Baseada na filosofia de Nietzsche, a autora sugere “temporalizar a vida como um fazer-se a cada momento, Kairós, em que vida e morte convivem” (TÓTORA, 2015, p.44). Porque para ela, “não se cria para além de si mesmo sem a disposição para a morte, para desfazer o feito, romper com o seguro e definido, para arriscar novos possíveis” (TÓTORA, 2015, p.44).

Os movimentos diminuídos do corpo envelhecido, os quais inevitavelmente ocorrem com o passar dos anos, denunciam o tempo Kronos e nos coloca em cheque com nosso tempo interno. Abstrair a condição da velhice e das singularidades que ela inevitavelmente representa, seja de ordem biológica, cultural e/ou social, é também cegar uma realidade. É preciso estar atento inclusive para essa aparente descaracterização etária que pode conter nuances de uma nova construção, igualmente estereotipada. No anseio de refutar a cronologia do tempo, corremos risco de cair na armadilha de outras convenções, ao invés de viver o Kairós.

A esse respeito, Debert (2010) chama a atenção para essa pseudo-descronologização da vida, porque entende que as idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social, uma vez que “a incorporação de mudanças dificilmente se faria sem uma nova cronologização da vida e seria um exagero supor que a idade deixou de ser um elemento fundamental na definição do status da pessoa” (p. 75).

Concordamos com a autora, pois é justamente a busca pela compreensão da velhice que nos move neste trabalho. Se não a reconhecêssemos enquanto uma entidade particular, não a estaríamos glosando. Destarte, o que a pós-modernidade oferece é uma flexibilização e alargamento das fronteiras, ou ainda, uma possibilidade do “novo velho” experimentar atividades que em outros tempos seriam impensáveis.

Assim, acreditamos que há especificidades naqueles que já ultrapassaram os sessenta anos de idade, especificidades estas que os une em um universo comum, mesmo que diverso e múltiplo, não perdendo de vista o fato de que “se o envelhecimento é um marcador biológico (inexorável, mas admitindo variações), a velhice é uma construção social tanto quanto “juventude” ou “adolescência” (BRANDÃO, et al., 2009, p. 121) o que confere uma heterogeneidade empírica na conceituação de velhice e nos papéis e posições atribuídos aos idosos.

3.4 Idosos do espetáculo

Dia desses assisti a um vídeo³¹ veiculado na internet da ginasta alemã Johanna Quaas que com seus 91 anos exhibe elevada força e flexibilidade físicas. A partir dos comentários tecidos pelos internautas, evidenciou-se o espanto e a admiração que temos ao nos deparar com uma idosa ou um idoso “atleta”, saudável, com planos e projetos de vida. Ainda que essa ideia seja aceitável e possível, parece que a expectativa previsível é a de que a pessoa idosa está sempre prestes a tropeçar e a cair e que cabe à sociedade cuidar para que isso não aconteça, como revela o comentário de alguns seguidores:

I'm so impressed! My grandma is younger and can barely walk! (“Eu estou tão impressionado, minha avó é mais nova e mal pode caminhar”).

O referencial que subsidia esse comentário é o de que o idoso representa debilidade física e faz com que o seguidor se espante com a constatação de que a velhice é também plural e, assim como em qualquer outra idade, aceita diversidade de comportamento e vigor físico.

Acontece que, no ideário das pessoas, a velhice se fecha em uma possibilidade mais previsível - relacionada à desvantagem em relação ao mais novo:

Her legs are in better shape than mine and im 14

(Suas pernas estão em melhor forma do que as minhas e eu tenho 14 anos).

Interessante que ainda que a ginasta revele flexibilidade e equilíbrio invejáveis, outro comentário nos faz pensar que a ideia de que a idade acarreta declínio não se desfaz:

I wonder how amazing she was when she was younger

(Eu imagino o quão incrível ela era quando mais jovem)

Ou seja, para essa pessoa, com o avançar da idade não melhoramos fisicamente e talvez possamos apenas manter algumas habilidades em melhores condições ou menor deterioração. A imagem que se tem é a de que a ginasta era muito melhor quando mais jovem, porque o corpo envelhecido necessariamente decai.

³¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ECJj0ElcOKc>. Acessado em 12/07/2017.

Sendo esta a fantasia da velhice, manifestações como a de Johana Quass contrariam as expectativas do ideário coletivo e deixam as pessoas incrédulas sobre suas possibilidades, como revela o enunciado abaixo:

Johanna Quass is 86 years-old and is still an incredible gymnast! What she can do at this age is truly unbelievable!

(Johanna Quass tem 86 anos e ainda é uma incrível ginasta! O que ela pode fazer em sua idade é realmente inacreditável!).

Para outras seguidoras o vídeo é inspirador e sugere que com esforço pessoal é possível alcançar o modelo desejável de um envelhecimento saudável:

She's an inspiration for me to continue to be mindful of my health. I hate it when people tell me that I'm not supposed to exercise and eat healthy because I'm already skinny. When they do complain, I'll show them this video and tell them that I'm working towards being like this lovely lady when I'm in my 90's :)

(Ela é uma inspiração para eu continuar a ter consciência da minha saúde. Eu odeio quando as pessoas me dizem que eu não devo fazer exercício e comer comida saudável porque já estou magro. Quando eles reclamarem, eu vou mostrar-lhes esse vídeo e dizer-lhes que estou trabalhando para ser como essa linda senhora quando estiver próxima dos 90 anos).

Há um ideal a ser alcançado que sabemos estar associado ao padrão de vida desejável - propagado pela mídia. E aqui vale uma reflexão acerca da sociedade do espetáculo referida por Guy Debord (1997)³², para quem a imagem, já na modernidade, representava “o coração da irrealidade da sociedade real” (p. 15). Para o autor, a vida moderna não passa de um imenso acúmulo de espetáculos e o vivido se esvai na poeira da representação gerando certo desligamento dos aspectos da vida que fundem-se num curso comum.

Diz ele que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediatizada por imagens [...] É uma visão cristalizada do mundo” (DEBORD, 1997, p. 14) que faz com que Johana Quass seja, de um lado – incrível e inacreditável, de outro, uma inspiração, um anseio. O inalcançável torna-se meta porque “no mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento falso” (p.16).

³² A obra de Guy Debord foi publicada originalmente em francês no ano de 1967 e entendemos que sua crítica às representações irrealis da sociedade capitalista – sociedade espetacular, ainda se mostra relevante e atual.

Uma pessoa linda como é referenciada a ginasta é uma pessoa que segue os padrões imagéticos de saúde e sucesso propagados pelos meios de comunicação. Fora disso, o sujeito, seja jovem ou idoso, é considerado uma antevisão da “boa vida” – um fracasso existencial. E todo esforço para se manter o ideal de vigor físico e cognitivo é incentivado, aplaudido e perseguido a qualquer “custo”, especialmente porque “o espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é - o que aparece é bom e o que é bom aparece” (DEBORD 1997, p. 17).

Vestidos de uniformes “obrigatórios”, seguimos a vida de falsas aparências e de negação da real existência. Diferente desta visão, acreditamos que o existir pode sim contemplar a vitalidade física, mas precisa aceitar a possibilidade do desvigor como igual potência de vida. Para isso, há de se resistir aos arquétipos da vida socialmente dominante e rabiscar novos moldes para o figurino de nosso cotidiano.

Acontece que a vitrine contemporânea exhibe luzes hipnóticas e, capturados pelo convite da promoção na etiqueta, gastamos tudo na peça ofertada, afinal, “as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes” (DEBORD, 1997 p. 19) de maneira que “à medida que a necessidade encontra-se socialmente sonhada, o sonho torna-se necessário” (idem, p.20) o que faz com que o sujeito contemple mais e viva menos.

“Quanto mais o espectador aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende sua própria existência e o seu próprio desejo (idem, p.26)” - o que entendemos causar o embaralhamento de gestos e comportamentos que não são mais de cada um, mas de todos em um. O espetáculo, que reside em toda parte, não mora em casa alguma e a vida vai se tornando estranha a nós mesmos - passamos de espectadores a expectadores de algo (ou alguém) que nunca vem.

Outra ideia que clama atenção nos comentários sobre o vídeo da Ginasta é a de esforço pessoal como ingrediente suficiente para se alcançar qualquer meta, o que transfere ao sujeito a responsabilidade por sua velhice bem-sucedida, ao que Debert (2003) conceitua como a reprivatização do envelhecimento, melhor dizendo, a responsabilidade individual de cada idoso para que se mantenha ativo e em “plena forma”, como o registro a seguir:

As they say Never say you can't do something because You Can, IF you have Faith within yourself and Apply the Foot Work Anything is Possible. She looks Great, have Flexibility, & doesn't look 90

(Como eles dizem - Nunca diga que você não pode fazer algo porque você pode, se você tem fé dentro de si mesmo e se aplica no trabalho, qualquer coisa é possível. Ela parece ótima, tem flexibilidade e não aparenta 90 anos de idade).

Finalmente, há um sujeito que faz o seguinte apontamento:

Respect (Respeito)

O que nos leva a compreender que um idoso merecedor de respeito é aquele que se esforça para contrariar estigmas e estereótipos negativos atribuídos ao envelhecimento e que se mantém em plena atividade mesmo aos 90 anos.

Existem outras celebridades de “youtube” que “impressionam”, como a cantora Cátia de França³³ que aos 70 realiza shows enérgicos por todo o Brasil e a bailarina Christine White³⁴ que começou a dançar balé aos 50 anos - a fim de realizar seu sonho de menina - e hoje, aos 55 anos, equilibra-se na sapatilha de ponta.

O que se observa, também a partir dos comentários que se seguem aos vídeos destas “famosas”, é que o continuar a cantar não causa tanto espanto quanto o continuar a fazer barra e exercícios de solo, talvez porque imaginamos que a decadência inevitável da velhice resida especialmente na agilidade e força corporais.

Os comentários da cantora são de exaltação, elogios e não surpresa:

Que coisa Linda

Maravilhosa

Grandiosa

Já no caso do vídeo da bailarina, que começou a dançar aos 50 anos ela inspira superação e possibilidades:

Me inspirei. Lindo demais!

Há um canal do “youtube” onde a bailarina posta suas aulas, apresentações e, através dos comentários das seguidoras, percebemos o quanto ela tem movido outras mulheres a perseguirem sonhos e realizações:

Olá Christine, eu me inspirei em você para ter coragem de iniciar as aulas de Ballet clássico para adultos aqui em minha cidade, no início me senti muito

³³ Disponível em <http://bit.ly/2tNWDIO>. Acessado em 12/07/2017.

³⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XD4F4L05d1E>. Acessado em 12/07/2017.

envergonhada, achando que eu era um peixinho fora d'água, mas depois de duas semanas de aula já me sinto uma bailarina e continuo seguindo seu canal.

Outras procuram apoio na história de Christine para superarem estigmas:

Christine, não estou me contendo por te ver dançar. Também sonho em dançar, já dancei quando era mais jovem. Hoje, rotina de adulta, me vejo sem perspectivas de como fazer isso, infelizmente estou obesa e acho esse é o grande obstáculo para voltar a dançar.

Para além da velhice, a obesidade contradiz o protótipo tradicional de bailarina. O obstáculo maior da seguidora são os “kilos” que ela considera em excesso. Não se contém com a dança da idosa, porque rompe com estereótipos vigentes, ainda assim, não tem perspectivas de como voltar a dançar, porém, reflete sobre a possibilidade – quem sabe um vislumbre para a desestrutura da sapatilha de ponta.

Curioso que a trajetória e perseverança de Christine inspirou também uma jovem menina que enxergou na maturidade da bailarina um exemplo de sabedoria a ser seguido:

Estou começando o ballet agora, com 18 anos e me sinto muito insegura. Ver sua força de vontade me ajudou a seguir em frente com meu sonho também! Abraço.

Esses vídeos e seus comentários, apesar de apresentarem certos estereótipos e expectativas sobre uma velhice caracterizada pela desvantagem, buscam romper com tal ideário e revelar possibilidades antes impensadas aos idosos de outros tempos.

No entanto, imagens positivas e negativas ainda convivem na mídia, conforme observaram Yasmine Oliveira Vieira et al. (2016) que, ao pesquisarem a representação da pessoa mais velha em desenhos animados (DAn) voltados ao público infantil concluíram que, “apesar de na maioria das vezes o idoso ser representado nos DAn com imagens positivas, a presença dos estereótipos negativos é marcante, prejudicando a imagem do idoso diante das crianças, que são o seu público-alvo” (p. 110). Explicam as autoras que tais estereótipos são recursos utilizados para compor situações hilárias, mas advertem que tal atitude reforça uma inadequada relação de desmerecimento entre diferentes gerações.

Cláudia Márcia Ventura Teixeira Santos et al. (2015) realizaram um estudo contemplando a temática da velhice em pinturas expressionistas e observaram que

no início do século XX, quando este movimento artístico atingia seu ápice, “vários pintores retrataram com grande beleza a faceta da evolução humana na fase do envelhecimento, contribuindo para o entendimento dessa fase da vida de forma nostálgica e engrandecedora por meio de cores, formas e expressões” (SANTOS ET AL., 2015, p. 134), o que aponta para o fato de que a velhice, a depender da época, local e meio de expressão, assumiu diferentes acepções. Se por um lado, a mídia escancara a realidade depreciativa da velhice, de outro, a tinta destaca a poesia do envelhecer.

Se fizermos um retrocesso nos estudos sobre envelhecimento, encontraremos autores como Beauvoir que, na década de 70 publicou sua obra sobre a velhice. Na época, denunciava a conspiração do silêncio acerca dos idosos, o que não se observa hoje - tempo marcado pelo aumento da expectativa de vida e, por isso mesmo, pela ampliação dos discursos a respeito do envelhecimento a partir de um viés positivo, que convoca os idosos a estarem em atividade constante, buscando a felicidade e o aproveitamento de cada instante. É como se surgisse um dever da felicidade, interligado à ideia de se reconstruir e aproveitar a vida como os jovens.

O trabalho de Dantas (2016), por exemplo, analisa dois documentários recentes sobre a velhice - *Envelhescência* (2015) e *Muitos anos de vida* (GNT, 2016) - e revela que em ambos é nítido o questionamento dos limites da idade e a ideia de subversão da imagem de recolhimento e apagamento do velho. A autora também ressalva que, especialmente nas narrativas de idosas femininas, há a ideia de “reinventar-se, aproveitar a vida e redescobrir-se, ou seja, o foco é no seu desenvolvimento interior” (DANTAS, 2016, p. 14). É nítido aqui a recorrência à felicidade obrigatória a qual remete à fantasia da “felicidade compulsiva e compulsória” discutida por João Freire Filho (2010).

Isso mostra que nos encontramos num impasse, se por um lado há um aparente aumento das possibilidades de comportamentos permitidos aos idosos, que o liberta da imobilidade e comodismo, há ao mesmo tempo um aumento de cobranças e responsabilidades por um comportamento ativo, que o aprisiona em modelos de juventude.

Sobre a evolução histórica deste ideário veiculado pela mídia, Debert (2003) esclarece que até os anos 70 o tratamento dado à velhice veiculava imagens associadas à mesma de forma negativa e depreciativa onde se acentuavam

estereótipos de dependência física e afetiva, além de insegurança e isolamento. Nos programas humorísticos, comenta a autora, o velho era aquele rabugento, teimoso e tolo, passível de riso e comicidade.

Já nos anos 80, começa haver uma mudança na imagem da velhice veiculada principalmente pela televisão, onde há evidente apologia à família patriarcal, sendo o homem velho detentor de poder, riqueza, perspicácia e prestígio social. A mulher, no entanto, continuava relegada a papel secundário.

Tais observações encontram respaldo em pesquisas realizadas por John Bell (1992) na Inglaterra e Featherstone (1994) nos Estados Unidos, que corroboram a ideia de que uma imagem mais positiva da velhice começa a ser construída a partir dos anos 70.

Também Livia Botelho Félix e Maria de Fátima de Souza Santos (2011) realizaram uma pesquisa em 231 matérias publicadas na Folha de São Paulo e Jornal do *Commercio*, no período de janeiro a junho de 2009, as quais faziam referência ao tema envelhecimento e concluíram que “o discurso midiático reflete essa mudança histórica e cultural, abolindo o tratamento velho, o que se relaciona, como mais um esforço em mudar a valoração negativa e carregada de estereótipos em torno da velhice” (FELIX; SANTOS, 2011, p. 373).

Debert (2003) comenta que no Brasil os comerciais também começaram a apresentar o personagem idoso como alguém que compete com o jovem no desempenho de alguns papéis. Para a autora, essa pseudo-transgressão, camufla algo mais sério - o imperativo de que a pessoa idosa adote formas de consumo e estilos de vida que evitem a velhice e os problemas que ela acarreta, como se envelhecer fosse sinônimo de descuido.

A esse respeito, Magda G. Ferreira et al. (2014) analisou a influência da mídia sobre os idosos nos dias atuais e constatou que o idoso é reconhecido como um mercado em potencial para investimento, tanto por seu crescimento acelerado quanto pelo seu grande poder de consumo relacionado aos hábitos de vida moderna e busca incessante de qualidade de vida.

Da mesma maneira, Renato Perissinotto (2008), adverte que “a ideia do envelhecimento saudável, feliz, produtivo, transformado em consenso [...] pode ser o resultado de relações de poder, isto é, de interações que levam os dominados a desejar coisas que, de outro modo, não desejariam” (p.37). E questionamos o mesmo que Sara Arber e Jay Ginn (1996) - diante da imposição do “envelhecimento

ativo”, a velhice com dependência, frágil, pobre, se converterá na grande proibição do século XXI? É o que parece.

Há alguns meses resolvi assumir meus cabelos brancos... Faz uns 10 anos que eles começaram a aparecer. Na época, espanto e repulsa: Velha, eu? Era a denúncia de que a idade progredia e de que não haveria volta, porque depois do primeiro fio, vem o segundo e o terceiro, o incontável.

Minha decisão se apoiou em um repensar da idade. Talvez maior confiança em outros valores que não a aparência externa, ou quem sabe o desejo de declarar-me segura. Insegurança? Pode ser. Também a libertação de salão e tinturas constantes são muito bem vindos. No entanto, apesar de me conter para não pintar, ainda titubeio na decisão. Veremos até onde sustento.

Fato é que as outras pessoas (mulheres em geral) começam a notar o branco dos fios e a maioria me recrimina por isso. Houve duas que me alertaram para o modismo e a tendência dos cabelos brancos, comuns hoje em famosas e ativistas da mídia. Após tal informação, curiosa, visitei sites que declaram tal tendência e, confesso, fiquei mais confiante.

Sim, a mídia exerce forte tendência em nossos comportamentos e convicções. O que eu pensava ser irreverência ou talvez bobagem, agora é tendência e, com tanto apoio de outras que já “transgrediram”, é possível prosseguir na meta sem tantas dúvidas e examinadas no espelho – para minha “desculpa”, na contramão do consumo - gastarei menos com isso.

No trabalho desenvolvido por Debert (2003) foram analisadas 50 propagandas da década de 90 e uma campanha publicitária de vacinação, envolvendo idosas cujos papéis ajudaram a construir uma imagem da velhice desejada por todos – ativas, saudáveis e independentes. Imagem essa totalmente dissociada do que se pensava ser a velhice há décadas atrás - sujeitos frágeis e dependentes, que necessitavam de cuidados e amparo para que não representassem ônus à sociedade.

É o que demonstra o texto de Beauvoir (1990) escrito em uma época em que era coerente dizer – “a condição das pessoas idosas é hoje³⁵ escandalosa” (BEAVOUIR, 1990, p.265). Para a autora, o excesso de zelo que eram despendidos

³⁵ A obra original da autora sob o título *La Vieillesse* data de 1970, compreendemos, no entanto, que o vocábulo “hoje” utilizado no texto aplica-se à atualidade, pois não se refere a um tempo cronológico, mas à sociedade pós-industrial.

aos idosos acabavam paralisando-os como se não tivessem mais condições de opinar ou fazer por si próprios o que bem entendessem. Assim, a autora entendia que a situação da/do idosa/idoso estava fadada à inatividade ou à inutilidade, seja de ordem laboral, afetiva ou social, para ela “o devir individual inscreve-se num devir social com o qual não coincide: esse desnível produz-se em detrimento do homem velho que se vê necessariamente atrasado em relação ao seu tempo” (BEAVOUIR, 1990, p.470).

O que assistimos atualmente nas propagandas e vídeos veiculados parece ser justamente essa corrida para alcançar e acompanhar os estilos de vida dos mais novos. Estatelados no espetáculo, a vida torna a nós e a ela mesma - simples aparência. Abandonamos o ser para abrigarmos o (parecer) ter – “Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido, somente naquilo que ela *não é*, lhe é permitido aparecer” (DEBORD, 1997, p.19).

No caso do idoso, o poderio físico é difundido como a grande conquista dos “longevos de sucesso”. No ideário coletivo, ter saúde representa a nulidade do ser idoso - este, não é significado pelo que ele realmente viveu e/ou vive, mas pela força e imunidade orgânica que ele aparenta ter, pelas atividades que ainda é capaz de realizar – eis a necessidade socialmente sonhada e tornada necessária aos/pelos idosos.

Como um espectador alienado do espetáculo³⁶, quanto mais o idoso contempla, menos vive, como se não houvesse espaço para aceitar e exaltar a existência envelhecida e/ou hábitos ancestrais – aqueles que localizam e identificam cada um de nós – que fazem sentirmo-nos em casa.

Em contraposição a este ideário, Correa (2009) adverte que mais do que outras fases da vida, o hábito está integrado ao cotidiano do idoso – “o que muitas vezes é conhecido tipicamente como ‘manias de velho’ pode ser um comportamento que se expande no sentido de estabelecer uma relação continuada e duradoura com o mundo” (CORREA, 2009, p.89). Aludindo à Hannah Arendt (1972)³⁷ ela refere que ao ser incorporado à vida, o hábito torna-se poesia do cotidiano uma vez que “o

³⁶ Debord (2003) ao referenciar o espectador alienado não falava das pessoas idosas em especial, mas de toda sociedade capitalista. O que fizemos aqui foi um exercício de aproximação entre suas ideias e o nosso campo de estudos.

³⁷ No texto - ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

presente é um passado revisitado e o futuro pode ser antevisto” (CORREA, 2009, p. 89).

A autora fala das constâncias da vida, da resistência às efemeridades, do aprofundamento nas raízes e em rituais que nos localizam no tempo e no espaço, permitindo saber quem somos e, a partir daí, nos projetarmos para o futuro.

3.5 Memória e resignificação

Compreendemos que “a cultura e tudo o que sabemos, não inauguramos, mas recriamos, refazemos. As correntes do passado desaparecem na aparência, porém, são revividas num objeto, lugar, pessoa - resquícios de outras épocas” (SIQUEIRA, 2013, p. 77). Assim, “há maneiras de passar o café, arrumar a mesa e cultivar um jardim que obedecem aos rituais de outrora” (idem, p. 2) – hábitos que dão sentido à nossa existência, porque nos localizam e, ao mesmo tempo, nos lançam à construção humana.

Se a cadeira de balanço e o crochê estão “fora de moda” e distantes da mídia, em nossas considerações elas coexistem com as sapatilhas de Christine e com as barras paralelas de Johanna Quaas – porque representam igualmente potências de vida.

Beauvoir (1990) sugere que para a velhice não se constituir em uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só resta uma solução – “continuar a perseguir fins que deem um sentido a nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, a causas, a trabalho social ou político, intelectual, criador” (BEAVOUIR, 1990, p.661).

A autora ressalta que para que um homem continue sendo um homem em sua velhice seria necessário que ele fosse sempre tratado como um homem, o que, segundo a autora, não ocorre. Em suas palavras... “A velhice denuncia o fracasso de toda uma civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar, se quisermos que a condição do velho seja aceitável” (BEAVOUIR, 1990, p.664).

Por concordar com Beauvoir e na intenção de lançar um olhar mais otimista para a velhice, entendemos que seja possível nesta idade o vislumbre de uma contínua invenção da vida, dos valores, das formas de se relacionar com as pessoas e com o mundo. Sem a pretensão de alcançar o desenho biográfico ideal, há de se acreditar em um traçado estético, agradável, desejável e persegui-lo por toda a vida. Não se trata de encontrar uma fórmula de viver ao envelhecer, mas de continuar

construindo uma existência na qual se acredita. Se ao jovem cabe um dever, a idosas/idosos também deve caber.

Ecléa Bosi (1994) sugere que a construção de um envelhecer desejável passe pelo exercício da lembrança, da rememoração. Em seu trabalho sobre as lembranças de pessoas idosas que viveram na cidade de São Paulo, afirma que o trabalho do velho³⁸ é resgatar a memória da história vivida, torná-la pública a fim de realizar a religiosa função de unir começo e fim. Para a autora, o velho tem uma espécie de obrigação social: a de lembrar, lembrar, lembrar, o que foi a vida deste é um constante preparo e treino para quem irá substituí-los.

No entanto, no mundo abreviado e provisório em que vivemos, em que os laços familiares e de amizade são instáveis, as moradas passageiras, os trabalhos temporários e todo o resto descartável, as lembranças de pessoas idosas, “fonte de experiência, sabedoria e conhecimento – torna-se cada vez mais uma perda de tempo, ou um tempo perdido” (SIQUEIRA, 2013, p. 77).

As oportunidades de narrar estão desaparecendo, foi-se o tempo em que o tempo não contava... “O adulto está aprisionado em seu trabalho, a criança hipnotizada pela tecnologia, o jovem reside no mundo virtual e a pessoa mais velha, fonte de onde jorra a cultura, não encontra ouvidos atentos” (SIQUEIRA, 2013, p. 77).

Para Bosi (1994) a sociedade industrial é maléfica para a velhice porque o que o idoso constrói hoje não terá continuidade amanhã. As árvores plantadas serão destruídas, o estoque das lojas vendidos, as casas demolidas, a obra dos mais velhos não sobreviverá às novas gerações. Os filhos não continuarão o pai e os pais sabem disso, assim, as coisas que construiu estão tão ameaçadas quanto ele mesmo.

A autora nos chama a atenção para a efemeridade e a descartabilidade da sociedade atual e salienta que mesmo quando o discurso da sociedade aparenta certo respeito aos mais velhos, quer convencê-los a cederem seus lugares aos mais jovens. Pouco a pouco os que rodeiam as pessoas idosas assumem o comando da vida destas, privando-as da liberdade de escolha, tornando-as cada vez mais dependentes, sob o pretexto de estarem fazendo o melhor.

³⁸ Utilizamos aqui o termo velho por ter sido a preferência da autora em seus escritos. A intenção da mesma foi afastar o tom pejorativo do termo e revesti-lo do valor que merece.

Nesse sentido, concordamos que as pessoas mais velhas têm essa religiosa função de lembrar e que ao recontarem suas experiências, os sujeitos não estão somente compreendendo a si, mas reinventando-se. No movimento de busca interior, há uma articulação com o movimento de interpretação e significação da vida, o que envolve uma ação criativa a qual impulsiona o sujeito para novos projetos. Como sugere Bosi (1994) - lembrar não é apenas reviver, mas refazer.

Interessante que tais considerações me remetem a uma lembrança...

No ano de 2016 o grupo de idosas - participantes da disciplina de teatro da UATI - estava envolvido na construção da peça: “Os anos dourados de Amélia”. Nossa tarefa era constituir um texto e uma concepção teatral que versasse sobre os anos 50 (conforme orientação e demanda da coordenação). Empenhadas em sair do lugar comum - saias rodadas, estampas de bolas e “rabos de cavalo” - partimos para a pesquisa, a fim de desvendar outras nuances que pudéssemos apreender. Sobre a construção da peça falaremos um pouco mais adiante, por hora, o que gostaria de ressaltar, é a narrativa autobiográfica que recebemos de Emília³⁹ durante o processo.

Foi depois de um dos encontros em que conversamos sobre os costumes “daquela época”. Nascidas entre as décadas de 30 e 40, as participantes da UATI declamavam fartas lembranças de suas juventudes nos anos 50 e 60. Com receio de perder a riqueza dos enunciados, solicitei que redigissem o que julgavam mais interessante, a fim de compor nosso texto dramático.

Apenas Emília fizera a “tarefa de casa”. Entregou-me quatro folhas frente e verso em que descrevia minuciosamente os penteados, vestimentas, alimentação daquele tempo. A riqueza do texto transformou-se em uma narração que foi audiogravada e apresentada no início do espetáculo, juntamente à projeção de slides com fotos antigas delas e daquele tempo.

No dia da audiogravação, Emília esgotou os 60 minutos que havíamos reservado para a tarefa e mais outros 90 para expandir sua narrativa e atualizá-la em novos pensamentos e questionamentos. A cada parágrafo lido, muitos outros construídos – grandiosa articulação entre memória, tempo e narrativa. A partir de sua história autobiográfica, Emília pôde refletir, compreender, reorganizar e ressignificar sua trajetória, atribuindo à mesma novo sentido-significado.

³⁹ Emília: significa a que fala de modo agradável. Nome escolhido para essa idosa cujas fartas palavras esbanjam graciosidade.

Logo no início do texto, ela relata:

Essa época foi bem diferente. Saíamos de carro com o pai ou o irmão mais velho. Moças não tinham carro nem usavam calça comprida, por isso calça para mulheres naquela época é o que hoje chamamos de calcinha. As moças não frequentavam bares nem café, mas iam aos bailes universitários. Algumas já fumavam, mas escondidas, porque era muito feio”.

Após a leitura deste parágrafo Emília referiu (conforme registro audiogravado):

“- Quanta bobagem isso tudo. Hoje tem moça que sai de calcinha na rua e tudo bem. Acho que estão muito certas as moças de hoje, mas naquela época não podia desobedecer nem pai nem mãe. Hoje? Olha eu aqui, to de calça numa boa. Dirigir não aprendi, acho que nem consigo mais, mas dar uma tragadinha em um cigarro... Quem sabe! Ainda to viva né?” (risos)

Por meio da memória Emília recupera e ressignifica sua trajetória, ainda que no plano do pensamento - há uma reinvenção de si.

Para Vera Brandão (2008), esses projetos de reinvenção de si articulam aspectos cognitivos, dimensões socioafetivas, individuais e coletivas, reafirmando as identidades dos sujeitos e dando sentido às suas vidas. “Essas lembranças podem, mesmo sem ser chamadas, tomar-nos como força avassaladora para reconstruir imagens, histórias e personagens, feitos de restos, num eterno trabalho de reconstrução, como um mosaico de sensações” (BRANDÃO, 2008, p29). De acordo com a autora, as memórias têm uma função libertadora e criadora.

Correa (2009) refere que muitas vezes a arte narrativa dos mais velhos é confundida com saudosismo, confronto com a contemporaneidade e valorização do passado em detrimento do presente, quando, na verdade, a memória sempre se recompõe. O passado não é reiterado, mas “atualizado e se presentifica na relação que se estabelece ao narrar-se uma história” (CORREA, 2009, p.109).

Lembra a autora que é comum associar o idoso àquele que vive de lembranças, remoendo e degustando o que já passou e para exemplificar tal constatação recorre ao ditado popular que afirma que ‘quem vive de passado é museu’. Para Correa (2009) tal dito retrata o idoso como um museu ambulante

extemporâneo, situado em outro tempo, que não o atual. Diferente deste desprestígio, ela defende que “mais do que um devaneio fútil ou uma tentativa de preencher o tempo ocioso, recordar é dar corda de novo às engrenagens da história, em uma dimensão na qual tempo e espaço se inscrevem conjuntamente” (CORREA, 2009, p. 110) E conclui que ao lembrar suas vivências, o idoso tem de volta “o sentimento de pertença a uma história ou mesmo à própria sociedade, sentimento esse que muitas vezes é arrancado daqueles que viveram e construíram a sociedade, cada qual à sua maneira”. (idem)

As estudantes da UATI estão a todo tempo se reconstruindo, se recriando, justamente porque trazendo o passado e o futuro para o presente, para o acontecimento da vida. Suas memórias resgatam e organizam o que passou, atualizam vivências de maneira mais rica e original.

Talvez Emília não formalize sua “tragadinha” (ou sim), o que importa é que, ao presentificar suas lembranças, há um confronto consigo mesma, com suas convicções e comportamentos, um reconhecimento de sua trajetória em processo, “como num movimento pulsátil de contração – para dentro, busca refletida, e descompressão, para fora, ação refletida (BRANDÃO, 1990, p.30).

Não somente Emília, mas outras idosas referiram ao longo de todo o processo reflexões sobre a “Amélia” que foram e sobre a “Mulher” que hoje podem ser. Suas histórias reais criaram espaço para a ficção, onde foi possível inventar e/ou capturar novos olhares que em tempos distantes suas vistas não podiam/puderam enxergar.

Conforme Correa (2009), o trabalho de recordar é uma reconstrução de fatos da memória e da linguagem, já que, a cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergirem novos sentidos, sentimentos e sensações sobre o mesmo acontecimento, independentemente de serem ou não relatos verídicos.

Este foi nosso intento durante toda a pesquisa, o refazer, o recriar, o devir... Olhar para o idoso não enquanto tela imóvel e envernizada, mas como escultura de barro úmido – transformável. O mais relevante para nós era o sentido do que se vivia e narrava e não a vivência concreta em si, neste sentido, as memórias e narrativas das nossas idosas constituíram a argila de nossos saberes e fazeres.

Conforme salienta Brandão (2008) “por meio das palavras, recompomos magicamente o passado, que incorpora também o sonho, a fantasia, o devaneio – o imaginário da cultura” (p. 59) e para finalizar o pensamento a respeito do valor das

lembranças, transcrevo abaixo palavras de Zélia Guardiano⁴⁰ as quais relampearam à memória neste instante:

VERSEJAR

Meu verso
É o reverso
Do que sou
Fazendo versos
Sou duas vezes
Sou e ressou

Na vida
Sou estática
No verso
Dinâmica
Na vida
Sou noite
No verso
Amanheço
No verso
Me alegro
Se na vida
Entristeço

Mesmo
Sem rima
(Muita vez)
Reconheço
No versejar
A transformação
Do cotidiano
No inverso
No avesso

3.6 Formas originais de envelhecer

As formas originais de viver a velhice na contemporaneidade já não se adequam às depreciações impregnadas no termo velho de outrora. Novos verbetes têm sido experimentados como: idoso, terceira idade, melhor idade ou ainda

⁴⁰ Zélia Guardiano é Ourinhense. Nascida em 1944 formou-se em pedagogia e trabalhou por mais de 30 anos como professora de português na rede pública de ensino. Desde que encerrou sua carreira no magistério tem se dedicado às artes plásticas e à escrita. Admiro sua ganância de sentido com economia de palavras.

envelhescence - palavras inéditas para nomear características emergentes do processo de envelhecimento.

Como apontam Rodrigues e Soares (2006), “num movimento de oposição à velhice e a toda carga de representação social negativa e depreciativa que ela traz consigo, a expressão terceira idade, uma criação da sociedade contemporânea, vem dar uma nova conotação a esta nova fase da vida” (p. 9).

As palavras têm uma história de construção e não podemos esquecer que seus sentidos se encontram atrelados a discursos políticos, práticas sociais, interesses econômicos e disciplinas especializadas e, por isso mesmo, assentam-se nos valores modernos de produção, diante dos quais o velho perde a utilidade. Como salienta Debert (1999) “abordar a velhice na experiência contemporânea é descrever um contexto em que as imagens e os espaços abertos para uma velhice bem-sucedida não leva necessariamente a uma atitude mais tolerante com os velhos” (p. 72).

Clarice Peixoto (1998), num estudo em que procura entender a trajetória histórica das representações sociais sobre a velhice, tanto na França como no Brasil, afirma que em ambos os países, a instituição da aposentadoria atrelou o velho à improdutividade. A autora ressalta que na década de 60, o desejo de esquivar-se do predicado de improdutividade, contribuiu para o surgimento da categoria de terceira idade, a qual foi legitimada por volta da década de 80 e gerou profunda transformação nos valores atribuídos à velhice.

Silva (2008) acrescenta que ao lado da generalização e reorganização dos sistemas de aposentadoria, o discurso da gerontologia social e os interesses da cultura de consumo foram também importantes fatores que contribuíram para o surgimento da terceira idade. A transformação gradual da sociedade de produção para a sociedade de consumo certamente teve um relevante impacto na transformação da representação negativa do aposentado improdutivo para a representação positiva do aposentado consumidor. Vale mais hoje o potencial de consumo ao de produção.

A terceira idade surge assim como uma nova categoria, que não apaga as outras, soma-se a elas, rompendo, por um lado, com os estigmas negativos do idoso, criando, por outro lado, novas cristalizações. De acordo com Regina Duarte Benevides de Barros e Adriana Miranda de Castro (2002), tomar o “novo velho”

como identidade fixada indica ações tão estigmatizadoras quanto aquelas atribuídas ao velho em si.

A esse respeito, José Sterza Justo e Adriano da Silva Rozendo (2011) ressaltam que o termo terceira idade não está necessariamente atrelado à idade cronológica ou a um grupo etário específico, mas à arte do bem viver. É preciso ter certa idade para se considerar da terceira idade, mas essa certa idade não é suficiente para fazer parte desta categoria que se caracteriza por ações positivas como participar, questionar, mudar e evoluir, em que o idoso torna-se ativo e responsável por seu processo de envelhecimento, ou seja, “velhice e terceira idade constituem-se como dois grupos similares cronologicamente, mas com nítidas distinções em relação aos modos de existência” (JUSTO; ROZENDO, 2011, p. 156).

Desse ponto de vista, velhice e terceira idade seriam duas vias possíveis e simultâneas de envelhecimento na contemporaneidade. Ao lado desta hipótese, Silva (2008) considera uma outra – velhice e terceira idade como identidades distintas que se sucedem temporalmente relativas a períodos diferentes da vida – terceira idade como o tempo da atividade e produtividade e velhice o tempo do descanso e do declínio físico.

Rodrigues e Soares (2006) também fazem a distinção entre velhice e terceira idade pautada em identidades distintas (inatividade e atividade, respectivamente) que se sucedem cronologicamente. Para os autores, a terceira idade é composta por aqueles que têm entre 60 e 80 anos e refere-se a uma nova fase localizada entre a aposentadoria e o envelhecimento, os assim conhecidos como “velhos jovens” (terceira idade), ativos e independentes. Já os “velhos velhos” passariam a compor a quarta idade daqueles que ultrapassaram os 85 anos de idade, refere-se à fase final da vida, esses sim identificados com a imagem negativa da velhice.

Existem outros trabalhos⁴¹ que igualmente sugerem uma subdivisão etária apoiada em fatores históricos, sociais e culturais que separa os idosos nestes dois grupos citados acima.

Concordamos com os autores sobre a existência de um subgrupo da velhice que abrange aqueles que, em virtude de uma singularidade biológica, histórica, social e cultural têm maior autonomia e possibilidades de integração e autogestão.

⁴¹ Silva (2008); Soares; Rodrigues (2006); Barros; Castro (2002); Britto da Motta (2002); Peixoto (1998).

Acreditamos que o nosso grupo⁴² de estudo se encontre nessa classificação, pois compreende idosas entre 60 e 89 anos de idade com independência e autonomia suficientes para frequentarem as atividades da universidade aberta de terceira idade. No entanto, o caminho não pode ser o de reduzir a terceira idade em dois grandes grupos homogêneos, há uma série de nuances e peculiaridades experimentadas por cada sujeito que o faz único e distinto de todos os outros, afinal, “não existe a velhice, existem ‘velhices’; o que também significa que não existe velho, existem ‘velhos e velhas’, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um tempo do ciclo da vida” (Motta, 2002, p. 78) .

O fato é que, atrelada ou não a uma idade cronológica específica, a terceira idade está comumente associada a estilos de vida e comportamentos considerados como expressão da pós-modernidade que incluem atividade, independência, autonomia e autogestão - o que não deixa de ser um movimento de retardamento ou negação da velhice, como acontecia na modernidade.

Cria-se o “novo velho” – “um velho que deve manter-se afastado do envelhecimento através da prática de atividades físicas e mentais as quais lhe garantiriam a manutenção de suas capacidades funcionais e, em última análise, de sua juventude” (BARROS; CASTRO, 2002, p. 121), para os autores e para nós, tal conceito sugere um camuflado modo dominante de subjetivação.

As autoras apontam para a necessidade de haver um processo de desnaturalização do suposto “novo velho” que coloque em análise o processo de fabricação, categorização e hegemonização de certos modos de existir típicos dos discursos contemporâneos.

Para Tótorá (2015) o fracionamento dos idosos em: ativos e dispendiosos está atrelado à ideia de sujeitos disponíveis para o consumo de um lado, e sujeitos usuários dos serviços públicos de outro. Os primeiros são interessantes ao mercado e devem continuar sendo bons gestores de si próprios e investidores em saúde, os

⁴² Vale aqui a ressalva de que, no que se refere à condição socioeconômica, há uma diversidade importante entre as participantes da UATI em que realizamos nossa pesquisa, ainda assim, todas elas conseguem manter o pagamento da mensalidade cobrada pela instituição. Sabemos que grande parte da população idosa do país não tem condição sequer de manter as necessidades básicas para uma digna sobrevivência. Assim, ao nos referirmos às estudantes da UATI dizemos de um determinado grupo, com características específicas e maior acesso aos serviços disponíveis aos idosos. Apesar desta importante diferenciação o que pretendemos ressaltar em nosso trabalho é a ideia de que a boa velhice não está necessariamente atrelada à suposta qualidade de vida propagada pela mídia, mas à possibilidade de envelhecer criativamente, no sentido de invenção de novos possíveis de si mesmo - independentemente da classe social.

segundos, “são responsabilizados pela má gestão de si mesmos, pelas suas doenças, fracassos, assim como servem de alerta para os demais no controle de suas condutas” (p. 84).

Como lembra Peixoto (1998), não se pode perder de vista que as características positivas atribuídas à terceira idade em um país de escancaradas desigualdades sociais como o Brasil, ou é privilégio de poucos ou abrange uma heterogeneidade econômica e etária que não pode ser negligenciada.

“Desejar uma velhice ativa e bem sucedida, *slogan* repetido à exaustão, é a senha para tomar parte da grande comunidade de consumidores subordinados e controlados, além de excitados pelo marketing a um estilo produtivista” (TÓTORA, 2015, p. 85), o que representa contradição em um país como o Brasil.

Sobre isso, Debert (2004) salienta que ao lado da possibilidade de uma experiência de envelhecimento mais gratificante que encoraja a variedade e a diferença, iniciativas voltadas para a velhice não incluem mecanismos para lidar com debilidades cognitivas, mentais e emocionais que ainda estigmatizam o idoso.

Entendemos que é preciso cautela para que o discurso do “novo velho” contemporâneo não venha impregnado do vício da universalidade a fim de não obscurecer ou impossibilitar imprevisíveis ou arbitrarias formas de viver cada velhice. cremos que a ideia de adiamento interminável da velhice pode reforçar sua rejeição e quando ela for inevitável, será também insustentável à sociedade e ao sujeito.

Assim, não se trata de escolhas, porque ainda não temos acesso à fantástica fonte da juventude, mas de reinventar a velhice - circunscrita nos limites e possibilidades do corpo e do contexto sociocultural em que os sujeitos estão inseridos.

4 Universidades abertas da terceira idade

Neste capítulo discorreremos sobre minha entrada na universidade aberta da terceira idade e o mergulho nos estudos que versam sobre os objetivos dos programas de ensino voltados aos idosos – mescla entre a teoria e a prática a partir da qual suscitaram nossos questionamentos.

4.1 Terceira idade pede para entrar

O convite para lecionar literatura para a terceira idade chegou através de um telefonema da coordenadora da UATI. Comentou que eu havia sido indicada pela coordenadora de graduação do curso de pedagogia da mesma instituição e que a referência era a de que eu, apesar de não ser formada em letras, tinha afinidade com a palavra e com o texto.

Marcamos encontro em uma quinta feira no colégio onde acontecem as aulas e lá conheci a Matilda⁴³ – cabelos curtos bem alvos, altura elevada, esguia, lábios cerrados, semblante cordato, gestos rigorosos, postura firme e olhar azul intenso de sutil fragilidade. Em 5 minutos de conversa ela colocara claramente os objetivos da UATI e a necessidade de uma professora para a semana seguinte. No sexto minuto eu disse sim e no sétimo, guardei na bolsa a agenda e o calendário que ela me entregara. Do oitavo ao décimo minuto assinei o contrato na secretaria e anotei a lista de documentos que necessitava trazer cópia. Deixei o colégio no décimo primeiro minuto e retornei na quinta-feira seguinte.

No dia da aula eu estava aflita porque, apesar de apreciar a leitura, não imaginava o que fazer nem o que esperar... Já saindo de casa lancei vista na prateleira da sala e palpitou-me à intuição um livro de minicontos de Marina Colasanti – *Hora de alimentar serpentes*. Folheei ao acaso e parei no seguinte escrito:

ENTRE PRETO E BRANCO

Não se acha capaz para a vida este homem que, sozinho, joga xadrez com o computador. Como em tantas partidas anteriores, perdidas todas, não enfrenta apenas o adversário invisível, duela com a dúvida.

⁴³ Matilda: nome originado a partir do germânico *Mahthildis*, que é formado pela união dos elementos *maht*, que quer dizer “força”, e *hild*, que significa “combate” ou “batalha” – porque ela tem descendência alemã e porque é “dura na queda”.

Vale mais:

- *Perder e reforçar a certeza de sua incapacidade?*
- *Ou vencer, e destruir hábitos e identidade?* (COLASANTI, 2013, p.21)

Como só tinha o livro em mãos e já me encontrava à frente da Universidade, fomos, eu e o conto, para dentro da sala. Entrei e me deparei com o grupo de estudantes mais disciplinado a quem já lecionara. Dispostas em carteiras cuidadosamente alinhadas elas me esperavam silenciosas e com olhares atentos, curiosos e generosos.

Apresentei-me brevemente, falei um pouco de minha paixão pelas histórias e fiz a leitura do miniconto. Surpreendeu-me a passagem do tempo. Os 45 minutos de aula me pareceram tão ligeiros quanto os meus quase 45 anos vividos até ali. É porque o encontro fora carregado de movimento. Falamos sobre os sentidos do texto, a estética do verso, o simbolismo das palavras e as antíteses do título, do tabuleiro, da vida.

Naquele dia, apagaram-se os cabelos brancos, as rugas e as bengalas. O que assisti à minha frente foram 24 alunas e 1 aluno em pleno exercício criativo, inventivo, transformador, os quais me ensinaram que tais atributos são especificidades humanas adubadas por toda a vida. Foi o instante em que compreendi que dar aula para idosos era como dar aula para a criança, para o jovem ou para o adulto, cujo objetivo persegue a construção do artista - aquele que nunca deixa de se reinventar, de remodelar modos de pensar e de se comportar a partir de suas potencialidades de criação.

4.2 Desígnios das UATIs

Iniciado meu trabalho na UATI era chegada a estação de entrar em contato com este mundo, fosse em sala de aula ou em leituras que colecionei a fim de conhecer as iniciativas que aconteciam no Brasil e em outros países.

Encontrei inúmeros artigos, dissertações e teses que discorriam sobre o tema. Antes de arriscar o salto de ponta, realizei leituras esparsas a fim de experimentar a temperatura com os dedos dos pés. Acontece que na desconfiança acabei desequilibrando e afundei na água - saturada de termos como resgate da autonomia, da autoestima e da cidadania, busca por qualidade de vida, bem-estar subjetivo, envelhecimento ativo, envelhecimento saudável, reinserção social.

Nos textos explorados, chamou atenção a insistência em subentender o idoso como portador de avaria e a necessidade de compensação por algo que perdera, o que, segundo Lúcia Palma (2000) fez com que as UATIs, desde suas primeiras manifestações, assumissem o compromisso de tirar o idoso do isolamento e tivessem como seu maior objetivo a revisão dos estereótipos e dos preconceitos associados à velhice em busca de um envelhecimento denominado bem-sucedido.

Estes apontamentos incitaram questionamentos sobre a possibilidade de avaliar/definir/predizer o sucesso ou o fracasso do processo de envelhecer e sobre a concordância ou não a respeito do que seria um envelhecimento bem-sucedido.

Como eu, outros autores se faziam as mesmas questões – haveria consenso sobre o que é envelhecer bem e sobre qual a contribuição das UATIs neste sentido?

Para Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira Teixeira e Anita Liberalesso Neri (2008) “não há definição consensual de envelhecimento bem-sucedido. Os termos envelhecimento ativo, robusto e bem-sucedido são usados de maneira indiscriminada para explicar o processo de envelhecer bem” (p. 1). Segundo as autoras, o componente mais importante para se avaliar o sucesso do envelhecimento é o bem-estar subjetivo, uma vez que a percepção pessoal do idoso oferece “a possibilidade de definir envelhecimento bem-sucedido como uma meta pessoal, continuamente modificada no curso de vida” (TEIXEIRA; NERI, 2008, p. 4).

Isso porque, no entender das autoras, podemos definir o tal sucesso a partir de uma avaliação estritamente biológica e, nesse sentido, estariam em desvantagem aqueles que não gozam de boa saúde. Por outro lado, podemos pensar que o sucesso está na possibilidade de manutenção de afeto e vínculos, no engajamento social ou atitude positiva perante a vida, o que independe da integridade física, mas também predizem sucesso x fracasso.

Outros autores⁴⁴ preconizam que o envelhecimento bem-sucedido precisa ser discutido sob a perspectiva biomédica e psicossocial de maneira que uma complemente a outra. Partindo desta premissa, poderíamos traçar uma série de combinações entre um estado físico e outro psíquico que resultariam ora em situações passíveis de mudança, ora em situações inerentes ao destino biológico do corpo ancião e, por este motivo, resignadas ao malogro.

⁴⁴ Glass (2003), Rowe e Khan (1997)

Sobre isso, Teixeira e Neri (2008) criticam justamente o pressuposto de que “o envelhecimento bem-sucedido tem valor superior à velhice típica, com declínio normativo na capacidade funcional” (TEIXEIRA; NERI, 2008, p. 9), uma vez que “a referência é uma capacidade funcional excepcional que seria privilégio de poucos em idade avançada, gerando o equívoco de que as condições de doença e dependência representam marcadores de fracasso” (TEIXEIRA; NERI, 2008, p. 9).

Matilda White Riley e John W Riley Jr. (1994) complementam com a ideia de que para haver um envelhecimento bem-sucedido devem ser observados aspectos ambientais, sociais e históricos os quais são responsabilidade não do indivíduo, mas da sociedade.

De forma geral, Colin A. Depp e Dilip V. Jeste (2006) concordam que não há um consenso sobre o que seria um envelhecimento bem-sucedido, especialmente porque questionam a forma como o mesmo é avaliado – objetivamente, subjetivamente ou de ambas as formas. Para os autores, o próprio termo “bem-sucedido” é arriscado porque pressupõe a dicotomia sucesso/fracasso. Da mesma maneira, Willian Strawbridge, et al. (2002) recriminam o vocábulo por transportar a ideia de competição entre vencedores e perdedores o que, de acordo com Robert L. Kahan (2002) evidencia a visão dicotômica da vida, porque, ao prescrever o sucesso, reconhece o fracasso como inerente ao corpo envelhecido.

Concordamos que o termo é inapropriado, especialmente porque guarda a concepção do tudo ou nada no lugar da continuidade e das ambiguidades, essas sim, inerentes ao curso da existência, além disso, prescreve condutas e condições que ao invés de proporcionarem o aclamado bem estar, contribuem para a sensação de insatisfação e insuficiência àqueles que não se adequam à receita do bolo de confeitaria.

Seguimos nas leituras e, ao lado de envelhecimento bem-sucedido, encontramos outros temas recorrentes nos textos que abordam os intentos das UATIs como a ideia de integração do idoso à sociedade e o propiciar de melhor qualidade de vida aos “envelhescentes”.

Como expressa Cilene Swain Canôas (1991), “a universidade aberta da terceira idade surge como proposta de integrar o idoso à sociedade” (p. 45). De forma semelhante, Mariúza Peloso Lima (2001) sugere que para se ensinar o idoso é necessária uma pedagogia específica a fim de “garantir a reforma do pensamento e para que os idosos desenvolvam pensamentos não só para sobreviverem, mas,

sobretudo, para conquistarem com autonomia, melhor qualidade de vida”. (LIMA, 2000, p. 143) – o que implica monitoria e tutela dos longevos.

Sobreviver seria viver apesar de, ou resistir ao efeito da velhice. Melhor qualidade de vida pressupõe preexistir a pior. A velhice é colocada em desvantagem e o idoso como o segregado, o desinserido, especialmente quando se entende que a “a educação de idosos tem como objetivo dar-lhes condição de gerir e cuidar de forma equilibrada, autônoma e produtiva do cotidiano de suas vidas, o que significa reintegrá-los à sociedade”. (SOBRAL, 2001, p. 88).

Keneth Camargo e Renato Peixoto Veras (1995), há décadas, já anunciavam essa tendência das UATIs ao afirmarem que elas tinham o objetivo de “contribuir para reduzir o isolamento e a solidão dos idosos e reintegrá-los à sociedade, resgatando sua cidadania e sua participação na produção de novos valores, bem como atuar na redefinição de imagens da velhice e do envelhecimento” (CAMARGO; VERAS, 1995, p. 119).

Poderíamos citar aqui diversos outros textos⁴⁵ que apontam o resgate da cidadania, a reinserção social, a realização pessoal do idoso, o bem estar, a promoção da saúde, a velhice bem-sucedida e, principalmente, a qualidade de vida como objetivos fundamentais da educação continuada na terceira idade.

Para Tótora (2015) “envelhecer bem e com qualidade de vida tornou-se um lugar comum, um clichê repetido à exaustão” (p. 66) - ladainha que igualmente nos incomodou. Segundo a autora, tal enunciado, independentemente de sua cientificidade, “engendra inúmeros dispositivos de controle, não somente dos velhos, mas do modo de vida de toda a população, com base na alegação de uma vida saudável” (TÓTORA, 2015, p. 66). A mesma autora relaciona o *slogan* da busca pela qualidade de vida com a expressão de um corpo de “vivências medrosas, desejosas de conforto, entretenimento e bem estar bastante dispendiosos, porém muito lucrativos para as indústrias da saúde e do lazer” (TÓTORA, 2015, p. 105).

⁴⁵ Annes et al. (2017); Inouye et al. (2017); Santos (2016); Sousa et al (2016); Tánus et al. (2016); Veras e Moura (2016); Cachioni et al. (2015); Dotori (2015); Gil e Henrique (2015); Jaskilevich, Lopes e Pepa (2015); Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2015); Pereira, Couto e Comin (2015); Eltz et al (2014); Lolli; Maio e Lolli (2014); Souza et al. (2014); Casagrande; Silva e Carpes (2013), Cachioni (2012); Cachioni e Batistoni (2012); Cachioni e Ordonez (2012); Cachioni e Ordonez (2011); Arruda (2010); Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2009); Pereira (2009); Roldão (2009); Aguiar e Cachioni (2008); Irigay e Schneider (2008); Bulsing et al. (2007); Weber e Celich (2007); Aguiar et al. (2006); Oliveira (2006); Bezerra (2005); Odorizzi et al. (2005); Argimon et al. (2004); Unicovisky (2004); Lopes, Araújo e Nascimento (2003); Nunes (2001); Stano (2001); Cachioni (1999); Frutuoso (1999); Alves (1997); Nunes e Peixoto (1994).

Não discordamos de que exercer a cidadania, a autonomia, entre outros, é de suma importância – em qualquer idade, o que intriga é a colocação do idoso como alguém que carece de tais atributos e que necessita da Universidade para resgatar o que foi arruinado, como se a mesma detivesse um poder extra e superior – “favorecendo a aquisição de conhecimento que busque atuar individual e coletivamente pela promoção da qualidade de vida e valorização do idoso, reduzindo a morbidade e ampliando aspectos de autocuidado” (ANNES, et al., 2016, p. 3).

O que as estudantes demonstram em aula intimida a ideia de morbidade. Ao contrário de um lugar para a salvação, a Universidade se apresenta como palco de encenação e declamação de possibilidades. Há nelas vida inacabada e não recomeçada. Há continuidade e não manutenção; conquista no lugar de redenção. É o que defende também Brandão (2010) na apresentação do texto de Monteiro (2010) - “o desejo e a capacidade de aprender e refletir permanece, mesmo com o passar dos anos, confrontando o preconceito que indica que essas potencialidades declinam com o envelhecimento” (p. 59).

Porém, no contrafluxo da percepção desta autora, grande parte dos textos apontam que “o grupo de convivência [...] dá novo sentido para a vida daquela que antes se sentia sozinha e sem muitas expectativas” (BULSING et al., 2006, p. 11). Para Annes et al. (2017) por exemplo, os grupos de terceira idade surgem como estratégias de inserção dos idosos na sociedade e representam uma rede de apoio social que propicia a interação entre as gerações, troca de experiências, atividades diversas, “afastando problemas como depressão, solidão e abandono, além de despertar a consciência do envelhecimento saudável” (ANNES et al., 2017, p.1499). Para a autora, estes grupos contribuem “para minimizar os sintomas depressivos, tendo em vista que essa participação torna-se uma ocupação, um compromisso na vida do idoso, ampliando seus laços de amizade e beneficiando-os com a troca de conhecimento” (ANNES et al., 2017, p. 1506).

Sabemos ser fato a solidão de algumas pessoas na velhice, mas não todas e nem apenas elas - há crianças, jovens e adultos solitários. Existe também o contraponto daqueles que, convivendo com muitas pessoas ao longo de toda a vida, vez ou outra desejam e desfrutam o estar só. Outras ainda trabalham, fazem parte de instituições filantrópicas, se reúnem com amigas, moram com familiares... E, apesar de não estarem a sós, participam da UATI, ou, a despeito de viverem sozinhas, não aparentam depressão.

Há sim idosas (não poucas) que se queixam da solidão e que referem ser a universidade uma oportunidade que encontraram para fazerem amizades e darem novo sentido à vida que andava meio sem sal nem miragem, mas essa condição não é regra, tampouco atributo exclusivo deste período da vida – portanto, não poderia servir de justificativa às UATIs.

O que nos brada cuidado é a generalização, a repetição do discurso homogêneo que encapsula o idoso em um estereótipo o qual ele abraça e os grupos de idosas (os) reafirmam.

E se há a crença em solidão, depressão e abandono, ao lado da preocupação com a reintegração, programas de terceira idade também se mostram implicados na tarefa de manter a “capacidade funcional” do idoso a fim de prevenir sua degeneração e conseqüente isolamento social.

4.3 Foco nos aspectos orgânico-funcionais

De acordo com alguns estudiosos⁴⁶, o treinamento cognitivo tem impacto positivo em diferentes dimensões do capital psíquico - nas habilidades cognitivas de adquirir e utilizar formas de conhecimento (criatividade, curiosidade e motivação para aprender), na capacidade de estabelecer vínculos interpessoais (inteligências emocionais) e nas capacidades emocionais de desenvolvimento de projetos, superando obstáculos (autoestima).

Para Veras (2003) o envelhecer está atrelado à saúde, “no sentido de promover maior acesso a cuidados médicos, estimulando comportamentos saudáveis e atividades mentais e cognitivas para a prevenção de doenças, como o Mal de Alzheimer” (p. 16). Segundo a autora, a escolaridade tem relação direta com a capacidade funcional do idoso, considerada por ela “condição indispensável para garantir um envelhecimento com boa qualidade de vida” (VERAS, 2003, p. 16).

Búfallo (2013) também percebe uma relação direta entre a educação e a “saúde mental” do idoso e afirma que “quanto maior o nível de escolaridade, mais difícil o desenvolvimento de quadros demenciais, como a doença de Alzheimer” (BÚFALLO, 2013, p.208). De acordo com seus estudos, “indivíduos com baixa escolaridade apresentariam maior predisposição a desenvolver quadro demencial” (idem).

⁴⁶ Casagrande, Silva e Carpes (2013); Aguilar e Cachioni (2008);

Outros autores fazem referência aos baixos índices de depressão e déficit cognitivo como privilégios dos idosos que frequentam grupos de convivência e defendem que a gerontologia educacional tem funcionado como uma “oportunidade terapêutica sobre a memória, a concentração, a capacidade cognitiva, o aprendizado e a criatividade nos idosos” (Aguilar e Cachioni, 2008, p. 114).

O que os trabalhos acima evidenciam é uma estreita relação entre qualidade de vida e manutenção da capacidade funcional – esta referida como funcionamento cognitivo. Interessante a relação da educação “no envelhecer” com a prevenção de doenças. O aprendizado e a criatividade aparecem ao lado da oportunidade terapêutica sobre a memória, a concentração e a capacidade cognitiva, ou seja, são vistos como tratamento de algo que já não vai bem ou que está à beira da corrosão.

Diante deste cenário, Correa (2009) refere que as universidades, por meio de publicações científicas, de programas voltados para a terceira idade, de pesquisas, livros, congressos, associações, entre outros, “fornecem os subsídios que alertam para a necessidade de uma intervenção no campo da velhice, uma vez que, para muitos pesquisadores, é natural que o corpo se degrade à medida que o tempo atravessa o ser humano”. (CORREA, 2009, p.71). Nesse intuito, os manuais oferecem receitas constituídos de modos de conservar a saúde ou de minimizar doenças, sintomas e seus respectivos tratamentos.

Para a autora, ao lado do discurso do envelhecimento ativo há o efeito de sentido desvitalizador na produção bibliográfica – “não obstante, seu veio apresenta forte presença do discurso voltado somente para os aspectos biológicos do envelhecimento, no qual o corpo do idoso é visto como uma máquina que se desgastou” (CORREA, 2009, p. 21).

É o que observamos em trabalhos que se apoiam predominantemente na ciência biológica para quem “a velhice pode ser definida como um conjunto de modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas que se observam no ser humano por volta dos sessenta anos” (MARTINS, 1997, p. 21). Mudanças estas que “apontam para uma fase em que o indivíduo sofreria determinadas perdas” (idem, p. 72). Na mesma linha Stuart Hamilton (2002) refere-se à velhice como uma fase na qual “todas as capacidades latentes de desenvolvimento foram realizadas, deixando apenas potencialidades de dano de ação tardia” (p. 22). Visão essencialmente biológica que apresenta a velhice sob a perspectiva do “declínio na habilidade do organismo em responder a estímulos estressores, levando a uma

disfunção na homeostasia e a um aumento na incidência de doenças” (KIELING et al., 2006, p. 48).

Diversos outros trabalhos⁴⁷ de décadas anteriores corroboram com a ideia de uma velhice reduzida unicamente a um corpo orgânico – “inserida em uma racionalidade científica e em um regime de saber que buscam as causas das falhas e da degenerescência no processo de envelhecimento [...] sintomas de um corpo que praticamente se esgotou e que precisa de reparos” (CORREA, p. 75) – o que certamente exerce influência até os dias de hoje contribuindo para a crença de que é necessário um aprendizado para o envelhecer – projeto ainda perseguido pelos programas de educação de idosos.

Correa (2009) adverte que ao se buscar um padrão orgânico para a velhice, “o olhar que se lança ao homem marcado pelo tempo é caracterizado pela ideia de que essa fase implica, além das perdas naturais de faculdades humanas, a estagnação do desenvolvimento e a degenerescência do corpo” (p. 73).

Concordamos com a autora ao observarmos que os estudos apresentados partem do pressuposto de que a idade é acompanhada de déficit orgânico e possível doença mental - em especial o Alzheimer, e que a UATI é espaço privilegiado para a prevenção onde o professor deve assumir o papel de quem vai promover o acesso a cuidados médicos ou exercitar a mente para garantir o bom funcionamento cerebral, justamente porque muitas pesquisas apontam que “a participação na UATI favorece a manutenção do desempenho cognitivo dos idosos” (CACHIONI et al, 2012, p. 71)

Esse discurso de prevenção do Alzheimer faz eco na fala das alunas da UATI. Quando iniciei meu trabalho com elas questionei o que as motivava a frequentarem uma universidade, ao que muitas responderam - prevenir o “bichinho alemão”. Vale ressaltar que as alunas têm em sua grade de disciplinas parcela considerável de “oficina de memória” na qual a fala de precaução do Alzheimer é recorrente como um apelo ao empenho e participação nas aulas.

Acreditamos, como Johannes Doll (2006) que os discursos têm interesses e efeitos específicos e não podem ser naturalizados, uma vez que se constituem da sobreposição de múltiplos outros discursos - políticos, midiáticos, de mercados de consumo, científicos... Como exemplo do quanto os discursos veiculados constituem

⁴⁷ Simões (1998), Martins (1997); Haddad (1986), Paiva (1986); Skinner e Vaughan (1983); Vargas, (1983); Rosa (1982); Silveira e Bento (1982); Ângulo (1979); Rapport (1972); Cumming e Henry (1961).

um campo de interesses e efeitos, o autor cita justamente a questão da doença de Alzheimer que fora descrita pela primeira vez em 1907, no entanto, segundo Annette Leibing (1999), por desavenças nas áreas da medicina e psiquiatria tal doença desapareceu da discussão científica, reaparecendo cerca de 70 anos mais tarde nos livros de neurologia, com evidente interesse nos financiamentos do congresso norte americano.

O que notamos na atualidade é que a medicina, enquanto ciência produtora de modos de ser a partir da observação e intervenção no corpo, “emerge como grande aliada na produção de subjetividade em torno do envelhecimento humano” (CORREA, 2009, p. 58). A velhice - processo natural do desenvolvimento, “se constitui, na realidade, em uma velhice fabricada, produzida e incitada, tal como a percebemos atualmente, dentro de uma lógica de mercado que visa à sustentabilidade da máquina capitalista” (CORREA, 2009, p.59). A partir deste entendimento a autora indica que a ciência médica tem grande contribuição no estabelecimento do lugar e papel destinados ao idoso contemporâneo.

Diante da temporalidade discursiva não se pode julgar o que seria um bem-estar na velhice, já que este é conceito subjetivo, individual e, por isso mesmo, vago. Para Doll (2006) a depender da cultura, fatores como saúde, relações sociais e situação econômica (geralmente utilizados como parâmetros de medição de bem-estar), assumem relevância diferenciada.

Sobre isso, permito-me uma pausa...

Enquanto escrevia esse texto, perdi um tio de sobrenome Militão – designação que combinava com aquele homem de olho verde fundo, postura rígida e ereta, passos duros, ritmados, sonoros. Encontrar com ele, fosse qualquer ocasião ou tempo, era segurança de receber a mensagem do evangelho, o anúncio da volta de Jesus e a promessa da vida eterna. Na infância, eu temia a vara de marmelo conservada atrás da porta que ele usava para ruborizar a pele alva e fina da minha (quase) gêmea prima, toda vez que ela transgredia. Mamãe ficava escandalizada e recriminava o modelo de disciplina.

Casado com a tia que canta salmos e declama provérbios ao telefone – o tio tivera uma vida de adoração, fé e brigas “homéricas” com meu pai, porque este questionava “a palavra”.

Recebi a notícia do falecimento pelo grupo de “whatsapp” da família. Não pude ir ao enterro e escolhi enviar áudio de condolência à minha prima. Em

mensagem recíproca ela dissera que estava muito aliviada e feliz, que o pai morreu sereno, em regozijo e gratidão a Deus por permitir passagem ao paraíso e reencontro com amigos e familiares fenecidos. Relatou a prima que, no hospital, conformado com a despedida, ele recusara transfusão de sangue, queria morrer com bravura, conforme vontade divina, ainda que padecesse.

Para a linhagem Militão, o conceito de bem-estar era sinônimo de comunhão com o sublime, com o espiritual – sua busca era por “um caminho para além da materialidade da vida” (BRANDÃO, 2011, p.15) - o que controverte a dualidade bem-estar x sofrimento, uma vez que ambos podem coexistir. Tal percepção, como sugere Doll (2006), leva-nos a questionar se existe uma única forma de envelhecer bem, afinal, “se a pessoa consegue dar a um sofrimento inevitável um sentido [...] será que isso não poderia ter alguma coisa a ver com um bem-estar na velhice, algo que está muito além de uma condição biopsicossocial?” (p. 20). A história do sacrifício do tio, vivida em graça e aleluia, parece nos confirmar a hipótese da autora.

Sobre isso Tótora (2015) comenta que em nossa cultura em que se valoriza o excesso de prazeres, o culto à felicidade e a ausência de sofrimento; a velhice torna-se sinônimo de privação - “não se trata mais de renunciar ao corpo em favor do espírito, como na cultura cristã, para obter a salvação e a vida eterna. Salvar, agora, exige-se não envelhecer” (TÓTORA, 2015, p. 33).

Se morrer é indesejável e envelhecer é triste, então deveríamos evitar a própria vida – e cremos não ser esse o melhor desígnio para os idosos.

4.4 Ocupação do tempo livre

Outro enunciado recursivo nos textos que dizem sobre os ganhos/objetivos das UATIs é a ocupação do tempo “inativo” e o desfrute do lazer - “uma maneira dos idosos se divertirem, ocuparem suas mentes, preencherem seu tempo, de estarem em sintonia com a atualidade e de fazerem trocas sociais e afetivas”. (PEREIRA, 2005, p. 73). A mesma autora, em trabalho posterior, afirma que os programas das universidades abertas “vêm ocupar o tempo ocioso das pessoas que, após se aposentarem, ainda gozam de saúde física e mental e buscam realizar antigos sonhos que não puderam ser realizados por algum motivo” (p. 31).

Para Enrique Lombardo e Luciana Polizzi (2015) “o aumento da esperança de vida durante o século XX e a melhoria de sua qualidade, bem como o acesso à aposentadoria remunerada gera uma necessidade crescente de atividades para aposentados” (p. 59, tradução nossa).

Atividade torna-se palavra de ordem na atualidade – em qualquer idade. “O empenho em canalizar as forças para o consumo e a produção de bens materiais e imateriais segundo exigências externas não permite empregar forças na produção de si mesmo como obra de arte” (TÓTORA, 2015, p. 68).

O tempo livre é mal visto e o idoso significado como desocupado ou frustrado. Faz-se necessário preencher “a calma” com práticas de lazer que, segundo Wilson Nogueira e Clebio Martins (2017), quando executadas de forma correta e eficaz “contribuem para uma melhor qualidade de vida, por permitir momentos de alegrias, interação e distração, promovendo uma melhora na sua saúde biopsicossocial” (p. 14).

Novamente surge a ideia da recuperação do que foi deixado para trás. Como se a velhice fosse uma remissão do passado e não uma continuidade do curso de vida. Em todo tempo as pessoas restauram sonhos antigos, mas na velhice esse movimento assume uma dimensão romântica, exagerada e fantasiosa.

De acordo com Correa (2009) a atual valorização atribuída ao tempo faz da ociosidade uma perda do mesmo – “há que se ganhar dele, trapaceá-lo, ultrapassá-lo, para que ao final se possa conquistá-lo, vencê-lo” (p. 92).

Para a autora, diante desta valoração, o tempo livre torna-se um oco que precisa ser preenchido. E a velhice é significada como o período de “tempo vago”, que em nossa sociedade traduz-se por tempo de inatividade produtiva/econômica.

Ao lado deste entendimento, o tempo livre está associado à predisposição a doenças o que faz com que a prescrição de atividades adquira o caráter de receituário médico. A esse respeito Correa (2009) cita que a atividade de fazer tricô, por exemplo, antes lazer, torna-se hoje terapia prescrita por agentes da saúde – sempre em prol da chamada qualidade de vida – “afinal, não se pode ‘ficar à toa’ em um mundo que privilegia a produção, o consumo e o movimento” (p. 93).

Da mesma maneira, Tótora (2015) comenta que “o aumento da longevidade, a elevação do nível de saúde e a melhoria da ‘qualidade de vida’ são estratégias das políticas de produção de corpos ativos e úteis para a produção e consumo” (p.65).

Nietzsche (1996) há mais de um século, falava do culto ao trabalho e da produção industrial que transformava o ócio em um mal a combater – “tem-se agora vergonha do repouso e do ócio; quase experimentaria um remorso em meditar. Pensa-se com o relógio na mão, mesmo quando se está a almoçar” (p. 329).

Para contrariar a alegoria do mau ócio, relembro uma ex-estudante da oficina de memória da UNIMED – Serafina⁴⁸. Professora de língua portuguesa aposentada, não media metro e meio, de coluna curva e olhar azul-maroto, colecionava anedota. Era a mais velha do grupo, digo para lá dos noventa – desperdiçava calor, malícia e ternura. Portava bolsinha miúda, manufaturada em jeans e fitilho que eu cobiçava pidonha, até o dia em que ela, desconfiada do gabo, perguntou se eu usaria uma igual. E foi assim que, na temporada de natal, Serafina me deu uma bolsa idêntica à dela, que eu uso sim, em ocasiões bem peculiares, aquelas em que eu não carrego celular, nem óculos e muito menos chave, caneta ou caderno... Apenas alguns trocados e um lenço pequeno, quem sabe.

A “menina dos olhos” me remete ao ócio porque um dia revelou-me em sigilo que a maior riqueza apropriada na velhice fora as badaladas à toa. Disse-me que gostava de contemplar o ponteiro parado na hora, enquanto o passarinho batia asa na aurora.

Achei a rima tão bela, que jamais perdi o verso. Havia outras belezas que ela me segredava, como a alegria de viver só. Era viúva há anos e não tivera filhos; dizia Serafina que viver com ela mesma era libertário e irreverente. Quando outra aluna ou aluno se queixava das proibições de filhas (os) ou netas (os), ela me olhava matreira e eu decifrava as entrelinhas da sua íris anil.

Tal confissão vai ao encontro das observações de Neri (2001), em estudo realizado com idosas que viviam sozinhas – “a maioria não sentia nem isolamento nem solidão. Diziam-se satisfeitas e bem-sucedidas como idosas, já que eram capazes de viver sozinhas” (p. 12). Para a autora, “viver só foi apontado como uma necessidade da personalidade na velhice; uma contingência das relações sociais e uma contingência do ciclo de vida individual” (p. 13).

Outra lembrança de Serafina que me vem à mente remete ao dia em que trabalhei com as aprendizes uma atividade de formar palavras diversas trocando apenas uma letra da anterior. Na semana seguinte, Serafina me agradeceu pela

⁴⁸ Serafina: significa ardente, incandescente; celestial, angelical – porque os olhos azuis da Serafina faiscavam malícia e pureza ao mesmo tempo.

“tarefa”, pois dissera que precisou aguardar horas na sala de espera do médico e que a barganha de letras a ajudou a transformar paciência em diversão. Não era a falta de memória ou a perda cognitiva que a atormentava, mas sim, a vaga da folia.

Saí da UNIMED e fiquei anos encontrando Serafina apenas no fitilho do jeans, sem ter notícia alguma dela. Tempos mais tarde me contaram que estava morando em uma instituição de idosos, numa cidade afastada daqui. Senti pela carência da folga que ela, decerto, vivera ali.

Apreciar o ócio, diria Serafina, pode ser um privilégio da velhice. Concordariam com ela os pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre o Ócio, Trabalho e Tempo Livre da Universidade de Fortaleza, os quais em 2013 promoveram o “VII Seminário do Ócio e Contemporaneidade” cuja temática fora “tempo social e envelhescência”.

José Clerton de Oliveira Martins e Lorena Ibiapina Gurgel (2013), por exemplo, em uma pesquisa realizada com idosos aposentados, afirmam que o tempo livre de que eles gozam tem potencial e pode ser revertido em “atividades de desenvolvimento pessoal, como: autoconhecimento; realização pessoal; planejamento pessoal; administração do tempo; comunicação interpessoal; relacionamento humano; qualidade de vida; motivação e outros mais” (MARTINS; GURGEL, 2013, p. 1).

Kleber José Santos (2013) em sua pesquisa com os mesmos idosos concluiu que a experiência subjetiva de ócio seria “um dos caminhos mais eficazes para se atingir ânimos positivos, enquanto recurso capaz de gerar harmonia e equilíbrio no cotidiano e na vida daqueles idosos que as vivenciam” (p. 1) da mesma forma Gustavo Fonseca Halley (2013) constata que o ócio é “generosa fonte de experiência, de onde emanam o melhor conhecimento de si e do entorno, ao longo do percurso pelas trilhas da aposentadoria e velhice” (p. 1).

Na conferência de encerramento do evento acima citado, o professor Viktor Salis (2013) comenta que a questão é como transformar o ócio ao que era na antiguidade - uma forma bela de viver, e não uma proibição de viver⁴⁹.

As palavras proferidas pelo professor durante uma das mesas do evento – Tempo de envelhescência – corroboram com o que Serafina revelou em sua

⁴⁹ Conferência de encerramento do VII Seminário do ócio e contemporaneidade, disponível em <http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=46>, acessado em 02/11/17.

existência, em seu discurso ele questiona o que seria o tal problema do envelhecer e afirma que considera isso uma característica maravilhosa da condição humana. Ao separar o tempo físico do espiritual, Salis (2013) entende que vivemos uma temporalidade extraordinária – de contínuas metamorfoses a ponto de algumas pessoas estarem em processo de renascer constantemente das cinzas, como a fênix. Para ele, por sermos Kronos e Eros, somos também uma temporalidade que envelhece, ao que nos resta uma única (e fantástica) saída – a criação.

Afinal, segundo o autor, “o indivíduo se torna imortal através do seu poder criador, através da mensagem que ele deixa e não cai no esquecimento. Desde os grandes poetas aos grandes sábios, eles ainda estão vivos” (SALIS; SUCUPIRA; CLERTON, 2013, p. 4).

O autor finaliza com a sugestão de cessar o discurso sobre a velhice enquanto mortalidade inexorável – “nós é que fizemos essa cultura miserável materialista e esquecemos que existe, sim, uma beleza que transpassa o coração, transpassa a poética do espaço e faz com que a forma física se torne irrelevante” (SALIS; SUCUPIRA; CLERTON, 2013, p. 4).

Serafina se fez imortal nas criativas anedotas que narrara, na poesia do tempo que me contara e na bolsinha que me cativara. O último encontro físico que tivemos foi em dezembro de 2012, no encerramento da oficina de memória da UNIMED, quando ela, por iniciativa própria, leu à frente da sala um texto em que uma repórter transcreve a resposta de Cora Coralina à seguinte pergunta – “O que é viver bem?”.

Com charme ela apresentara o texto fazendo a ressalva de que só não concordava com a seguinte afirmação da poetisa - “o bom mesmo é produzir sempre e não dormir de dia” isso porque, como ela mesma recomendava - uma “sonequinha” depois do almoço - Meu Deus! Como é bem-vinda!

Em contínuas metamorfoses Serafina renascia das cinzas e surpreendia, como uma fênix, comprovando que a melhor idade não se faz depois dos 60, mas no desafio de fazer de cada dia o melhor dia.

O contraponto que se faz aqui é com o imperativo da atividade, da ocupação, do lazer. Há espaço para o ócio e potencialidade de criação nesse mesmo ócio, assim, as universidades não precisariam resgatar o idoso de sua suposta morbidade, mas possibilitar a vivência criativa do ócio, do tempo desacelerado, do

acúmulo de experiências e da rica matéria prima cultural acumulada nos anos vividos.

Ainda de acordo com o professor Salis (2013) é preciso ensinar o sujeito a ociosar, que é diferente de usufruir lazer. Este seria divertir-se superficialmente, já o ócio implica criação, dar sentido à existência, dar de si o que se tem de melhor.

Compreendemos, a partir dos trabalhos evidenciados, que as UATIs têm como um de seus eixos justamente essa preocupação com o preenchimento do tempo dos idosos. Nos trabalhos pesquisados⁵⁰, observamos que, desde as primeiras instituições de caráter socioeducativo no Brasil, as ações oscilaram entre três especificidades de serviços: aqueles voltados ao aspecto social, visando a uma reintegração, socialização, lazer; outro voltado ao aspecto psicológico, com a preocupação de uma manutenção cognitiva e/ou um desenvolvimento da personalidade e outro voltado à dimensão biológica, cujo intuito é o cuidado com o corpo, a prevenção de doenças.

Tais perspectivas, recorrentes no meio acadêmico, contrastam com o que Celina Monteiro tem a dizer. Participante de um grupo de estudos sobre o envelhecimento, a autora realizou um trabalho de revisão bibliográfica sobre os atributos que são conferidos aos idosos e nos revelou o sentimento de uma octagenária, como ela mesma se denomina, ao entrar em contato os mesmos:

Declínio da capacidade cognitiva durante o envelhecimento – este título me atraía, ao mesmo tempo em que me repelia [...] queria e não queria saber mais. Os autores de artigos sobre envelhecimento, seja qual for a idade que tenham, colocam-se em suas análises, por dever de ofício, numa posição objetiva, científica, mas, qual o impacto desses artigos para alguém que, como eu, está vivendo essa fase da vida? A leitura do artigo citado acima me deixou com certo mal-estar, a impressão de que não se tem muita certeza de nada sobre envelhecimento, a não ser que, inevitavelmente, além de declínio físico, traz perdas cognitivas que até podem ser leves, mas também que a ameaça de demência paira sobre os que envelhecem (MONTEIRO, 2010, p. 3).

Celina chateia-se com o discurso científico que, por vezes desprezioso, mas também descuidado, impacta não somente os estudiosos da área do envelhecimento, mas aqueles que envelhecem. As inevitáveis perdas cognitivas são anunciadas como uma promessa ao idoso, que fica à mercê do indesejável.

Para alento de Monteiro (2010) há outros discursos, como o de Lilian Gamburgo e Inês Monteiro (2007), que depois de entrevistarem uma idosa com

⁵⁰ Sobre a história das UNATIs ver: Almeida e Oliveira (2013); Cachioni (2012); Lacerda (2009); Loures; Alencar e Gomes (2005); Lima (2001), Peixoto (1997).

transparentes dificuldades na atenção e na memória – as quais poderiam ser identificadas como um declínio cognitivo, compreenderam que o esquecimento dessa senhora não era um processo puramente biológico, mas relacionado especialmente à carência de convívio social - ao que Celina concorda em posterior artigo escrito em conjunto com o neto e a filha⁵¹ – nele, Celina destaca a importância da dimensão social na constituição e manutenção das funções psicológicas superiores, dentre elas, a memória.

Diante das inquietações com o discurso naturalizado e depreciativo da condição cognitiva e social do idoso, este trabalho traz outra vista - pressupor o envelhecer a partir da ideia de continuidade e no fluxo do devir, do reinventar-se, do transformar, da criação, que não entendemos ser privilégio de idade específica, mas característica humana que pode ser potencializada nos grupos de idosos, não por uma condição etária, mas pela possibilidade do conflito, da disputa - proporcionados pela interação e geradores de outras/novas formas de ser e pensar.

Como sugere Brandão et al. (2009), se pensarmos que o tempo de vida tem sido cada vez mais longo, é necessário compreender o ser humano como alguém que não deixa de se fazer e se refazer no decorrer de toda sua existência e que relacionar a questão da vida e do envelhecimento a aspectos unicamente biológicos ou cronológicos significa “assumir não só uma tendência reducionista, como também criar uma fonte de exclusão e de sofrimento para os idosos que não se reconhecem nesse discurso ou não se identificam com ele” (BRANDÃO et al , 2009, p. 118).

Para as autoras, vida e envelhecimento devem ser considerados como “constituídos de aspectos biológicos, sociais, políticos, econômicos e psíquicos tanto para a reflexão renovada do tema quanto para a visualização de ações que possam responder ao fato contemporâneo da expansão da longevidade humana” (BRANDÃO et al., 2009, p. 118).

Há de se compreender o sentido da velhice a partir de sua potencialidade. Acima ou apesar dos percalços próprios ao envelhecer é necessário conceber a possibilidade do reinventar-se por toda a vida, o que não exclui a doença, nem tampouco o sofrimento, mas faz deles potências do existir.

⁵¹ Monteiro, C.M.B.; Monteiro, M.I.B. e Camargo; 2014

4.5 Potência de vida na velhice

Tótorá (2017), ao questionar o “envelhecimento ativo” como a palavra de ordem do novo milênio, sugeriu que a mesma fosse substituída por envelhecimento artista, enquanto constituição de um envelhecer que não se deixa capturar em programa⁵² - aqueles propagados pelo governo e que carregam consenso e preceitos gerais sobre o que se espera do idoso, no caso, um envelhecimento com saúde, segurança e participação, restando “pouco ou quase nenhum espaço para o dissenso, as singularidades e as diferenças - no sentido de uma individuação que transvalora os valores difundidos” (TÓTORA, 2017, p. 242). Para a autora, o dito envelhecimento ativo pretende, acima de tudo, estancar a velhice.

Da mesma maneira Souza et al. (2009) comentam que a tendência de induzir uma nova imagem de velhice associada ao conceito de envelhecimento ativo, o qual compreende as ideias de produtividade, alegria e melhor idade, necessita ser observada criticamente como forma de não seguir a tendência de homogeneizar as pessoas idosas e de se “evitar, portanto, o deslocamento de uma concepção sobre velhice baseada no estereótipo de improdutividade ou doença, para outra imagem, que igualmente homogeneiza, embora em outro extremo, como sinônimo de vitalidade e saúde” (SOUZA ET AL, 2009, p.16) ao que Camarano (1999) reforça – “eu acho que é um perigo, a gente fazer generalização sobre essa fase da vida [...] seja de uma perspectiva negativa ou de uma perspectiva ativa, qualquer que seja a generalização, ela pode ser perigosa” (p. 32).

Para os autores acima, a defesa acrítica do conceito de envelhecimento ativo pode camuflar problemas sentidos por grande parte dos que envelhecem e gerar efeitos contraditórios, pois se por um lado “estimula a autoestima e a capacidade das pessoas idosas, contribuindo para desconstruir os estereótipos anteriores [...] por outro, cria a responsabilidade e a obrigação por parte deste grupo social de buscar sua sobrevivência”. (SOUZA et al. 2009, p. 16)

Para Tótorá (2015) o discurso sobre a velhice ativa e bem sucedida, que povoa os meios de comunicação e grande parte da academia, é intolerável, porque circunscreve um controle e monitoramento – uma imposição, quase obrigação,

⁵² A autora refere-se aqui ao movimento global pelo envelhecimento ativo lançado no dia internacional da saúde e ano internacional do idoso – 1999. Tal movimento é retomado no programa da Organização Mundial de Saúde – OPAS-OMS (2005) e seus desdobramentos estão registrados no relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde publicado no ano de 2015.

depositada nos mais velhos, que passa a carregar a culpa por possíveis malefícios vividos – “a ciência e o Estado, com sua promessa de bem estar, segurança e felicidade, não somente extraem sua força de agir, como também proclamam um outro mundo, distinto da história e da vida” (TÓTORA, 2015, p. 24). Como se fosse proibido ficar velho, ou, dito de outra forma, como se fosse possível não envelhecer.

De acordo com a autora, seguindo a lógica da prevenção e do consumo aos produtos ofertados pelo mercado da saúde, a senha para um discurso ser aceito é a defesa de um envelhecimento com qualidade de vida. “Esse gozo subentende uma saúde normalizada por padrões estatísticos e monitorada individualmente por agentes da saúde do Estado e por empresas de seguro privadas” (TÓTORA, 2015, p.12) e “saúde a qualquer custo significa eliminar os riscos de envelhecer” (TÓTORA, 2015, p. 47).

Na contramão dessa hegemonia discursiva, Tótora (2015) sugere a velhice como acontecimento, invenção e resistência – um esgotar da vida, que não se restringe ao bem estar, mas à disposição de enfrentar as adversidades e delas construir potências de agir e novas formas de existência. Trata-se de um envelhecimento artista, enquanto percurso singular de cada sujeito que envelhece – “longe, portanto, de qualquer modelo” (TÓTORA, 2017, p. 253).

Para o Professor José Sterza Justo⁵³ - temos que liberar os idosos das mesmices e opressões, o resto é com eles! É necessário abdicar da tutela, da monitoria de suas vidas, para potencializá-los como sujeitos, para que eles possam se emancipar do conhecimento e das tecnologias criadas para gerir a vida deles.

O que Tótora e Justo vislumbram é uma possibilidade de criar formas de existir diversas – que não neguem a condição do idoso, mas o liberem para a possibilidade do infinito da vida – no eterno devir que atravessa o finito de cada existência – “um tempo não medido, um agora infinito, um ‘instante’ que excede a todas suas manifestações presentes, um passado próximo, já aí, e um futuro iminente” (TÓTORA, 2015, p. 26). Para a autora, viver precede o tempo cronológico e insiste sobre este.

Mais um episódio à mente...

⁵³ Apontamento realizado pelo Prof. Justo na ocasião do exame de qualificação deste trabalho.

Ao pensar potência na velhice lembrei-me de uma situação vivida com Sr. Manoel⁵⁴ na oficina de teatro ministrada no centro cultural referido anteriormente. Idoso de 88 anos de idade, Manoel está em tratamento quimioterápico em virtude de um câncer de pele em estágio avançado, o qual acometeu, dentre outras regiões, todo o seu rosto. Por esse motivo, sua expressão facial possui limitadas possibilidades de movimentação. Apesar desta e de outras restrições físicas, não se recusou a nenhuma das vivências, ao contrário, mostrou-se disposto e participativo em todas elas.

Houve uma, em especial, em que trabalhamos com as máscaras faciais. Antes de apresentá-la ao grupo antecipei em pensamento uma possível resistência e/ou dificuldade por parte de Manoel. Para a desconstrução de meu pré-conceito⁵⁵, Manoel não demonstrou qualquer rejeição em lançar-se à atividade e, no esforço de alterar sua fisionomia, construiu expressões surpreendentes, porque singulares e destacadas das de seus colegas idosos.

Enquanto a maioria empenhou-se em produzir “caras e bocas” engraçadas, porém estereotipadas, Manoel dispendeu laborioso trabalho de contração muscular, tanto quanto possível. Ao fazê-lo, fugiu da expressão cristalizada, e alcançou o inusitado - o artístico.

Artístico no sentido de novos possíveis - “rompendo as cadeias de uma dada identidade, hábito ou subjetividade” (TÓTORA, 2015, p. 27). Ao desviar-se da máscara usual, enveredou-se em uma operação artística de viver⁵⁶, distinta do saber ou do poder, distante de códigos estabelecidos. Evidente que Manoel não o fez deliberadamente, com a intenção do “extraordinário” – este foi consequência do empenho físico, da experimentação do corpo transformado pela doença – o que, a nosso ver, por si só, constitui contravenção aos discursos de envelhecimento saudável.

Quando aceitou brincar com a mímica facial ele ampliou suas possibilidades criativas, ultrapassou os limites do óbvio – deslizou sobre o problema, sofrimento, dor e doença como artista que inventa saída alegre e impensável (TÓTORA, 2015).

⁵⁴ Manoel: nome de meu avô materno. Dele, guardo a lembrança das histórias que me contava e do violão que “me tocava” - referência de idoso artista que tenho.

⁵⁵ Em alguns momentos utilizamos o termo pré-conceitos e, em outros – preconceitos. Esse segundo foi mantido quando tratava-se de alguma citação ou quando nos referíamos a algo mais estigmatizado, quanto ao primeiro, indica uma pré-concepção, não necessariamente arraigada ou pejorativa.

⁵⁶ Segundo Tótorá (2015), uma operação artística de viver relaciona-se à estética da existência sugerida por Foucault em seu livro *História da Sexualidade*.

Contradizendo a representação de que a saúde se sobressai à doença, na atividade de expressão facial, o limite físico revelou uma nova possibilidade de existir – potência de vida. Não estamos com isso exaltando a doença, que sabemos dolorosa, mas considerando que enfrentar as adversidades, ao invés de apenas evita-las, é também abrir-se à vida – criar-se, “constituir-se a si mesmo a cada momento, saber se transformar, produzir-se, modificar-se, em suma, fazer da relação consigo mesmo uma relação criativa” (FOUCAULT, 1995, p. 262).

Vida artista segundo Foucault é inventar-se fora de qualquer concepção preexistente. E o que se esperaria de Manoel senão uma dificuldade em realizar a atividade? Ao contrário de frágil, ele deixou-se atravessar por sua força vital. “A velhice, nesse sentido, deixa de ser uma fase cronológica e passa a constituir-se em atitude para fazer a vida recriar-se a cada momento como se fora o derradeiro dia”. (TÓTORA, 2015, p. 41). Tornar-se idoso é também aprender a envelhecer para inventar novos modos de existir. Ao que Goldenberg (2015) complementa – “os criadores teriam, em sua relação com a sociedade, uma singular autonomia” (p. 37).

No dia da apresentação final, combinamos de fazer a maquiagem juntos no centro cultural. Manoel, “aliado” a outras mulheres, escolheu pela primeira vez na vida passar batom – queria realçar a expressão de seus lábios; queria potencializar-se, ser artista de sua própria existência – “e ser artista da própria vida é tornar as coisas belas, até mesmo as mais ínfimas banalidades do cotidiano” (NIETZSCHE, 1996, p. 299). A vivência de Manoel nos certifica sobre a possibilidade do reinventar-se na velhice, independente ou, apesar das limitações físicas.

O desafio oferecido a ele representou uma situação de conflito entre as possibilidades do corpo e as exigências físicas do exercício, a que Manoel buscou superar, deslocando-se do lugar de sujeito do não para o de sujeito do sim. E dizer sim à vida exige a força e a audácia a dizer não a certos impedimentos. Enquanto na máscara habitual de Manoel observavam-se reduzidas nuances expressivas, no exercício teatral a singularidade de seus gestos faciais sobressaíram de si e dos outros.

“Como proceder dessa maneira sem o envelhecimento? O sim à vida implica envelhecer, não paralisando, desse modo, o fruir da vida” (TÓTORA, 2015, p. 41). O que não significa concordar com tudo que existe, afinal, “a leveza se obtém liberando-se do peso do dever ser” (TÓTORA, 2015, p. 40).

Acreditamos que a constituição grupal contribua para esse sobressalto, porque oferece o “espelho” da velhice - estampada em cada corpo envelhecido. Posicionados todos diante de um evento dramático, em que necessitam contrariar o biológico, eles se instigam, brigam com os limites – próprios e do outro.

Tal evento nos proporcionou a compreensão de que os grupos de idosos constituem-se espaços privilegiados de transformação interna, não porque substituem isolamento por atividade, mas porque pode inseri-los na arena da disputa (com o outro e consigo mesmo) – deslocando-os e atribuindo novos sentidos às suas experiências.

Finalmente, a situação analisada corrobora com a ideia de que é preciso resistir aos discursos produzidos na atualidade sobre a velhice e deixar fluir a vida para modos singulares de existência. Na contramão da falação sobre envelhecimento saudável, ativo e produtivo, acreditamos que uma existência que quer evitar a morte e a doença é uma existência fraca, afinal, “experimentamos em nossa existência múltiplas mortes para potencializar a vida. Estancar o processo de envelhecimento é o mesmo que paralisar a vida” (TÓTORA, 2015, p. 48). Como nos sugere a autora, - potencializamos nossa força vencendo resistências e “viver o acontecimento é lançar-se ao infinito dos possíveis que se abrem, rompendo as cadeias de uma dada identidade, hábito ou subjetividade” (TÓTORA, 2015, p.27).

Outro afeto...

Meu pai compunha contos. Começou este afazer quando a doença de Parkinson lhe furtara alguns prazeres como ler, caminhar, conversar com pessoas, e escrever de próprio punho. Antes, sua caligrafia era uma “gravura à parte” e perder preciosa habilidade fora uma de suas maiores lamúrias. Encontrou no computador o refúgio da expressão. Divertia-se e desabafava a cada história - como quem conversa com a própria existência. Num movimento irrefletido de resgate íntimo, ele se retocou, libertou-se para novos possíveis; fez da relação consigo mesmo - com seu corpo debilitado e envelhecido, uma vivência criativa – recompôs-se como obra de arte.

De maneira semelhante, nas atividades que desenvolvemos durante as aulas de teatro e literatura, as idosas muitas vezes foram compelidas a arriscarem-se em atividades ainda não experimentadas, a entrarem em contato com o mundo do desconhecido e a colocarem-se em devir, porque as novas experiências traziam a necessidade de se criar outras formas de agir e pensar – elas sentiam que era

preciso sair do lugar, buscar um sentido diferente à nova realidade que se apresentava. E a partir do momento em que tomam consciência deste movimento, deste novo campo de possibilidades, se recolocam, se transformam.

Interessante notar que este movimento não foi apenas interno porque pressupõe uma ação do sujeito sobre a realidade. Imersas nas relações as estudantes foram impelidas a deslocarem-se e tais arrojados incidiram sobre o meio social circundante o qual passava a se relacionar de forma diferente com cada uma. Como fizera meu pai, que não apenas recriou-se, mas refez a todos nós por meio de seus escritos.

Interessante que esta tensão entre o interno e o externo foi claramente percebida quando, passados quase quatro anos junto às alunas, fui surpreendida com a demanda por uma aula a respeito do “novo acordo ortográfico”. O episódio, que narrarei no próximo subitem, foi a tecla para eu compreender algo que o João (orientador) tentava me sinalizar havia tempos - as implicações pedagógicas de nosso trabalho e o sentido do devir que perseguíamos.

4.6 Desdobramentos pedagógicos

Aconteceu assim...

Minha pesquisa de doutorado estava praticamente finalizada – faltavam alguns ajustes para que a versão final fosse enviada à banca. Pensava eu ter realizado as discussões mais relevantes, sem a pretensão de esgotá-las.

Era início de outubro do ano 2018 e na UATI terminávamos o processo de publicação do livro “Contos e mitos poéticos” – sobre o qual havíamos trabalhado em semestre anterior. Reservei a primeira aula para conversar com as alunas sobre o que estudaríamos na sequência. Elas pouco se pronunciaram, queriam ouvir o que eu propunha. Comentei que poderíamos nos enveredar por um tema específico e a partir daí selecionar obras, ou escolher certo gênero de escrita, ou ainda algum(a) autor/autora. Lancei a ideia de mergulharmos em histórias de assombração – contos e/ou crenças populares que permeiam nosso imaginário – não se animaram. Fizeram outras sugestões – autores clássicos como Shakespeare, eventos como o “das torres gêmeas”, “da ditadura militar”. Induzi que enveredássemos por temas/personagens nacionais, para conhecer mais de nossa cultura – a partir daí, o grupo propôs - regiões do Brasil, viagens, turismo, musicalidade brasileira, artistas, negros, escravidão.

Guardei os temas e, em aula seguinte, levei a proposta de estudarmos vida e obra de Chiquinha Gonzaga - escolhi a musicista por sua importância nacional, militância feminista, luta contra o racismo e tantas outras questões que julguei fundamentais ao grupo de mulheres – as quais, de acordo com meu “pré-conceito”, haviam sido vítimas de uma educação tradicional e castradora.

Minha inclinação era o questionamento do lugar feminino em nossa sociedade e o vislumbre de certas irreverências.

Assistimos a um documentário que demandou duas aulas. Distribuí textos sobre episódios marcantes da vida da artista, ouvimos músicas da mesma, conhecemos acontecimentos que revelavam seus atrevimentos e experimentamos aproximações com a vivência de cada aluna. Algumas se posicionaram - disseram se identificar com a artista, outras (as de menos idade) expuseram indignação com as injustiças de outrora que continuam praticadas até hoje e a maioria delas (as de mais idade) mostraram-se escandalizadas com as ousadias de Chiquinha – como o casamento com um rapaz bem mais novo, as sucessivas separações e o distanciamento das filhas.

Poderíamos depreender daqui uma série de discussões acerca de valores geracionais, movimento feminista, questões de gênero, dentre outras, no entanto, o que me solicita maior atenção ao propósito deste trabalho é que, apesar de ter ocorrido debates e posicionamentos, não houve conflito de ideias, notava-se uma postura confortável (ainda que plural) das percepções das alunas acerca de Chiquinha e do papel feminino em nossa sociedade. A atividade foi insuficiente – ou ineficiente - para provocar desestabilidades.

A participação das alunas fora mansa, pacífica. Muitas delas inclusive mostraram-se aparentemente indiferentes ao tema. Nenhum frisson ou alvoroço - não se interessavam. Talvez porque a maioria se encontra viúva e os infortúnios de possíveis machismos sofridos já não lhes incomoda mais, ou porque não lhes emociona tanto alcançar um lugar de prestígio no trabalho, ou na sociedade.

Sobre isso, autores como Rozendo (2014), Maria das Graças Melo Fernandes e Loreley Gomes Garcia (2010), comentam que, apesar de algumas idosas terem passado sua vida adulta como mães e esposas responsáveis pelo marido e pelos filhos, não vivem a velhice com ressentimentos, justamente porque neste período da vida gozam de uma liberdade e autonomia que não tiveram anteriormente.

Na pesquisa realizada por Rozendo (2014) ele identificou que “a família e o casamento, tão citados (assim como o trabalho) como um empecilho às realizações mundanas da juventude e idade adulta, sempre foram compreendidos como condições indissolúveis na cultura dos longevos entrevistados” (p.196). Fernandes e Garcia (2010) inclusive apontam que mesmo diante de um matrimônio que pudesse causar extremo mal estar e/ou condições insalubres, as mulheres não abandonavam o casamento - suportavam-no até a morte do cônjuge.

Para os autores, as idosas não costumam questionar o que poderia ser diferente, porque acreditam que fora inevitável. Ao invés de queixarem-se sobre o vivido, preferem desfrutar novas possibilidades e experimentarem “a viuvez acompanhada de um sentimento de liberdade e bem estar” (ROZENDO, 2014, p. 196).

Foi exatamente este sentimento que Mafalda⁵⁷, uma das estudantes, me confidenciou ao final de uma aula. Dissera ela que conviveu com um marido alcoólatra e violento durante toda a vida. Em determinado momento, assinou o divórcio porque queria “limpar” seu nome civilmente, ainda assim, eles continuaram a viver juntos, pois era ela quem sustentava a ele e à família. Segundo Mafalda, ele não teria para onde ir e ela sentia-se moralmente responsável pelo pai de suas filhas. Há dois anos ele falecera, para Mafalda - um alívio – agora ela sentia que começava a viver e preferia esquecer o que passara.

Como Mafalda, acredito que outras podem ter vivenciado experiências dolentes, mas não pareciam dispostas a revivê-las, não no espaço da UATI.

Ainda assim, eu insisti na proposta inicial e, certo dia, na intenção de “agitar” a sala, iniciei a aula com uma proposta de composição textual. Pretendia que elas escrevessem, em formato de versos, sobre os preconceitos que vivenciaram na condição de mulheres – não precisariam se identificar. Depois, trocaríamos os escritos e a colega continuaria o texto com outro verso, que completasse ou afrontasse o primeiro. Ao final, leríamos os textos.

Quis enfatizar que a intenção da atividade era um “jogo” de conceitos/ideias e enquanto esclarecia isso a elas escrevi - bem grande na lousa - a palavra IDEIA.

- Está faltando o acento agudo professora...

“Bem dita” frase – disparou a sirene da “desordem”.

⁵⁷ Mafalda: significa “força na batalha” ou “guerreira forte”. Nome escolhido a essa mulher cuja história revela intensa guerrilha.

Expliquei que o vocábulo “ideia” fora um dos que sofrera alteração a partir do novo acordo ortográfico - obrigatório desde 2016 no Brasil. Tal assunto bagunçou a aula por completo – trovejou questionamento, embate, discussão. Muitas quiseram falar sobre o que concordavam ou discordavam. Surgiu a polêmica do binômio estória/história, que nem faz parte do acordo, mas entrou na conversa.

Uma delas comentou que o atual acordo já era o terceiro pelo qual passava. Relatou que na época em que fora alfabetizada escrevia-se açúcar com “ss” – “assúcar”, conforme grafado nos cadernos de culinária de sua mãe. Seu envolvimento em narrar tal situação foi tamanho que a aluna, costumeiramente acanhada e silenciosa, levantou-se e seguiu até a frente da sala apresentando as diferenças de grafia de outrora e escrevendo-as na lousa – em um ato impetuoso e espontâneo.

Outras levantavam de suas carteiras e descreviam empolgadas as “peripécias” da língua antiga. Seguimos falando sobre a importância do acordo e também as resistências para sua implantação, desviamos para a discussão sobre a vivacidade e a singularidade da língua falada, suas particularidades culturais, depois nos demoramos no assunto do preconceito linguístico. Adentramos em reflexões sobre as práticas pedagógicas do ensino da língua portuguesa. Muitas delas, professoras aposentadas, relataram que, desde a época em que se formaram no antigo “curso normal”, a discussão sobre a aceitação das variações linguísticas já estava posta.

Ao final da aula me solicitaram, em uníssono, que estudássemos o novo acordo, porque entendiam ser de suma importância aprenderem as novas regras – para escreverem melhor, atualizarem-se, acompanharem o movimento da sociedade letrada.

Estudar a gramática atual fora mais pungente do que refletir o papel da mulher ontem e hoje. Estão na Universidade - espaço privilegiado de apreensão de conhecimentos sistematizados – querem apreender o que tradicionalmente se aprende na escola.

Quando propus estudarmos a questão feminina pressupus uma demanda do grupo que não necessariamente era real, parti do estereótipo de mulheres vítimas e/ou desgostosas do machismo típico de tempos anteriores. Vítimas talvez, desgostosas, não sei. O fato é que as aprisionei em uma efígie de mulheres idosas desejosas de libertação, não parti de um clamor do grupo, mas pessoal. Quis

debater um tema que julguei relevante àquela idade, àquelas mulheres, que no caso foi o feminismo, mas poderia ter sido o corpo da mulher idosa, o estatuto do idoso, cuidados com a saúde, acessibilidade, respeito aos mais velhos, dentre tantos outros títulos transversais à velhice feminina.

Tal feito me remete a uma observação que João fizera logo no início de nossa caminhada de pesquisa, por volta de três anos atrás, quando eu iniciava na UATI. Comentei com ele que pensava em trabalhar com as alunas uma música do Arnaldo Antunes – “Envelhecer”. Sem precisar conhecer a música, João me questionou o porquê de eu tematizar a velhice com as idosas. E não é que o João sabia das coisas? Só que naquela época não compreendi o vício do qual ele tentava me poupar. João sugeriu que eu trabalhasse poesia, crônicas e contos diversos e desceu livros e livros de sua prateleira pessoal. Folheei alguns, anotei referências e acolhi a sugestão; porém, anos depois, retrocedi à ideia de discutir a condição das estudantes.

De maneira semelhante aos achados dos trabalhos analisados por Vanessa Celinaide Pereira de Sousa, Renata Brito Pamplona e Eliana Barreto Fixina (2016), eu perseguia certos objetivos comumente associados às UATIs – “rever os estereótipos e preconceitos associados ao envelhecimento, estimular a autoestima, o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, a independência, a auto expressão e a reinserção social em busca de um envelhecimento bem-sucedido” (p.1) – a velhice expressa como a oportunidade de resgatar pendências deixadas para trás.

O exemplo exposto demonstra que elas não estavam tão interessadas em questionar a condição da mulher ou da velhice feminina, não se empolgaram em pensar a mulher que foram e/ou poderiam ser – diferente disto, queriam escrever melhor. Desejavam fazer uso da linguagem - elemento de nossa cultura – conforme o uso que a sociedade faz dela e, para isso, precisavam do outro. Tanto a professora quanto as colegas do grupo constituíram esse outro que possibilitou o encontro com novos conhecimentos e para esse fim, a escola é espaço privilegiado.

Suely Amaral Mello e Andreia Maria Cavaminami Lugle (2014) ao discorrerem sobre as implicações pedagógicas da teoria histórico cultural consideram a escola “como meio organizado para o desenvolvimento do aluno que visa à formação do conhecimento científico, superando o conhecimento cotidiano” (p. 265). Segundo as autoras a escola é um elemento chave dos processos de humanização, justamente porque permite saltar dos conhecimentos e conceitos cotidianos para outra esfera da

atividade humana, mais elaborada – “a educação faz parte dessa esfera, está ligada à produção humana do não cotidiano: a produção da humanização nas novas gerações” (MELLO; LUGLE, 2014, p. 266) – o que dará condições ao sujeito de protagonizar sua social existência.

No caso da língua portuguesa em especial, concordamos com Silvia Colello (2007) a qual entende que apropriar-se e fazer uso da escrita implica tanto no trabalho aberto e criativo de expressão linguística como na apreensão de um sistema fechado de normas e regras que propiciam a circulação no universo letrado e permitem estar em relação com o outro, entrar na corrente comunicativa, em um processo de construção da personalidade e da cultura.

Através da escrita, as alunas exercem práticas sociais – histórica e culturalmente constituídas. Ao solicitarem o estudo das novas regras ortográficas, elas avançam no tempo, atualizam-se, colocam-se em devir. Escrevem e inscrevem-se no mundo – sentem-se motivadas.

Entendemos que os movimentos sociais, dentre eles, as questões de gênero, são bem vindos e essenciais a todo processo educativo, bem como tópicos que abordem as condições da velhice, dentre outros. No entanto, o que pede prudência é a forte e contaminada tendência a temas voltados a saúde e cidadania, especialmente quando se trata de idosos – porque há uma premissa de carência/necessidade por trás dessa boa intenção.

Conforme sugerem Ana Alice da Silva Pereira; Vilma Valéria Dias Couto e Fábio Scorsolini-Comin (2015), as UATIs têm representado a possibilidade de aquisição de comportamentos, atitudes e conhecimentos não apenas úteis a uma melhor experiência de envelhecimento, mas para “a ressignificação do ser idoso e para o empoderamento desses sujeitos no sentido de maior exercício de cidadania, conhecimento acerca de seus direitos, deveres e potencialidades” (p. 211).

Ainda de acordo com os autores acima, “o acesso à educação, como um direito do idoso, passa a ser a porta de entrada desse sujeito em um mundo de possibilidades de desenvolvimento, ultrapassando os limites de uma educação formal e regular” (PEREIRA; COUTO; COMIN, 2015, p. 211). E nos perguntamos o que seria essa ultrapassagem da educação formal e regular, melhor dizendo, em que difeririam os objetivos e as concepções que sustentam as ações pedagógicas da UATI e da educação regular?

Acreditamos ser esse um aspecto que merece maior atenção e estudo para não deslizarmos na tentação de compreender a UATI enquanto uma nave espacial disposta a abduzir o idoso de sua adversa condição. Por trás do discurso da potencialidade, parece haver sempre a ideia de precariedade. Ao lado do educador há a idealização do salvador - o que nos estimula a questionar os objetivos das universidades abertas da terceira idade e o papel do professor nestas instituições – que não precisa ser apenas o repensar da existência passada, mas o existir em si.

É o que também indicam Paulo Victor Bezerra, Talita Baldin e Justo (2015), os quais desenvolveram oficinas de psicologia com um grupo de idosos cujo objetivo foi romper com a ideia de velhice e envelhecimento ligados estritamente ao passado, uma vez que este geralmente implica em lamentação e saudosismo. Para tanto, realizaram dinâmicas de fotografia e teatro e buscaram imprimir novos papéis sociais ao sujeito envelhecido “em que ele pudesse criar e ressignificar, pensar em prospecção, em futuro, apresentar-se como um sujeito desejante e autor da própria história, onde ele pudesse enfim – protagonizar”. (BEZERRA; BALDIN; JUSTO, 2015, p. 451).

Ao refletir sobre as concepções que permeiam a ação pedagógica junto às idosas entendemos ser necessário atentar-se ao quanto ela está marcada pelo clichê da libertação de possíveis desventuras (presentes e/ou passadas) vividas pelas idosas – as quais não necessariamente estão ali somente a isso. Importante que o professor esteja sempre em construção e reflexão, especialmente porque as universidades da terceira idade não possuem um programa e/ou currículo específico, o que acentua o caráter subjetivo das interações que ali acontecem.

Sobre isso, o Professor Justo, no exame de qualificação deste trabalho, comentou que enquanto os jovens estão submetidos às exigências de desempenho, competência e tecnologização, os idosos podem experimentar um envelhecimento “artivo”, enquanto artistas - ativos e vivos! O que Justo criativamente nos sugeriu, foi que as atividades voltadas aos idosos possibilitem aos mesmos a livre invenção – de si e do mundo.

Interessante que aprender as regras ortográficas pode parecer ir à contramão deste livre arbítrio. Percebemos, no entanto, que de mãos dadas ao formato das normas há a possibilidade do abraço às ideias, à expressão – senha para o bem escrever e a partir daí, cria-se à vontade. Isso porque entendemos a escrita como exercício de liberdade – liberdade do homem que se torna sujeito de sua vida.

Acontece que para escrever, é preciso dominar a ortografia - ela é o código de acesso à expressão das letras.

No exemplo que trouxemos, o desconhecimento da nova ortografia da língua portuguesa – instrumento historicamente, culturalmente e socialmente constituído – impulsionou a um desafio para além de conhecimentos já consolidados, em que as aprendizes precisaram assumir a condição de pessoas ativas. E, de acordo com Mello e Lugle (2014) “se uma ação afeta o aluno ou a criança constituindo-se numa atividade que amplia seu acesso à cultura e promove sua aprendizagem [...] então é desenvolvvente” (p.269), ao que completariamos – promove nova “situação social de desenvolvimento” – conceito “vigotskiano”, sobre o qual discorreremos em capítulo próximo.

Apesar desta análise, confesso que o processo narrado acima – que envolve resistência a posturas mais políticas (como o feminismo) e aderência a aspectos escolares mais formais (como as regras gramaticais) colocam-me em tumulto diante de meu papel enquanto educadora de idosos. Isso porque vivo em uma realidade diversa, sou de outra geração e questões que me assolam de uma forma as arrebatam de outra.

Não quiseram falar sobre o feminismo, desviaram-se das questões sobre o papel da mulher na sociedade, sobre as opressões vividas, as lutas travadas e os direitos conquistados. Apoiam-se em valores diversos dos meus e querem se livrar destes aborrecimentos, porque a elas parece não interessar mais resgatar ou refazer essa parte de suas histórias.

A elas não, às suas (e aos seus) descendentes sim. São mães, avós; têm filhas e filhos que herdarão as opressões por elas vividas. Deveriam engajar-se politicamente nessas reflexões a fim de garantirem dias mais livres aos que vieram depois e aos que ainda virão? Seria essa uma tarefa pedagógica junto às idosas – atuar criticamente no processo de socialização das mesmas?

Parece sensato que sim, porém, na situação vivida com elas, acatei o desejo da esquiva. Talvez porque nos limites de minha ação - seja aqueles impostos pela própria instituição, seja outros decorrentes de minha constituição – não consegui encontrar estratégias que as comovesse para o tema. Até porque, o pensamento que me ronda, por vezes, é o de que seria preciso refazer toda a história dessas mulheres para que elas se empenhassem no propósito de alterar seus posicionamentos frente às opressões que viveram. Aprenderam a não questionar e

reviver amarguras seria resgatar uma dor para as quais já criaram sólidos mecanismos de defesa – são mulheres⁵⁸ que, em sua maioria, graças ao trabalho do marido, tiveram uma boa condição financeira.

E aqui me encontro diante de um paradoxo - se por um lado defendemos o vislumbre de movimentos nos idosos os quais sinalizam mudanças e reposicionamentos, de outro, percebo insistências que escancaram o peso da tradição, das estruturas condensadas que tornam o terreno da velhice mais compactado – seriam resistências ideológicas ou linhas de fuga necessárias à sobrevivência mental dessas mulheres? Penso que ambos.

Diante deste dilema, é novamente a teoria de Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) quem nos ampara. Para este autor, ao lado das crises e dos pontos de viragem radicais que ocorrem em determinados períodos na vida dos sujeitos e que ocasionam uma mudança por completo em sua personalidade, há também as mudanças mais sutis, discretas transformações que não observamos em curto espaço de tempo, mas que estão lá, acontecendo e que, de surpresa, no meio do dia, tocam a campainha.

Para dizer de tal situação, acrescento mais um episódio vivido com elas.

Aconteceu no início de 2019 quando uma das estudantes ficara incomodada com certa rigidez da instituição. Levou a tal inquietação durante a aula de teatro e seu discurso foi tão contagiante que gerou ampla e alongada discussão. Naquele dia, e nos seguintes, não raro as alunas trazem suas questões, especialmente quanto às contrariedades que sentem em relação à própria instituição. A conversa com a coordenadora não aconteceu, conforme eu orientara, mas os lampejos de insatisfação ressurgem aqui e ali.

Creio que as reflexões suscitadas nas aulas de teatro e literatura devagar movimentam e autorizam o livre posicionamento de algumas, por outro lado, amedrontam a outras, amedrontam a mim também. Estamos todas à mercê do

⁵⁸ Muitas atuaram como professoras, mas comentam que não dependiam apenas desse salário para sobreviverem. Algumas referem terem sido submissas aos maridos e, por meio das provocações que tento realizar em aula, parece que não construíram uma história de enfrentamento a essas e a outras questões. Em conversas informais sobre a educação que tiveram, constatei que a maior parte das estudantes da disciplina de teatro da UATI, quando adolescentes, estudara no mesmo colégio religioso - de rígida disciplina. Por meio de bem humorada lembrança referem que não gostavam dos excessos das “irmãs” e, vez ou outra, transgrediam, mas valorizam a educação que tiveram e pensam que as “puxadas de orelha” foram importantes e necessárias para a formação da boa mulher em que se constituíram.

mecanismo controlador inerente à instituição e qualquer movimento contrário pede cautela, sensatez e estratégia, para que não venha “tudo abaixo”.

Tensionada, vez ou outra o cordão afrouxa e permite nova laçada, outras tantas, se esgarça em qualquer intenção de empuxo. Tento instigá-las no sentido de uma organização entre elas que crie e garanta um espaço de diálogo, afinal, é por elas e para elas que a UATI existe. Há limites para essas práticas sociais dentro da instituição, mas vislumbres da necessidade e da possibilidade de “esticar a corda” vêm e vão.

Tais reflexões apontam para um constante repensar da ação pedagógica voltada a idosas (os). Se por um lado há um movimento das estudantes por novos modos de ser e pensar, há também o apego às tradições que nos localizam em contraditórias (mas reconfortantes) ações. A mesma professora que pensa desestabilizar, assente permanecer.

Como lembra Hannah Arendt (1996), o conservadorismo faz parte da essência da atividade educacional, “cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo” (p. 242). A autora adverte, no entanto, que tal pensamento é válido apenas nas relações entre adultos e crianças e não no âmbito da política, onde agimos em meio aos adultos e com iguais. Isso porque ela acredita que tal atitude conservadora que aceita o mundo como ele é, “não pode senão levar à destruição, visto que o mundo, tanto no todo como em parte, é irrevogavelmente fadado à ruína pelo tempo, a menos que existam seres humanos determinados a intervir, a alterar, a criar aquilo que é novo” (p. 242).

Estaria eu abrigando e protegendo as idosas do novo e o novo das idosas? Estaria eu me abstendo de uma ação político-pedagógica? Essa postura diria de meu posicionamento no mundo e de minha subordinação ao instituído? Certamente que sim, afinal, misturada à professora há a mulher, a estudante, a aprendiz que compreende a necessidade de novas práticas sociais nas idosas, mas também aceita os limites que a própria condição e momento lhes (me) impõem.

Educar o idoso pode ser mais do que lhe proporcionar um grato e feliz viver, afinal, tal restrição subestimaria a potencial contribuição dos mais velhos aos mais novos. Se a vida se refaz por toda a existência, romper certas tradições em prol de uma próxima geração mais livre parece ser um esforço válido à gerontologia educacional.

Apesar das estudantes não aparentarem mudanças significativas em seus posicionamentos, tão pouca disposição para refletirem sobre certas questões, sabemos que instabilidades internas não podem ser vistas a “olhos nus” – impossível capturá-las por completo. E porque acredito em sua ponderada existência, continuarei me empenhando com o devido zelo para que, ao lado da instabilidade, o belo e descansado viver da velhice não seja agredido.

Para finalizar, trago minha mãe.

Aposentada da profissão de assistente social graduou-se aos 69 anos de idade em terapia corporal. Por convite de uma amiga, inscreveu-se no curso para fazer-lhe companhia e gostou. Conheceu melhor sobre o corpo humano, os pontos de energia e os meridianos, aprendeu massagem, cromoterapia, *Reik*, mocha, uso medicinal dos florais, acupuntura e tantas outras técnicas. Hoje, aos 71 anos recebe pessoas em seu pequeno apartamento para oferecer-lhes melhora. Há um quarto cuidadosamente preparado para o tratamento - onde luzes coloridas com cheiro de óleo fitoterápico bailam ao som instrumental. Ao final da sessão mamãe serve chá, torrada com patê, prosa e riso – sentada na mesa da copa, de seu apartamento em Guarulhos, de onde nascem pés de abacate, ameixa e tomate.

Penso que mamãe também não se interessaria em discutir a condição da mulher, do machismo e de tantas outras vivências que eu presenciei e sei – a violentaram no passado. Hoje, como as mulheres da UATI, ela sente-se livre para experimentar atividades que não vislumbrara no ontem e que a colocam em movimento prospectivo.

É mulher, é idosa, é aposentada, mora sozinha - mas é a Cidinha e isso a faz peculiar e singular!

“Ser mulher” - título do segundo livro publicado durante nossas aulas de literatura – fora um tema que não alvoroçou as estudantes da UATI, mas existe e resiste em mim desde o início desta pesquisa. Falemos dele no próximo item.

4.7 Mulheres da/na UATI

Pesquisadora, professora de 40 idosas, em um programa cujo corpo docente é composto por seis mulheres e apenas um homem, coordenados por uma senhora... Na UATI que pesquisamos, as mulheres são maioria – consideração que não poderia deixar de ser comentada e analisada, pois certamente exerce importante influência sobre os sentidos construídos neste trabalho.

Tal realidade não é privilégio nosso - outras pesquisas⁵⁹ confirmam a mesma estatística - o número de mulheres nas UATIs em geral é maior do que o de homens. E não somente isso; os estudos demográficos⁶⁰ sobre envelhecimento também afirmam que as mulheres constituem a maior parte da população mundial idosa.

De acordo com Paschoal (2006), os homens idosos apresentam maior resistência em participar dos grupos de terceira idade porque se fragilizam mais que as mulheres no envelhecimento, para eles, “a função social de provedor, de ser obrigado a demonstrar força no trabalho, na família, nas relações amorosas, durante todo o tempo, deixa poucas possibilidades de se adequar num momento de declínio de força e poder” (p. 89).

Figueiredo et al. (2007) também ressaltam a baixa autoestima dos homens mais velhos e a associam ao evento da aposentadoria porque os desloca do espaço público (de trabalho) para o espaço privado (doméstico) – o que é representado pelos homens de mais idade como perda de poder e repercussão negativa na imagem de sua autonomia. Diferente das mulheres de mesma idade, para quem “a família foi quase sempre o principal ponto de referência” (p. 423). Tal diferença na forma de experimentar o envelhecimento faz com que as mulheres se sintam mais dispostas e motivadas a buscarem novas experiências em espaços que antes não frequentavam.

Outros autores⁶¹ igualmente observaram em seus estudos que o processo de envelhecimento feminino representa conquista de autonomia e liberdade isso porque, ainda que tenham trabalhado e que na velhice desfrutem da aposentadoria, o espaço privado (do lar) sempre foi o ambiente privilegiado do protagonismo feminino o que as faz não sentirem a perda de poder experimentada pelos homens.

Neri (2001) aponta que enquanto as mulheres participam dos espaços de lazer e convivência como símbolo de liberdade, os homens tendem a congregar-se mais em federações e confederações de pensionistas e aposentados, para lutar pelos direitos. Para Motta (1999) a escolha das mulheres por instituições sociais tem relação com a facilidade de justificar à família e a elas mesmas a saída de casa para

⁵⁹ Almeida et al. (2015); Rozendo (2014); Almeida e Oliveira (2013); Lisboa e Vieira (2013); Debert e Brigeiro (2012); Figueiredo et al. (2007); Neri (2001); Motta (1999).

⁶⁰ Conforme estudos de Figueiredo, 2007; Nicodemo e Godoi, 2010; Belo, 2013.

⁶¹ Rozendo (2014), Lisboa e Vieira (2013), Motta (1999; 2011), Fernandes e Garcia (2010) e Neri (2001).

uma organização mais formal. Diferente dos homens que, à exceção dos movimentos de aposentados – “reúnem-se em grupos mais espontâneos ou informais nos bancos das praças, nos jogos de dominó, nos clubes sociais” (p. 219), como já tradicionalmente frequentavam ao longo de toda a vida.

Neste sentido, a forma de viver a velhice e a participação nas universidades abertas da terceira idade têm estreita relação com a condição masculina e feminina experimentada pelos idosos em nossa sociedade, ou seja, “na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a)” (MOTTA, 1999, p. 207).

Essas diferenças interferem inclusive na longevidade, uma vez que, de acordo com Figueiredo et al. (2007) a nova condição social dos homens idosos passa a ser determinante de perdas e limitações que influenciam na saúde física e emocional, “desencadeando ou agravando doenças crônicas características do processo de envelhecimento e capazes de reduzir a saúde e a qualidade de vida de muitos homens idosos” (p. 427), o que os torna, demograficamente, minoria.

Diante de tais constatações, conforme me alertara o professor Justo (na ocasião da qualificação) – eu não poderia escapar da questão de gênero. Interessante que era a segunda vez que este mote marcava meu encontro com o professor – tinha que ser ele, “justo” ele! Vou contar essa história...

A primeira vez que soube do Prof. Justo foi quando eu cumpria meus créditos na pós-graduação. Não o conhecia e escolhi sua disciplina porque ela abordava a contemporaneidade, o que acreditava poder acrescentar importantes reflexões sobre as percepções da velhice na atualidade – de fato aconteceu. O que eu não esperava é que a conversa não ficaria por aí – escolher a matéria do Prof. Justo mudaria por completo minha relação com o feminino - com minhas percepções sobre gênero.

Foi já na aula inaugural - o Prof. Justo teve um imprevisto pessoal e outro docente precisou substituí-lo. Neste dia, eu estava tão absorvida pela teoria e pelos autores ensinados que não percebi as nuances do discurso suplente – palavras que escandalizaram a todas(os) alunas(os), menos a mim. Percebi sim o incômodo das/dos colegas, mas não consegui identificar o disparador daquela indigestão.

Eu era nova naquela universidade e na psicologia. Lembro que o docente convidado fizera algumas brincadeiras/piadas envolvendo a discriminação de gênero, mas não fui afetada – o que não quer dizer que eu estava excluída dos

adjetivos inconvenientes que ele impusera às meninas, mas que eu simplesmente não me compreendi agredida.

No intervalo da aula, a cantina foi tomada por discussão pressurosa entre as/os alunas/alunos a respeito do ocorrido - estavam todas/todos abismados, diferente de mim, que apenas tentava dimensionar ambos os lados. É que minha formação e visão tradicional de mundo não me permitiram, naquele momento, alcançar a gravidade da situação. No retorno à sala, estávamos apenas eu e mais meia dúzia – o restante se recusara a entrar – pouco entendi.

Na semana seguinte conheci o professor Justo - que dialogou com a sala sobre o acontecido. Fiquei impressionada com a aceleração e a densidade de sua fala. Lembro-me, sem orgulho e um tanto constrangida, que me posicionei contra a resistência e a mágoa das/dos discentes. A mim parecia exagero do “politicamente correto”. É que eu crescera ouvindo aquelas anedotas que já se naturalizavam em meus ouvidos. Aprendi a rir delas (ainda que por “educação”), a não me opor – queria evitar o julgo da parenta chata, ou da “patroa” brava – por isso, o discurso do professor visitante não me atingira.

No entanto, acertou no alvo de colegas e a dor delas e deles foi minha advertência. Ao notar a extensão da ferida de pessoas com quem convivia de perto, passei a compreender o tamanho da flecha lançada. Na mesma cantina da universidade, tomamos muitas xícaras de café sobre o assunto e pouco a pouco fui sentindo o amargo preconceito que minhas papilas aprenderam a rejeitar.

De lá para cá a leitura que faço sobre o feminismo, a homossexualidade, a transsexualidade, entre outros, recompõe-se. As novas percepções de gênero se esparramam por mim e transbordam em minhas relações – pessoais e profissionais.

Professora de uma sala “cem por cento” feminina, não raro incito questões sobre esta temática com as estudantes idosas. Como aconteceu em 2016, quando montamos a peça – “Os anos dourados de Amélia”, na qual protagonizamos as “belas e recatadas” dos anos 50.

Na sequência, início de 2017, publicamos o livro “Ser Mulher” cuja proposta era que as alunas falassem das mulheres de suas vidas e/ou delas mesmas. Ansiava que elas refletissem sobre a própria condição. O coletivo dos textos enveredou pela autobiografia de mulheres que escolheram proclamar o fato de que, a despeito das adversidades vividas, venceram, superaram suas batalhas e hoje se

sentem realizadas com os filhos crescidos, os netos saudáveis e a oportunidade de participarem da UATI.

Apesar de minha insistência para que imprimissem no texto reflexões críticas sobre suas vivências, poucas expressaram ressentimentos, queixas ou dores, houve apenas exaltação a vida, espiritualidade, saúde, amizades, felicidade, liberdade.

A seguir, peço licença para transcrever o final dos textos que elas⁶² publicaram no livro⁶³. Apesar de um tanto extenso, considere importante, porque a quantidade revelará a constância e a repetição de seus enunciados.

Hoje sinto-me em paz, faço tudo o que eu gosto, sou livre, sou feliz, aprendi a ser paciente, levo a vida sempre rindo, brincando, e o que eu relatei aqui não é nem metade do eu vivi, mas olhando para trás, penso que valeu, porque fez a mulher que sou. Hoje vejo a vida de outra maneira, aprendi muito, e os problemas que tive no passado seriam resolvidos hoje sem tanto sofrimento, mas... Tudo bem, foi um aprendizado que vou levar para o resto da vida. (A.M.G.)

Passei muito do que aprendi para minhas filhas; não tenho do que reclamar. Elas são caprichosas e boas donas de casa. Sinto-me muito feliz com tudo, porque hoje eu sou mãe, sogra, avó e bisavó de dez lindos bisnetos. Ainda divido meu tempo frequentando a universidade aberta da terceira idade, com muita alegria, há três anos. Sou uma mulher realizada! (A.J.M)

Eu não estive em guerra nenhuma, além das guerras que sempre travei comigo mesma, com minhas tristezas, com minhas angustias e limitações. É impressionante como a vida da gente, por mais tranquila que tenha sido, não cabe num conto ou num livro se contado por nós mesmos. Gosto muito de dançar. Que quiser me conhecer melhor, é só me procurar no forró de quinta-feira (que é sagrado), lá eu conto um pouco mais! (A.I.M.)

Fiquei viúva com 65 e não me casei novamente. Acredito que casamento é uma vez só. Moro sozinha, pois um dos meus filhos mora em São Paulo e outro em presidente Prudente. Tenho dois netos e duas netas que são minha alegria (C.V.B.)

Respeito e muita gratidão à minha amada mãe, mulher de fibra, que nos deixou um grande legado de valores e muito amor, em quem eu procuro me espelhar e levar adiante. Aprendi muitas coisas boas com ela, principalmente a valorizar o amor da família e dos amigos, pois a vida é um eterno aprendizado. (D.B.L.)

Tive três filhos que me deram sempre muito orgulho e estão ao meu lado em todos os momentos de minha vida. E os meus oito netos que são motivos de muito amor. Assim, como mulher, me acho vencedora, porque tudo o que eu queria eu consegui com meu esforço. Hoje vivo tranquila pelo dever cumprido. (D.A.)

⁶² Para identificar a autoria dos textos, utilizaremos aqui as iniciais dos nomes das alunas. Porque pretendemos realçar a escritura, independentemente de quem as escreveu.

⁶³ As aulas de literatura acontecem uma vez por semana e têm duração de 50 minutos. No primeiro semestre nos empenhamos na escrita de textos que compõem a publicação anual de um livro de contos, cujo tema é negociado juntamente às estudantes. No segundo semestre trabalhamos atividades de aprimoramento da escrita, através de leituras de autores diversos, ao lado da experimentação com a escrita em diferentes gêneros e do estudo sobre regras gramaticais, coerência e coesão textuais.

Hoje posso dizer que sou uma pessoa completa, tenho uma família linda, netos que são minha alegria. Claro que há dias ruins, mas eles se tornam pequenos quando olho para trás e vejo tudo o que passamos e construímos com amor. (E.M.Z.)

Vivo intensamente cada momento da minha vida. Só tenho a agradecer, por tudo de bom que estou recebendo até hoje. Com o lema de que ter fé em Deus, coragem, sabedoria e otimismo qualquer dificuldade é um desafio a ser vencido, continuarei a minha vida transmitindo alegria, cozinhando com amor, compartilhando boas amizades, cantando, dançando, chorando, rindo, e intensamente feliz. (H.N.)

Lutei muito para criar e estudar os filhos, e se olho para trás, não sei se teria forças suficientes para enfrentar os problemas familiares novamente. Apesar das lutas, houve muitas alegrias ao ver os filhos crescerem, se formarem e constituírem família. E as alegrias se completaram com a chegada dos netos e agora com o bisneto. Por isso, todos os dias louvo e agradeço a Deus pelo dom da vida, pela minha família, amigos e pela graça de ainda poder realizar muitos sonhos (I.A.G.C.)

Como não podia deixar de ser, foi a primeira a se casar. O marido, apesar de amá-la, não gostava de demonstrar. Para os de fora eram um casal perfeito, mas ela comeu o pão que o diabo amassou. Por mais que tentasse, não conseguia agradá-lo. Voltou a estudar, contra a vontade dele, e vivia num mundo à parte, um mundo de livros, escola e sonhos. Assim foi até que o marido veio a falecer e ela ganhou o mundo. Hoje é dona do seu nariz e faz tudo o que gosta. Não digo que é feliz, porque a vida é feita de momentos, mas hoje em dia, os momentos felizes são mais numerosos que os tristes. (I.R.L.)

Tudo o que fiz nessa vida até hoje foi com muito amor e, se necessário, faria e viveria tudo novamente. Com a família estruturada, tive a oportunidade de me desabrochar como pessoa, como mulher, frequentando a UATI. E nesse aspecto, me identifico com Cora Coralina, que também, por lutar tanto, após os 50 anos passou por uma transformação interior e aos 70 teve seu primeiro livro publicado. (J.T.V.)

Saber valorizar o passado não é vivenciá-lo no presente e nem criar expectativas para o futuro, e sim ter em mente que ele facilitou e contribuiu para meu sucesso, pois são o aprendizado e os belos exemplos que me possibilitaram viver melhor, me integrando à sociedade que significa uma família ampliada. (L.B.)

Hoje olho para trás e vejo quantas coisas boas fiz no meu trabalho e na vida pessoal. Sinto-me forte e disposta para ultrapassar muitas barreiras ainda nesta vida. Deus está sempre presente na minha vida e da minha família, nos abençoando. E a vida continua... (L.M.)

Agora faz um tempo que faço parte da UATI, onde conquistei novos amigos. Casei-me outra vez com uma pessoa "normal", vivo feliz, deixando para trás os tempos de medo e incertezas. Creio e tenho certeza que Deus sempre me cuidou, amparou e protegeu. Hoje tenho uma família grande, quatro filhos, sete netos e mais um a caminho. Meu marido é um homem bom, amoroso e tem uma família numerosa. Sempre nos juntamos e comemoramos os bons tempos que vivemos e os que ainda virão. (M.A.G.)

Meus queridos filhos e netos são a razão do meu viver. No decorrer da minha vida muitos acontecimentos foram surgindo, tanto bons quanto tristes, mas com a graça de Deus fui superando. Frequento a universidade aberta à terceira idade e tenho a oportunidade de unir o útil ao agradável,

participando das atividades realizadas, desfruto de momentos de descontração e alegria e faço novas amizades. (M.A.M.)

Cuido da plantação de soja com meu filho e ainda fazemos queijo com leite da fazenda, tratamos de bois no cocho. Isto tudo para mim é uma alegria, principalmente quando olho no meu jardim e vejo as rosas lindas, tudo florido. Todos deveriam gostar de natureza, para cuidar mais do nosso planeta, assim tudo seria diferente. (M.C.M)

Por fim fiquei viúva e matriculei-me na UATI. Estou cursando meu décimo primeiro ano. Formamos um grupo de amigas. Trocamos ideias e reciclamos conhecimento. Aqui também encontrei uma amiga que se destaca dentre as demais. Sou muito grata pela sua amizade e solicitude. (M.C.B.M)

Se Deus permitir, continuarei essa caminhada no céu, fazendo muitos papos de anjo, pasteis de Santa Clara, nuvens brancas, flores de laranjeira, suspiros e ora pro-nóbis para bem alimentar a todos lá em cima. Será um verdadeiro paraíso. E acreditem, Jesus terá que inevitavelmente fazer uma dietinha. (M.L.N.C.)

Hoje consigo perceber essa evolução da mulher, me sentindo capaz de continuar lutando e vivendo, para que tenhamos um amanhã cada vez melhor. Estamos nesse mundo em primeiro lugar com a permissão de Deus e devemos ser muito gratos por isso. Estamos de passagem e tudo o que vivemos, bom ou ruim, devemos sempre agradecer, pois tudo o que passamos serve como experiência e aprendizado, para nos tornarmos cada vez melhores. (M.S.M.S.)

Hoje quero agradecer e prestar o meu atributo às pessoas que fizeram parte de minha vida, me proporcionaram a educação familiar e me incentivaram para a formação escolar. Assim, pude como professora transmitir aos meus alunos os conhecimentos básicos e os valores imprescindíveis para a vida adulta. Por muitos anos dediquei-me ao magistério, inicialmente em escolas rurais, onde frequentava as mais severas adversidades para realizar meu trabalho e posteriormente em escola urbana onde encerrei minha missão, mas continuo a luta como mãe de quatro filhos e cinco netos, aos quais eu dedico todo meu carinho e amor. (N.F.P.)

Estou na terceira idade que dizem ser a melhor idade. Às vezes não penso assim, outras, penso que talvez esse ditado tenha uma razão, pois nós não temos mais compromissos e responsabilidades. O jeito é aproveitar os dias livres, viajar, curtir filhos e netos e viver. (N.B.B.)

Quem não quer viver uma história assim? Os desígnios de Deus, temos que encarar. A alegria no coração e ser feliz com o que temos é algo que depende de cada um de nós. E isto eu tenho a sorte e a graça de ter. Por isso sou grata. E por isso me abro a novas experiências, como ir à UATI, que adoro, a todas as missas que me convidam, estar com as filhas e netos e também ajudar nos trabalhos voluntários que acontecem na minha vida. Se você me perguntar o que eu sou, eu direi: "Sou uma pessoa Feliz". (O.R.M.)

Aprendi que hoje é tempo de amar, pedir perdão e de perdoar. O maior tesouro que tenho é o amor da minha família. Aprendi com minha mãe a superar obstáculos e a enfrentar a vida com bom humor, no entanto, há somente alguns anos é que conquistei o bom humor. Afinal, a vida é sobre quem está ao nosso lado, quem segue nessa caminhada conosco e não abandona o barco quando a tempestade vem (S.M.M.)

Apesar de ser mulher neste mundo machista, nunca me senti discriminada ou diminuída por isso. Sempre me fiz respeitada, inclusive no trabalho; nossos cargos eram iguais e remunerados da mesma forma. Aposentei-me há dezoito anos. Hoje estou na UATI. Gostando do que aprendo e gostando também das colegas. Não... Minha vida nunca foi um mar de rosas, mas supero os dissabores e estou bem, de pé e cabeça erguida, graças a meus esforços e ao fato de esperar sempre por dias melhores. (V.L.B.)

O que as estudantes revelam corrobora com a percepção de que as idosas não estão na universidade da terceira idade com o intuito de reverem os estereótipos da velhice, da mulher ou para o empoderamento no sentido de maior exercício de cidadania. O que nos parece é que ao entrarem na UATI já têm clareza sobre seus direitos, deveres e potencialidade e agora anseiam desfrutá-los, viver o presente momento o qual, ao contrário de problemático, é por elas significado como repousado.

Evidente que tiveram desagradados ao longo da existência, pois, conforme comentam Figueiredo et al. (2007) a maioria das mulheres que hoje estão na velhice tiveram a infância, a adolescência e a vida adulta baseada no modelo patriarcal, cujos poder e dominação masculina foram as principais representações que as colocaram na situação de subordinação ao marido, pai, irmão. No entanto, esta não é uma realidade que as ameaça na atualidade, pois “são mulheres que de um lado sentem-se resignadas de algumas perdas, mas de outro, retomam poder para decidir sobre suas vidas de forma mais independente” (p. 425). Na investigação que estes autores realizaram, constataram que as depoentes mostraram-se mais adaptadas (do que os homens) à nova conjuntura que se estabelece com o envelhecimento.

Se atentarmos aos enunciados transcritos, há maior expressão de gratidão que rancor, mais alegria que dissabor. A maioria ressaltou o valor da família aumentada com netos, genros e noras. Também se referiram aos filhos e filhas formados, casados, empregados, enquanto realizações de bons feitos – dever cumprido, sensação de orgulho. As lutas, esforços e sofrimentos vividos são significados como vitórias e aprendizados. Felicidade, amor, sabedoria e liberdade são lembradas enquanto conquistas do envelhecer. A amizade e o conhecimento como privilégios da universidade.

Goldenberg (2015) nas pesquisas que realiza com idosos, aprendeu que a velhice também é (ou pode ser) bela. O que não quer dizer que exista um modelo de “bela velhice”. Para ela, “existem inúmeras maneiras de construir e de experimentar

a beleza da própria velhice” (p. 19) e destaca, a partir dos discursos de idosos entrevistados, o que lhe pareceu mais relevante para pensar a construção de uma bela velhice, dentre eles: “encontrar um projeto de vida, buscar o significado da existência, conquistar a liberdade, almejar a felicidade, cultivar a amizade, viver intensamente o presente, aprender a dizer não, respeitar a própria vontade, vencer os medos e aceitar a idade” (p. 20). Aspectos também evidenciados nos textos de nossas estudantes.

A mesma autora ressalta que quanto mais avançada a idade das idosas pesquisadas, mais aspectos positivos apareciam em seus depoimentos sobre a velhice. As mulheres mais velhas, em sua maioria, “afirmaram que deixaram de se preocupar com a opinião dos outros e passaram a priorizar os próprios desejos. Enfatizaram que com o avançar da idade ganharam uma coisa extremamente preciosa: a liberdade” (GOLDENBERG, 2015, p. 45).

Eis um aspecto importante apontado pela autora no que diz respeito às diferenças de gênero⁶⁴ - as mulheres em geral preferem estar sós a má acompanhadas. Segundo Goldenberg (2015) “enquanto elas parecem se tornar mais individualistas, autônomas e independentes, eles parecem ficar mais afetivos caseiros e dependentes da família” (p. 85). Para a autora, tal fato acontece justamente porque, em idades anteriores, homens e mulheres vivenciaram a família de maneira diferente, assim, com o passar do tempo as mulheres carecem mais de liberdade e os homens, de família. Ela acredita que este é um dos motivos que poderiam explicar o porquê dos homens tenderem a se casar mesmo quando mais velhos e as mulheres preferirem permanecer solteiras.

Interessante que uma das estudantes fez referência ao casamento como sendo “uma vez só” e outras duas revelaram a morte do marido enquanto um alívio - o que confirma que no caso da viuvez ou do estar solteira, há um desinteresse por nova companhia masculina nesta idade. Para Fernandes e Garcia (2010), esse “evitar um novo parceiro” é devido a vivência anterior de uma sexualidade e afetividade desprovida de prazer, “centrada especialmente na reprodução e na submissão de sua corporalidade, como mulheres casadas e obedientes” (p. 782). A mesma conclusão é reforçada por Motta (2011) ao afirmar que “a expectativa obrigatória de uma ‘feminilidade’ significava obediência e conformismo” (p. 14).

⁶⁴ Sobre as diferenças de gênero na velhice, Goldenberg (2015) enumera uma série de características as quais podem ser encontradas especialmente das páginas 81 a 104.

Diferente dos homens, que não têm ressentimentos neste aspecto e por isso tendem a se casar novamente e em geral com mulheres mais novas.

Em nosso grupo, casadas, viúvas e divorciadas frequentam a UATI o que demonstra que não é apenas o estar solteira que as emancipa para a participação em grupos de convivência, mas especialmente o livre arbítrio⁶⁵ próprio do avançar da idade. Das casadas, algumas cuidam do marido adoecido o qual não mais exige dedicação exclusiva das esposas, outras, simplesmente não sentem a necessidade de resignar-se ou confessar satisfação aos cônjuges.

Como observa Goldenberg (2015) – independentemente da situação civil de que desfrutam, “elas dizem categoricamente: é o melhor momento de minha vida” (p. 46) e completa – “a revolução subjetiva dessas mulheres é exatamente a mudança de foco: elas deixam de existir para os outros e passam a existir para si” (p. 47).

Para Motta (1999), “o fato de a maioria das idosas atuais não ter alcançado uma vida profissional ativa e, ao mesmo tempo, ter tido uma vida social muito mais limitada que os homens da sua geração, conduziu-as a um sentimento de maior satisfação e plenitude” (p. 211). A autora afirma que a libertação das obrigações e controles reprodutivos torna a velhice feminina um tempo de consolidação de experiências – “um tempo social propício à mudança, inclusive fermentado no caldo de cultura do feminismo [...] essas mulheres falam, então, em liberdade, como se uma ‘liberdade de gênero’ se sobrepujasse à condição (menos favorável) geracional ou de classe” (p. 211).

Desta maneira, Motta (1999) interpreta a liberdade das idosas diante de uma dupla valência: liberdade de gênero e liberdade geracional. No que diz respeito à primeira a autora entende que ela é positiva, pois permite à idosa circular e viver conforme sua vontade; mas com relação à liberdade geracional e, sobretudo, existencial, ela atribui um sentido marginal, “pois as mulheres na terceira idade podem sair, porque não importam tanto, já não são bonitas, não irão atrair os homens, nem os de sua idade, já não reproduzem, não há muito o que preservar” (p. 426).

O fato é enquanto os homens são mais dominados pela ideologia negativa da velhice, as mulheres “se deixam levar pelo entusiasmo dessa ‘liberdade’ recém-

⁶⁵ E favorável condição econômica, como é o caso das estudantes da UATI, o que provavelmente não se aplica a mulheres de baixa renda que, ou desfrutam de uma aposentadoria insuficiente para lhes proporcionar atividades educativas, sociais e de lazer ou necessitam continuar a trabalhar ainda na idade avançada.

conquistada e se tornam mais ativas, meio triunfalistas” (MOTTA, 1999, p. 211). A autora finaliza reafirmando que “pesquisas recentes revelam que um grande número de mulheres, independente da classe social, considera sua etapa atual de vida, como idosas, o momento mais tranquilo, feliz e livre que já tiveram” (p. 211). É como se, apesar das adversidades inerentes ao envelhecimento, para algumas mulheres, certas experiências e prazeres referenciados à juventude pudessem ser revividos na velhice.

Goldenberg (2015) faz a mesma observação - para ela, as mulheres mais velhas experimentam uma ruptura a que ela denomina um “clique”, representado por uma verdadeira revolução em suas vidas – deixam de se concentrar no cuidado com os outros e passam a cuidar mais de si mesmas. Pela experimentação da liberdade, o presente para as idosas torna-se muito melhor do que o passado. No caso masculino, Goldenberg (2015) faz uma análise um pouco diferente, pois entende que para os idosos não há rupturas ou revoluções. “Eles não dizem ser o melhor momento de suas vidas porque finalmente podem ser livres. Eles sempre foram muito mais livres do que as mulheres” (p. 74).

Diante destes estudos e de nossa própria experiência com as idosas, observamos que as alunas demonstram não um ressentimento ou perda, afirmam-se satisfeitas com a vida e consigo mesmas, o que não tem necessariamente uma relação direta com a participação na UATI.

Ainda que a declaração da alegria seja uma camuflagem de difíceis enfrentamentos cotidianos, estão elegendo o copo “meio cheio e não o meio vazio”. Ao entrarem na universidade demonstram querer gozar do bom e não pensar, remoer ou refazer o ruim. Buscam a UATI enquanto espaço privilegiado para experienciarem a boa escolha da vida, para saborearem o legítimo sabor da velhice – independente qual.

Para Goldenberg (2015) uma das grandes conquistas da velhice é a capacidade de aprender a dizer não, pois o não é a recusa em assumir os papéis impostos pela sociedade. E finaliza – “Será necessário esperar tanto tempo para aprender a dizer não”? (p. 80). Penso que minhas estudantes têm muito mais a me ensinar sobre o machismo do que o contrário.

No entanto, irrefletidamente incorremos no hábito de querer lhes poupar das pré-concebidas fragilidades ou perdas. Quando eu propus reflexões sobre a condição da mulher, pensava em fazê-las mais fortes, mais independentes, mais

autônomas, donas de si mesmas – elas não careciam disso. Elas não, eu sim. O que me fez pensar que ao partirmos de percepções pessoais reafirmamos no idoso pré-conceitos dos quais ele próprio já se libertou, ainda assim, cremos que o apagamento do passado e a miragem apenas para o horizonte contém alguns perigos e clama por certos cuidados. Afinal, o passado não necessita ser engessado ou aprisionador e é preciso reconquistá-lo, uma vez que ele não está dado.

As idosas, ao resgatarem experiências anteriores, tendem a atualizá-las sob o “véu cor de rosa” e sabemos que, no caso das crises vividas, não se deve “ir simplesmente em frente, e tampouco simplesmente voltar para trás. Tal retrocesso nunca nos levará a parte alguma, exceto à mesma situação da qual a crise acabou de surgir” (ARENDR, 1996, p. 245). Retomar a história sem reflexão e/ou retoque não passaria de uma repetição, mesmice, afinal, “a mera irrefletida perseverança, seja pressionando para frente a crise, seja aderindo à rotina que acredita bonachonamente que a crise não engolfinhará sua esfera particular de vida, só pode, visto que se rende ao curso do tempo, conduzir à ruína”.

O que a autora nos aponta é que a educação deve levar em conta o estranhamento do mundo, o que difere da bem-aventurada alegoria retratada nos textos das estudantes. Na apropriação do passado há sempre a possibilidade de uma ressignificação e o exercício da recuperação é inevitável às desejadas mudanças no curso da história. Se há possibilidade da condição feminina ser experimentada de forma mais saborosa na velhice, que seja essa a contribuição das idosas ao nosso mundo – escrever-nos a receita do “arroz doce da vó”.

Pelas balizas de meu trabalho na UATI, impostas pela organização e ideologia institucionais e por minhas próprias limitações enquanto docente, não encontrei recursos para extrapolar a questão de gênero nas disciplinas que leciono. Tentei algumas estratégias, mas não seduzi as idosas como almejava. Acredito porém, que a contribuição da velhice com relação a esta temática (e a tantas outras) para as gerações vindouras não pode ser negligenciada, afinal, concordamos com ARENDR (1996), quando afirma que “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens” (p. 247).

Diante disso, se pensamos em potencializar o idoso, seu processo educativo não deve voltar-se somente ao que acreditamos faltar-lhe, tampouco apenas ao que

supostamente lhe cabe desfrutar, mas principalmente ao que ele tem a contribuir e, para tanto, é necessário deslocá-lo, desestabilizá-lo, colocá-lo em contradição com suas vivências anteriores, porque acreditamos que a lembrança do idoso é matéria prima para o necessário retoque do mundo. Não a desperdicemos. Continuarei tentando...

O que vale dizer até aqui é que ainda que as estudantes revelem momentos de estabilidade, devagar aderem mais às propostas em aula e degustam o sabor de outras percepções. É o que mostra a estudante Constança⁶⁶ que, ao final de um processo de leitura do conto – “Amor”, de Clarice Lispector⁶⁷, confessa-me, em particular, que à primeira lida não gostara do conto, achou-o sem graça - meio sem sentido.

O conto não a tocara de início, no entanto, após ter sido trabalhado em aula com aprofundamento na compreensão da estética e dos simbolismos nele contidos, Constança revela ter passado a percebê-los de outra forma - o conto e a escritora - a ponto de ler o livro todo com curiosidade e deleite. Está em processo de reelaboração da realidade, não aparenta questionar sua condição feminina, mas o trabalho com a linguagem literária lhe confere a possibilidade de estabelecer diferente relação com o mundo. Não mudou a receita ainda, mas já prova e saboreia o tempero do outro.

Até este momento de nosso trabalho procuramos expor os sentidos atribuídos ao envelhecer e suas contradições. No percurso, discorreremos sobre diversos autores e referimos variadas situações e lembranças no intuito de reafirmar nossa premissa de que, diferente de um envelhecer que padece, acreditamos que os grupos de idosas (os) são espaços de um existir que não cessa.

Para embasar tal posicionamento de maneira mais substancial, a seguir, faremos a exposição da perspectiva histórico cultural de Vigotski a qual nos permite vislumbrar o processo de envelhecimento como parte do fluxo ininterrupto de humanização, porque condicionado ao vivido, às relações e afetações que não são privilégio de idade específica, mas se desdobram por toda a vida.

⁶⁶ Constança: significa constante, perseverante, aquela que tem firmeza de ânimo. Sempre animada, esmera-se ao máximo em tudo e agrada, porque é leve, espontânea, carismática.

⁶⁷ O referido conto faz parte do livro: LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*, São Paulo: Editora Rocco, 1998. A história narra uma situação vivida por Ana - mulher de classe média, mãe, esposa - que buscava atender às expectativas sociais adequadas a seu tempo e idade. Certo dia, ao se deparar com uma cena inusitada durante o costumeiro trajeto até o mercado, tem a oportunidade de refletir sobre seu cotidiano, sua vida, sua condição. Um vislumbre de instabilidade que dura até Ana retornar a casa e retomar sua repetida rotina.

Isso porque, para Vigotski, a cultura é resultado da convivência entre as pessoas, ela é produto da história do homem, que se apropria da cultura ao mesmo tempo em que a recria. Ou seja, num processo dialético, os seres humanos se objetivam e se subjetivam na e pela cultura o que faz com que possamos compreender o envelhecer não como um estágio à parte, nem enquanto uma fase de estagnação ou declínio, mas como continuidade de todo processo de desenvolvimento do sujeito.

Ao deslocar a ideia de desenvolvimento do estritamente biológico para a síntese entre este e a cultura, o histórico e o social, Vigotski nos permite vislumbrar a possibilidade de compreender transformações e deslocamentos presentes também na idade mais avançada, o que rompe com o estereótipo da mesmice e da resistência do idoso. Porque nosso olhar é para a construção de criativas e potentes formas de existência na velhice e porque compreendemos o idoso no fluxo do devir, consideramos que a teoria de Vigotski poderia contribuir com importantes reflexões acerca de nossa temática.

5 Aproximações entre a teoria histórico cultural e o envelhecimento

A teoria histórico cultural de Vigotski tem orientado nosso pensamento, olhar e escolhas desde o início desta pesquisa, justamente por permitir-nos pensar o envelhecimento no curso ininterrupto de desenvolvimento humano e por nos apontar possibilidades para compreender os grupos de idosos (os) enquanto espaço privilegiado de transformação interna.

Nosso esforço será no sentido de aproximar os conceitos do autor à nossa temática, isso porque, seus estudos sobre o desenvolvimento humano abrangem do nascimento (por exemplo, Vigotski, 1932-1934/1996) até a adolescência (Vygotski, 1930-1931/1996), não se estendendo à vida adulta.

5.1 A questão da idade

Antes de avançarmos, vale aqui fazer parênteses e lembrar que a teoria de L. S. Vigotski foi elaborada numa época em que a ciência se preocupava em construir uma psicologia que fosse capaz de lidar com os complexos problemas sociais enfrentados pela comunidade soviética no início do século XX - desemprego, desabastecimento, baixas de soldados dizimados na guerra.

Diante deste cenário histórico, a preocupação do autor era com o sujeito produtivo, do trabalho, fisicamente e psicologicamente capaz de agir e transformar a realidade. Sua teoria estava preocupada em estudar a gênese da consciência humana, ou seja, o processo de apropriação de ferramentas psicológicas capazes de conferir ao homem o controle sobre sua própria conduta e, para ele, ao atingir a vida adulta esse sujeito já estaria munido de instrumentos psicológicos suficientes para ser um ator histórico, social e cultural.

De acordo com Vigotski a adolescência seria a última idade de transição, quando o sujeito atingiria a vida adulta e completaria o desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores. No texto⁶⁸ em que discute a influência do meio no contexto pedagógico, o autor considera que existe uma forma final ou ideal de desenvolvimento que seria alcançada na idade adulta, ou seja, o adulto representaria um modelo ideal daquilo que se espera obter ao final do processo de desenvolvimento da criança.

⁶⁸ Vigotski, 1935/2010

Nesse sentido, o autor concentra seus estudos no desenvolvimento da infância e da adolescência, sem aprofundar-se na vida adulta muito menos contemplar a velhice. No entanto, ficamos instigados a pensar se o idoso não poderia ainda atravessar certos pontos de viragem no que diz respeito às suas formas de pensar e de se relacionar com o mundo e, apesar da teoria não contemplar esse período da vida, acreditamos que ela traz uma concepção de desenvolvimento que se aplica à vida toda.

Para tanto, tomaremos como reflexão inicial a questão da idade discutida por ele em um capítulo específico de sua obra destinado ao livro de psicologia infantil no qual o autor trabalhou durante os últimos anos de sua vida⁶⁹. Como nosso foco de estudo é a idade mais avançada, faremos o exercício de tomar esse recorte como inspiração e fomento para pensarmos em possíveis transformações vividas pelos idosos.

Para Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) a idade não está relacionada ao tempo decorrido, mas aos indícios de transformações internas que acontecem ao longo do desenvolvimento e que revelam características específicas em determinados períodos da vida. Segundo o autor, a periodização das idades deve basear-se nos pontos de viragem que ocorrem ao longo do curso de desenvolvimento, melhor dizendo, nas novas formações que definem o essencial de cada idade e não na quantidade de anos que se viveu.

Explica ele que as novas formações são os novos tipos de estrutura da personalidade e da atividade; as transformações psíquicas e sociais que se produzem pela primeira vez em cada idade e que determinam a consciência do sujeito, sua relação com o meio, sua vida interna e externa, ou seja, todo curso de seu desenvolvimento em um dado período. Desta maneira, as novas formações significam avanços qualitativos nas formas do sujeito pensar e se relacionar com o meio.

Lembro-me com clareza da primeira aula de teatro em que a estudante Aurora⁷⁰ participara com a turma - aproximou-se de mim já no início e me esclareceu que gostava muito de teatro, por isso participaria das aulas, porém, como tinha imensa dificuldade em se expor, dissera ela, preferia apenas contemplar as

⁶⁹ Esta informação encontra-se ao final do capítulo de *Obras Escogidas IV em Notas de la edición rusa*, traduzido aqui livremente do espanhol para o português.

⁷⁰ Aurora: Significa "o nascer do sol", "o raiar do dia", "a que nasce do oriente" - porque ela brilha mais a cada ano e porque tem descendência japonesa.

atividades desenvolvidas no palco com as outras alunas. Acatei complacente, afinal, não se obriga uma senhora de 84 anos a participar de uma aula dramática. E assim combinamos, ela estaria presente às aulas como “espectadora”.

Ao final do primeiro dia veio me dizer que fora muito produtiva a observação das dinâmicas e que, da cadeira, ela pode aprender bastante, talvez mais do que se estivesse no palco. Aurora colocou-me em questão aquele dia... Fez-me pensar que existe ganho também na observação e que, algumas vezes, estamos tão naturalizados com práticas pedagógicas mecanizadas que sequer ponderamos variedades.

Ao lado do repensar, foi instigante acompanhar o deslocamento de Aurora durante o ano. Aquela que me trazia reflexões ao final de cada aula, foi-me revelando aos poucos que, da condição de plateia, vinha surgindo o desejo de atuação. Um dia ela subiu ao palco para experimentar as dinâmicas, arriscou alguns improvisos, realizou uma hilária pantomima de “domador de leão”, surpreendeu e agradou às colegas. A participação de Aurora no grupo, ainda que inicialmente observadora, colocou-a em conflito com seu posicionamento - crenças e atitudes - e gerou nela a necessidade de mudança.

Subir ao palco como domadora de circo era contraditório ao discurso inicial daquela que tinha dificuldade em se expor. Aurora experimentou uma possibilidade inédita em sua vida que inaugurou novos sentidos para si mesma.

- Nunca tinha pensado que seria capaz disso! Disse ela após “dominar o leão” e “soltar os bichos”. O novo comportamento marcava o início de uma nova situação social de desenvolvimento – aquela que é ao mesmo tempo expressão e promoção de mudanças.

A partir daquele dia, Aurora foi experimentando mais e mais... E a todo findar de aula trocava comigo confissões sobre suas transformações internas e externas. Na apresentação de final de ano, escolheu ser a personagem principal de um esquete de palhaço. Observar Aurora naquela apresentação foi como apreciar a lagarta que “inventa” asas. Do figurino exuberante (que ela mesma confeccionou) aos trejeitos abusados, Aurora era, no palco, uma “metamorfose ambulante”.

Na semana seguinte à apresentação, Aurora me telefonara fazendo convite para participar de um jantar solidário de agradecimento que ela promove todo dezembro. Ficamos bons 40 minutos ao telefone proseando trivialidades, anedotas e planos para o próximo ano. Confabulei, naquela quase hora de bate papo, que o

jantar convite e a deferência que ela me fazia, agradecia especialmente as piruetas (literais e simbólicas) que ela alçara no tablado.

Compreendemos assim, que os saltos no desenvolvimento não são determinados por idade cronológica e/ou biológica, mas pelas experiências desafiadoras que geram tensão e, por isso mesmo, confrontam o sujeito consigo mesmo, propiciando pontos de viragem em sua personalidade. Dito de outra forma, o que parece movimentar a história do sujeito é o conjunto das contradições que ele vive e as maneiras como estas são vividas.

5.2 Mudanças e instabilidades

Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) refere que a psicologia de sua época preocupava-se essencialmente com as idades estáveis dentro das quais se operavam mudanças não perceptíveis. O que seu estudo sugere é outro caminho – o estudo das crises – o olhar para as mudanças que ocorrem por inteiro na personalidade do sujeito e provocam rupturas na mesma, em curto espaço de tempo, de forma brusca, impetuosa e fundamental. Tais crises indicariam um tipo de desenvolvimento diferente e não um desvio da norma, ou uma catástrofe, como vinham sendo compreendidas.

O autor comenta que, naquela época, as crises geralmente estavam associadas a uma natureza negativa de desenvolvimento, sendo um período mais destrutivo do que criador, como se a evolução ocorrida nos períodos estáveis tivesse uma interrupção temporária ou uma provisória extinção, decomposição e desintegração. Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) aponta que, de acordo com muitos pesquisadores, ao invés de novas aspirações, novas formas de atividade e de vida interior, a crise era caracterizada pela perda dos interesses que orientavam a atividade do sujeito e que ocupavam a maior parte de sua atenção. Assim, para os autores daquele tempo, nada de novo era construído, ao contrário, a crise era compreendida como uma fase marcada por rebeldia e obstinação.

Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) faz um contraponto a esse pensamento e diz que apesar do desenvolvimento de novas formas de agir e pensar implicarem em redução e extinção de formas antigas, o desenvolvimento jamais interrompe sua obra criadora e os momentos de crise significam também momentos criativos, em que ocorrem processos construtivos.

Em suas palavras, “o nascimento do novo no desenvolvimento, significa irremediavelmente o desaparecimento do velho⁷¹” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a, p. 259) o qual se concentra, sobretudo, nas idades críticas. Para o autor, por trás de cada “viravolta” no desenvolvimento há um aspecto positivo, um passo em direção a uma forma nova de pensamento.

Conforme os apontamentos que viemos construindo nesse trabalho, acreditamos que há mudanças significativas que ocorrem na velhice – seja de ordem biológica, emocional ou social. Discorremos anteriormente sobre o ideário negativo que recai sobre o envelhecimento, especialmente porque ainda existe uma compreensão de que o envelhecer está associado ao declínio, à perda, à decadência. As mudanças ocorridas neste período carregam o sentido de catástrofe, de desvio do modelo que se considera ideal para o bem viver. Diante disso, os comentários de Vigotski sobre as idades críticas parecem ir ao encontro dos questionamentos que fazemos nesse trabalho.

Não raro ouvimos dizer que o idoso é um sujeito acomodado, “cabeça dura” resistente a novas ideias, conceitos e conhecimentos. Há uma tendência do senso comum em associar a velhice à mesmice e à repetição, como se houvesse um apego ao “velho” – velho jeito de pensar, de agir – em detrimento do novo, da mudança, da transformação. A esse respeito Motta (2002) comenta, de maneira crítica, que há uma visão naturalizada do idoso como “alguém com bastante idade e/ou que aparente isso, com ideias que remetem frequentemente ao passado, inativo, pouco ágil, de quem se espera bastante comedimento” (p.78).

Se partíssemos da perspectiva acima poderíamos pensar que o envelhecimento não implicaria necessariamente em uma transformação, mas em uma acomodação e cristalização de ideias e hábitos.

As experiências que tivemos com as estudantes da UATI nos levam em outra direção. Ficou nítido o movimento de desconstrução, desacomodação, mudança. Certamente as transformações internas que nelas aconteceu, entremeadas pelos discursos externos e pela nova gama de serviços que lhes foi ofertada, impulsionaram-nas a ressignificações de si e do mundo.

⁷¹ Ao sugerir o desaparecimento do “velho”, Vigotski não se refere ao descarte das experiências passadas, mas à sua reformulação – transformação. Isso porque o autor compreende o desenvolvimento enquanto historicamente constituído, o que faz das vivências do sujeito, matéria prima de sua constituição.

Não queremos dizer com isso que apenas o idoso inserido em programas de voltados a ele está em devir. Longe disso, compreendemos que tanto o idoso que opta (por desejo) ou é impelido (por força maior) a uma vida mais pacata, como aquele que busca a “agitação”, vivenciam transformações em sua forma de pensar e experimentar o mundo - o que não necessariamente implica em crise, no sentido de mudança brusca, mas na sucessão de pequenas modificações que gradualmente vão demudando o sujeito e a relação com seu entorno.

Sobre isso, vale destacar que Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) identifica dois momentos no processo de desenvolvimento: o de crise e o de estabilidade. Em ambos ocorrem mudanças, entretanto, no momento de crise as mudanças são radicais, no de estabilidade, elas são mais amenas.

Segundo o autor, nos momentos de crise, em um espaço de tempo relativamente curto, ocorrem mudanças arrebatadoras e fundamentais na personalidade do sujeito, envolvendo deslocamentos, modificações e rupturas que fazem com que o sujeito, de maneira impetuosa, mude por inteiro. “São pontos de viragem no desenvolvimento infantil que tem, às vezes, a forma de agudas crises” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a, p. 256). Assumem característica de catástrofe semelhante ao curso dos acontecimentos revolucionários, “tanto pelo ritmo das mudanças como pelo sentido dos mesmos” (idem, p. 256).

Já nos momentos de estabilidade, o desenvolvimento segue um curso lento e evolutivo, onde as mudanças acontecem de forma imperceptível, interna, em que durante um espaço de tempo relativamente extenso, “não se produzem mudanças bruscas nem desvios importantes capazes de reestruturar a personalidade inteira da criança. As mudanças mais ou menos notáveis, resultam de um amplo e oculto processo molecular” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a, p. 255-256).

Compreendemos que as mudanças que observamos nas estudantes da UATI não representam pontos de viragem profundos, porque não se observam mudanças bruscas nem radicais, mas indícios de sutis transformações internas, idas e vindas na maneira como elas agem e ou significam suas experiências, breves momentos de instabilidades, de avanços, seguidos por retomadas e alguns retrocessos, transformações que, ao longo do tempo, e talvez de forma quase imperceptível, revelam que, apesar da idade avançada, estão em desenvolvimento - movimento.

Aurora, quando subiu ao palco para “domar seus leões”, não mudou sua personalidade por inteiro, mas vislumbrou e experimentou outras possibilidades de

ser e estar no mundo – mirou-se no futuro. Acreditamos que o acompanhamento longitudinal dela e das outras estudantes, poderiam devagar ir agregando e clarificando a percepção destas moleculares modificações, uma vez que o próprio autor salienta que, nos períodos mais estáveis, as mudanças “se exteriorizam e podem ser diretamente observadas somente com o término de prolongados processos de desenvolvimento latente” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a, p. 255).

No entrelaçamento de sua teoria com o que vivenciamos na UATI, compreendemos que há mudança gradual na personalidade das estudantes representadas por momentos de desorganização e rupturas, bem como alguns saltos qualitativos fundamentais em seus comportamentos e pensamentos – uma nova situação social de desenvolvimento.

5.3 Situação social de desenvolvimento

De acordo com Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a), a situação social de desenvolvimento é um dos conceitos mais importantes quando se pensa na dinâmica de cada idade, ou seja, não se pode perder de vista a compreensão de que a relação entre o sujeito e seu meio social se modifica conforme acontecem as novas formações, isso porque, o sujeito, ao transformar-se, transforma também a realidade, que por sua vez modificada, se relaciona de forma diferente com ele.

Nas palavras do autor: “a nova estrutura da consciência adquirida em cada idade significa, inevitavelmente, que a criança percebe de maneira distinta sua vida interior, assim como o mecanismo interno de suas funções psíquicas” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a, p. 265).

O que o autor aponta é que o meio não é externo ao sujeito, ou um conjunto de condições objetivas e estáticas que influencia esse sujeito, mas algo que também depende da ação desse sujeito para se constituir, ou seja, se a criança muda, sua situação social de desenvolvimento também se reestrutura. Desta forma, para se compreender corretamente o papel do meio no desenvolvimento da criança, Vigotski (1935/2010) sugere que a abordagem seja a partir de parâmetros relativos, ou seja, a partir de qual relação existe entre o sujeito e o meio em dado contexto e em dado período do desenvolvimento.

Disso resulta que a relação que o sujeito estabelece com o meio social é peculiar, específica e única em cada idade, melhor dizendo, para cada período da

vida há uma situação social de desenvolvimento característica da relação singular de determinado sujeito, num dado contexto histórico, social e cultural, o qual não se repete para o mesmo sujeito, nem tampouco para seus contemporâneos de idade (apesar de guardarem certas proximidades), ainda que vivam num mesmo tempo e espaço.

Para Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a), a SSD “determina plenamente e por inteiro as formas e a trajetória que permitem à criança adquirir novas propriedades da personalidade, já que a realidade social é a verdadeira fonte do desenvolvimento, a possibilidade do social transformar-se em individual” (p. 264) – isto significa que para se estudar a dinâmica de uma determinada idade é necessário conhecer a situação social de desenvolvimento que a envolve.

Tal observação demonstra que Vigotski não estava interessado em descrever as idades de acordo com a maturação biológica dos sujeitos. A periodização que ele propôs não se referia a uma linha evolutiva de desenvolvimento orgânico, mas às relações possíveis entre o sujeito e o meio.

Para ele, as novas formações são resultado do conjunto das inter-relações: entre as funções psicológicas (aqui entendidas como um sistema); entre o sujeito e o meio que o circunda; entre as dimensões biológicas – que se desdobram ao longo do processo de desenvolvimento e as dimensões socioculturais; dimensões estas que circunscrevem momentos durante o processo.

Nesse sentido, a preocupação do autor não era entender apenas como o meio, enquanto entidade absoluta, exercia influencia sobre o sujeito, mas especialmente, como o sujeito modificado interferia na reestruturação de suas relações com o mundo e na forma como ele percebia sua vida interior.

Se transportarmos essas ideias para a velhice, podemos pensar que não é apenas a condição física do idoso que determina sua relação com o meio e consigo mesmo, nem tampouco o meio por si só, enquanto realidade objetiva, que direciona as possibilidades de desenvolvimento do idoso, mas o entrelaçamento destas duas linhas - social e biológica - é que provoca a tensão necessária para que o sujeito esteja em constante movimento e transformação.

À medida que o sujeito vai tomando contato com a realidade de envelhecer (tanto fisicamente quanto culturalmente) vai tomando consciência de suas novas necessidades, de suas novas possibilidades e se recoloca.

Vigotski (1935/2010) ainda nos chama a atenção para o fato de que um mesmo elemento da realidade é significado de maneiras diversas em momentos de vida distintos, assim, desempenha papéis diferentes para os desiguais sujeitos de diversas idades. Isso porque a personalidade e o grau de consciência do sujeito acerca da realidade mudam.

“Então vemos facilmente que uma mesma situação do meio, que uma mesma ocorrência num meio de várias pessoas, surpreendendo-as nos diversos níveis etários, possui influência diferente sobre o desenvolvimento de cada uma” (VIGOTSKI, 1935/2010, p. 685). A influência do meio dependerá do nível de compreensão, consciência e apreensão que o sujeito realiza sobre aquilo que ocorre no meio. Se a consciência da situação é diferente, então, o sentido atribuído à situação será também diferente, mas não é somente o sujeito que muda, a atitude do meio para com ele também se altera. Se sujeito e meio são diferentes, então a relação é outra.

Assim, não se pode generalizar as experiências e possibilidades dos idosos, mas compreender que cada sujeito, ainda que da mesma faixa etária, terá vivências singulares e, por isso mesmo, possibilidades de desenvolvimento únicas.

Não raro encontramos em nosso convívio idosos que exibem comportamentos e pensamentos bastante diversos - o que evidencia que ao lado da influência do componente biológico há o contexto social e histórico a que o sujeito está submetido além de sua constituição psicológica única - consequência de experiências singulares e específicas. O que muda é a vivência de cada sujeito, melhor dizendo - a relação entre todos estes elementos.

5.4 Fenômeno da *perezhivanie*

No início deste trabalho, tomamos a noção de *perezhivanie* como uma unidade de análise. Neste momento gostaríamos de resgatar, seguindo as ideias de Vigotski (1935/2010) e Veresov (2017) a ideia de *perezhivanie* enquanto fenômeno.

Para Vigotski (1935/2010), *perezhivanie* pode ser conceituada como uma unidade na qual, “por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia, está representado – a *perezhivanie* sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso” (VIGOTSKI, 1935/2010, p. 686).

Desta maneira, a *perezhivanie*, enquanto fenômeno, estaria relacionada ao processo de desenvolvimento, ao papel do contexto sobre ele e às suas leis gerais. Para o autor, são as particularidades pessoais de cada sujeito que determinam como ele irá vivenciar as mais diversas situações e, por outro lado, são estas situações que constituem as particularidades de cada sujeito.

Ao pensar desenvolvimento do idoso, não podemos descartar a força de sua composição orgânica hereditária e a diversidade existente dentro da própria condição biológica de cada um - para alguns, mais limitante e para outros, menos - mas devemos nos debruçar especialmente no estudo e na observação de vivências que possibilitem aos idosos a atribuição de novos significados, a necessidade de sair de um lugar, de aprender e se desenvolver. Tal perspectiva nos leva a pensar que para Vigotski nem toda experiência promove desenvolvimento, apenas aquelas que produzem certa tensão, tensão esta que leva os indivíduos a certa desestabilidade a ponto de eles sentirem a precisão de reorganizar suas ações e pensamentos.

Nossa experiência na UATI nos permite vislumbrar que há idosas que resistem mais a mudanças, outras se lançam com maior facilidade ao novo, o que acreditamos estar relacionado à personalidade de cada uma, mas também à maneira como o meio se apresenta a elas.

Lembrei-me de Betânia⁷². Senta-se sempre na primeira carteira da fileira esquerda da sala, perto da porta de entrada - não sei como foi o início de sua relação com esse lugar, mas hoje se justifica por ser cadeirante e obesa.

Há alguns lugares marcados na sala, pois a maioria das carteiras são do tipo “universitária”, porém, pela condição física de algumas estudantes, há carteiras com cadeira e mesa em separado, mas estas não mudam de lugar e “já têm dono”! As estudantes da carteira universitária nem se arriscam a ocupar tais acentos, ainda que estejam desocupados, porque tamanha ousadia lhes garantiria repreensão da coordenadora. Vez ou outra acontece, porque sempre têm as atrevidas.

Betânia nunca mudara de lugar, desde que estou lá, não sei bem se por carência da ousadia ou pelas limitações físicas – creio que ambos. Faz falta quando sua carteira está vazia, porque Betânia tem presença acentuada e inusitada, apesar

⁷² Betânia: Significa casa da aflição. Porque parece inquieta e suas palavras expressam ressentimento da vida. Creio que busca na UATI acolhida ao que retribui tocando piano a nós nas festas de confraternização.

de não inesperada. Seus comentários, um tanto “debochados”, são invariavelmente acompanhados de risos e burburinhos das colegas. Betânia nota a agitação, até comenta a reação das colegas que ela entende como recato, mas não cessa sua fala.

Discursa temas indecentes a algumas – adora glosar volúpias. Também é seu prazer criticar as colegas, escancarar as fragilidades delas (ou próprias), mas ninguém se ressentem nem a enfrenta, porque Betânia também representa debilidade, fraqueza, vulnerabilidade, a que as colegas têm respeito.

Apesar de não exporem, percebo o incômodo das aprendizes pelo chacoalhar nas carteiras, pelas erguidas de sobrancelhas que me lançam, pelas esticadelas de canto de boca e, para que a homilia não se estenda em confissões pessoais alongadas, procuro desviar o assunto, me aproprio de seu discurso - empresto sua exposição, comento, complemento e inicio outra prosa.

Betânia percebe o desagrado das alunas e expressa: – eu sei que ninguém gosta do que eu falo, a coordenadora sempre fica brava, mas... E recomeça o discurso. O que pretendemos ressaltar é que esta peculiaridade de posicionamento das colegas, de mim e da coordenadora com relação à Betânia, são a forma como o meio social (naquele contexto de sala de aula) se apresenta à ela, que é diferente de como ele se apresenta às outras, que é diferente de como se apresenta a cada uma delas, mas não só isso que está em jogo, a postura da Betânia, seu “jeitão”, sua personalidade, estão postos/imbricados nesta relação.

Como aponta Veresov (2017) é a partir dessa relação que compreendemos o “conceito de situação social de desenvolvimento que, por um lado, caracteriza o mundo social como fonte de desenvolvimento e, por outro lado, descreve um especial tipo de relação entre a criança e o ambiente social” (VERESOV, 2017, p. 52). Mais adiante o autor salienta que “não é um ambiente social, mas uma situação social, enquanto um sistema dinâmico de relações e interações de um ambiente infantil e social” (VERESOV, 2017, p. 52). E aqui nos autorizamos a ampliar o termo criança e infantil para os termos sujeito e humano, porque entendemos que Veresov se referia às leis gerais de desenvolvimento⁷³.

⁷³ Na discussão sobre a influência do meio no processo de desenvolvimento humano, Vigotski estabelece uma lei que ficou conhecida como “lei geral do desenvolvimento cultural”, onde ele diz: “[...] toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança, como categoria intrapsíquica. Isto se refere de igual forma

Esclarecida a situação social de desenvolvimento, Veresov (2017) comenta que a vivência, por sua vez, determinaria o tipo de influência que esta situação social exerce no sujeito. Não seria nem um fator (o meio), nem outro (a relação da criança com o meio), mas estes fatores refratados pelo prisma do sujeito.

Como esclarece Vigotski (1935/2010) a *perezhivanie* refere-se ao modo como uma criança se torna consciente, interpreta e se relaciona emocionalmente com um determinado evento. O que nos evidencia que, sem desconsiderar, mas para além da situação social, a consciência, a interpretação e a emoção são elementos imprescindíveis à compreensão de um fenômeno. Ou seja, ao tentarmos compreender o desenvolvimento dos sujeitos idosos e seus desdobramentos, devemos considerar que a influência do meio, juntamente com outras dimensões que circunscrevem tal experiência, precisam ser avaliados através do grau de compreensão, conscientização e relevância que os sujeitos são capazes de atribuir às experiências.

A percepção que tinha é a de que Betânia, além de saber, compreendia e tomava consciência dos movimentos de desagrado do grupo, mas nem sempre da angústia da professora e que ora ela se afetava pela reação negativa das colegas, ora não lhe atribuía relevância alguma. No entanto, quando conseguia me posicionar (apesar da dificuldade que sentia), pedindo à Betânia que concluísse sua exposição, ela o fazia imediatamente, mostrando que a fala da professora assumia destaque e relevância, de onde poderíamos inferir uma série de razões, quiçá os bancos de escola antigos, em que ao professor era conferida maior autoridade. Quiçá.

O fato é que mês após mês, vinha percebendo Betânia mais contida, no sentido de menos agressiva com as colegas. Suponho que os “pitos” corriqueiros da coordenadora contribuíram para tal, mas não só isso, certamente a complexa unidade de diferentes processos psicológicos de Betânia, a qual eu não consigo compreender por inteiro, refratavam suas experiências e mudavam seus pensamentos e, conseqüentemente, suas atitudes.

Independente dos juízos de valores que se atribua às falações de Betânia, o que nos importa aqui é que ela, ainda que aparentemente bem insistente em suas

para a atenção voluntária, à memória lógica, à formação de conceitos e ao desenvolvimento da vontade. Temos pleno direito de considerar a tese exposta como uma lei, mas a passagem, naturalmente, do externo ao interno, modifica o próprio processo, transforma sua estrutura e funções. Atrás de todas as funções superiores e suas relações, se encontram geneticamente a relações sociais, as autênticas relações humanas”. (VYGOTSKI, 1931/1995c, p. 150)

ideias, se deslocava, mudava, assumia outras posturas – Era uma idosa nos revelando não estar estagnada, mas se fazendo e refazendo a cada dia, porque o que parecia fixo, mudara.

Betânia sabia que não agradava e esta consciência, ora a segurava/controlava, ora a arremessava à verborragia. De qualquer forma, influenciava sobremaneira suas vivências no grupo e a deslocava de lá para cá, daqui para lá, porque havia tensão na relação, o que acreditamos ser essencial para possibilitar ao idoso o ressignificar de suas experiências, o colocar-se num devir, em perspectivas de histórias a serem vivenciadas. E haja história...

Para terminar de falar de Betânia, preciso referir um episódio de minhas vivências com ela. Certa vez, antes de iniciar a aula, enquanto eu esparramava minhas pastas na mesa, Betânia perguntou se meu marido era japonês. Espantei-me com a abordagem e ela continuou: - é porque eu vi vocês dois no supermercado outro dia e ele andava sempre à frente enquanto você ia seguindo atrás.

Betânia parou por aí e eu respondi sorrindo – não, ele não é japonês⁷⁴...

Acontece que tal provocação de Betânia me transtornara por dentro. Foi a crise, o drama, o conflito, todos misturados à minha personalidade, mais o meio social, mais minha relação com esse meio somados a todos aqueles processos psicológicos citados por Vigotski numa unidade só, bem robusta por sinal, que mudaram para sempre a forma como eu e meu marido andamos no mercado.

Contarei mais essa...

No dia seguinte ao comentário de Betânia, fomos, eu e o marido às compras... Como de costume, eu estava estacionada em uma prateleira e ele passou reto por mim. Nesse momento não tive dúvidas, segui para o caixa, sem ele perceber (porque estava lá – bem longe), passei minhas compras, paguei, entrei no carro e fui embora. Chovia muito... E moramos um bocado distante do mercado. Ele me ligou preocupadíssimo. Fui buscá-lo e, no caminho de volta a casa, expliquei as razões de minha “insanidade”. Hoje ele fica bem de lado comigo, quase um pouquinho atrás.

⁷⁴ Em conversa posterior com o João (orientador) a respeito de tal episódio, ele me alertou sobre o estereótipo cultural contido no questionamento de Betânia, o qual poderia ter sido retomado por mim - no sentido de fazê-la repensar sua forma de ver o mundo... Tal nuance foi por mim despercebida naquele momento, uma vez que, diante do significado pessoal que eu atribuí ao comentário de Betânia, quem sofrera a crise fui eu e não a estudante.

A forma como eu me tornei consciente, interpretei e me relacionei emocionalmente com esta situação social - por diversos motivos, uns que conheço, outros que é bom nem conhecer - representam a minha vivência com o evento. A situação social experimentada passou a ser para mim uma situação social de desenvolvimento, pois transformou a forma como percebi o ocorrido e me impeliu a “refazer as compras” no mercado. A fala de Betânia revirou-me emocionalmente, funcionou como um disparo que, por si só, não seria capaz de provocar mudança, mas somado à minha personalidade (constituída por meio de tantas vivências anteriores) configurou-se enquanto drama social.

Veresov (2017) afirma que somente quando uma situação social é experienciada como drama social é que ela passa a ser representada como uma situação social de desenvolvimento, pois traz em si uma dimensão emocional. Quando isso acontece, ela passa do plano social, para o plano psicológico, abalando e transformando as estruturas internas, diz ele que – “sem drama interno [...] tais tipos de mudanças psíquicas dificilmente são possíveis. Então, o termo "drama" é uma palavra-chave aqui” (p. 60, tradução nossa).

O autor faz referência às relações entre o que denomina categorias inter-psicológicas (entre sujeitos) e as intra-psicológicas (internas ao próprio sujeito) que quando em colisão (em situação dramática) provocam desenvolvimento. Explicita assim a lei geral de desenvolvimento cultural de Vigotski – do social, para o individual, com especial ênfase ao drama social. Ao que compreendemos que não há perezhivanie sem drama, nem drama sem perezhivanie, então, ambos conceitos são essenciais para compreender o desenvolvimento – para compreender como o social se torna individual.

Sem dúvida, o que vivemos eu, Betânia e marido, foi um evento dramático, de embate e incongruência de ideias, que partiu de minha relação social com Betânia, depois com o marido e culminou em meu repensar e, depois, refazer. O inquérito de Betânia foi por mim refratado (e não refletido) e agora é parte do meu, reformulado. Minha perezhivanie assim constituiu-se a forma pessoal como eu experimentei um evento que me foi dramático. Incessantes e prolongados serão os efeitos da fala de Betânia em mim. Porque eles poderão comparecer, reformulados, em minhas próximas compras, em minhas próximas vivências.

Tal como a situação experienciada entre mim e Betânia, em nossa pesquisa, pensamos o idoso não como um reflexo dos conceitos que lhe são atribuídos, nem

das oportunidades que lhe são oferecidas muito menos de sua condição orgânica, mas como uma imbricada relação onde ele pode ser agente transformador de si e do outro, uma vez que como Veresov (2017) explicita, vivência não é um evento empírico ocorrido em determinado momento, mas entendido a partir de uma perspectiva de desenvolvimento e “o ambiente social como fonte de desenvolvimento do indivíduo só existe quando o indivíduo participa ativamente neste ambiente, atuando, interagindo, interpretando, entendendo, recriando e redesenhando-o” (VERESOV, 2017, p. 57, tradução nossa).

Compreendemos que a busca pela universidade da terceira idade, ao lado do empenho e da coragem com que as aprendizes se lançam às mais diversas e desafiadoras atividades propostas, são evidências de que elas estão em desenvolvimento. Há as que não tinham o hábito de dançar e hoje vestem sapatilhas e memorizam passos e contratempos, há as que nunca haviam subido em um palco e agora decoram textos e representam personagens, há as que haviam deixado de escrever no ensino primário e no presente aceitam a provocação de publicar um texto de própria autoria em livro.

Acreditamos então, a partir desta teoria, que o sujeito, ao colocar-se em interação com o outro e mergulhar em situações sociais dramáticas, que só comparecem nesse encontro, coloca-se também numa possibilidade de ressignificação/desenvolvimento.

5.5 Zona de desenvolvimento proximal

Conforme enunciamos, a teoria de Vigotski nos permite pensar que há sempre a possibilidade de aprender, de se transformar. Nesse sentido, sua abordagem nos oferece oportunidade de questionarmos o senso comum que associa o idoso à estagnação, à repetição de velhos hábitos e à resistência do novo e nos incita a vislumbrar espaços de ressignificação, de atribuições de novos sentidos e de um devir para as pessoas de mais idade.

Ao estudar o desenvolvimento infantil, o autor introduz uma novidade no âmbito da psicologia da época: a ideia zona de desenvolvimento proximal (ZDP) - circunscrita a dois parâmetros, o que diz respeito ao desenvolvimento real e o que diz respeito ao desenvolvimento potencial, os quais representam, respectivamente, as possibilidades da criança em realizar uma atividade de forma independente e as possibilidades que se abrem quando realiza uma tarefa em interação com o outro.

O que o autor nos apresenta é uma outra forma de olhar para o desenvolvimento, que não considere apenas os ciclos já completos, mas os processos ainda em fase de construção. Isso porque sua teoria não focaliza o escopo de tarefas que o sujeito realiza com ou sem a mediação do outro, nem o tipo de intervenção/mediação mais adequada/efetiva, mas a compreensão do nível de desenvolvimento em que o sujeito se encontra, melhor dizendo, as funções psicológicas que já se desenvolveram e aquelas que estão na iminência de se manifestarem.

Tal proposição sugere que o desenvolvimento seja entendido de maneira prospectiva e não retrospectiva. Mira-se o amanhã e não o ontem. Perspectiva de extrema relevância para nosso tema de estudo, uma vez que o habitual, quando se trata de idosos (os), é a especial ênfase em suas experiências passadas.

Evidente que não podemos desconsiderar a importância das experiências vividas no processo de criação do novo, inclusive, sobre este assunto⁷⁵, o próprio Vigotski (1930/2009) refere que a criação depende diretamente do acúmulo de experiências de cada sujeito e, segundo ele, a partir das situações vividas pelos sujeitos, há duas possibilidades de comportamento humano - o reconstituído ou reprodutivo e o combinatório ou criativo.

O primeiro estaria ligado intimamente à memória e sua essência consistiria em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados, sendo que sua base é a reprodução mais ou menos precisa daquilo que já existe/ia. Para ele, a conservação tem enorme significado para a vida do homem – “ela facilita sua adaptação ao mundo que o cerca, ao criar e elaborar hábitos permanentes que se repetem em condições iguais” (VIGOTSKI, 1930/2009, p. 12), no entanto, é um comportamento que nada cria de novo.

Diferente deste, o segundo comportamento por ele descrito – o combinatório ou criativo, “tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência” (VIGOTSKI, 1930/2009, p.13). Para o autor, nosso cérebro não apenas conserva e reproduz experiências anteriores, mas combina e reelabora o que vivenciou de maneira criativa e constrói novas formas de comportamento. E esta reelaboração é

⁷⁵ Estamos aqui nos referindo a notas de palestras de Vigotski direcionadas a pais e professores que foram compilados em uma publicação russa no ano de 1930 cuja tradução para o português foi realizada por Zoia Prestes no ano de 2009 e publicada pela Editora Ática sob o título de *Imaginação e criação na infância*.

normalmente desencadeada por uma provocação externa, pelo outro ou por outras situações – cujo conflito impulsiona para a criatividade, para novas possibilidades.

Desta maneira, se a marchinha sugere que recordar é viver, vislumbramos, a partir de Vigotski (1930/2009), que recordar seja reviver, viver de outra forma, viver criativamente, pois “é exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando-o” (p.14) e, “na vida cotidiana que nos cerca, a criação é condição necessária da existência (p.16)”.

Interessante que para ele, cada período etário tem uma forma característica de criação e a atividade criadora depende da riqueza e da diversidade de experiências do sujeito. Segundo o autor, a experiência é o material da criação, ou seja, não se cria do nada, mas a partir da reelaboração de experiências internalizadas. Assim, quanto mais rica a experiência, mais material o sujeito tem para imaginar, o que faz com que o idoso seja privilegiado em termos de instrumento criador (aprofundaremos a reflexão dos processos de criação e imaginação mais adiante).

Por este motivo, acreditamos que a velhice, por seu amplo repertório de vivências tem elevada possibilidade de combinar as experiências passadas de maneiras inovadoras, constituindo novas realidades e se constituindo em devir. A isto, devemos acrescentar que Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) atribui ao meio social a fonte das propriedades individuais e internas do ser humano, para ele, a colaboração⁷⁶ é fator determinante no desenvolvimento do sujeito, desta maneira, não podemos perder de vista que as vivências acontecem nas relações e que é no contexto histórico, social e cultural que as experiências ganham sentido.

Outro aspecto importante a respeito da zona de desenvolvimento proximal é que, de acordo com o autor, há um período considerado ótimo, ou ideal para a aprendizagem de certas funções – “isso significa que somente em determinados períodos de idade a aprendizagem de determinados conhecimentos, hábitos e atitudes resulta mais fácil, proveitoso e produtivo” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a, p. 270). Ou seja, se adiantarmos o ensino, sem esperar que certas funções estejam desenvolvidas, não haverá bons frutos. Da mesma forma, o ensino em idades posteriores se faz igualmente difícil, pois acontece em condições desfavoráveis.

⁷⁶ Quando Vigotski utiliza esse termo está se referindo às interações que envolvem conflitos, portanto, colaboração aqui foge à noção de apaziguamento e sugere a ideia de crise, drama - o outro colabora comigo porque me oferece a possibilidade de disputa, de discórdia, de contradição, que só se faz possível na relação.

Assim, além de um limite inferior de prazo ótimo para aprendizagem, ele propõe também um limite superior - adiantar-se ou atrasar-se no ensino seria fazê-lo em condições adversas, resultando em dificuldade e poucos frutos.

O que o autor ressalta é que, apesar das idades mais avançadas apresentarem um maior grau de maturidade das funções psicológicas superiores (memória, atenção, linguagem) não necessariamente são mais propícias a determinadas aprendizagens. Isso porque, para Vigotski, a aprendizagem não se apoia sobre as funções psicológicas já consolidadas, mas sobre aquelas que estão em processo de desenvolvimento, ou seja, as que estão na zona de desenvolvimento proximal.

Aqui nos deparamos com outro aspecto de extrema relevância para nossa pesquisa. Se existe uma idade ótima para aprender e os estudos de Vigotski se encerram na adolescência, estariam os idosos em condições desfavoráveis de aprendizagem? Seria para eles esta uma tarefa mais difícil? Dizendo de outra maneira, há apenas desvantagens e adversidades quando falamos em aprendizagem na velhice?

Alguns trabalhos como os de Monaliza de Castro B Santos et al (2016) indicam que sim, os idosos estão em desvantagem cognitiva em relação aos mais novos, outros como o de Sabrina de Cássia Martins (2017), contestam o fato de que a aprendizagem seja diminuída com o passar dos anos uma vez que para a autora, são as experiências vivenciadas que determinam a capacidade de aprendizagem do sujeito.

Talvez não seja possível mensurar se há uma desvantagem na aprendizagem do idoso e tal fato parece-nos inclusive irrelevante para nosso estudo, uma vez que o idoso não terá a melhor fase seguinte, o momento precisa ser o do agora. Importante é que nas atividades desenvolvidas junto à UATI, diversos são os exemplos que poderíamos utilizar para explicar as transformações ocorridas com as estudantes no que diz respeito ao desenvolvimento e à aprendizagem e que nos provoca a pensar que independente de ser um período ótimo de aprendizagem, ela ocorre, como nos evidencia a situação que relatamos a seguir...

Certa vez, após a leitura do 1º ato do “Auto de São Lourenço”, de Padre José de Anchieta, fizemos uma atividade em que as alunas deveriam escrever (em dupla) seus próprios poemas dentro da mesma métrica do referido Auto.

Inicialmente, escolhemos coletivamente o tema – Viagem – e em seguida, todas se organizaram em duplas para a construção dos textos, exceto Plácida⁷⁷, recém-chegada à UATI na época, a qual escolheu fazer a produção individualmente.

Em determinado momento a estudante me chamou e apresentou o que havia redigido, indagando-me sobre estar certo ou errado. Ao ler seu escrito notei muitas ideias/palavras repetidas além do não atendimento à proposta que era construir um poema dentro da métrica estudada.

Juntas experimentamos possibilidades de reestruturação do poema e devagar foram se aproximando outras colegas para apresentarem suas construções. Conforme as colegas realizavam a leitura em voz alta de seus textos e eu tecia meus comentários, notei que Plácida, de sua carteira, escrevia, apagava e reescrevia seu poema. Quando as alunas retornaram a seus lugares, Plácida relatou-me que havia compreendido a proposta da atividade e que havia conseguido reescrever seu texto:

*Viajar é muito bom
Conhecer novos lugares
Como é lindo ouvir o som
Que vem das ondas dos mares*

Interessante que seu texto continha ideias que havíamos compartilhado, entrelaçadas com ideias que as colegas apresentaram em outros escritos. Os elementos som, ondas e mar, por exemplo, apareceram também em um dos textos que outra aluna lera em voz alta ao lado de Plácida:

*Viajei de navio pelo mar
Observando belezas raras
Ouvindo o som do ar
Observando o céu azul e as ondas claras*

Acontece que Plácida, num movimento de interação com as colegas e comigo, recria e reconstrói seu texto de forma original, ainda que acanhado e conciso, o que nos leva a crer que há uma zona de desenvolvimento proximal também no idoso, que talvez não seja somente a inauguração de certa maneira de pensar, mas a mobilização, reestruturação e/ou captura de possibilidades serenadas com o passar dos anos e, porque não, o enriquecimento do pensamento. Estamos nos referindo a uma única estrofe, porém, não é o resultado o que mais nos importa,

⁷⁷ Plácida: quer dizer pacífica. Tive pouco contato com ela, apenas alguns meses e quando a encontro, é assim que ela se apresenta - serena.

mas o exercício de reestruturação a que a aluna se dispõe. Há um aceite pelo refazer, uma disponibilidade ao aprender.

Seth Chaiklin (2011), ao interpretar a zona de desenvolvimento proximal de Vigotski aponta que “o potencial não é uma propriedade da criança, mas simplesmente um indício da presença de certas funções em maturação, que podem ser alvo de uma intervenção significativa” (p. 662). Ao pensar o idoso, imaginamos que não se trata de funções em maturação, mas em movimento, resgate e rearranjo. Sabemos que Plácida fora professora, porém, ainda que ela nunca tivesse experimentado a construção de um poema, o que parece pouco provável, não é a realização da tarefa em si o mais valioso, mas sim o salto qualitativo que esta tarefa, mediada pela relação com o outro, possibilita a ela.

Para Chaiklin (2011) as novas formas de agir e pensar são organizadas “na situação social de desenvolvimento por uma contradição básica entre as capacidades atuais da criança [...], as necessidades e desejos das crianças e as demandas e possibilidades do ambiente” (p. 665).

Plácida, ao ingressar na disciplina de literatura, aceitou a desafio de escrever e, ao lado das condições biológicas e sociais a que está sujeita, carrega a motivação e o desejo de mudança - impulso para novas formas de agir e pensar. Não conseguimos mensurar se a idade de Plácida influi positiva ou negativamente em sua reestruturação textual, porque não a conhecemos em outros tempos. O que compreendemos é que ela se interessa pela ampliação de suas possibilidades de expressão através da escrita.

O exemplo de Plácida também evidencia a relevância do grupo nos processos de desenvolvimento e aprendizagem e o significado da assistência em relação aos mesmos. É a interação com o outro, por meio da linguagem e da situação dramática que institui (é preciso escrever, mas não de qualquer forma, há uma regra a ser seguida) - que propicia e expandir e o refazer de Plácida. Tal interação promoveu transformação, porque colocou Plácida diante de um conflito, abalou suas estruturas internas e, por meio da vivência que experimentou, ela se deslocou, reescreveu o texto.

Para Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a), o professor não ensina o que o aluno sabe por si mesmo, mas sim o que pode aprender em colaboração com o outro mais capaz, o que ressalta a importância de se valorizar não apenas o nível de desenvolvimento real do sujeito, mas também o desenvolvimento próximo. Isso nos

remete à ideia de que a zona de desenvolvimento proximal se refere às ações intelectuais que o sujeito é capaz de realizar em interação com o outro, mas não ainda de forma independente. No exemplo de Plácida, a atividade possivelmente mobilizou combinações que a colocam numa outra condição de escrita.

Quanto a seu texto, o que poderia ser considerado uma mera cópia das colegas, é uma demonstração de suas possibilidades, isso porque, conforme o próprio Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) anuncia, o sujeito só é capaz de imitar aquilo que está na zona de suas potencialidades intelectuais - ao alcance de algum entendimento das relações estruturais do problema que está sendo resolvido.

Para o autor, a imitação não é uma atividade mecânica, automática e sem sentido, mas uma ação baseada na compreensão da operação intelectual daquilo que se imita. Como exemplo, o autor comenta que o bebê, ao imitar o som do adulto, pode fazer na esfera intelectual muito mais do que faria se não tivesse em interação com o outro. Desta maneira, o significado de imitar seria “toda atividade que a criança não faz por si só, mas em colaboração com o adulto e com outras crianças” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a, p. 268).

De acordo com Vigotski, a imitação revela processos que estão em desenvolvimento, revela o que pode ser ensinado, porque, ao imitar, o sujeito mostra suas potencialidades, ou, a sua zona de desenvolvimento proximal. Plácida vale-se da interação e é capaz de “imitar” a atividade das colegas porque tem a capacidade de compreender o significado do auxílio que lhe foi oferecido.

Chaiklin (2011), ao discorrer sobre o conceito proposto por Vigotski aponta que “a imitação é possível porque as funções psicológicas superiores são ainda insuficientes para sustentar um desempenho independente, mas desenvolveram-se o suficiente para que uma pessoa possa entender de como servir-se das ações colaborativas” (p. 668). E continua, “a criança pode imitar apenas aquilo cujas funções em maturação estão presentes” (p.669).

Para finalizar, acreditamos que se existem transformações é sinal de que ocorreu aprendizagem, não necessariamente de conteúdos, como tradicionalmente se pensa, mas de modos de ser – aspecto que nos interessa no processo de envelhecimento. Quanto ao desenvolvimento, a teoria nos aponta para uma possibilidade horizontal, histórica cuja relevância não está na subida de degraus ou na sobreposição de estágios, mas na potencialidade humana, nos deslocamentos

internos e externos do sujeito – ora radicais, visíveis, mensuráveis; ora moderados, discretos, inumeráveis – movimentos não lineares.

5.6 O grupo como propulsor de deslocamentos

Se considerarmos nosso grupo de estudo – em geral mulheres com mais de 70 anos que entraram na universidade aberta da terceira idade – compreendemos que há ainda uma procura por manter ou transformar atitudes e pensamentos - saem de casa, convivem com seus pares, com professores e criam possibilidades de um devir.

Observamos que as estudantes da UATI ao buscarem o conhecimento e as atividades de literatura e teatro, querem aprender, querem saber mais, desejam superar medos, transpor barreiras. Experimentam atividades nunca antes vivenciadas, ousam e seguem transformando o funcionamento do grupo, o espaço em que se inserem e o interior de si mesmas, como aconteceu com a aluna Lenita⁷⁸, que ao arriscar pela primeira vez o enfrentamento de uma plateia durante a realização de uma pantomima no palco (em uma apresentação comemorativa do dia do idoso), declarou a mim na coxia que nunca mais atuaria novamente, pois sentiu muito medo, ansiedade e vontade de desistir.

A mesma aluna, no semestre seguinte, não deixou de assistir às aulas e participou da avaliação realizada pelas colegas sobre a referida apresentação. Na ocasião, o grupo foi unânime em revelar a ansiedade e a tensão que a apresentação suscitou. Foram evidenciadas as falhas, o que poderia ser melhorado, a insatisfação com relação a alguns aspectos, mas também a satisfação dos aplausos e da possibilidade de reconhecimento, de visibilidade.

O trabalho seguinte com elas fora a montagem de um espetáculo que ao invés de pantomima contou com um texto a ser memorizado. Diferente do que se poderia prever, Lenita se ofereceu para protagonizar um papel de destaque. Participou de todos os ensaios com afinco, além de ter contribuído ativamente com as sugestões sobre texto e atuação.

Interessante que durante as aulas instalara-se uma relação de exigência, julgamento e conflito a todo tempo (entre as próprias alunas), impulsionado, a meu ver, pelo desejo de apresentarem algo que fosse satisfatório, bem como, pelo

⁷⁸ Lenita: aquela que encara a vida com seriedade e procura ser correta em tudo o que faz. Porque para Lenita, ou ela fazia perfeito, ou nem fazia.

incômodo com relação aos limites da idade cuja ação do outro, igualmente idoso, escancarava. Não raro uma corrigia à outra e demonstrava contrariedade quando escapava uma marcação ou uma palavra do texto.

Tal situação revelou-nos que a tensão provocada pelo grupo e pela própria atividade incitou as alunas a novos desafios. Partindo dos conceitos de Vigotski sobre desenvolvimento e aprendizagem, podemos pensar que a interação grupal entre essas alunas e os desafios impostos pela nova atividade criaram uma zona de desenvolvimento proximal, ou seja, um espaço em que algumas ações se fizeram possíveis graças à mediação do outro.

Se Lenita estivesse sozinha, possivelmente teria desistido do teatro, porém, com a ajuda/cobrança das colegas e diante de uma situação conflituosa e desafiadora, ela segue. O grupo provoca, mas, ao mesmo tempo, acolhe, porque há dentro dele identidade e partilha de medos e anseios.

Assim, se num primeiro momento Lenita enfrentou a estreia no palco e se deparou com o desafio de se expressar através da mímica, da segunda vez, já vivenciada e conhecida a experiência de atuação, ousou novo papel – que demandou a memorização de um texto, a imitação vocal e o contracenar com o outro. Acreditamos que tal atividade a deslocou para novas possibilidades de existência.

Talvez possamos compreender que a resistência inicial de Lenita em subir ao palco revele certa desestabilidade em sua personalidade. De início, ela não se reconheceu ali. Como ela mesma revelou-me à época, sentiu-se ridícula, esquisita, disse que era como se estivesse fazendo tudo errado, se expondo e sendo julgada como incompetente. Confessou ter ficado nervosa, sem conseguir lembrar o que fazer e com o desejo pulsante de terminar logo a apresentação - sair daquele palco e nunca mais voltar.

Na teoria de Vigotski a relação com o mundo (especialmente através da interação com o outro) e com as construções humanas têm papel de extrema relevância no desenvolvimento de cada sujeito e pensamos que a situação social de desenvolvimento do idoso o qual já não tem em seu corpo a vitalidade de outrora e está cercado de pessoas que vez ou outra subestimam suas potencialidades - o coloca em oposição ao outro para que ele possa preservar, por maior tempo, sua independência, autonomia e personalidade de forma que possa continuar se reconhecendo nesse outro, sustentando sua humanidade.

Acontece que não é somente a transformação do meio que tem influência no desenvolvimento do sujeito, porque o sujeito age neste meio criando uma situação de desenvolvimento que é única e ao mesmo tempo similar entre os sujeitos que vivenciam situações análogas – sendo parte do meio, o sujeito transforma a si e a ele.

Ao pensar em nosso grupo de idosas inseridas na UATI, nos deparamos com uma situação peculiar (dentre tantas outras) que é a entrada ou retorno às salas de aula após longo período afastado das mesmas. Certamente essa é uma situação que, entrelaçada à história e à subjetividade de cada uma, produz uma nova situação social de desenvolvimento. Da mesma maneira como ocorre com a criança que inicia a fase escolar, o idoso, ao entrar na universidade, também se insere em uma nova unidade de elementos situacionais e pessoais, o que acreditamos impulsioná-lo a um deslocamento.

O caso de Florinda⁷⁹, por exemplo - uma aluna aparentemente acanhada recém-chegada à UATI no início de 2015 – parece ser um bom exemplo do que acabamos de enunciar.

No primeiro semestre do referido ano, durante as aulas de literatura, tínhamos como tarefa a produção de textos cujo tema fora dado previamente pela coordenação – “minhas raízes”. As narrativas faziam parte da composição de um livro (Raízes) que seria publicado pela Instituição. A sugestão era que cada uma relatasse suas origens, de onde vieram seus pais, a história de seus antepassados até chegarem a Ourinhos.

Ao final de uma das primeiras aulas, Florinda dirigiu-se a mim em particular referindo ter muita dificuldade para escrever, devido ao seu grau de escolaridade corresponder ao quarto ano do ensino fundamental I. Comentou que cometeria muitos erros e que talvez não fosse capaz de produzir um texto digno de publicação. Solicitei que escrevesse um primeiro rascunho, sem temor, despreocupada com regras ou coerência.

Passadas três semanas da conversa, Florinda trouxe-me seu texto. Eram algumas linhas tímidas, em que ela relatava fatos relacionados à religiosidade, como a experiência de crisma e de ser coroinha da igreja onde seus pais congregavam. Levei seu texto para casa e disse que gostaria de apreciá-lo com calma. A leitura me

⁷⁹ Florinda: significa flor linda ou aquela que começa a florescer. Porque ela não para de florejar – fora seduzida pelo néctar do devir e está cada vez mais formosa essa flor.

remeteu a uma romaria/procissão... Na aula seguinte entreguei o texto com algumas observações e sugeri que ela ampliasse seus escritos a partir da música “Romaria” de Renato Teixeira a qual eu lhe entreguei impressa para que desse uma lida e verificasse se lhe servia de inspiração. Na outra semana Florinda apresentou-me novo texto, mais extenso e mais ousado, com direito a uma paródia entre sua vida e a música que lhe sugeri.

O texto continha mais brilho, nele, Florinda se mostrou mais autêntica, mais confiante. Pedi para que ela lesse à classe a versão inicial e a versão final, como exemplo para que as colegas também pudessem explorar outras possibilidades em seus textos. Florinda hesitou, ficou com receio de fazer leitura ruim. As alunas insistiram curiosas e depois de muito solicitarem, conseguiram que Florinda fosse à frente ler seus textos.

Florinda iniciou se desculpando por possíveis erros. As alunas puseram-se em silêncio. Durante a leitura, algumas vezes uma colega interrompia solicitando que lesse mais alto. Florinda seguiu e ao final as alunas também se mostraram surpresas e gratificadas, especialmente pela ousadia da paródia de seu último parágrafo:

É de sonhos e lembranças o destino de alguém, feito eu perdida em devaneios sobre o meu futuro. É de saudade e nós na garganta as vidas passadas na pequena Sodrélia. Sou caipira, valha-me Nossa Senhora de Aparecida, ilumina a minha vida, abençoa o meu caminho e a minha família.

A partir deste dia, Florinda, até então calada durante as aulas, passou a ser mais participativa e a opinar sobre a produção de outras alunas também. Apropriou-se de suas potencialidades e da possibilidade de contribuir com o grupo. Permitiu-se fazer parte, descobriu-se capaz. Na aula seguinte, como já havia concluído seu texto, fora solicitada por outra aluna para que a ajudasse a escrever. Florinda o fez e perguntou a mim se poderia realizar algumas considerações sobre o texto da colega... Sugeri à amiga que escrevesse mais, relatasse com mais detalhes alguns fatos descritos.

Interessante que ao se relacionar diferente no grupo, Florinda também altera a expectativa que o grupo tem dela, ou seja, a ação de Florinda provoca uma mudança em sua situação social de desenvolvimento. Agora, a aluna que supostamente precisava aprender a escrever, se vê na situação de ensinar – troca de posição.

Acredito que a transformação na postura/atitude de Florinda perante a sala significou uma nova forma de pensar e agir no mundo, um salto em seu desenvolvimento. Ao aceitar a provocação de retocar o texto, consentiu em reelaborar seus pensamentos, replanejar suas palavras, sua maneira de escrever. A atividade de escrita, que há muito ela não realizava, possibilitou outro nível de relação com a própria linguagem, com ela mesma e com o outro - assumiu a possibilidade de tomada de consciência de suas capacidades, de seu potencial enquanto sujeito.

No segundo semestre letivo, após termos definido em conjunto as atividades que realizaríamos, iniciamos a leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha. Utilizamos quatro aulas para fazê-la. Florinda manteve-se calada durante todo o processo, fez raros comentários. Ao final da leitura, sem que eu solicitasse, trouxe-me uma resenha escrita por ela a partir da carta trabalhada. Havia cinco páginas de um texto redigido de próprio punho, o que me certificou de que Florinda, que antes não se julgava capaz de escrever um texto digno de publicação, passou a significar a si como escritora e a encontrar na escritura um instrumento de satisfação, expressão e desenvolvimento – tal atitude mostra como ela se posicionara frente à nova situação. Foi a consciência da mudança que possibilitou a ela modificar sua ação no mundo.

Não consegui ler seu texto ao longo da semana e na aula seguinte ela me indagou sobre o mesmo. Pedi desculpas e disse que o utilizaríamos na próxima aula, apresentando-o à sala. Florinda então solicitou que eu o devolvesse para correções e aperfeiçoamento, uma vez que precisava deixá-lo mais apresentável à classe. Tal atitude revela o quanto a exigência do grupo tem sido essencial para criar a tensão necessária ao desenvolvimento de Florinda. Quando colocada em desafio, ela hesita, depois aceita e refaz... Refaz o texto, refaz sua posição no grupo, refaz as relações e refaz a si mesma e ao seu entorno.

Vale ressaltar que de acordo com Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996b), “a vivência possui uma orientação biossocial, é algo intermediário entre a personalidade e o meio” (p.383). Assim, a transformação ocorrida em Florinda foi uma vivência singular e particular decorrente da relação entre os seus processos internos e a situação concreta. Para ela, o desafio de escrever e os movimentos que foram sendo instituídos no grupo motivou a construção de novos sentidos. A quem antes se enxergava como má escritora, tal vivência teve um significado único e distinto em relação às outras parceiras do grupo. Desta maneira, o essencial não é a

situação por si mesma em seus índices absolutos, mas o modo como a situação é vivida pelos diferentes sujeitos.

Ao final destas reflexões parece-nos claro que houve uma reestruturação da vivência anterior das estudantes Plácida, Lenita e Florinda. Mudanças não necessariamente profundas, a ponto de modificarem por inteiro suas personalidades, mas períodos em que aconteceram pequenas crises, vivenciadas por conta da ansiedade e angústia em resolver certas questões colocadas pela professora e pelo grupo – mediadores dos impasses vividos pelas estudantes. Mesmo frente à condição biológica de um corpo envelhecido, a idosas exibem a capacidade de repensar e refazer suas vidas criativamente.

De acordo com Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996b) a essência de toda a crise reside na reestruturação da vivência anterior, reestruturação que tem sua origem na transformação de suas necessidades e motivos, os quais são os motores do comportamento. “À medida que a criança passa de uma idade a outra nascem novos impulsos e novos motivos, ou dito de outra forma, os propulsores de sua atividade experimentam um reajuste de valores” (VYGOTSKI, 1932-1934/1996b, p. 385).

Parece-nos, por meio dos exemplos expostos, que as idosas revelam novos impulsos e novos motivos para suas ações. A experiência proporcionada pela UATI somada às características internas de cada uma possibilita uma transformação de seus comportamentos e o surgimento de novos interesses a fim de manterem-se vivas e de desfrutarem o devir cotidianamente.

5.7 Brincadeira de idoso

Sobre a questão dos interesses - força motriz do desenvolvimento, Vigotski (VYGOTSKI, 1930-1931/1996) faz um aprofundamento do tema no texto em que se dedica ao estudo da idade de transição (ou adolescência). Para ele, o problema dos interesses nessa idade era a chave para entender todo o desenvolvimento psicológico do adolescente.

O autor comenta que a força motriz de conduta é criada pelo próprio homem em seu processo histórico de desenvolvimento, de modo que as necessidades naturais sofrem profundas mudanças em prol de novas necessidades formadas e desenvolvidas ao longo da história do ser humano, assim, as necessidades

orgânicas são constantemente afetadas pelas necessidades culturais superiores (interesses) e vice versa.

Conforme explica, “o desenvolvimento dos interesses se encontra em estreita e direta dependência dos processos de amadurecimento biológico e o ritmo de amadurecimento orgânico determina o ritmo de amadurecimento dos interesses” (VYGOTSKI, 1930-1931/1996, p. 26).

Pensamos que, apesar de parecer contraditório imaginar que as transformações orgânicas do idoso o impulsionem a novos interesses, já que, o comum seria pensar que a calma do corpo deveria conduzir ao comodismo; à semelhança do adolescente, o idoso sofre inúmeras transformações em seu corpo que o colocam em conflito com velhas e novas significações e ações. Desta maneira, as possibilidades do corpo envelhecido, que poderiam resultar em estagnação, também podem ser compreendidas enquanto força motriz de conduta, porque impelem o sujeito a encontrar formas novas de viver as transformações físicas experimentadas.

Nenhum de nós deseja as imposições do corpo que querem nos frear. Tememos a dependência, a doença, a fragilidade e, contra isso, nos colocamos em movimento, em combate e drible à natureza. O interesse do idoso é continuar a desfrutar a vida - eis sua força motriz de desenvolvimento, tal qual revela a estripulia de Veneranda⁸⁰...

De semblante controlado, não raro é comentada pelas colegas como “a mais séria” da sala. Já me contara, há tempos, que fizera cirurgia na coluna e usa uma espécie de placa metálica para sustentar as vértebras.

Certa vez, durante um ensaio de teatro, distraída ela (e a professora), empolgou-se e entrou no imaginário “jogo de pular corda” – como numa brincadeira infantil. Ao primeiro salto, um estrondo ecoou até a última fileira do auditório – “CRÓC”!

Faltou-me o ar...

- Tudo bem Veneranda?

- Melhor agora, respondeu ela sorridente. E saiu saracoteando pelo palco.

A força motriz do pulo de Veneranda não foi a consciência de sua condição física, mas o impulso de seus afetos.

⁸⁰ Veneranda: mulher respeitável. Assim ela é, circunspecta, calada, de postura reta e passo marcado – inspira respeito.

Veneranda “brincou” de acrobata no palco e, à semelhança da criança cuja “brincadeira organiza-se justamente na situação de desenvolvimento em que surgem tendências irrealizáveis” (VIGOTSKI, 1933/2008, p. 25)⁸¹, a estudante da UATI, por meio de uma ação simbólica, satisfaz impulsivamente sua necessidade afetiva. Eis a beleza e a importância da brincadeira do idoso.

Sobre isso Vigotski (1933/2008) ressalta que a esfera dos motivos, ações e impulsos está relacionada às esferas menos conscientes dos seres humanos. Para ele, a essência da brincadeira é a realização de desejos, “mas não de desejos isolados e sim afetos generalizados” (VIGOTSKI, 1933/2008, p. 26). O que ele ressalta é a correspondência não instantânea entre o desejo e a ação - não é uma ação previamente planejada, nem tampouco resultado de desejos insatisfeitos isoladamente, uma vez que, “a criança brinca sem ter consciência dos motivos da brincadeira” (Vigotski, 1933/2008, p.26) e essa é a essencial distinção entre a brincadeira e os outros tipos de atividade (como o trabalho, por exemplo).

Ao brincar, Veneranda realiza necessidades que no plano consciente seriam inviáveis (pela inflexibilidade da “prótese metálica”), isso acontece porque, de acordo com Vigotski (1933/2008), o que impulsiona a brincadeira não é o plano cognitivo, mas os impulsos afetivos do sujeito – suas necessidades e motivos internos. Ou seja, não é ao intelecto que a brincadeira satisfaz, mas à esfera emocional.

Para ilustrar ainda melhor essas reflexões, trago aqui a “contrariedade” ou “contrária à idade” de outra estudante da UATI – a Filomena⁸², uma senhora de 84 anos. O fato que relato aconteceu em uma apresentação pública das alunas no final de 2016. Nesta ocasião, elas receberam o livro que escreveram, além de cantarem e dançarem no palco.

No início, estavam sentadas nas poltronas da plateia e, conforme eram chamadas, subiam a rampa lateral que dá acesso ao palco. Chegada a vez de Filomena, a mesma apoiou-se de um lado na bengala e do outro na mão de um senhor que a acompanhou vagarosa até o palco. No momento da entrega do livro,

⁸¹ Segundo notas da tradutora, este texto é uma tradução do original publicado no livro *Psikhologia Razvitiia Rebionka* (2004) e trata-se de uma palestra estenografada, proferida por Vigotski em 1933, no Instituto Gerstsen de Pedagogia de Leningrado. Trechos deste texto já haviam sido publicados sob o título de “O papel do brinquedo no desenvolvimento” (capítulo da obra “A formação social da mente”). Esta nova versão em português pretende-se ampliada e revisada.

⁸² Filomena: significa “eu sou amada” ou “amada fortemente”. Porque ela é muito dócil e querida. Certa vez, contou-me que conserva no seu guarda roupa a mala da saudade - onde ela conserva pertences antigos da família - como a sombrinha com a qual dançou (na praça) no dia em que foi decretado o fim da ditadura militar. Levou essa sombrinha para a aula um dia.

agarrou-se ao bastão e solicitou ajuda a mim, que lhe dei suporte para que se levantasse, caminhasse até a mesa, recebesse seu livro, tirasse foto e se sentasse novamente.

Na sequência da entrega de livros, as alunas apresentaram o coral. Filomena posicionou-se ao lado de uma colega no palco e, camuflada por trás da partitura, enlaçou seu braço ao da parceira. Durante toda a apresentação manteve-se ancorada na amiga. Ao final, seguiu amparada até a coxia.

A terceira apresentação foi de dança. Prepararam três coreografias - a primeira foi acompanhada de uma música infantil sobre uma vovozinha queixosa. Entraram todas de bengala, lencinho na cabeça, corcundas e com as mãos nas costas, como se estivessem com dificuldades de se locomover e cheias de dor.

Depois dessa música elas se posicionaram de costas no palco e lançaram longe os lencinhos e os cajados... Para minha admiração, lá se foi também a bengala de Filomena. Na sequência, ao som da música, ela trocou de roupa no palco, sem auxílio algum – colocou luvas, subiu meia branca até o joelho, passou elástico ao redor da calça na canela, vestiu chapéu e dançou “Black and White”, de mãos livres. Após a dança, foi à frente do palco para agradecer e ser acolhida pelos aplausos, depois, seguiu firme e independente para a coxia.

Ao final da apresentação indaguei Filomena sobre a necessidade ou não de se apoiar na bengala, uma vez que durante a dança ela se saiu muito bem sem apoio; ao que Filomena me respondeu:

- É que a dança é diferente da vida real. Enquanto eu danço sinto-me feliz e realizada, esqueço-me de minhas dificuldades e vivencio a atividade, sem pensar que não vou conseguir, ou que tenho parafuso no joelho, ou que já sou idosa. Eu simplesmente danço.

“Diferente da vida real” porque na dança Filomena vivencia uma realização imaginária de seus desejos irrealizáveis no cotidiano e para Vigotski (1933/2008), “a imaginação é uma forma especificamente humana de atividade da consciência; e como todas as funções da consciência, forma-se originalmente na ação” (p. 25).

Evidente que aos 84 anos a imaginação não é uma função nova que aparece na vida de Filomena, mas na brincadeira de balé ela aviva seu imaginar, esquece-se das dificuldades e, sem pensar (que não vai conseguir) - de forma impulsiva, permite-se “requebrar” pelos afetos da música. Da ação para a consciência; da dança para a percepção e constituição de outros (novos?) possíveis.

Enquanto Filomena brincava de ser bailarina, tinha diante de si as regras de comportamento que imaginava próprias de uma bailarina. Não me parecera uma exigência da professora dançarem sem bengala (outras colegas fizeram uso de apoios durante a dança), mas no baile idealizado por Filomena, durante a ação, ela sentiu a necessidade de arremessar a bengala à coxia. Talvez nem tivesse pensado nisso antecipadamente, como ela mesma dissera - simplesmente dançou.

Simplesmente dançou a dança de um corpo idoso com parafuso no joelho, porque a afetividade, como indica Vigotski (1933/2008) é condição prévia para a imaginação. No entanto, como o próprio autor salienta, “sempre que há uma situação imaginária na brincadeira, há regra” (p. 28) – não necessariamente regras formuladas previamente, mas que decorrem da própria situação imaginária.

“Exatamente da mesma forma como a situação imaginária contém em si, obrigatoriamente, regras de comportamento, qualquer brincadeira com regras contém em si a situação imaginária” (VIGOTSKI, 1933/2008, p. 28). Ao brincar de bailarina, Filomena tem sua ação regulada por algumas regras (estabelecidas por ela mesma), o que faz de sua brincadeira uma situação imaginária, pois não substitui diretamente as relações que ela vivencia em seu cotidiano. Na “vida real”, Filomena não poderia/deveria deixar a bengala; na brincadeira – quem disse que não pode/deve? O que não parece possível na vida, realiza-se na brincadeira.

Para Vigotski (1933/2008), a essência da brincadeira reside justamente no fato de que “a atividade, na situação imaginária, liberta a criança das amarras situacionais” (p.29). E não seria essa a graça do brincar de Filomena? Ao divertir-se no palco ela apoia-se em impulsos e motivos singulares a ela – aqueles não ditados unicamente por sua generalizada condição/situação de idosa.

Vigotski (1933/2008) ressalta ainda que a liberdade de ação (com relação à situação) “não é dada de imediato e, certamente, passa por um longo caminho de desenvolvimento” (p. 30) – o que, de acordo com o autor, nos leva a agir não apenas com base na percepção direta de um objeto ou da situação que atua diretamente sobre a percepção, mas com base no significado da situação – na percepção da mesma, que não é única, mas generalizada e diferente para cada sujeito. O autor acentua ainda que apesar do principal ser o sentido atribuído à ação, a ação em si não é considerada indiferente, uma vez que “o sentido da ação desprende-se da ação com o auxílio de outra ação” (p.33).

No caso de Filomena, a ação de circular sobre o palco sem o apoio da bengala assume um sentido que transforma o significado de seu próprio caminhar (ação cotidiana), pois “na decisão volitiva o ponto determinante não é a realização da própria ação, mas seu sentido. Na brincadeira, a ação substitui outra ação” (VIGOTSKI, 1933/2008008, p. 33-34). Na dança, os compassos impetuosos substituíram os passos amedrontados.

Essa situação nos revela o quanto as interações proporcionadas pela UATI ampliam as possibilidades de ação e pensamento de Filomena. Ela “pensa” que vai conseguir e consegue. Apesar das limitações, sua motivação é outra, motivação essa que se sobrepõe ao físico. Filomena se sente potente, o que gera um efeito propulsor nela mesma.

É evidente que sua movimentação sofre o limite imposto pelo corpo, seus gestos são contidos, brandos e cuidadosos, no entanto, ela experimenta uma atividade que vai além do que seu corpo e mente lhe autorizam no dia a dia, como se entrasse no campo das possibilidades potenciais, que aparecem quando ela entra em contato com o outro, com a música, com o palco – produtos da cultura humana. Por meio da imaginação ela cria e tem consciência de suas possibilidades afinal, como diria Vigotski (1933/2008) - “por trás das brincadeiras estão as alterações das necessidades e as alterações de caráter mais geral da consciência” (p.35).

Filomena não deixou de ser idosa, não sofreu uma mudança radical em sua personalidade e nem em sua condição física - ao retornar para a cadeira, recuperou a bengala. No entanto, aconteceu um disparo, uma adrenalina que o grupo injetou nela, potencializando suas possibilidades e alargando seus limites. Foi o grupo que a sustentou, não ela sozinha e muito menos a bengala. Como se o aqui e o agora, a urgência do idoso, trouxesse a ela uma energia maior.

Nesse sentido, acreditamos que a brincadeira dos idosos, bem como a das crianças cria uma zona de desenvolvimento proximal; isso porque, conforme ressalta Vigotski (1933/2008) – “a ação numa situação imaginária, a criação de uma intenção voluntária, a formação de um plano de vida, de motivos volitivos – tudo isso surge na brincadeira” (p. 35), colocando o sujeito numa relação diferente consigo e com o outro.

Tanto a “bailarina” Filomena como a “acrobata” Veneranda permitem-se viver o imaginário infantil e abrem-se às possibilidades do simbólico. E aqui refutamos

uma única afirmação de Vigotski (1933/2008) – “a de que a brincadeira é realmente uma especificidade da idade pré-escolar” (p. 36). Talvez sim, se a brincadeira for tomada exclusivamente como ponte para o pensamento abstrato – já alcançado pelo idoso há alguns anos e ainda em desenvolvimento na criança pré-escolar, o que faz da brincadeira, no entendimento do autor, a linha principal de desenvolvimento da criança nesta idade. No entanto, se partirmos da afirmação do mesmo autor de que “toda análise da essência da brincadeira demonstrou-nos que, nela, cria-se uma nova relação entre o campo semântico, isto é, entre a situação pensada e a situação real” (Vigotski, 1933/2008, p. 36), então, não há idade específica para a vivência do brincar.

À exemplo destas idosas e a partir dos pressupostos de Vigotski, acreditamos que a velhice constitui-se um período do curso de nossa existência em que ainda são possíveis pinotes, sacudidas e cambalhotas. É o curso inventivo da vida, a possibilidade de refazer-se a cada dia, de experimentar o vivido e de vislumbrar o devir - criação e recriação ininterruptas e para sempre.

Ao contrariar as imposições do envelhecimento biológico e do discurso social, o idoso transforma a situação em que se encontra e inaugura outras formas de ação e pensamento sobre o mundo, sobre si e sobre o outro.

Cada vez mais acreditamos que nas atividades de criação literária e criação teatral que desenvolvemos na UATI, a possibilidade de estarmos em grupo, manejando produções culturais humanas, faz deste lugar um espaço privilegiado de reinvenção, ressignificação, devir.

Com o intuito de olharmos um pouco melhor para este potencial criativo e inventivo do homem e porque acreditamos que a atividade criadora é a essência de nosso desenvolvimento, passemos agora à reflexão acerca das possibilidades de criação e imaginação no envelhecer à luz da teoria histórico cultural de Vigotski.

5.8 Imaginação e criação na velhice

Durante os dois anos trabalhados na UATI, inarráveis seriam os exemplos existentes para dizer da criatividade abundante que as estudantes exibem. Digo brincando que elas sempre extrapolam qualquer expectativa provável. Na última apresentação teatral que encenamos, ao final de 2017, o tema foi “circo” e a orientação dada era que elas criassem seus figurinos a partir de adereços que tivessem na própria residência. Ilusão minha julgar que elas usariam roupa qualquer.

Ao longo dos ensaios cada dia era uma que trazia novo apetrecho – bota furada no dedão, flor de plástico costurada na traseira da calça, gravata pisca-pisca, peruca do marido, nariz de cenoura, bigode postiço...

Havia um esquete que estávamos ensaiando em que dois bonecos infláveis (interpretados por elas) entravam para serem exibidos ao público, acontece que eles tinham furos para todo lado e o dono dos bonecos (outra personagem) esforçava-se em tapar os buracos ao mesmo tempo em que os enchia com uma bomba de bicicleta, a fim de permanecerem inflados. Primeiro tapava-se os ouvidos, depois a boca, depois o nariz, até chegar ao “orifício traseiro”. Começamos ensaiando com rolha, o que parecia mais óbvio e, certo dia, uma das alunas, por iniciativa própria, levou-nos dois sabugos de milho para o ensaio - cuidadosamente lixados e moldados para o número. Foi riso sem fim. Depois teve até briga para ver quem levava o sabugo mais bonito. Restaram duas na competição - uma queria sabugo pequeno e a outra, bem comprido. No dia da apresentação, pouco antes do início, uma delas me perguntou:

- E aí? Qual sabugo vai entrar? Não põe aquele grande não, é feio.

Eu não participei da decisão, dei de desentendida, e não sei por força do que ou de quem, no momento da apresentação, era o longo que se ostentava no palco. O público “enlouqueceu” e a aluna do sabugo pequeno revelou-me, ao final do espetáculo, que, pensando bem, o mais comprido era melhor mesmo.

Ainda nesta apresentação, uma das alunas – Almira⁸³ - fora escolhida para ser a mestre de cerimônia do circo – é que ela se queixava de muita dor nas costas, não gostaria de participar dos números, mas carismática e bem-humorada que é, também não poderia ficar fora do picadeiro.

Assistiu a todos os ensaios da plateia, anotando a sequência dos números e matutando o que iria narrar. Na semana anterior à apresentação, trouxe-me escrito o texto que pretendia falar. Bonito como pensara em cada detalhe. Separou os números por nacionalidade e deu nome a todas as palhaças de acordo com sua origem, como, por exemplo, as Italianas a quem chamou de – Macarronada, Ravióli e Canelone. Também brincou com a coordenadora, pronunciando seu sobrenome

⁸³ Almira: Indica uma pessoa intuitiva e extrovertida, que tem ideias originais e brilhantes a respeito de tudo e gosta de debatê-las com os amigos - assim ela é - de presença de espírito e senso questionador singulares.

(de sonoridade exótica) como quem dá um espirro. Eu fui a palhaça portuguesa - Senhorita Azeitona, já que tenho sobrenome Oliveira.

Buscou sobrenomes russos divertidos para nomear as bailarinas que ela anunciara como sendo vindas diretamente do “Ballet Bolshoi”, a mando do Presidente Putin. Uma das atrizes, que representava uma bailarina atrapalhada, recebeu o nome de “Estabanovisky”. E por aí vai...

Tais exemplos, que seriam múltiplos, nos revelam o quanto as idosas têm recursos de sobra para fomentar criações artísticas, o que corrobora com a afirmação de Vigotski (VYGOTSKI, 1930/2009) de que “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia” (p.22). O que Vigotski pretende ressaltar é que “quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis porque a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência” (idem, p. 22).

Diante dessa ótica, os anos vividos a mais representam maior potencial de criação - construção (do novo) e desconstrução (de padrões), isso porque, segundo o autor, a capacidade de criar “depende diretamente de outras formas de atividade, em particular, do acúmulo de experiências” (VIGOTSKI, 1930/2009, p.18).

Ao brincar com o sobrenome da “chefa” (como elas denominam a coordenadora) Almira reinventa uma relação com ela, atribui novo sentido para sua pessoa, desconstrói hierarquias e solenidades. A Azeitona em que me transformei, vem com o mesmo tempero - a professora é também a palhaça à mercê da irreverência, da mudança, do avesso.

Almira cria novas relações, inaugura interações, reinventa a si e aos outros. Estabelece outras formas de pensar e de ser naquele espaço e demonstra que a experiência vivida, representa instrumento de transformação.

Vigotski comenta que da mesma forma que conservamos nossa experiência anterior, a fim de conseguirmos nos adaptar às condições habituais e estáveis do meio, também criamos novas formas de nos comportar, porque somos capazes de combinar e reelaborar, de forma criativa, elementos da nossa experiência anterior, e a combinação destes elementos já representa algo novo. “É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação” (VIGOTSKI, 1930/2009, p.17).

O sabugo extenso e/ou curto revela as marcas dessa conservação X criação. Sabugo comprido parece indecente a algumas, interessante a outras, o fato é que foi exibido no palco, acharam graça e seu tamanho exuberante adquiriu novo sentido. Ao invés de conservarem-se nas ideias do passado, o movimento do grupo e o embate entre as estudantes, fez com que elas aceitassem outras possibilidades.

Lembrei-me de Iolanda⁸⁴... Estudante de estatura baixa, poucas palavras e usuária de óculos redondo que lhe amortece o olhar. Participava das aulas de teatro comedida, sempre na carteira do fundo à esquerda. Vez ou outra realizava alguma atividade e logo retornava a seu lugar – sutil.

Aconteceu no segundo semestre de 2016, quando ensaiávamos a peça que apresentaríamos ao final daquele ano – “Os anos dourados de Amélia”.

Antes, porém, conto como chegamos ao texto da peça.

A temática “Anos dourados”, já havia sido estabelecida pela coordenação logo no início do segundo semestre, como acontece todos os anos. Assim, tanto nossas atividades de teatro, como as atividades do coral e dança deveriam preparar um número adequado aos “tempos da brilhantina”.

No início do processo conversamos um pouco sobre os ditos anos dourados, ampliamos a ideia de saia rodada e rabo de cavalo para acontecimentos, pensamentos e costumes da época. Uma aluna, professora aposentada de história, encarregou-se da pesquisa e expôs às colegas desde as conquistas da industrialização, a expansão dos mercados consumidores, até a revolução feminina e os prenúncios de mudanças no comportamento das mulheres desta época. Tal assunto ferveu comentários.

Estava escolhido nosso subtema, expressaríamos, através do teatro, a condição feminina dos anos 50. Não foi pequena a quantidade de material que dispusemos em mãos. Consultamos revistas e cadernos de jornais voltados ao público feminino da época os quais eram carregados de absurdas prescrições à mulher recatada e do lar. Também pesquisamos comerciais de TV envolvendo a mulher e discutimos os comportamentos e as mensagens subliminares de servilismo e desvalorização que as propagandas apresentavam.

⁸⁴ Iolanda: significa “violeta”. No campo dos símbolos, a cor violeta representa equilíbrio e lucidez. Ao lado desse sentido que muito representa a Iolanda, era esse o nome que eu colocava nas minhas bonecas quando menina. Como nos tornamos íntimas no processo teatral e porque não tive filha mulher, nomeio Iolanda aquela que representa a avó que quero ser um dia.

A educação das mulheres da época foi outra pauta de nosso texto teatral, uma vez que a maioria das estudantes da UATI fora também aluna do mesmo internato da região, cujas regras de obediência eram entregues já no primeiro dia de aula, em formato de cartilha.

Além destes materiais, uma das alunas fez um longo texto retratando a sua juventude, o qual foi base importante para nosso roteiro.

As alunas participaram ativamente da escolha dos figurinos, das músicas, da montagem das cenas. Os ensaios eram carregados de ideias e comentários, uma vez que o tema de nossa peça era também o tema de suas vidas.

A protagonista da história fora escolhida por mim e o critério que utilizei foi o fato da estudante em questão ter sido cortada (por deliberação da coordenação) de apresentação anterior. Tal fato a havia deixado bastante contrariada e, por redenção, resolvi que ela seria a atriz principal deste espetáculo.

Acontece que por motivo de doença, a estudante escolhida precisou afastar-se dos ensaios. Assim, lancei ao grupo a possibilidade de alguém se voluntariar para o papel. De pronto Iolanda se ofereceu, ao que fiquei surpresa, porque até então ela era estudante pacata e calada - escondida.

O grupo aceitou a nova protagonista e reiniciamos os ensaios. Iolanda comoveu com seu carisma de palco e sua espontaneidade de gestos. Era leve, alegre, divertida, inusitada. Aquela estatura miúda crescia cada vez que seu texto de protesto era declamado.

O processo de montagem do espetáculo fora entremeado por revelações que Iolanda fazia-me ao vivo e ao telefone. Enviou-me por “whatsapp” várias fotos de sua juventude, inclusive uma, em especial, onde ela e outras duas amigas seguravam o “pau do santo” – foi como denominou um mastro que tinha em mãos para exaltar o santuário. Esse mastro rendeu cumplicidade e gargalhada entre nós.

Contou-me também que a neta de 10 anos participara de tudo, ajudando a avó na memorização do texto e contribuindo com sugestões de “caras e bocas” artísticas.

Iolanda, que fora costureira por longo tempo, confeccionou um vestido impecável para sua última cena e compôs o traje com um charmoso chapéu e uma maleta de couro sofisticada – afinal, brincava ela, Amélia precisava decolar para Nova Iorque em grande estilo. A viagem de Amélia simbolizava a liberdade e a autonomia que a personagem almejava e Iolanda se esbaldou em cena.

Acabado o espetáculo, já no dia seguinte, Iolanda escreveu-me a seguinte mensagem de texto:

Bom dia, quero te dizer que o teatro “Os anos dourados de Amélia” foi um resumo da minha vida. Bons tempos de colégio, sonhos, repressão no casamento e por fim libertação. Hoje, graças especialmente ao teatro, tenho consciência que posso fazer o que eu quero e luto por isso. Obrigada pro. Bjus

As palavras de Iolanda, o vestido que confeccionou, a legitimidade com a qual interpretou, revelam-nos o quanto a imaginação não se constrói a partir do vazio, mas de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior das pessoas.

O processo criativo de Iolanda fora intenso e abastado, justamente porque havia muita experiência vivida a ser confrontada com aquela nova possibilidade que o texto teatral lhe apresentava. Por meio da imaginação e da representação de Amélia, Iolanda refez seu presente, trocou de lugar, protagonizou nova mulher, projetou um futuro e vislumbrou um devir. Sua imaginação (somada a das colegas) tomou corpo no palco, realizou-se no corpo em cena, constituindo-se um processo de criação repleto de sentido e significado.

O que fora a vida de Iolanda certamente não ficou nela como um registro de conteúdo, este não retornaria ao presente. O que permaneceu em Iolanda foram as emoções e sentimentos de suas vivências, esses sim força motriz de sua atuação no presente, no palco. Como apontara o professor Justo⁸⁵ – memória e lembrança atualizam sentimentos e emoções.

A criação da peça teatral, nada mais foi do que uma nova combinação de elementos hauridos da realidade de cada participante do grupo (inclusive Iolanda) e submetidos à reelaboração da imaginação. Nesse sentido, a criação humana apresentou-se infundável, porque inúmeras combinações seriam possíveis e, no caso do trabalho em grupo, tal probabilidade combinatória pode ser potencializada, uma vez que, “minha imaginação é também constituída e orientada pela experiência do outro, ou seja, minha experiência é ampliada na apropriação da experiência alheia” (comentário da Ana Luiza Smolka no livro do Vigotski 1930/2009, p.24).

Vigotski (VIGOTSKI, 1930/2009) acentua que quanto mais rica a experiência, mais rica deve ser também a imaginação. Nesse sentido, acreditamos que as

⁸⁵ Apontamento do professor José Sterza Justo no exame de qualificação.

vivências propiciadas pelo trabalho em grupo com as estudantes, são terreno fértil para o fomento dessas experiências e, por conseguinte, para lhes proporcionar possibilidades outras de ser.

Vale ressaltar que o autor também refere o importante papel que o sentimento assume na atividade criadora dos sujeitos. Para ele, “a emoção tem a capacidade de selecionar impressões, ideias e imagens consonantes com o ânimo que nos domina num determinado instante” (VIGOTSKI, 1930/2009, p. 26).

Diante disso, podemos pensar que refletir sobre a condição feminina era desejo pulsante em Lolanda que encontrou na expressão dramática uma forma de superar as impressões da vida - o teatro, como ela referenciou, possibilitou criar situações e ambientes que a vida não lhe permitira e por ter consciência disso, Lolanda decompõe-se.

O sentimento de aprisionamento que Lolanda carregava atuou na significação da experiência que ela teve no palco e permitiu a criação de uma distinta realidade, tanto externa, quanto interna. No tablado, ela se apropriou de um outro papel social, ocupou um outro lugar na relação com o marido - o da Amélia, que se libertou das opressões e assumiu uma nova e possível posição enquanto mulher.

Talvez para uma outra estudante, que não se encontrasse no mesmo estado emocional de Lolanda, tal experiência teatral não tivesse tido o mesmo significado e/ou relevância.

A teoria sobre criação e imaginação de Vigotski nos permite pensar que a influência dos sentimentos na relação entre imaginação e realidade é uma via de mão dupla - da mesma forma que um sentimento pode influenciar nossa imaginação, a imaginação pode gerar determinados sentimentos. Dizendo de outra forma, da mesma maneira que os sentimentos internos de Lolanda contribuíram para a composição imaginária da personagem; seus gestos, o desenho do vestido, a imitação de sua voz, entre outras, constituíram-se vivências emocionais reais e verdadeiras a ela. Ou seja, a imaginação, ao encarnar-se e cristalizar-se na personagem, tornou-se tão real, que passou a influir no mundo real de Lolanda e representou um vislumbre de superar o mundo.

Assim, podemos pensar que a idealização da peça teatral a partir da experiência das próprias aprendizes, depois a escritura do texto baseada na combinação dos elementos hauridos dessa realidade e, finalmente, a transformação

destes elementos em um produto que foi materializado no palco, encerraram um ciclo da imaginação.

De acordo com Vigotski (VIGOTSKI, 1930/2009) os elementos utilizados na construção teatral são absorvidos da realidade em que os sujeitos estão inseridos. Tais elementos são submetidos a uma complexa reelaboração interna e transformam-se em produtos da imaginação – “finalmente, ao se encarnarem, retornam à realidade, mas já como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação”. (VIGOTSKI, 1930/2009, p. 30).

A imaginação retorna à realidade e a transforma. Por força dos impulsos contidos na imaginação, “ela tende a tornar-se criativa, ou seja, ativa, transformadora daquilo em direção ao que a sua atividade orienta” (VYGOTSKI, 1930/2009, p. 58).

Na compreensão de Smolka sobre a obra de Vigotski (VYGOTSKI, 1930/2009) especialmente as criações literária e teatral, enquanto construções humanas e atividades criadoras do homem, encerram um produto final que “transcende o momento de criação, adquirem uma existência autônoma e escapam ao domínio do criador, produzindo efeitos e afetos no próprio autor e naqueles que o recebem” (p. 33).

É provável que quando Iolanda abraçara o papel da protagonista, tivesse o desejo, mas não compreendesse ainda a dimensão das transformações internas que Amélia poderia lhe proporcionar, certamente tal experiência produziu e continuará produzindo efeitos que Iolanda não consegue e não conseguirá controlar.

Iolanda provavelmente escolheu ser a protagonista porque, de alguma forma, aquela personagem significava a ela uma possibilidade de reorganização interna, havia incômodo, contrariedade, mal-estar e, de acordo com Vigotski (1930/2009), “o ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria nenhum anseio e, é claro, nada poderia criar” (p. 40). Desta maneira, para o autor, a base para a criação é sempre uma inadaptação, dito de outra forma, são os desafios e conflitos que incitam o sujeito a criar caminhos outros para sua existência.

Compreendemos assim, que o espaço privilegiado para a criação não é necessariamente aquele em que os sujeitos colaboram uns com os outros, mas sim aquele onde há embate, disputa, contradição. Neste sentido, não podemos desejar que a UATI e/ou os grupos de idosas (os) constituam-se espaços de plena harmonia, cooperação e integração, tal condição poderia ser contra produtiva e

estagnante – com limitadas possibilidades. São os anseios, os desejos e os incômodos que impulsionam o sujeito para a criação.

Essa ideia me remete a várias situações vivenciadas em nossas aulas, momentos em que as estudantes, frente a qualquer atividade nova, desafiadora, ou mais trabalhosa, recusam-se, resistem, reclamam e muitas vezes negam-se a fazê-la. Quando percebem que eu não irei ceder às suas súplicas, arriscam-se e se surpreendem com o resultado que não sabiam serem capazes e confirmam que as criações surgem das necessidades de seu inventor e apoiam-se em possibilidades que existem além dele.

Há todo um percurso de criação que o sujeito muitas vezes não se dá conta. O ato criativo não é uma mágica inspiração, não surge de repente, nem do nada, mas tem uma história extensa de gestação que extrapola a existência do criador, uma vez que “nenhuma invenção pode emergir antes que aconteçam as condições materiais e psicológicas para seu surgimento [...] Nesse sentido, nenhuma invenção será estritamente pessoal, já que sempre envolve algo de colaboração anônima”. (VIGOTSKI, 1930/2009, p. 42).

No entanto, como defende o autor, se por um lado o adulto tem mais recursos para imaginar do que a criança, porque já viveu mais e porque já se apropriou de mais invenções culturais humanas, por outro, ele confia menos nos produtos de sua imaginação e os controla mais.

É necessário desafiar o adulto, especialmente o idoso, através da organização de atividades que permitam gerar necessidades e possibilidades para a criação, já que o sujeito idoso, muitas vezes, desconfia dessa sua capacidade, porque se sente “velho” demais para isso. O próprio Vigotski (1930/2009) admite que “criar é difícil” (p. 54), porque não natural, mas aprendido. É a síntese de passado, presente e futuro - um trabalho e tanto.

Nesta perspectiva, ao invés de ressaltarmos o que o idoso não tem, buscamos exercitar sua criatividade porque acreditamos ser ela a mola propulsora da história da humanidade e, por conseguinte, da história de cada sujeito.

Como apontam Beltrina Côrte e Vera Brandão (2011), em editorial de apresentação do volume intitulado *Arte e criatividade – Caminhos para a Longevidade*, da revista Portal de Divulgação “a criatividade deve ser guia na busca de novos caminhos de aprendizagem, ação e interação” (p. 2). Isso porque as diferentes linguagens artísticas que permitem aos sujeitos expressarem e

comunicarem suas emoções mostram a possibilidade de reinvenção do ser humano, indicando que “a velhice pode ser pintada e repintada conforme as cores que queremos, basta termos a motivação necessária e forças para agir, e buscarmos dias mais prazerosos” (idem, p. 2).

Se defendemos que há devir na velhice é porque acreditamos que a atividade criadora não cessa e que a riqueza de experiências que o idoso ainda pode vivenciar, será combustível para continuar reinventando e refazendo o seu viver. Sobre isso, tivemos ao longo de nosso percurso uma experiência que nos foi reveladora e arrematadora de tudo o que dissemos até aqui.

Foi no final do processo de escritura do livro – *Raízes*. Depois de muito refazer, reescrever parágrafos – encontrar as palavras certas, o título mais sugestivo, buscar a coerência, cuidar da coesão... O livro fora publicado.

Relatos não faltaram a respeito da repercussão de tal feito.

Aurora me ligou no dia seguinte dizendo que recitara o poema de seu texto em uma doceria e fora aplaudida por todos.

Florinda contou-me que “seu” livro fora arquivado na biblioteca municipal da cidade e que agora ela passara a fazer parte da lista de escritores da cidade.

Todas receberam menção honrosa na câmara pela escritura, e por aí vai... Porém, o que nos foi mais significativo desse processo aconteceu no último dia de aula, aquele em que fazemos uma partilha sobre o semestre, sobre os sentidos e significados que construímos, sobre o planejamento do próximo ano... Para minha grata surpresa, as alunas disseram que queriam conhecer melhor as regras gramaticais, aprenderem a estruturar melhor o texto, aprenderem mais sobre as escolas literárias. Queriam conhecer autores, aprender a escrever poesias com mais qualidade estética. Queriam desenvolver-se – necessidade vital do ser humano.

Como aponta Vigotski (1930/2009) - o importante não é o que se cria, mas o criar em si, da mesma forma que “a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária” (p. 20) – porque é ela mesma que possibilita formas novas de ser e estar no mundo, ela nos lança ao futuro. As estudantes lançaram-se ao amanhã, ao ano seguinte, ao fluxo ininterrupto do devir.

6 Análise de uma situação em especial

Neste momento, faremos descrição mais detalhada de uma situação específica vivenciada pelas estudantes da UATI a partir da qual pretendemos enlaçar os conceitos da teoria histórico cultural à vivência de nossa pesquisa. Apesar de termos apresentado e comentado outras situações ao longo de todo texto, entendemos ser necessário aqui contextualizar melhor o espaço em que elas aconteceram e narrar um evento buscando apresentar a dinâmica do grupo e as mudanças ocorridas nas estudantes, na instituição e na pesquisadora.

6.1 Contexto institucional

Antes de apresentarmos a situação que pretendemos analisar, importa situar o contexto institucional em que elas aconteceram e certos sentidos e significados que o rodeiam.

Conforme discorreremos no capítulo 3, há um ideário predominante a respeito do que seja a velhice – incluindo suas características e necessidades, além disso, de acordo com o que pontuamos no capítulo 4, serviços são criados para atender às demandas dessa população – serviços estes coerentes com os sentidos sociais, históricos e culturais atribuídos aos idosos. Nesse sentido, a UATI em que trabalhamos está imersa nesse ideário instituído, mas também apresenta peculiaridades que, entremeadas ao contexto mais amplo, constituem uma realidade bastante particular, da qual não podemos prescindir.

Na cidade, há uma fundação mantenedora de duas instituições distintas – um colégio que vai desde a educação infantil até o final do ensino médio e uma faculdade⁸⁶ que mantém diversos cursos universitários e da qual a UATI faz parte.

A fundação classifica-se como uma sociedade de direito privado, sem fins lucrativos, instituída em assembleia realizada no dia 29 de dezembro de 1970. Conserva estreita relação com interesses econômicos e políticos na cidade, uma vez que seus dirigentes e mantenedores são industriais de renome e influência na região.

Fazer parte desta Instituição de ensino, seja na qualidade de professora, estudante ou funcionária, é fazer parte também de uma instituição sócio-política-

⁸⁶ A partir de novembro de 2018 (data posterior ao término de nossa pesquisa) a faculdade passou para a categoria de centro universitário.

econômica bastante peculiar, é participar da “casta” ourinhense - ser assunto em importante jornal da cidade, receber menção honrosa de presidente da câmara, participar de eventos sociais, tirar foto com o diretor da faculdade, entre outras peculiaridades.

Isso não quer dizer que as estudantes estão lá especialmente por esses mimos, mas que não podemos perder de vista o fato de que a UATI da qual falamos, está imersa em um contexto que confere a ela certa especificidade relevante às relações que ali são instituídas.

A universidade aberta da terceira idade, apesar de fazer parte da faculdade, utiliza o espaço físico do colégio, pois este localiza-se em região central da cidade, de melhor acesso às estudantes, ao contrário daquela, situada na beira da estrada, em região afastada.

O colégio, que já fora comandado por freiras e abrigara um conservatório musical, hoje segue tendência contemporânea estruturada sobre arquitetura antiga - pé direito alto sustentado por colunas majestosas. Nas paredes, entalhes barrocos rebuscados e no chão, ladrilhos em alinhado mosaico. Vitrais, lustres e escadarias compõem o elegante educandário que se orgulha em ser o maior da cidade – tanto no espaço físico quanto na quantidade de alunos que atende.

Há uma ala construída recentemente que se localiza na parte inferior do prédio, onde antes havia uma espécie de sótão/depósito e hoje, com paredes coloridas, janelas de vidro temperado e pula-pula, abriga as aulas da educação infantil.

O acesso principal do colégio se faz através de uma longa rampa onde descontraídos adolescentes - descansados no corrimão ou sentados na mureta lateral - conversam, gargalham, ouvem música...

Passada a altiva porta da frente, o rumor ameniza. No hall da entrada, à frente, a telefonista de PABX e o guarda de farda sentinela uma porta cerrada. Na lateral direita, a secretaria e, na esquerda, a tesouraria. Preenchendo o espaço central, um tapete de traços egípcios e três namoradeiras em madeira e ferro.

Cordialidade na secretaria, fila na tesouraria e gentil cumprimento no PABX.

A presença do policial me tranquiliza, não pela segurança que impõe, mas pelo auxílio na abertura da porta, quando eu, saturada de caixa de som, computador, sacola, cadernos e pastas – fico sem mão para a maçaneta oval – se

ao menos fosse comprida, dava para usar o cotovelo – é o que penso toda vez, enquanto agradeço o “cavalheirismo” do guarda.

Vencida a porta do átrio, chega-se a um longo corredor onde são expostos os trabalhos dos aprendizes do colégio. Gostosa permanência ligeira – tempo para apreciar pinturas, textos e esculturas que me ajudam a organizar o pensamento da aula que já espera.

A sala fica à esquerda, mas sempre ando um pouquinho para a direita primeiro porque a minha chegada acontece durante o lanche das alunas e eu escolho não participar, prefiro ir direto à sala, mas a Matilda sempre insiste em ao menos um cafezinho e eu aceito – só um golinho, sem açúcar mesmo.

As estudantes entram aos poucos, umas com um bolinho na mão para garantir sustento até o final da aula, outras com o último dedinho de café para esquentar o início. Há as que me aguardam na sala a quem já vou cumprimentando e entregando trabalhos da aula anterior.

Elas gostam de anotar – adoram! Então, sempre escrevo algo na lousa, um esquema, alguns conceitos e, para tanto, empresto a letra bem-feita de alguma delas e a aula de literatura inicia.

Após esta aula, algumas estudantes, que optaram por não fazer a disciplina de teatro, continuam na sala com a coordenadora para fazerem a disciplina de oficina da memória, enquanto as outras descem comigo para a denominada sala do espelho⁸⁷, onde acontecem as aulas de teatro.

6.2 UATI estudada

A UATI em desenvolvemos o trabalho teve início em agosto de 2006 quando três senhoras, incluindo a esposa de um dos mantenedores, sentiram o desejo de criar uma universidade para a terceira idade na cidade. Na época, visitaram algumas instituições que já desenvolviam o trabalho, a fim de conhecer o funcionamento e a estrutura de tal Universidade.

Até o ano de 2011 foi coordenada por uma dessas senhoras, corresponsável pela inauguração da instituição. A partir de 2012 passou à atual coordenação. Vale ressaltar que a UATI é referida pelos mantenedores como “a menina dos olhos” da

⁸⁷ Fica no andar de baixo e o acesso se faz através de longa escadaria, que algumas não conseguem descer. É uma sala ampla com algumas cadeiras e imenso espelho à frente. Ali, acontecem as aulas de teatro e Tai-chi-chuan da UATI, além de balé, judô e outras atividades do colégio.

faculdade e compreendemos que tal afirmação está relacionada à visibilidade formosa que ela confere à Fundação, além de lhe atribuir pontuação pelas publicações de livro anuais e de tornar a faculdade constantemente presente na mídia.

As atividades da UATI acontecem duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras e no ano de 2017 era composta pela seguinte grade horária – Tai-chi-chuan, Dança, Música, Teatro, Oficina da Memória, Língua Inglesa, Filosofia e Literatura.

As atividades de lazer e/ou ocupação são menos valorizadas em vista das atividades que tendem ao desenvolvimento e à aprendizagem das alunas. Os eventos festivos são contidos pela coordenadora que não aprova o constante desejo de passeios e festas demonstrado pelas estudantes. Desta forma, as festividades são restritas a uma comemoração dos aniversariantes a cada dois meses e a alguns passeios, os quais priorizam visitas a centros culturais e históricos.

Apesar da diversidade de disciplinas, há uma dificuldade no encontro de docentes e coordenação e o planejamento pedagógico fica a cargo de cada professor individualmente, sob o aval da coordenadora, a qual acaba centralizando a escolha das temáticas anuais dos trabalhos. Não existe uma preocupação nem cobrança direta com o aspecto pedagógico das aulas, mas observações sobre o agrado ou desagrado das aulas e da postura dos docentes, pautadas principalmente nos comentários das alunas, são frequentemente pontuados em particular com cada professor.

Há uma avaliação escrita formal realizada pelas alunas ao final de cada semestre. Tal avaliação não é compartilhada explicitamente com os professores, mas serve de base para que Matilda estabeleça o que deve ser melhorado, descartado ou incluído nas aulas e na atitude dos docentes.

A coordenadora Matilda, também idosa, é rigorosamente organizada e dedica-se com afinco ao trabalho, o que confere à UATI adjetivos como seriedade e compromisso.

Já no início do ano recebemos o calendário até dezembro, com todas as datas e eventos agendados – os quais dificilmente sofrem alterações. Tudo é muito bem pensado pela coordenadora (com extrema precaução e antecedência) que se esforça ao máximo para fazer acontecer como planejara.

Conta a própria Matilda que quando entrou para a coordenação cortou as festas de todo dia, os bate papos, os celulares na sala, as saídas e os “zunzuns”. Disciplinou as alunas a não cruzarem as pernas, em hipótese alguma, porque isso trava o fluxo cerebral e acarreta diminuição na memória. Quando por descuido ou educação, alguém o faz, “a chamada” vem logo em seguida.

Quem inicia minhas aulas é sempre a coordenadora - com algum recado às esquecidas ou advertência às conversadeiras, depois me deixa com as estudantes na sala e, claro, começamos “achando graça” das broncas distribuídas.

Quando faltam exatos 5 minutos para acabar o tempo da aula, Matilda abre uma fresta na porta e estica uma mão, só aparece a mão mesmo, com seus 5 dedos esticados - é o sinal para eu finalizar e nós rimos disso também. Toda aula é assim, porque a Matilda não falha. Há vezes em que ela entra na sala nos últimos dez ou quinze minutos e fica sentada no fundo observando e aguardando o final de minha aula para depois iniciar a sua.

Há outro sinal bem alegórico - o de tesoura – quando uma estudante tece comentários que Matilda considera excessivo, ou quando alguma delas opta por participar de todas as atividades, a coordenadora logo recomenda que se “corte as asas” e faz com a mão o gesto que as alunas bem sabem imitar. Acatamos o gesto com respeito, mas nem sempre obedecemos a ele.

A própria instituição se organiza de forma rígida, centrada em um mantenedor, e tal rigor e centralidade se expressam na figura de Matilda, que necessita corresponder às exigências de uma estrutura maior. Ela cumpre seu papel.

Por essas e outras, há situações bem densas na UATI, mas no geral, o ambiente é ventilado, porque também transgressor. Parece-me que os anos vividos das alunas conferem a elas certa liberdade e descompromisso com as regras. Elas ouvem a Matilda, acatam a ela, mas não levam tudo a sério. Vez ou outra se magoam, mas também admiram a postura da coordenadora, que transformou o espaço de festa em ambiente de trabalho.

É que Matilda bem sabe equilibrar rigidez com afago. Conhece a vida de todas as alunas, se preocupa com elas, pensa na carteira adequada a cada uma, liga para filhos e filhas quando percebe algum descuido. Também não esquece os brindes de dia da mulher, das mães e guarda bolo e salgadinho para eu levar aos

meninos depois das festas. É gentil com os professores e até perdoa os meus atrasos. Matilda “briga” na instituição pelo espaço da UATI.

As aprendizes da UATI são em sua maioria idosas na faixa etária dos 70 aos 90 anos de idade. Hoje representam um grupo estritamente feminino, porque tivemos, ao longo de nosso processo de pesquisa, a perda do único estudante homem que já participava das aulas há 8 anos - foi o primeiro óbito em 10 anos de funcionamento da instituição.

Há alunas de Ourinhos, mas também de outras cidades – uma de Ipaussu e 10 provenientes de Santa Cruz do Rio Pardo – as quais fretam uma “van” às terças-feiras e vêm juntas participarem das aulas neste dia.

Quando assumi as aulas de literatura (em meados de 2015), trabalhava com o grupo de quinta-feira, que não contempla as alunas de Santa Cruz. No ano de 2016 trabalhei teatro com o grupo de terça-feira e literatura com o grupo de quinta-feira. No ano de 2017, por solicitação das alunas de Santa Cruz, que se ressentiam por não fazerem parte da publicação anual do livro, assumi ambas as disciplinas no grupo de terça-feira – o qual contempla a maior parte das alunas.

6.3 A situação

Feito um breve apanhado do contexto onde está inserida a UATI, passaremos a descrição e interpretação de uma situação de construção teatral já anunciada no capítulo da metodologia - “UATI-Company”⁸⁸.

Antes, importa dizer que o processo que será analisado em primeira instância, aconteceu em último plano, ou, dito de outra forma – mais recentemente. Isso não quer dizer que a situação aqui descrita já não tenha sido analisada, em parte, em outro momento de nosso texto, nem tampouco que ao analisar tal situação não faremos referência a outras experiências, porque conforme a dialética admite, a contradição no trato da realidade não é defeito, mas marca registrada (Demo, 1985) e para tentar compreender a mesma é preciso aceitar que não só a realidade, mas a maneira de olhar para a mesma, se faz complexa (PALMIÉRI; MARTINS, 2008).

⁸⁸ Negociamos algumas vezes em aula o nome do espetáculo, várias foram as sugestões trazidas pelas estudantes, mas nenhuma emplacou. Pouco antes da apresentação não tínhamos definido o nome e eu, por necessidade e deliberação, havia colocado no encarte de divulgação um nome que eu mesma criara de última hora – Donzelas do Picadeiro – o que eu não sabia é que uma das estudantes, dia antes da apresentação também criara o nome UATI-Company – o qual ela fazia questão de pronunciar com sotaque estrangeiro e, por motivos claros – refizemos o encarte com o novo nome.

6.3.1 Início de 2017

Como acontece todo ano, há estudantes cativas, que pouco faltam e que entra ano, sai ano, mantêm-se fiéis ao processo. Há algumas “turistas” que aparecem vez ou outra e na última semana de aula resolvem participar da apresentação.

Havia cinco alunas novas na disciplina de teatro no de 2017. Algumas que participaram no ano anterior não faziam mais parte da UATI e outras quatro que continuaram na UATI, se recusaram de início a participarem do processo - o motivo referido pelas quatro foi a decepção que tiveram com as críticas que a coordenadora tecera ao último espetáculo do grupo – estavam ressentidas.

No início das aulas eu havia terminado um curso de mímica em São Paulo e tal experiência me inspirou a trabalhar pantomima com as alunas porque pensei que nos pouparia da preocupação com a acústica do anfiteatro e poderia se constituir enquanto um processo riquíssimo àquelas mulheres cujo corpo mostrava-se enrijecido pelo envelhecimento físico e pelos costumes de outrora – os quais, em minha suposição, lhes ditavam comportamentos comedidos.

Iniciei fazendo a proposta da mímica às alunas. Elas acataram. Estudamos os preceitos do ilusionismo, as estratégias de construção do humor, assistimos a apresentações de Marcel Marceau, Charles Chaplin, Denise Stocklos e aprendemos com eles que essa arte pode ser uma forma privilegiada de pensar, expressar e questionar a contemporaneidade. Experimentamos diversos jogos dramáticos que propunham a expressão por meio de gestos corporais/faciais.

Nas atividades⁸⁹, havia sempre as alunas que prontamente se dispunham a participar, outras preferiam observar, mas, mesmo sem que eu as incite em

⁸⁹ As aulas de teatro acontecem às terças feiras à tarde. Temos 50 minutos reservados às mesmas e o espaço onde são realizadas fica distante da sala principal da UATI. Assim, descontado o tempo para chegar e deixar a sala, ficamos com 30 minutos de aula semanal – o que é bastante limitado, visto que o trabalho com teatro demandaria ao menos 40min. de aquecimento e preparo. Para amenizar tal restrição, aproveito o primeiro semestre para trabalhar com as alunas jogos teatrais e alguma técnica específica. Procuo selecionar atividades que contemplem projeção vocal, expressão corporal e improviso, porque entendo que necessitam ampliar suas possibilidades corporais e seu potencial criativo. Não sigo um autor em especial e a depender da demanda que elas me apresentam, seleciono os jogos dramáticos, seguindo as propostas de Augusto Boal, Ingrid Koudela, Eugênio Kusnet, Maria Novelly, Viola Spolin, entre outros. Por ter uma afinidade com o teatro essencial de Denise Stocklos, busco desenvolver com as alunas uma formação cujo foco seja o trabalho do ator – utilizando o máximo de teatralidade e o mínimo de recursos cênicos. Também gosto de sugerir atividades que as desloquem do óbvio, do realístico e as provoque a encontrar formas inusitadas de expressão. A intenção é que elas participem de todo o processo, desde a concepção do texto teatral até as soluções cênicas do mesmo, porque o que buscamos é um espaço

individual para entrarem no jogo, o próprio grupo o fazia com colocações do tipo – eu já fui, agora é sua vez... Quem não foi ainda? Então vai, rápido, já está acabando o tempo... E no final todas participavam.

Interessante que a maioria delas é bastante “palpiteira”, por mais que eu solicite que apenas observem e deixem os comentários para o final de cada pantomima, há algumas que não se contém e comentam a criação da outra do começo ao fim – o que você está fazendo? Não dá para entender nada... Levanta mais o braço, vira pra frente, faz diferente porque não está bom assim – são alguns dos muitos comentários recorrentes - e por aí vai.

Há negociação e embate o tempo todo – entre aquelas que querem dar juízo e aquelas que não o aceitam, aquelas que se lançam à atividade e aquelas que sentam e criticam, aquelas que aceitam a proposta da professora e aquelas que questionam e/ou fazem outras sugestões.

E entre uma “discussão” e outra, há evidência de deslocamentos. Foi o que aconteceu com a Antônia⁹⁰, comigo, com a Matilda e com todo grupo nesse processo.

Antônia retornara à UATI no início desse ano de 2017, já havia participado em tempos atrás, mas se afastou da universidade por um tempo. Eu já a conhecia da oficina de memória que ministrara na UNIMED em 2011. Lá, ela se mostrava alegre, participativa, bem-humorada. Diferente da Antônia que agora retornava – queixosa, melindrada, calada. Talvez o transcorrer do tempo – meu e dela – tenham nos revelado outros comportamentos, outras impressões, porque nos tornamos outras, mudamos o que éramos o que também mudou o como nos enxergamos. Talvez o que me saltasse aos olhos naquela época fosse ao encontro do que eu fora outrora e o que me salta hoje, é o que combina comigo agora. Cá estava eu (re)conhecendo Antônia – feliz (re)encontro.

Antônia participava apenas de minhas duas aulas na UATI – literatura e teatro - e chegava sempre junto a mim, já no final do lanche, porque queria evitar comentário maldoso do tipo: – Chega só pra comer! Assim ela me dizia brincalhona.

Tomávamos eu e ela aquele golinho rápido de café e já íamos para a sala. No teatro, Antônia demorou a aceitar os apelos das amigas para participar dos jogos

onde suas próprias questões possam ser artisticamente expressas. O segundo semestre letivo geralmente é voltado para os ensaios da apresentação de final de ano.

⁹⁰ Antônia: Significa “de valor inestimável”, que “não tem preço” – porque sua participação no grupo e na pesquisa foi deveras valiosa.

dramáticos. Justificava ela que preferia observar porque, apesar de não parecer, era muito tímida – e era mesmo.

Nas aulas, arriscava pantomimas acanhadas, sempre interrompidas por seus próprios risos e gracejos que compareciam para disfarçar o desconcerto. Enquanto as alunas se lançavam às atividades, ela sentava-se ao meu lado e tecia confidenciais comentários.

No decorrer do processo, pra lá do segundo semestre, enquanto me divertia com os improvisos jocosos que as aprendizes criavam, sugeri a elas a construção de uma apresentação cômica-circense no final do ano. Elas pareceram gostar da ideia e nosso processo seguiu, a partir daí, rumo à construção de esquetes que aliassem a mímica à palhaçaria.

Um dia, já no final da aula, enquanto conversávamos sobre as apresentações do ano anterior, Antônia, até então discreta no grupo, pediu licença a mim, antecipou desculpa às colegas e se colocou frente a elas para declarar, consternada, que não gostara nem um pouco do último espetáculo encenado pelas alunas da dança. Justificou que o mesmo havia subestimado as bailarinas expondo-as ao ridículo. Antônia se referia a um espetáculo em que as alunas dançaram “tarantela” sentadas em uma cadeira e acompanharam o ritmo da música com palmas. Antônia não participara desta apresentação. Fora a impressão que tivera como espectadora.

Instalou-se tremendo buchicho entre elas. Discordâncias, silêncios e concordâncias. Antônia havia inaugurado a possibilidade da crítica, da discórdia, tão abafadas por aquelas polidas senhoras e nunca presenciada por mim naquele lugar. Algumas defendiam a apresentação, com certa mágoa na fala, outras diziam – Sabe que você tem razão? Nunca havia pensado a respeito... Deixei que negociassem entre si.

Só intervi dizendo que era importante elas se colocarem, questionarem, dizerem o que desagradava, como fizera Antônia e que valia a pena elas considerarem a colocação da colega, pensarem a respeito. A aula terminou mais rápido do que devia aquele dia, pouco tempo restou para explorar a discórdia, fomos embora.

O que gostaria de chamar atenção em especial aqui é o desdobramento que o tal buchicho provocara nas alunas e que me veio em forma de recado da Matilda na semana seguinte. Antes, porém, ela me enviara a seguinte mensagem no e-mail

– *Se puder, chegue uns 15 minutos antes da aula na semana que vem, preciso conversar com você. Beijinhos, Matilda.*

6.3.2 O drama

Cheguei na hora solicitada e o que Matilda tinha para me falar durou dois minutos apenas - as alunas estão reclamando do número de palhaço, acho melhor você repensar isso.

Fiquei intrigada com a notícia, afinal, elas pareciam tão animadas com o processo. Sem entender direito, no anfiteatro de ensaio, antes de iniciar qualquer atividade, perguntei às alunas sobre o incômodo. Elas também se mostraram surpresas. Nenhuma fez menção de contrariedade - algumas se calaram, outras disseram que estavam gostando da ideia. Não obtive sucesso no inquérito, porém, a aula foi só bate papo aquele dia.

Achei importante reforçar o que já havia dito antes – que eu considerava a palhaçaria uma das artes mais difíceis de serem bem executadas, porque capturar o riso sincero do outro é tarefa que requer laborioso preparo. Achava que elas faziam isso bem, não porque eram vovozinhas engraçadinhas, mas porque tinham o humor apurado que merecia e carecia ser refinado.

Sempre digo a elas que nosso objetivo no teatro é desenvolver uma forma crítica e ao mesmo tempo estética de expressar ideias então, nossos palhaços não poderiam ser debochados, apelativos ou escrachados, mas de inteligência e humor requintados. Elas só ouviram, talvez eu tenha deixado pouco espaço para que se expressassem, falo demais às vezes. A aula acabou e fomos embora.

Naquele dia, eu não associara o evento da crítica do espetáculo de Antonia ao recado que a Matilda me passara, mas à noite, deitada na cama, ainda de olhos bem abertos, eu recompus os dois em uníssono. Ficava *claro*, no *escuro* do quarto, que o disparo da *oposição*, engatilhado por Antônia – acertara o nariz do palhaço em cheio.

E na madrugada de insônia, eu revi meus conceitos sobre o idoso e questionei meu olhar sobre as alunas – Estaria eu aproveitando da condição da velhice para causar riso no outro? Estaria a velhice pra mim associada a graça, diversão? Se fosse um grupo de adolescentes eu trabalharia com a mesma temática? Porque o idoso palhaço?

Pensei muito a respeito de minhas inquietações e decidi, pelo respeito que eu tenho tanto pelo palhaço como por elas, que valia a pena seguir, porém, com o esmero de não ridicularizar, não subestimar, tão pouco infantilizar.

O disparo de Antônia e o recado da Matilda – foram situações sociais dramáticas experimentadas por mim de forma peculiar - uma vivência - cuja unidade indivisível da situação social e de minha personalidade de um lado e da complexa relação entre meus diferentes processos psicológicos de outro, culminaram numa forma diferente de eu pensar e numa disposição para mudar.

Assumi postura mais enérgica nas aulas, restavam poucos dias até a data da apresentação e nosso tempo de aula é extremamente enxuto – 30 minutos por semana apenas (já descontado o tempo de ida e vinda).

Estabelecemos que seriam quatro números – 1) Corda Bamba⁹¹; 2) Boneco inflável⁹²; 3) Os três tenores⁹³; 4) As bailarinas⁹⁴.

Nosso objetivo era chamar atenção para a legitimidade de sentimentos humanos muitas vezes camuflados pelo absurdo e ridículo de certos comportamentos.

Os ensaios estavam frenéticos quando Antônia, de repente, desistiu de assumir o número que tanto ensaiara – Ela seria um dos tenores, mas me confessara que não estava se sentindo à vontade em realizar tal papel. Não insisti para que ficasse, porque compreendi naquele momento que a espontaneidade solicitada ao número fazia-se difícil para Antônia que parecia tão desconfortável quanto o personagem que ela representava.

Tentando realizar uma aproximação entre essa instabilidade vivenciada por Antônia e as “crises⁹⁵” referidas por Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) acreditamos que o desenvolvimento jamais interrompe sua obra criadora e os momentos de crise significam também momentos criativos, em que ocorrem

⁹¹ Esquete em que as equilibristas, enquanto se apresentam, isolam e fazem trapaças com uma das palhaças – a mais ingênua. Ao final, quando a personagem “injustiçada” percebe o complô contra ela, “dá o troco” de forma inusitada.

⁹² Esquete em que um apresentador tenta expor seus bonecos infláveis que vão murchando pelos buracos abertos. Durante todo o número o apresentador aflito vai tapando todos os orifícios corporais, inclusive o traseiro, o que culmina numa surpreendente explosão.

⁹³ Esquete de três cantores de ópera bem sisudos e formais que tentam driblar alguns imprevistos da apresentação, inclusive o quase desmaio de um deles ao cantar uma nota longa.

⁹⁴ Esquete que brinca com a necessidade do olhar do outro ao apresentar bailarinas que disputam os holofotes no palco.

⁹⁵ Referida pelo autor também como conflito cognitivo, incongruência, diferença – que pode ter uma dimensão afetiva positiva ou negativa, a depender da emoção que estabeleço com ela.

processos construtivos⁹⁶. A forma como o sujeito vivencia determinadas situações, depende do caráter afetivo/emocional que ele estabelece com tal situação. A desistência de Antônia podia significar prospecção futura (ou não). E acatamos seu desejo, eu e o grupo.

Vigotski (1935/2010) sugere que a forma como o sujeito vivencia as mais diversas situações, são determinadas por suas particularidades pessoais, de outro lado, são estas mesmas situações que constituem os sujeitos. Havia uma particularidade de Antônia que precisava ser respeitada, o que não significa que não estivesse ocorrendo mudança, pelo contrário, uma situação social dramática fora instaurada. Antônia experimentou algo difícil a ela, tentou e depois recuou, avançou e depois retrocedeu, não assumiu o papel naquele momento, mas havia o germe de mudança se movimentando, ainda que meio preso na estufa.

Quem a substituiu foi Rosária⁹⁷ – uma daquelas que desistira de frequentar as aulas no início e, ao final do processo, resolvera participar. Rosária havia voltado aos ensaios depois das férias do meio do ano. Foi a insistência das colegas, minhas indiretas e o comentários de corredor sobre o espetáculo que preparávamos, que, segundo Rosária, a animaram ao retorno.

Certamente há outras motivações profundas, que não conseguiríamos compreender (nem nós, nem Rosária). Também foram as colegas que escolheram Rosária para a substituição, porque ela aparentava seriedade e o número “brincava” justamente com a vontade de rir em momentos de formalidade. Rosária resistiu de início, mas depois cedeu à insistência das colegas. Ensaíamos os tenores com Rosária, deu muito certo. Seguimos... O tempo era escasso.

Na semana seguinte, faltando apenas duas semanas para a apresentação, Matilda resolveu assistir ao ensaio. Foi uma situação bem desgastante. Houve correções severas e destemperadas às alunas e a mim. Depois do tumulto instalado e das estudantes entorpecidas, ela se retirou e me esperou em sua sala para me dizer que estava preocupada com nossa apresentação e que algumas alunas haviam reclamado que na aula de teatro era só bate papo. Finalizou afirmando que no próximo ano essa disciplina seria “cortada” do programa.

⁹⁶ Sabemos que quando fez estas afirmações Vigotski referia-se a contexto e intento bem diversos do nosso, no entanto, acreditamos que tal proposição se aplica ao que queremos exprimir.

⁹⁷ Rosária: Nome de origem religiosa - bondosa, busca manter um clima de harmonia a seu redor – porque ela é frequentadora assídua da igreja, amiga de todos os padres e irmãs de sua cidade e porque se recusou a declamar o seguinte verso do poema “Enjoquinho” - filhos são o demo. Fez-me trocar por filhos são preocupação.

Saí demolida. Cortar as aulas de teatro? Havia tanta história acontecendo ali. Tanta transformação, tanto ganho, tantas possibilidades... Não podia acabar assim.

Como Vigotski (1935/2010) dizia – uma mesma situação do meio exerce influência diferenciada nos sujeitos. De fato, a vivência da Matilda com o processo teatral – talvez porque ela não estava implicada em todo o processo, ou pelo receio de que a apresentação desagradasse como no ano passado, mas também por diferentes personalidades, dentre tantas outras suposições - produziu sentidos bem diversos nela e em mim. Nossas vivências eram diferentes porque o tipo de influência que a mesma situação social produzira em nós fora distinta, porque utilizamos diferentes prismas de refração.

Em casa liguei para o João que me deu dois conselhos – conversa com as alunas e com a Matilda também, explicando as razões pelas quais você acredita que o teatro deve continuar.

Segui o primeiro conselho e deixei o segundo para depois. Iniciei já esclarecendo que teatro sem discussão não é teatro. Falei da postura das estudantes, das minhas intenções ali e do desejo de desenvolver bom trabalho.

Foi a primeira vez em que conversei bem brava com elas. Eu estava contrariada de verdade, elas ficaram estáticas me olhando, algumas acenando o “sim” com a cabeça, outras nem isso. Não as poupei, como talvez a inclinação de minha personalidade e daqueles meus “bons costumes” insiste em fazer - olhei abusada nos olhos de cada uma. Meu pragmatismo na explanação permitiu sobrar 20 minutos para ensaio – no qual elas se aplicaram como nunca haviam feito.

A vivência experienciada ali desconjuntou a todas nós - provocou a necessidade de sairmos do lugar, de nosso conforto. Elas, do comodismo e desmazelo perdoados pela idade e eu, do comodismo e conveniência perdoados pela figura da professora risonha e boazinha.

Fazendo o esforço de compreender tal episódio a partir da unidade de análise da consciência por nós proposta – a vivência; podemos pensar que o sistema dinâmico de interações e relações fez com que aquele encontro, aquela situação social, se constituísse enquanto uma situação social de desenvolvimento.

Dito de outra maneira, a situação dramática instaurada no grupo entrou em contato com a personalidade de cada uma de nós e contribuiu para que fossem estabelecidas formas diferentes de nos relacionarmos com a situação. Para cada uma, há um tipo de influência do meio, cada uma de nós refrata o drama à sua

maneira, sem perder de vista, é claro, que não é um movimento em torno do indivíduo e nem em função de indivíduos, mas do próprio grupo, sem o qual, os deslocamentos não seriam possíveis.

O fato é que ocorreu mudança em mim e nelas, porque compreendemos, tomamos consciência e nos relacionamos emocionalmente com aquela situação, justamente porque nos foi relevante e nos foi relevante por todas essas relações que já referimos.

Meu sentimento de contragosto eu consigo identificar, a emoção delas, menos, mas arrisco dizer que certo pasmo com minha exaltação, isso todas devem ter sentido.

Estava instituída nova forma de nos relacionarmos, novas possibilidades de sermos. Estávamos em devir, eu, elas e possivelmente Matilda, pois na semana seguinte, senti que alguém devia ter conversado com a coordenadora por mim, porque estava diferente.

As idosas que encontramos na UATI – Matilda e as demais estudantes – não estão estacionadas nem acomodadas. Não é qualidade de vida que buscam, nem resgate do que não realizaram no passado – ainda que nem elas saibam disso. O que mais importa a elas não é o resgate da autoestima, nem da cidadania, muito menos a reinserção social, porque não estão em desvantagem. Não estão desintegradas, nem desinseridas, não da vida.

Velhice bem-sucedida é conversa de propaganda comercial.

Necessidade de bem estar e saúde, não é prerrogativa do idoso, todos nós os buscamos e todos os serviços, independente da faixa etária a que se destinam, deveriam proporcionar isso. Realização pessoal todos queremos, não é preciso esperar os 60 anos. Não pode ser esse o objetivo maior do encontro dessas senhoras.

Há nelas vida inacabada e não recomeçada. Há continuidade e não manutenção; conquista no lugar de redenção. E foi quando eu deixei de significá-las como idosas que necessitavam de zelo, que elas se desenvolveram. Porque enquanto eu as poupava de contradições, elas se acomodavam em minha gargalhada gostosa. Foi preciso suspender o riso por um instante e olhar a elas enquanto pessoas que precisavam ser colocadas em contrassenso.

Estavam ali para aprender - queriam se deslocar, como todos queremos, e clamavam por provocações que as tornassem mais criativas, construtoras de formas outras de se posicionar no mundo – estavam em devir.

É claro que há limites institucionais para nossos movimentos e, dentro deles, ousamos secretas irreverências.

6.3.3 O devir

No dia da apresentação as estudantes brilharam – mostraram o quanto se esmeraram no figurino, na maquiagem, em cada detalhe pensado. Fizeram tudo muito bem feito e arrancaram risos sinceros e profundos da plateia.

Esbanjaram riqueza de imaginação o que vai ao encontro do que Vigotski (VIGOTSKI, 1930/2009) dizia sobre a arte dramática a qual encerra o ciclo da criatividade, porque parte da experiência para o pensamento, desse para experiência que agora transformada, retorna ao pensamento - possibilitando a formação de novas estruturas internas, justamente porque a criatividade localiza-se onde estoura a estrutura.

A experiência de vida das alunas foi matéria prima abundante para a construção do processo teatral no plano cognitivo, o qual, uma vez materializado, instituiu nova realidade a elas, permitindo uma experiência promotora de outras formas de pensar.

Tal experiência confirma a teoria de Vigotski (1931/1995c) a qual defende que o homem social, em seu processo de desenvolvimento histórico, modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento cultural evidenciando que não são as condições biológicas que ditam o desenvolvimento dos idosos, mas suas possibilidades de inscrição na cultura – o que desloca o olhar do natural para o vivido.

Não foram raros os comentários positivos após o espetáculo. Todos ficaram muito satisfeitos com o trabalho - as alunas, os familiares, os mantenedores da fundação e a coordenadora, a qual confessara ao microfone no final do evento que o teatro a tinha surpreendido – ficamos aliviadas, ela, eu e as alunas.

Poderia elencar aqui uma série de depoimentos das estudantes que nos renderiam inúmeras análises – quantidade que a nós representou qualidade de compreensão – só para citar alguns...

Teve a Constança que me dissera que ao subir no palco sentira-se em outra dimensão, como se a realidade ficasse suspensa por um instante e ela fosse transportada para outro mundo – a Constança falava de possibilidades, de imaginação criativa. Ao imaginar, ela pode fugir da realidade, criou outras possibilidades de viver a realidade, que a reposicionou, elevando-a. E ela realmente levitara naquele palco.

Houve a Quitéria⁹⁸ que começara as aulas muito acanhada e depressiva e no meio do processo se voluntariou a fazer o tenor mais exaltado – revelou-me ao final que se sentira importante, forte e barriguda como o Pavarotti – Era de devir que ela falava, de deslocamento, de possíveis projeções. A figura simbólica do Pavarotti, por ela representada no palco, possibilitou a vivência de outra Quitéria na vida – mais leve, lúdica e espontânea.

Aconteceu também com a Veneranda a qual comprou bigode postiço para ela e para as outras estudantes que representaram os tenores. Disse-me, ao final do processo, que nunca arriscara ser tão transgressora, ousada e irreverente e que agora não tinha mais jeito, ela ficaria “sem vergonha” pra sempre – Era da contravenção que ela fala, da quebra de estruturas, da contradição que desorganiza os elementos para depois formar novas sínteses - novas formas de agir e pensar.

Nas três ocorrera mudanças, consolidadas em outra forma de pensar e materializada em novos comportamentos – diferentes formas de significar o mundo que se manifestaram por meio da linguagem teatral.

Retomando as palavras de Veneranda - *agora não tem mais jeito* - o campo infinito de significados da linguagem criou um campo infinito de possibilidades. Como sugeria Featherstone (1995), em decorrência da dimensão simbólica do ser humano, há possibilidade de atribuímos significados diversos ao curso de vida - intermináveis.

Por conta do campo de significados da linguagem o sujeito pode transgredir a realidade tal qual se apresenta e experimentar o exercício da liberdade – liberdade

⁹⁸ Quitéria: Significa tranquila, bela. De olhos verdes e pele bem bronzada, Quitéria é mesmo uma mulher muito bonita. Solteira, nos poemas que compõe sempre pede um marido, um homem para amar – Eu aposto que Quitéria ainda casa.

criativa do homem que o faz sujeito de sua vida. As estudantes assim o fizeram e transgrediram também os sentidos depreciativos que lhes eram atribuídos - pelos outros e por elas mesmas.

Faltaria espaço e tempo para redigir tantos relatos, e-mails, mensagens de texto que nos ajudariam a compreender os resultados do processo. No entanto, nos interessa sobremaneira seus movimentos constituintes, as forças que geraram mudanças, que promoveram avanços e retrocessos, pois como aponta Vigotski (1991) - na pesquisa, devemos apreender a situação no seu acontecer e a preocupação do pesquisador deve ser mais com o processo a ser estudado e não com seu produto, para tanto, deve-se ir à gênese da questão, procurando reconstruir a história de sua origem e desenvolvimento.

Porque seria inviável falar de cada aluna em separado e porque iniciamos falando dela, faremos a reconstrução da história de Antônia em nosso processo teatral a fim de singularizar um pouco mais nossa compreensão.

6.3.4 A vivência de Antônia

Antônia acabou não participando da apresentação do teatro, mas fez revelação crucial ao final da mesma – dissera-me que no palco do circo ela não enxergara as idosas, nem as velhinhas, tampouco as vovozinhas, mas palhaças – e era isso mesmo que elas faziam ali.

Deixaram de ser referidas ou reconhecidas por sua condição de idosas e passaram a serem significadas como atrizes, palhaças, cantoras, bailarinas, contrariando a lógica de significação da velhice criticada por Motta (2002) e tantos outros. Apagara-se a idade, não se exaltaram as rugas, nem os movimentos limitados, muito menos a desvantagem – houve um reposicionamento das idosas enquanto aprendizes – que passaram a serem sujeitos do processo de aprendizagem.

Desta forma, a hipótese de que a experiência vivenciada no grupo poderia constituir-se em potencialidade para seu desenvolvimento, sinalizando a elas um devir e, por isso mesmo, possibilitando a emergência de novos significados e a criação de novas formas de ser e agir no mundo se confirmara.

Antônia também comentou que riu tanto do espetáculo que sentira dor no estômago – não riu das colegas, riu dela mesma - das limitações inerentes a todos

nós que insistimos em disfarçar nossos sentimentos atrás de comportamentos bizarros. O palhaço escancara o ridículo inerente ao humano – e achamos graça disso porque nos identificamos e nos sentimos bem caçoando de nós mesmos. As aprendizes representaram seres humanos e não a velhice.

Sobre Antônia em especial... Duas semanas após o término das aulas ela me levou um vaso de orquídea em casa, junto com um cartão que, dentre gratas demonstrações de afeto, registrava, no rodapé do papel, a seguinte confissão:

“Ano que vem eu tô no palco... Me aguarde!”

Promessa de mudança de perspectiva, é assim que compreendemos o rodapé de Antônia. No entanto, tal mudança não acontecera somente de forma evolutiva, progressiva, sucessiva e nem linear, justamente porque ocorreram dialeticamente, na complexidade das contradições, das idas e vindas próprias do desenvolvimento e da vida. Como a teoria já nos antecipava, ao se deslocar, o sujeito não necessariamente vai para frente - o desenvolvimento não é sempre positivo.

Evidenciou-se nesse processo o exercício da lei da dialética, que não é somente contradição, mas também acumulação sucessiva que culmina em um salto qualitativo – ou não. Aguardemos Antônia no próximo ano!

Antônia resistiu de início a participar das aulas, depois resolveu assumir o papel de um tenor, mas no meio do caminho, recuou, desistiu. O que não significa que regrediu, mas que estava reorganizando suas estruturas internas, formando novas sínteses, ainda que provisórias, porque o desenvolvimento do ser humano, de acordo com a abordagem histórico cultural, não cessa.

No final do processo ela reviu conceitos e comportamentos e lançou-se a nova projeção – me aguarde! Colocou-se em prospecção, criou uma zona de desenvolvimento proximal e anunciou mudança iminente.

No entendimento de Zuben (2003) para quem o fim das certezas e a irrupção das incertezas recupera a ideia do inacabado – Antônia é incompleta – está em devir.

Importante salientar também que tal deslocamento se fez possível porque Antônia tomou consciência dessas mudanças e, de acordo com Vigotski (1932-1934/1996b)⁹⁹, é a consciência da nova estrutura que permite ao sujeito o

⁹⁹ Novamente vale ressaltar que o autor referia-se ao desenvolvimento infantil, mas acreditamos que tal ideia aplica-se ao idoso.

desenvolvimento – consciência essa que nasce da tensão entre o que Antônia vivenciava de um lado e o que simbolizava de outro lado – foi a relação que trouxera a consciência do em si e para o outro. Uma espécie de catarse circunscrita na situação social de desenvolvimento.

Se a consciência da situação é diferente, então, o sentido atribuído à situação será também diferente, mas não é somente o sujeito que muda, a atitude do meio para com ele também se altera – não raro as colegas de Antônia insistiram para que ela continuasse no papel de Tenor, porque estava agradando, porque representava muito bem.

Tais atitudes do grupo não foram suficientes para Antônia de fato participar, não houve uma mudança de comportamento visível, mas o cartão de natal de Antônia no final do ano mostrara que este movimento associado a tantos outros que não conseguimos apreender na totalidade, criaram zonas potenciais de desenvolvimento, germes de transformação que anunciam mudança de ação para 2018 – ano que vem eu tô no palco! E se sujeito e meio são diferentes, então a relação se modifica.

A partir do conceito de zona de desenvolvimento potencial de Vigotski (1932-1934/1996a) compreendemos que não é necessariamente o escopo de tarefas que o sujeito realiza, com ou sem a mediação do outro, que sinaliza as mudanças, mas a existência de funções psicológicas em maturação. Assim, acreditamos que Antônia está em potencial transformação, que não necessariamente representa maturação, porque idosa, mas movimento, resgate e rearranjo – os quais criam zonas potenciais de desenvolvimento, reformulam o pensamento e alteram o comportamento – apesar (e independente) da idade.

Há um germe de algo novo que não existia em momento anterior, uma nova constituição interna organizada na situação social de desenvolvimento por uma contradição básica entre as inclinações de Antônia – suas necessidades e desejos - e as demandas e possibilidades do grupo. Tal afirmação acorda com as ideias de Vigotski (VYGOTSKI 1932-1934/1996a) e Chaiklin (2011) quando discorrem sobre a formação central característica dos sujeitos. Assim, podemos pensar que a partir das possibilidades que o grupo apresenta a Antônia uma nova forma de agir e pensar se constitui o que reposiciona o grupo a ela – criando uma nova situação social de desenvolvimento.

Vale salientar que durante um tempo Antônia resistiu às mudanças, numa tentativa de manter hábitos permanentes que se repetiam a cada aula. Sentava-se sempre na mesma cadeira, observava e tecia alguns comentários – ao que Vigotski (1930/2009) chama de movimento de conservação, em que nada se cria de novo. Devagar porém, quando Antônia aceita entrar nos jogos dramáticos e cria improvisos inusitados e divertidos, dá indícios de novos pensamentos e ações e não mais a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência – o que para Vygotski (1930/2009) caracteriza-se como o segundo tipo de movimento do ser humano – o movimento criativo, que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando-o. Para o autor, na vida cotidiana, a criação é condição necessária para sua existência – porque possibilita o vir a ser. Antônia está sendo, experimentando o vivido.

Como sabemos a ideia do vir a ser, neste caso, não aconteceria da mesma maneira não fosse a imersão de Antônia no grupo. Como sugere Veresov (2017), acreditamos que os eventos dramáticos refratados pelas vivências desse grupo produziram mudanças qualitativas na trajetória de vida das idosas de nossa pesquisa e de nós mesmos enquanto pesquisadores.

Desta maneira, nossa observação não poderia prescindir de uma compreensão dos movimentos do grupo, uma vez que as vivências se dão nas relações e é no contexto histórico, social e cultural que as experiências ganharam sentido.

O próprio movimento interno do grupo já é digno de conflito, conforme relatamos, os palpites e direcionamentos que uma infere a outra, acabaram por gerar uma zona de desenvolvimento proximal, onde as alunas se viram frente a desafios criados pelas colegas e dentro dos quais precisaram superar crenças e comportamentos. Foi o que aconteceu à Antônia que só entrou no jogo dramático por conta da insistência das colegas.

Como aponta Vigotski (1935/2010) – o meio desempenhou uma fonte de desenvolvimento nas características de personalidade do sujeito. As palavras de Veneranda, por exemplo, que se diz “sem vergonha” para sempre, revelam que as experiências vividas no grupo, foram molas propulsoras de um deslocamento que ela estende às colegas, porque compra bigode postiço para todas elas. Acreditamos que enquanto houver interação entre os sujeitos, inevitavelmente diferentes entre si, haverá possibilidade de mudança – de um jorrar incessante de água que advém do

repertório cultural construído pelo outro, de forma mais específica, e de toda humanidade, de maneira mais abrangente.

No entanto, como o mesmo autor refere, é importante lembrar que as experiências que promovem desenvolvimento são apenas aquelas que produzem tensão e criam no sujeito a necessidade dele reorganizar suas ações e pensamentos.

Compreendemos que Antônia se desenvolveu, porque, considerando nossa unidade de análise – ela experimentou de maneira singular um evento dramático. E a forma com a qual refratou essa situação social, provocou mudanças internas que devagar vêm se materializando, criando para ela, para mim e para o grupo, novas situações sociais de desenvolvimento.

Como o texto de Veresov (2017) sugere, o desenvolvimento singular de Antônia resultou das colisões dramáticas únicas que aconteceram em sua participação no grupo da UATI e, ao superar essas colisões, Antônia cria nova arquitetura de personalidade, ao que ele conclui que “não há desenvolvimento sem drama nem drama sem vivência” (p. 67).

Ou seja, o grupo constitui-se lugar privilegiado de desenvolvimento para Antônia, para o idoso, para qualquer sujeito, porque as interações sociais são a fonte única e primordial de situações sociais dramáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pontilhado inicial de nosso caminho, creio que o encontro com as estudantes da UATI foi crucial para se estabelecer a grande vivência em que se constituiu essa pesquisa. Foi o conhecimento empírico que depreendemos da interação com elas que nos levaram a questionar a ideia de estagnação, manutenção e ou resgate do idoso.

Desde o princípio, a relação foi quem determinou como faríamos/fizemos a pesquisa, nossos caminhos metodológicos, nossa experiência vivida. E, se como sugere Silva e Silva (1986) - a prática tem primazia sobre a teoria, deixamo-nos levar pelas múltiplas afinidades que foram se estabelecendo nos espaços sociais em que pesquisador e pesquisado estavam inseridos porque compreendíamos que era necessário viver as relações para delas saber algo. E porque estávamos totalmente implicados nelas, nos sentimos o tempo todo em processo de aprendizagem, de transformações.

Procuramos analisar também nossas orientações teóricas, nossas histórias, nossas motivações e pretensões, porque fizemos parte da pesquisa e nossas ações foram produzindo efeitos que precisavam ser analisados. Compreendemos que houve, durante a pesquisa, desenvolvimento da pesquisadora, do orientador e das pesquisadas.

Não poderíamos perder de vista também que as emoções (moldadas por nossa experiência de vida) orientaram nossas interpretações sobre o que experimentamos – o que se aplica a nós e às estudantes. Assim, para evitarmos a camuflagem sobre os fenômenos interpretados, precisávamos ser honestos a respeito da natureza pessoal e emocional envolvidas e torná-las conhecidas em nosso relato.

Tentamos fazer o uso consciente das mesmas em prol de nosso processo de pesquisa – buscando descrever e interpretar os significados afetivos dos quais tínhamos conhecimento e que estavam impregnados em nossa vivência. Com certa cautela, fomos transformando o trabalho em uma festa do saber, porque adornada pela linguagem de nossos desejos. Foi assim que João me orientara.

Lembro-me do caderno brochura de capa dura azul que ele entregara a mim e as outras duas orientandas logo no início da pesquisa. Está aqui do meu lado agora – inteiro rabiscado. Dissera-nos na época que era para fazermos as anotações –

quanto cuidado! Era nosso primeiro encontro de orientação. Enquanto, da mesa da copa, eu observava seu gato que passeava livre sobre o fogão da cozinha, João desenhava os gestos e as palavras que nos acompanhariam por estes já quase quatro anos.

Ele compareceu o tempo todo à pesquisa, especialmente ao texto, porque a verdade é que escrevemos a nós e ao orientador. Foi ele o interlocutor de minha consciência; os outros - desconhecia.

Talvez o João não se lembre, mas certa vez, na escada da UNESP de Assis, enquanto conversávamos, nós, mais o pessoal do grupo de pesquisa, ele perguntou de meus escritos – respondi que estava lendo, ensaiando alguns parágrafos teóricos, mas que me angustiava ter que esperar até as análises para escrever aquilo que eu mais queria expressar – os movimentos das estudantes que vinham me afetando. E ele, talvez até meio displicente dissera – Escreva já. Seja feliz! Quanto conforto!

E assim fui fazendo, assim fizemos nosso trabalho - permeado por nossos afetos. Durante a súplica da escrita, nos esforçamos em considerar, explicitar, interpretar e compreender - ainda que não pretensamente o suficiente - o movimento não somente das estudantes, mas nosso próprio movimento, uma vez que nos sabíamos implicados e, por isso mesmo, transformados pelas relações.

O que se apresentou aqui foi resultado de nossa inserção na situação social pesquisada, não algo independente disso. Como sugere Lourau (1993), o vivido não foi um mundo à parte, mas a trama de todo percurso.

Certamente incorremos em descuidos e deslizos, porque sabemos que alguns ângulos de observação podem ter sido incompletos, parciais ou inadequados – miopias pessoais inevitáveis, que tendem a turvar a essência do fenômeno. Há aspectos esquecidos, ou não descobertos e reconhecemos que jamais daríamos conta de compreender toda a realidade. É possível que em determinados momentos tenhamos nos perdido na conceituação do idoso, porque por mais que tentemos procurar um sentido menos preconceituoso, somos parte dos discursos ecoados.

O importante é que fomos ressignificando o campo de pesquisa e nos refazendo ao mesmo tempo em que as estudantes foram igualmente se retocando e recompondo a própria pesquisa – porque não eram meros objetos, mas sujeitos de todo o processo – que não cessa com o fim desta tese. E acreditamos que deveria

ser assim mesmo, porque pensávamos a pesquisa como uma unidade do vivido, tanto para pesquisador como para pesquisado.

Da imersão buscamos leituras que clareassem o que estava sendo construído e nos deparamos com um confronto que nos representava um passo importante em nosso trabalho – porque, se por um lado os textos lidos apontavam para uma visão retrospectiva e nostálgica do idoso, de outro, as estudantes nos sinalizavam a possibilidade do devir, do futuro – o que nos sugeria uma contradição oportuna ao seguimento de nossa pesquisa.

As perspectivas dos trabalhos consultados atrelavam o idoso à falta, ao declínio, ao resgate do que foi e nossa prática sugeria outros pressupostos - do reinventar, do transformar, da (re)criação de si e do mundo – enquanto potencialidades de todo curso da existência.

Para embasar esses pressupostos e caminhar em solo mais firme, adotamos como referencial teórico a abordagem histórico cultural de Vigotski a qual nos permite pensar o envelhecimento no curso ininterrupto de desenvolvimento humano e nos aponta possibilidades para compreender os grupos de idosos (os) como espaço privilegiado de transformação interna - não pela perspectiva de lazer, colaboração ou ocupação do tempo; mas enquanto contexto de conflito e disputa com o outro e consigo mesmo – estes sim, propulsores de deslocamentos.

Acompanhamos as estudantes durante dois anos e, ao longo desse período, pudemos fazer e desfazer suposições, até porque, a complexidade da realidade foi nos mostrando que o desenvolvimento das aprendizes nem sempre era linear, havia avanço, mas também retrocesso; ganho, mas também resistência, transformação ao lado de estagnação. A abordagem teórica algumas vezes não respondia a nossas inquietações, outras, nos dava amparo necessário para reformular certas suposições.

A grande contribuição da teoria foi o conceito/fenômeno de perezhivanie o qual demorei a compreender (talvez ainda esteja em processo de compreensão). O orientador já havia me apresentado a ela, fiz leituras a respeito, mas foi a relação com as estudantes, mais precisamente, as crises que se instauraram nas situações sociais dramáticas da pesquisa, em que eu também estava implicada, que devagar me clarearam o entendimento.

Segundo tal conceito, nem toda experiência gera desenvolvimento e tampouco qualquer encontro com o outro promove mudança - é necessário que haja

a colisão, a contradição entre duas pessoas, um evento dramático. O que Veresov teorizava e João me explicava – era que somente quando uma situação social é circunscrita também pela emoção e experimentada como drama social é que ela passa a ser representada como uma situação que pode promover o desenvolvimento. Se eu quisesse compreender o desenvolvimento dos idosos, e eu queria, era o drama que eu deveria privilegiar nas relações e nas análises.

Compreendi que era no conflito, na contradição, no embate, que as estudantes reorganizariam suas estruturas internas, deslocariam de uma condição psicológica a outra, modificariam suas ações sobre o mundo.

Fomos propondo atividades e ao mesmo tempo buscando observar o movimento do grupo. Trouxemos para esse diálogo as situações que nos cativaram e não sabemos ao certo se houve grandes reviravoltas na personalidade das idosas, o que notamos foram amenas idas e vindas, sutis movimentações que não entendemos como evolução ou avanço, mas deslocamentos, rearranjos - desenvolvimento. Isso porque, discretamente, e, em certos momentos, as estudantes se reposicionaram, refletiram, questionaram e vislumbraram novas formas de existir – ainda que no plano imaginário e/ou prospectivo. Em outros, no entanto, resistiram, recuaram, negaram.

Nossa preocupação não era entender apenas como o meio, enquanto entidade absoluta exercia influência na nova forma do sujeito se relacionar consigo e com o mundo, mas especialmente, como essa mudança do sujeito interferia na reestruturação de suas relações com o mundo e na forma como esse sujeito percebia sua vida interior. Sabemos que houve limites para tais reorganizações, afinal, nenhuma estrutura pareceu radicalmente rompida. Na instituição da UATI ainda há mais regras seguidas do que questionadas, maior submissão do que transgressão, obrigação no lugar de deleite.

No entanto, por meio das atividades criativas, como o teatro, por exemplo, pequenas dissoluções e reestruturações nas relações que as aprendizes estabeleciam com o contexto à sua volta e com sua vida interior, foi nos sendo revelada.

Certamente minhas amarras pessoais contribuíram para os limites com os quais nos deparamos. Afinal, estou eu também aprisionada nas relações de poder instituídas e quebrar estruturas pode ser mais assustador a mim do que a elas.

Desta forma, a pesquisa constituiu-se vivência transformadora a mim também, porque fui tomando consciência, fazendo interpretações e atribuindo relevância a minha própria relação com todo o processo. Trabalhar com idosas trouxe-me a consciência e a possibilidade de pensar em rupturas radicais. Um dia, talvez.

O mesmo foi acontecendo com as aprendizes, conforme interagiam no grupo, refratavam a realidade vivida e atribuíam novos significados ao curso de suas vidas. Do que depreendemos que o idoso tem futuro, porque tem movimento, mas não só isso, ele e nós nos transformamos à medida que tomamos consciência de nosso movimento, sendo que este não se revela apenas no conteúdo das experiências em si, mas na forma como nós, os envolvidos na pesquisa, por meio do conteúdo, abordamos a realidade.

Importante foi reafirmar que o idoso nunca deixa de se reinventar, de construir modos de pensar e de se comportar a partir de suas potencialidades de criação. Se na idade avançada há situações que dizem de um certo impedimento, ainda assim, é possível se projetar. Não importa se o projeto é para 30 ou 10 anos, é projeto, porque estamos dizendo de potência, de futuro!

E essa potência estende-se e intensifica-se nas situações de sofrimento – o que refuta a ladainha de envelhecimento ativo, bem-sucedido, entre tantas outras ditaduras que se impõem aos longevos da atualidade. A essa preleção tecemos uma série de reflexões com o intuito de defender que a velhice, ao invés de ameaça ou privação, pode ser tendência e ganância de vida, porque submetida, como em qualquer outra fase da vida, a desventuras em drible – abertura a novos afetos.

Os limites físicos do corpo dos idosos estudados, por vezes, possibilitaram que eles deslizassem sobre suas dores e inventassem estratégias fora de qualquer concepção preexistente - saídas curiosas que constituíram o inusitado, o artístico, a beleza fora de amostra.

É o que Tótora (2015) incentiva – um esgotar da vida em todas as suas dimensões – o que requer invenção e resistência; um constante renovar-se. E as estudantes mostraram que revestidas das especificidades do corpo envelhecido, há a possibilidade de rompimento com o seguro, com o definido – a oportunidade de arriscar-se a novos possíveis. Porque assim a vida pede e deseja.

No lugar da proibição ou estancamento do envelhecer, sugerimos a liberação da velhice para a vontade do existir, uma vivência destemida, que enfrente a dor, as

adversidades e os infortúnios como substrato de plena vida – com o estilo e a graça próprios de quem não precisa mais se aprisionar a modelos e códigos fixados.

Diferente da receita pronta que prescreve atividade, ingerimos a poção de Correa (2009) a qual ministra a aceitação do ritmo próprio da velhice - tempo em que o sujeito pode ser senhor de sua própria velocidade – e em seu aparente descompasso, cria táticas de enfrentamento à celeridade contemporânea – concebe batuques impensáveis... E porque não realizáveis?

Ao propormos que as universidades abertas da terceira deixem de tutelar o idoso e resistam ao ideário que teima em salvá-lo da velhice, acreditamos na potencialidade deste espaço enquanto força motriz para a liberação de impulsos e afetos do/no envelhecer. Foi o que demonstraram alguns idosos de nosso estudo que, ao “brincarem” de certos personagens nas atividades de dança e teatro da UATI, experimentaram a satisfação impulsiva de suas necessidades afetivas. O irrealizável no cotidiano (ou na consciência idosa) tornou-se possível por meio da ação simbólica.

Se como sugere Vigotski (2008), a afetividade é condição prévia para a imaginação e esta, por sua vez, permite libertar o sujeito de suas amarras situacionais, compreendemos que, ao liberar os idosos das mesmices e opressões próprias de nosso tempo, a UATI, diferente de uma lógica de ensino hierárquica que prescreve modos de pensar e se comportar, pode se constituir enquanto contexto privilegiado para a construção e vivência de novos/outros possíveis – contribuindo para que os idosos descubram a si mesmos, seus impulsos e motivos mais singulares e não aqueles ditados por sua generalizada condição de idosos.

A teoria de Vigotski também nos ajudou a pensar que quanto mais rica a experiência, mais rica deve ser também a imaginação, as possibilidades de criação – o estouro das estruturas. Por este motivo, acreditamos que a pessoa idosa, com seu amplo repertório de vivências, quando inserida em um grupo, onde são estabelecidas as situações sociais de desenvolvimento – apresenta privilegiado potencial para (re)combinar o vivido, constituindo novas realidades e se constituindo em um devir constante – foi o que o grupo das aprendizes da UATI nos comprovaram.

Vale dizer ainda que esse trabalho nos indica uma perspectiva sobre um refinamento e um aperfeiçoamento profissional docente junto aos idosos, a partir da abordagem teórica de Vigotski, o que seria um desdobramento de nossos estudos.

Em algumas reflexões sobre minha atividade docente percebi o quanto eu estava impregnada de pré-conceitos sobre as necessidades de mulheres idosas - apesar de toda ponderação teórica realizada, minha postura vez ou outra ainda tendeu à salvação.

Também encontrei limites para a expansão de questionamentos sobre as experiências de opressão vivenciadas pelas estudantes (passadas e atuais) as quais poderiam fomentar maior liberdade às próximas gerações. Apesar de alguns intentos e provocações, não percebi importantes transformações no sentido de uma reorganização política que apontasse para um reposicionamento delas na UATI, no mundo. Elas resistiram e eu, algumas vezes, cedi – o que aponta balizas de minha ação ao lado da necessidade de reflexão. Apesar dos entraves a novas práticas sociais, as estudantes mostraram-se em processos de elaboração – alguns visíveis, outros não. Continuo insistindo, porque entendo ser importante e porque percebo que, “à moda antiga”, as idosas moderadamente constituem distintas formas de elaborar a realidade. Há barreiras institucionais para esse trabalho além de bordas emocionais (delas e minhas) que prefiro acatar.

É de se notar que os conflitos que narrei com maior aprofundamento foram aqueles em que a minha própria subjetividade estava em realce. Relendo o trabalho na íntegra, percebo que há ainda muito a se refinar em minha ação pedagógica e em minhas observações. Talvez o vício do apaziguamento e da cooperação, especialmente quando se lida com idosos, faça com que as situações dramáticas, aquelas que eu tanto enalteci ao longo do texto, sejam por mim abafadas na prática ou simplesmente passem despercebidas.

Diferente de um adulto ou criança mais velha, sou uma mediadora (professora) mais nova que todas as estudantes da UATI - muitas delas inclusive professoras de português aposentadas – disciplina que ministro a elas. Tal relação problematiza a estrutura usual de ensino e aprendizagem e certamente contribui para uma reflexão sobre a possibilidade da UATI se constituir em espaço de reflexão sobre a perspectiva de aprendizagem tradicional - no sentido de contrapor a ideia vertical de transmissão de conhecimento à ideia horizontal de expansão da vida.

No momento, não tenho consciência e muito menos o controle dos disparos que as atividades podem ter promovido nas estudantes e que poderão despontar em tempo futuro, inesperado. Talvez os desdobramentos de nossas vivências não correspondam a nossas expectativas e nos revelem cada vez mais que lecionar para

as idosas (os) pode ser um desmonte do paradigma ensino/aprendizagem – outro desdobramento desta pesquisa.

O importante é que nosso trabalho permitiu observar que as estudantes querem aprender, cobiçam saber mais, desejam superar medos, transpor barreiras. Experimentam atividades nunca antes vivenciadas, ousam e seguem transformando aos outros e a si mesmas - mostram que estão afoitas à livre invenção de si mesmas – à “atividade”!

Sabemos que nossas considerações são apenas uma possibilidade de análise, porque envolve subjetividade e porque o tempo muda tudo de lugar – o que no caso de nosso estudo, o qual privilegia e exalta as mudanças, seria magnífico de saber. Se tomarmos conhecimento, amanhã talvez, de que as estudantes e a UATI não são mais as mesmas, a ponto de tudo o que se pensara ou falara sobre elas já não lhes serve mais. Isso só maravilhariá nossa compreensão.

Como nos lembra Featherstone (1998), não temos a pretensão de generalizar nem universalizar a afirmações e os pressupostos que defendemos aqui, porque trata-se de nossa própria experiência e o autor nos pede cuidado quando relacionamos nossa experiência pessoal com o da humanidade.

Compreendemos que não é o resultado da pesquisa o que importa, nem as nossas afirmações categóricas, que, por vezes, podem ter escorregado em nosso texto. Interessa-nos mais o processo, a prospecção de futuro que elas sinalizam, porque tal movimento legitima o devir ao invés da estação final. Se a pesquisa serviu para transformar nossas afirmações, então, está cumprida sua tarefa.

Vigotski (VYGOTSKI, 1932-1934/1996a) sugere que o nascimento do novo acarreta a transformação do sujeito e nós depreendemos de suas palavras entrelaçadas à nossa pesquisa que, com o aparecimento da aprendiz, da atriz, da escritora – houve um deslocamento das estudantes com relação à vida, posição essa que as potencializou e as colocaram em devir, ainda que timidamente - marcas do vivido que formam e (re)formam.

Nossa proposta até aqui foi a de que o vivido na velhice não seja aquele esvaído na poeira das representações, o que tornaria o envelhecer uma existência desligada dos aspectos reais da vida cotidiana. Ao invés de uma velhice que

aparente grandiosa aos olhos do espetáculo e que agrada à lógica de consumo, sugerimos figurinos “contraprodutivos¹⁰⁰”, incomuns, inusitados, ousados - livres.

Termino esse momento de pesquisa abrindo a porta para a velhice, aquela que batera à porta no início do texto. Hoje, já com 45 anos e os cabelos brancos que não mais descolori, não temo as rugas, porque sei que elas não são freios para o bem viver. Também tenho menos medo da morte, porque entendi que se faço planos é porque tenho consciência da finitude.

E como parágrafo final, empresto a reflexão de Featherstone (1995) - “para certas pessoas o curso de vida é parte de um processo maior” (p. 7). Assim foi essa pesquisa – parte de um processo maior – o curso de minha vida até aqui. Que não cessa - nem a vida e nem minha vivência na UATI, porque há algo muito importante que eu quase me esqueço de noticiar...

Matilda já me avisara por e-mail que não vai mais cortar as aulas de teatro. Ano que vem¹⁰¹ “tô” no palco também. Elas - Antônia, Matilda e todas as que compareceram nesse trabalho - que me aguardem!

Qualquer coisa, digo que foi tudo culpa do João. E acho que foi mesmo!

¹⁰⁰ No sentido da contramão aos mecanismos de produção capitalista.

¹⁰¹ Refiro-me ao ano de 2018

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M.G.G. et al. A experiência do núcleo de bairro do programa universidade aberta à terceira idade da universidade estadual de Feira de Santana – BA: um exercício de cidadania e solidariedade, *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 9, p. 117-129, 2006.
- ALMEIDA, A.V. et al. A feminização da velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, jan./jun., p. 115-131, 2015. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/19830>>. Acesso em 27 fev. 2018.
- ALMEIDA, S.A.P.; OLIVEIRA, R.C.S. Envelhecimento digno: inserção da mulher na universidade aberta para terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.16, n. 5, set., p. 309-323, 2013.
- ALMEIDA, V. L. V. Velhice e projeto de vida: possibilidades e desafios. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.F.; ARCURI, I.G. (orgs.). *Velhice, envelhecimento e complexidade*. São Paulo: Vetor, 2005, p. 93-110.
- ALVES, G.G.M. *Universidade da Terceira Idade como alternativa de resgate da cidadania idosa: análise do caso da UNIMEP*. 1997. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1997.
- ANDREWS, M. The seductiveness of agelessness. *Ageing and Society*, v. 19, n. 3, p. 301-318, 1999. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/the-seductiveness-of-agelessness/06E47CD7FD416F313A9BF588A7957285>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- ÂNGULO, M.S. Aspectos fisiológicos do envelhecimento. *Cadernos da terceira idade*. São Paulo, SESC, v. 4, p. 7-13, agosto de 1979.
- ANNES, L.M.B. et al. Perfil sociodemográfico e de saúde de idosos que participam de grupos de terceira idade em Recife. *Revista Cuidarte*, Bucaramanga: Colombia, v. 8, n. 1, p.1499-1508, 2017.
- ANTUNES, M. A. M. Materialismo histórico-dialético: fundamentos para a pesquisa em história da Psicologia. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. *Método histórico-social na Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 105-117.
- ARAÚJO, L.F.S. et al. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, Vitória, Espírito Santo, v. 15, n. 3, p. 53-61, jul./set., 2013.
- ARBER, S.; GINN, J. *Relación entre género y envejecimiento: enfoque sociológico*. Madrid: Narcea, 1996.

ARDOINO, J.; BARBIER, R.; JUST-DESPRAIRIES, F. Entrevista com Cornelius Castoriadis. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 50-72.

ARDOINO, J. Multiréférentielle (analyse). In: _____. *Le directeur et l'intelligence de l'organization*: Repères et notes de lectura, 1995, p. 7-9.

ARGIMON, I.L. et al. O impacto de atividades de lazer no desenvolvimento cognitivo de idosos. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 1, n. 1, jan./jun, 2004, p. 38-47. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/43>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARRUDA, I.E.A. Universidade da Terceira Idade: análise de um programa pioneiro. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 7, n. 1, jan./abr., 2010, p. 84-96. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/420>>. Acesso em 27 fev. 2017.

BARRETO, M.L. *Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BARROS, R. D. B.; CASTRO, A M. Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do novo velho, *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*. Porto Alegre, v. 4, p.113-124, 2002.

BARTHES, R. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 1978.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELL, J. Serch of a Discourse on Aging: The Elderly on Television. *The Gerontologist*, v. 32, n. 3, jun., p. 305-311, 1992. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/geront/32.3.305>> Acesso em: 19 mai. 2018.

BELO, I. Velhice e mulher: vulnerabilidades e conquistas. *Revista feminismos*, v.1, n. 3, set./dez., p. 1-20, 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/84/82>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

BENJAMIM, W. O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BERLINCK, M.T. A envelhescência. In: _____. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 193-198.

BEZERRA, A.F.B.; SANTO, A.C.G.E.; BATISTA, F.M. Concepções e práticas do agente comunitário na atenção à saúde do idoso, *Revista de Saúde Pública*, v. 39, n. 5, São Paulo, out., 2005, p. 809-815. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000500017>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

- BEZERRA, P. V.; BALDIN, T.; JUSTO, J. S. Oficinas de Psicologia com idosos e as possibilidades de ressignificações do presente e futuro, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 3, p. 433-455, 2015.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das letras, 1994.
- BRANDÃO, C. R.; CAMPOS, M. M.; DEMO, P. Quais as questões básicas hoje para uma pesquisa participante? *Em aberto*. Brasília, v. 3, n. 20, abr., 1984, p.13-23. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1496/1471>>. Acesso em: 19 mai. 2005.
- BRANDÃO, V.M.T. *Longevidade e espiritualidade – narrativas autobiográficas*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- BRANDÃO, V.M.T. et al. Gerontologia: estado da arte, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 12, 2009, p. 100-126.
- BRANDÃO, V.M.T. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.
- BRASIL, Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, que cria o *Estatuto do Idoso* e dá outras providências.
- BRASIL, Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a *Política Nacional do Idoso*.
- BISSOLI, M.F. Educação e desenvolvimento da personalidade da criança: contribuições da teoria histórico-cultural. 2005. 281 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2005.
- BÚFALLO, K.S. Aprender na terceira idade: educação permanente e velhice bem-sucedida como promoção da saúde mental do idoso, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 16, n. 3, jun., p. 195-212, 2013.
- BULSING, F. L. et al. A influência dos grupos de convivência sobre a autoestima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul – RS, *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 1, jan./jun., p. 11-17, 2007. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/112>>. Acesso em 08 fev. 2018.
- CACHIONI, M. Universidade aberta da terceira idade: história e pesquisa. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v.15, n. 7, p. 01-08, 2012a.
- CACHIONI, M. Universidades Abertas à Terceira Idade como contextos de convivência e aprendizagem: implicações para o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v.15, n. 7, dez., p. 23-32, 2012b.
- CACHIONI, M. Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a terceira idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco.

1998. 104f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253522>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

CACHIONI, M.; AGUILAR, L.H. Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 11, n. 2, dez., 2008, p. 95-119. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2395>>. Acesso em: 1 mai. 2018.

CACHIONI, M.; BATISTONI, S.S.T. Bem-estar subjetivo e psicológico na velhice sob a perspectiva do conviver e do aprender. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 7, dez., 2012, p. 09-22. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15226>. Acesso em: 08 fev. 2018.

CACHIONI, M. et al. Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma universidade aberta à terceira idade, *Educação & Realidade*, v. 40, n. 1, jan./mar., p. 81-103, 2015.

CACHIONI, M. et al. O impacto da participação em Universidade Aberta à Terceira Idade no desempenho cognitivo. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 7, dez., p. 71-87, 2012.

CACHIONI, M; ORDONEZ, T. N. Motivos para frequentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, v.14, n.3, p. 461-474, 2011.

CAMARANO, Ana Amélia. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARGO, K.; VERAS, R. P. Idosos e universidade: parceria para qualidade de vida. In: ____ (orgs.). *Terceira Idade: Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, UNATI/UERJ, 1995, p. 11-27.

CANÔAS, C.S. *A condição humana do velho*. São Paulo: Cortez editora, 1981.

CARLOS, S. A. et al. Identidade, aposentadoria e terceira idade, *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 1, p. 77-89, 1999.

CASAGRANDE, G. H. J.; SILVA, M. F.; CARPES, P. B. M. Qualidade de vida e incidência de depressão em idosas que frequentam grupos de terceira idade. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 10, n. 1, jan./abr., p. 52-65, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.2940>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CHAIKLIN, S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino, *Psicologia em Estudo*. Maringá, v.16, n.4, p. 659-675, 2011.

CÍCERO, M. T. *Catão-o-velho ou da velhice*. Trad. Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Edições Cotovia, 1998.

- COLASANTI, M. *Hora de alimentar serpentes*. São Paulo: Global editora, 2013.
- COLELLO, S.M.G. A Construção do Conhecimento no Ensino da Língua Escrita: da Teoria à Prática, *Revista Internacional d'Humanitats*, n.13, São Paulo/Barcelona: Mandruvá, 2007
- CORDEIRO, F. R.; PINHEIRO, M. S.; CORREIO, D. A. C. Sobre o envelhecimento, a mídia e a morte no contemporâneo, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*. Porto Alegre, v.20, n.3, p. 975-990, 2015.
- CORREA, M.R. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- CORTE, B.; BRANDÃO, V. Arte e criatividade – Caminhos para a Longevidade, *Revista portal de divulgação*, n.16, nov., p. 1-6, 2011. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/200/200>> . Acesso em: 31 mai. 2018.
- CUMMING, E. e HENRY, W. *Growing old: the Process of disengagement*. New York: Basic Books, 1961.
- DANTAS, S. G. “*Põe alegria na sua cara que você fica nova*”: o discurso sobre a velhice nos documentários Envelhescência e Muitos anos de vida. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 2 - Comunicação, consumo e identidade: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas do 6º Encontro de GTs de PósGraduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016. Disponível em: http://anais-comunicon2016.espm.br/GTs/GTPOS/GT6/GT06-SILVIA_DANTAS.pdf. Acesso em 15 ago. 2017.
- DEBERT, G. G. e BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012.
- DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor, *Horizontes antropológicos*, v. 16, n. 34, p. 49-70, jul/dez. 2010.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- DEBERT, G. G. O velho na propaganda, *Cadernos Pagu*, n. 21, p.133-155, 2003. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200007>>. Acesso em: 21 set. 2018.
- DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno, *Revista USP*, n. 42, p. 70-83, jun./ago. 1999.
- DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação com as formas de consumo e demandas políticas, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.12, n. 34, p. 39-56, jun. 1997.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Editora Atlas, 1985.
- DEMO, P. *Metodologia em ciências sociais*. 3.ed., São Paulo: Atlas, 1995.

- DEPP, C.; JESTE, D. Definitions and predictors of successful aging: A comprehensive review of larger. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, v. 14, n. 1, p. 6-20, 2006. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16407577>> Acesso em: 27 fev. 2018.
- DI GIANNI, V. M. P.; SOARES, N. UNATI/FRANCA: construindo cidadania na era do envelhecimento. In: SOARES, N.; FILHO, M.J. (orgs.). *UNATI – construindo cidadania*. Franca: UNESP, 2008, p. 11-24.
- DOLL, J. Bem estar na velhice – mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia da pós- modernidade, *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, p. 9-21, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/60>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- DOTTORI, K. Talleres socioeducativos. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, p. 01-16, 2015.
- MOURA, M. M.D.; VERAS, R. P. Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência, *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, n. 1, p. 19-39, 2017.
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELTZ, G.D. et al. Panorama Atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 17, n. 4, p. 83-94, dez. 2014.
- FEATHERSTONE, M. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade, *A terceira idade*. São Paulo: SESI, ano X, n.14, p. 5-17, ago.1998.
- FEATHERSTONE, M. e WERNICK, A. *Images of Aging – Cultural Representations of Later Life*. London/New York, Routledge, 1995.
- FÉLIX, L. B.; SANTOS, M.F.S. A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 8, n. 3, p. 363-374, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/1541>>. Acesso em: 31 mai. 2018.
- FERNANDES, M. G. M.; GARCIA, L. G. O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.19, n.4, p.771-783, 2010.
- FERREIRA, M.G. et al. Desconstruindo a imagem do idoso nos meios midiáticos. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 17, n. 4, p. 211-223, 2014.
- FIGUEIREDO, M. L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.60, n. 4, p. 422-427, jul.-ago. 2007.
- FIGUEIREDO, P.A.M.; POIATTI, M.L.; OLIANI, M. M. UNATI – UNESP: Uma proposta de sucesso. In: SOARES, N.; FILHO, M. J. (Orgs.). *UNATI – construindo cidadania*. Franca: UNESP – FHDSS, 2008, p. 227-236.

FODRA, R.E.P. et al. Metodologia de pesquisa qualitativa em saúde mental: a abordagem dialética. In: CONSTANTINO, E. P. (Org.) *Percursos da pesquisa qualitativa em Psicologia*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007, p.79-101.

FOUCAULT, M. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 251-278.

FILHO, J.F. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREITAS, M.T.A. A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa, *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 21-39, 2002.

FRUTUOSO, D.L.F. *A 3ª Idade na Universidade: relacionamentos entre gerações no 3º milênio*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 1999.

GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. H. S. Que idade tem a velhice? *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 136-148, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/131>>. Acesso em: 21 set. 2018.

GAMBURGO, L.J.L; MONTEIRO, M.I.B. Envelhecimento e linguagem: algumas reflexões sobre aspectos cognitivos na velhice, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 10, n. 1, p. 35-49, jun. 2007.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1. ed. 13. reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, H. Educação gerontológica na contemporaneidade: a gerontagogia, as universidades de terceira idade e os nativos digitais, *RBCEH, Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo, v. 12, n. 3, p. 212-233, set./dez., 2015. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/6005>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

GILBERT, K.R. Introduction: why are we interested in emotions? In: ____ (ed.) *The Emotional Nature of Qualitative Research*. Innovations of Psychology. CRC Press, 2001, p. 3-17.

GLASS, T. Assessing the success of successful aging, *Annals Internal Medicine*, n. 139, p. 382-383, 2003. Disponível em: <<http://annals.org/aim/article-abstract/1136293/assessing-success-successful-aging>> > Acesso em: 10 jan. 2019.

GOLDENBERG, M. *A bela velhice*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GONÇALVES, C. D. Envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento produtivo e envelhecimento ativo: reflexões, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.645-657, 2015.

GRACIA, T. I. ¿Fondear en la objetividad o navegar hacia el placer? *Athenea Digital*, p. 31-37, abr. 2017. Disponível em: <http://atheneadigital.net/article/view/n0-ibanez/3-pdf-es>. Acesso em: 26 dez. 2017.

GUIMARÃES, R. M. Ciência, tempo e vida, *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*, v. 1, p.7-9, 1997.

GURGEL, A. A coexistência entre passado e presente na duração de Henri Bergson, *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 6, n. 9, p. 74-84, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/10086>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

GUSMÃO, N. M. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, A.L. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

HADDAD, E.G.M. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

HALLEY, G.F.A. importância de experimentar o ócio para os idosos que se aposentam na hipermodernidade. In: *VII Seminário do ócio e contemporaneidade*, 2013, Fortaleza. Anais, UNIFOR, 2013. Disponível em <http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=44>. Acesso em 02 nov. 2017.

HARVEY D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2001.

INOUE, K. et al. Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso, *Educação e pesquisa*, v. 44, p. 1-19, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-S1678-4634201708142931.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

IRIGAY, T. Q.; SCHNEIDER, R. H. Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas, *Psicologia, teoria e pesquisa*, v. 24, n.2, Brasília, p.211-216, abr./jun. 2008.

JASKILEVICH, J.; LOPES, M.; PEPA, M. J. El entrenamiento cognitivo: Hacia una intervención gerontológica positiva. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 21, p.155-167, 2015.

NETO, E.A.J.; CUNHA, G.L. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. et al. (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 13-22.

JONES, R.L. Older people talking as if they are not older people: positioning theory as an explanation, *Journal of Aging Studies*, v. 20, n. 1, p. 79-91, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2004.12.003>. Acesso em: 19 mai. 2018.

JUSTO, J.S.; ROZENDO, A.S.; CORREA, M.R. *O idoso como protagonista social*. São Paulo: SESC, v. 21, n. 48, p. 39-53, jul. 2010. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/online/artigo/6403_O+IDOSO+COMO+PROTAGONISTA+SOCIAL#/tagcloud=lista. Acessado em: 31/01/2016.

JUSTO, J.S.; ROZENDO, A.S. Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 14, n. 2, São Paulo, p.43-159, 2011.

KIELING, C. et. al. Bases biológicas do envelhecimento cognitivo. In: PARENTE, M.A.M.P. (Org.) *Cognição e envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KISSAKI, P.T. et al. O impacto da participação em Universidade Aberta à Terceira Idade no desempenho cognitivo, *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v.15, n. 7, p. 71-87, dez. 2012.

LACERDA, S. M. *Universidade aberta da terceira idade: representações da velhice*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). 2009. 94p. Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEIBING, A. Olhando para trás: os dois nascimentos da doença de Alzheimer e a senilidade no Brasil, *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v.1, p. 37-56, 1999.

LIMA, M. P. *Gerontologia educacional: Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice*. São Paulo: Terra, 2000.

LIMA, M.P. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, V. (org.) *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-26.

LIMA, M.A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: UNATI/UERJ. In: VERAS, R.P. et al. (org.) *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ, UNATI, 2001, p. 33-98.

LISBOA, T. K.; VIEIRA, C. O processo de empoderamento de idosas integrantes do núcleo de estudos da terceira idade da UFSC. *Extensio*, v. 10, n. 15, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p91>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

LYOTARD, J.F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 2002.

LOLLI, M.C.G.S.; LOLLI, L.F.; MAIO, E.R. Universidade aberta à terceira idade: uma tentativa de emancipação, *Revista LABOR*, n. 12, v.1, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6579>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

LOMBARDO, E.; POLIZZI, L. Ocio y Aprendizaje. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 21, p. 59-69, 2015.

LOPES, M.J.; ARAÚJO, J L.; NASCIMENTO, E.G.C. O envelhecimento e a qualidade de vida: a influência das experiências individuais, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 19, n. 2, p. 181-199, abr/jun. 2016.

LOURAU, R. Genèse du concept d'implication, *Pour*, n. 88, p. 12-18, 1983.

LOURES, M.C.; ALENCAR, J.; GOMES, L. Universidades abertas da terceira idade, *História da Educação*, Pelotas, v. 9, n. 17, p. 119-135, abr. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29204>. Acesso em: 31 mai. 2018.

MACEDO, R.S. *Etnopesquisa crítica - etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro, 2010.

MARTINS, E.J.S. De volta à Escola: *Investindo em uma proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade*. 1997. 220f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

- MARTINS, J.B. Análise institucional e a questão da implicação, *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 488-499, jan. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/11442/12655>>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- MARTINS, J.B. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais, *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, p.85-94, maio/jun/jul/ago, 2004.
- MARTINS, J.B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar, *Semina: Ciências Sociais e Humanas*. Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/9472/8263>>. Acesso em: 08 fev. 2018.
- MARTINS, J.B. Marolas antropológicas: identidades em mudança na Praia do Santinho. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), 1995. 241f. Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- MARTINS, J.B.; PALMIERI, M.W.A.R. Possibilidades e desafios da produção científica no campo da psicologia: algumas reflexões, *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 743-752, out./dez. 2008.
- MARTINS, J.C.O.; GURGEL, L.I. Aposentação: um tempo para o desenvolvimento pessoal do idoso. In: *VII Seminário do ócio e contemporaneidade*, 2013, Fortaleza. Anais, UNIFOR, 2013. Disponível em <http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=44>. Acesso em 02 nov. 2017.
- MARTINS, S.C. Relato de uma experiência de ensino de língua italiana para a terceira idade: desconstruindo concepções e arquitetando uma nova visão de mundo, *Trabalhos em linguística aplicada*. v. 56, n.1, Campinas, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/010318135182200381>>. Acesso em: 21 dez. 2017.
- MELLO, S.A.; LUGLE, A.M.C. Formação de professores: implicações pedagógicas da teoria histórico-cultural, *Revista Contrapontos*, v. 14, n. 2, mai./ago. 2014. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4763>>. Acesso em: 21 dez. 2017.
- MERCADANTE, E.F. A velhice: culturas diversas, temporalidades distintas, *A terceira idade*. São Paulo: SESI, ano X, n.14, p.20-30, ago.1998.
- MERCADANTE, E.F. Velhice: uma questão complexa. In: ARCURI, B.; CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.F. (org.) *Velhice e envelhecimento – complexidade*. São Paulo: Vetor, 2005, p.23-34.
- MERCADANTE, E.F.; BRANDÃO, V.M.A.T.B. *Envelhecimento ou longevidade?* São Paulo: Paulus, 2009.
- MINAYO, M.C.S.; COIMBRA Jr., C.E.A. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento, *Antropologia, saúde e envelhecimento*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, p. 11-24. E-book. Disponível em:

<<http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-02.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

MONTEIRO, C.M.B.; MONTEIRO, M.I.B.; CAMARGO, F.M. O velho e os outros - memória, cuidado e qualidade de vida, *Revista Portal de Divulgação*, n.41, n. IV. p. 42-51, jun./jul./ago. 2014. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/460/497>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MONTEIRO, C.M.B. Reflexões de uma octogenária a partir da leitura de artigos sobre envelhecimento, *Revista Portal de Divulgação*, n.3, p. 57-62, out. 2010. Disponível em: <<https://portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/74/74>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MONTEIRO, P.P. Somos velhos porque o tempo não para. In: ARCURI, B.; CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F. (Orgs.) *Velhice e envelhecimento – complexidade*. São Paulo: Vetor, 2005, p.57-82.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F.N.N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade, *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-79, jan./mar. 2008.

MOTTA, A.B. As velhas também, *Ex aequo*, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011.

MOTTA, A.B. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 78-82.

MOTTA, A.B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento, *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v.13, p.191-221, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>>. Acesso em: 21 set. 2018.

NERI, A.L. O Legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento, *Temas em Psicologia*, v. 14, n. 1, p.17-34, 2006.

NERI, A.L. *Envelhecimento e qualidade de vida na mulher*. In: Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia, 2001. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/artigos/maio2007/2congresso.pdf>> . Acesso em: 08 ago. 2017.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

NETTO, M.P. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002, p. 2-12.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas, *Revista Ciência em Extensão*, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em:

<http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/324/341>. Acesso em: 22 set. 2017.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Lisboa: Guimarães, 1996.

NOGUEIRA, W.B.S.; MARTINS, C.D. O lazer na terceira idade e sua contribuição para uma melhor qualidade de vida: um estudo com idosos institucionalizados, *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, v. 5, n. 2, jul., 2017. Disponível em: <<http://jornal.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/228>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

NUNES, A.T.G.L.; PEIXOTO, C. *Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade*. Relatório de Pesquisa. Faculdade de Serviço Social/UERJ, 1994.

NUNES, A.T.G.L. Serviço social e universidade aberta da Terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos, *Textos sobre envelhecimento*, n. 5, v. 3, p. 41-66, 2001.

OLIVEIRA R. C.S.; OLIVEIRA, F.S. Ressignificando a Velhice: a Universidade Aberta para a Terceira Idade na Universidade Estadual de Ponta Grossa, *Interagir: pensando a extensão*. Rio de Janeiro, n. 10, p. 103-108, ago./dez. 2006.

OLIVEIRA, R.C.; SCORTEGAGNA, P.A.; OLIVEIRA, F.S. Mudanças sociais e saberes: o papel da educação na terceira idade, *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 382, 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/278>. Acesso em: 21 ago. 2018.

OLIVEIRA, R.C.; SCORTEGAGNA, P.A.; OLIVEIRA, F.S. Universidades abertas à terceira idade: delienando um novo espaço educacional para o idoso, *Revista HISTEDBR*. Campinas, n. 64, p. 343-358, set 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641945>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

OLIVEIRA, R.C.M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica, *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, vol. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059/730>> Acesso em: 27 fev. 2017.

ORDONEZ, T.N.; CACHIONI, M. A boa velhice entre os participantes de um programa de educação permanente, *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 7, p. 181-194, dez. 2012.

ORIDOZZI, R. et al. O programa “UNATI” da Unioeste/campus de Toledo: construindo a cidadania do idoso. In: Anais do 2º seminário nacional estado e políticas sociais do Brasil, Unioeste: Cascavel, 2005.

PAIVA, V.M.B. A Velhice como fase do desenvolvimento humano, *Revista de Psicologia*, v. 4, n. 1, p.15-23, 1986.

PALMA, L.T.S. *Educação permanente e qualidade de vida*: indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

PAPALIA, D.E., OLDS, S.W.; FELDMAN, R.D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEIXOTO C. De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1997.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M.M.L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 69-84.

PEREIRA, A.A.S.; COUTO, V.V.D.; COMIN, F.S. Motivações de idosos para participação no programa Universidade Aberta à Terceira Idade, *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, Florianópolis, v.16, n. 2, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902015000200011>. Acesso em: 31 mai. 2018.

PEREIRA, E.T. *A terceira idade na universidade aberta – navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim*. Tese (Doutorado em Linguística). 229f. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PERISSINOTTO, R. Poder: imposição ou consenso ilusório? Por um retorno a Max Weber. In: FREIRE N.R. (Org.). *O poder no pensamento social*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 29-58.

PEREIRA, E.T. *O idoso e o aprendizado de uma nova língua: o descortinar de trocas sociais e afetivas*. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia Social). 2005. 225f. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

RAPPORT, L. *Personality Development: The Chronology of Experience*. Illinois: Scott, Foresman and Company, 1972.

RILEY M.W.; RILEY, J.W.Jr. Age integration and the lives of older people, *The Gerontologist*, v. 34, n. 1, p. 110-115, 1994. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8150298>>. Acesso em: 19 mai. 2018

RODRIGUES, L.S.; SOARES, G.A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea, *Revista Ágora*, Vitória, n.4, p. 1-29, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

ROLDÃO, F.D. Aprendizagem contínua de adulto-idosos e qualidade de vida: refletindo sobre possibilidades em atividades de extensão nas universidades, *RBCEH Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 61-73, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/147>>. Acesso em: 27 de jan. 2017.

ROSA, M. *Psicologia evolutiva: psicologia da idade adulta*. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROWE, J.; KAHN, R. Successful aging, *The Gerontologist*, v. 37, n. 4, p. 433-440, 1997. Disponível em: <<https://academic.oup.com/gerontologist/article/37/4/433/611033>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

ROZENDO, A.S. *Protagonismo político e social na velhice*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.

SANTOS, C.M.V. et al. A temática da velhice em pinturas expressionistas, *Revista Kairós Gerontologia*, v.18, n. 3, p. 123-136, jul.-set. 2015.

SANTOS, E.S. Perfil sociodemográfico e situação de saúde de idosos em oficina de qualidade de vida, *Memorialidades*, n. 25, jan./jun. e n. 26, jul./dez. p. 141-158, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/1420>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SANTOS, K. J. Experiências de ócio na terceira idade: “trampolins” para um mergulho em ânimos positivos. In: VII Seminário do ócio e contemporaneidade. *Anais*. Disponível em: <<http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=44>>. Acessado em 02 nov. 2017.

SANTOS, M.C.B. et al. A Importância dos cinco sentidos para a memória dos idosos: um relato de experiência, *Memorialidades*, n. 25, jan./jun. e n. 26, jul./dez., p. 7-10, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/1421>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SANTOS. S.S.C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental, *Revista Rene*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 88-94, jul./dez. 2001.

SCHNEIDER, R.H.; IRIGARAY, T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, *Estudos em psicologia*, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SALIS, V.D.; SUCUPIRA G.; MARTINS, C. O tempo da envelhescência. In: *VII Seminário do ócio e contemporaneidade. Anais*. Disponível em <<http://www.otium.net.br/index.php/2016-10-25-15-12-54/anais-do-seminario-ocio-e-contemporaneidade-2013?id=45>>. Acesso em 02 nov. 2017.

SILVA, M.O.S. *Refletindo a pesquisa participante*. São Paulo, Cortez, 1986.

SILVA, N.R.; MARTINS, S.T.F. *Método histórico-social na Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 105-117.

SILVA, L.R.F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento, *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan./mar. 2008.

SILVEIRA, M.; BENTO, V.A. Síndrome Normal da Velhice: Uma Abordagem Biopsicossocial e uma Proposta Psicoterápica, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p. 133-41, out./dez.1982.

SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. Piracicaba: Editora da Unimep, 1998.

SIQUEIRA, C.L.O. *Broa prosa – um registro de narrativas orais*. Bauru, Canal 6, 2010.

SIQUEIRA, C.L.O. A importância do cuidador na retomada das histórias de vida do idoso. In: *Cuidadores informais de pessoas idosas: caminhos de mudança*. SOUZA, Dayse Neri de e RUA, Marília Santos. Aveiro: UA Editora, 2013, p. 76-80.

SKINNER, B.F.; VAUGHAN M.E. *Enjoy Old Age - a Program for Self-Management*. New York: W. W. Norton e Co., 1983.

SOBRAL, B. O trabalho educativo na terceira idade. Uma incursão teórico-metodológica, *Textos sobre envelhecimento*. UNATI/UERJ, v.3, n.5, p.67-91, 2001.

SOUZA, V.C.P.; PAMPLONA, R.B.; FIXINA, E.B. Universidade aberta à terceira idade (UNATI): influência sobre o envelhecimento e qualidade de vida. In: Congresso nacional de envelhecimento humano. *Anais*. Fortaleza, v. 1, 2016.

SOUZA, N.R. et al. Análise das mudanças psicossociais de idosos participantes de um programa de universidade para terceira idade, *Ciência et Praxis*, v. 7, n. 13, 2014.

STANO, R.C.M.T. Espaço escolar: um tempo de ser-na-velhice. In: KACHAR, V. (org.) *Longevidade de um novo desafio na educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 155-168.

STRAWBRIDGE, W; WALLHAGEN, M.; COHEN, R. Successful aging and well-being: Self-rated compared with Rowe and Kahn, *The Gerontologist*, p. 42, n. 6, p. 727-733, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/geront/42.6.727>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

HAMILTON, I.S. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TÁNNUS, R.A. et al. Envelhecimento saudável – promoção da saúde. In: III Congresso de Ensino, Pesquisa e extensão da Universidade Estadual de Goiás – Inovação, inclusão social e direitos. *Anais*. Pirenópolis, 2016.

TAQUETTE, S.R. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde, *Investigação qualitativa em saúde*, v.2, 2016. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/790>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

TEIXEIRA, I.N.D.O.; NERI, A.L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida, *Psicologia USP*, v.19, n.1, São Paulo, p.81-94, jan./mar., 2008.

TEIXEIRA, S.M.O. et al. Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*. Porto Alegre, v.20, n.2, p.503-515, 2015.

TÓTORA, S. *Velhice: uma estética da existência*. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2015.

- TÓTORA, S. Envelhecimento ativo: proveniências e modulação da subjetividade, *Revista Kairós Gerontologia*, v.20, n. 1, p. 239-258, 2017.
- UNICOVISKY, M.A.R. A educação como meio para vencer desafios impostos aos idosos, *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 57, n. 2, p. 241-243, mar./abr. 2004.
- VALDÉS, S.E.C. ¿Es la vejez lo que se dice de ella? *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 4, p. 11-22, ago. 2012.
- VARGAS, H.S. *Psicologia do envelhecimento*. São Paulo: Fundo Editorial BYK-Prociencx, 1983.
- VELOZ, M.C.T.; SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento, *Psicologia, reflexões e críticas*, Porto Alegre , v.12, n.2, 1999.
- VERAS, R.P. Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor de saúde e as suas necessárias transformações. In: ____ (Org.) *Velhice numa perspectiva de envelhecimento saudável*, Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p.11-32.
- VERAS, R.P. *País Jovem com Cabelos Brancos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- VERAS, R.P. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade, *A Terceira Idade*, SESC, São Paulo, v.14, n. 28, p. 6-29, set. 2003.
- VERAS, R.P.; MOURA, M.M.D. Acompanhamento do envelhecimento humano em centro de convivência, *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 19-39, 2017.
- VERESOV, N. Forgotten Methodology: Vygotsky's case. In: TOOMELA; A.; VALSINER, J. (Eds.). *Methodology thinking in psychology: 60 years gone astray?* Charlotte: Information Age, 2010, p. 267-295.
- VERESOV, N. The Concept of Perekhivanie in Cultural-Historical Theory: Content and Contexts. In: FLEER, M. et al. (eds.) *Perekhivanie, Emotions and Subjectivity, Perspectives in Cultural-Historical Research*. Springer Nature Singapore Pte Ltd. 2017, p. 47-70.
- VIEIRA, Y.O. et al. Estereótipos dos idosos retratados nos Desenhos Animados da filmografia ocidental, *Revista Kairós Gerontologia*, v. 19, n. 3, p. 91-112, jul.-set. 2016.
- VIGOTSKI, L.S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia, *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 1935/2010.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância – ensaio psicológico: livro para professores*. São Paulo: Ática, 1930/2009.
- VIGOTSKI, L.S. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Zoia Prestes (Trad.), *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, n.8, p. 23-36, 1933/2008.

VIGOTSKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, L.S. Método de Investigación. In: ____ *Obras escogidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1931/1995a, p. 47-96.

VYGOTSKI, L.S. Análise de las funciones psíquicas superiores. In: ____ *Obras escogidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1931/1995b, p. 97-120.

VYGOTSKI, L.S. Estructura de las funciones psíquicas superiores. In: ____ *Obras escogidas III: História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1931/1995c, p. 139-168.

VYGOTSKI, L. S. Paidología del adolescente. In: ____ *Obras escogidas IV. Psicología infantil*. Madrid: Visor, 1930-1931/1996, p. 9-248.

VYGOTSKI, L.S. El problema de la edad. In: ____ *Obras escogidas IV. Psicología infantil*. Madrid: Visor, 1932-1934/1996a, p. 251-273.

VYGOTSKI, L. S. La crisis de los siete años. In: *Obras escogidas IV. Psicología infantil*. Madrid: Visor, 1932-1934/1996b. p. 377-386.

WEBBER, F.; CELICH, L.S. As contribuições da universidade aberta para a terceira idade no envelhecimento saudável, *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*, Porto Alegre, v. 12, p. 127-142, 2007.

ZANELLA, A.V. et al. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia, *Psicologia & Sociedade*. v.19, n. 2, p. 25-33, 2007.

ZUBEN, N.A.V. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o significado da finitude. In: NERI, A.L. (Org.) *Maturidade e velhice - trajetórias individuais e socioculturais*, Campinas - SP: Papyrus, 2003, p. 151-182.